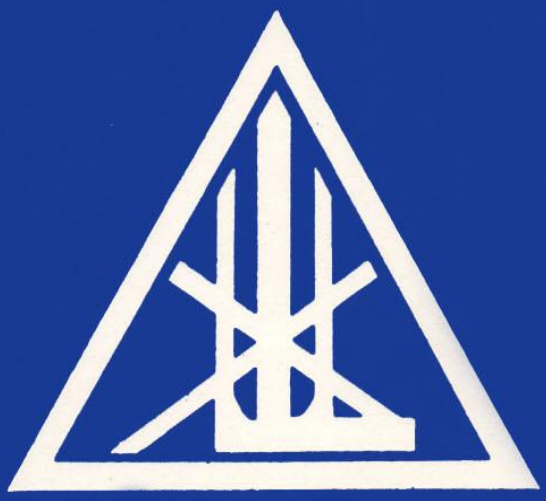
ALICE A. BAILEY



A LUZ DA ALMA

TOMOS I e II

Com comentário por

ALICE A. BAILEY

A LUZ DA ALMA

Sua Ciência e Efeito

Uma interpretação dos
AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

TOMOS I e II

Editado para

LUCIS PUSLİSHING COMPANY
NewYork
LUCIS PRESS LTD.
London

Primeira Edição 1927
Sétima Edição 1970
Oitava Edição 1972 (brochura)

Título do original em inglês:
"The Light of the Soul"

Primeira edição em português 1981

Dedicado, com os agradecimentos, a FOSTER BAILEY

"Antes que a alma possa ver, é necessário alcançar a harmonia interna e tornar os olhos da carne cegos a toda ilusão.

Antes que a alma possa ouvir, a imagem (o *Homem) deve-se tornar tão surda aos rugidos como aos murmúrios, tanto aos urros do elefante como ao zumbido prateado do vagalume dourado.*

Antes que a alma possa compreender e recordar, deve estar unida ao orador silencioso, tal como a forma em que a argila é moldada, primeiro se une à mente do modelador.

Pois a alma, assim, escutará e se lembrará.

E então a Voz do Silêncio falará ao ouvido interno",

De "A VOZ DO SILÊNCIO"

CONSIDERAÇOES PRELIMINARES

A Ciência da Raja Ioga, ou a "Ciência Real da Alma", tal como apresentada por seu principal expoente, Patânjali, encontrará finalmente sua máxima demonstração no Ocidente. Isto se deve ao fato de que - sob a lei cíclica - a quinta raça raiz (agora na sua quinta sub-raça) terá de atingir, inevitavelmente, seu ponto culminante. Na economia das raças vê-se este ponto exemplificado na correta utilização da mente e no seu emprego pela alma, visando a atingir os objetivos grupais e desenvolver a consciência grupal no plano físico.

Até agora a mente foi, ou prostituída para fins materiais, ou endeusada. Pela ciência da Raja Ioga, ela será conhecida como o instrumento da alma e como o meio pelo qual o cérebro do aspirante se ilumina e obtém conhecimento sobre os assuntos referentes ao reino da alma.

Sob a lei da evolução, sendo a mente, igualmente, o quinto princípio, a quinta raça raiz deve estar intimamente relacionada a ela e, com maior razão, isto se aplica à quinta sub-raça raiz, mais do que a qualquer outra. Aconselha-se aos estudantes que tenham em mente as seguintes correspondências:

1. Quinta raça raiz ..... Ariana
2. Quinta sub-raça ..... Anglo-Saxônica
3. Quinto princípio .....manas, ou mente
4. Quinto plano ..... o mental
5. Quinto raio ..... o conhecimento concreto

Todas as diferentes Iogas tiveram sua parte no desenvolvimento do ser humano. Na primeira raça inteiramente física, que é chamada lemuriana, a Ioga então imposta à infante humanidade foi a Hatha Ioga, a Ioga do corpo físico, a Ioga que ensina o emprego consciente e a manipulação dos diversos órgãos, músculos e partes da estrutura física. O problema para os adeptos daquele tempo era o de ensinar aos seres humanos - que eram pouco mais do que animais, - a finalidade, a significação e a utilização dos seus vários órgãos, de modo a que pudessem conscientemente controlá-los e compreender o significado do símbolo da figura humana. Naqueles dias primitivos, então, o ser humano atingia os portais da iniciação através da prática da Hatha Ioga. Naquele tempo, a mais alta iniciação que o homem podia atingir era a terceira, cujo resultado era a transfiguração da personalidade.

Nos dias de Atlântida, o progresso dos filhos dos homens era alcançado através de duas Iogas. Primeiro, a chamada Laya Ioga, a Ioga dos centros no homem e o desenvolvimento da natureza astral e psíquica. Posteriormente, a Bhakti Ioga, proveniente do desenvolvimento do corpo astral, ou emocional, foi incorporada à Laya Ioga, sendo então lançadas as bases do misticismo e da devoção, que têm sido o incentivo básico para nossa raça - a Ariana. O objetivo era, então, a quarta iniciação. O assunto destas grandes iniciações foi tratado em maior profundidade em minha obra anterior, "Iniciação, Humana

e Solar".

Atualmente, com a raça Ariana, a subjugação do corpo mental e o controle da mente se obtêm pela prática da Raja Ioga, e a quinta iniciação, a do adepto, é a meta para a humanidade em evolução. Assim, todas as Iogas tiveram sua aplicação e serviram a um propósito útil. Tornar-se-á evidente, pois, que qualquer retorno à Hatha Ioga ou àquelas práticas que tratem especificamente do desenvolvimento dos centros, através de diferentes tipos de meditação e exercícios respiratórios, é de certo modo, um retrocesso. Verificar-se-á que, pela prática da Raja Ioga e pela adoção do ponto de controle direcional que é encontrado pelo homem que centraliza sua consciência na alma, as outras formas de Ioga são desnecessárias, pois a Ioga mais avançada inclui automaticamente, em seus resultados, as menos avançadas, se bem que não em suas práticas.

Quando estas forem estudadas, tornar-se-á evidente por que o dia da oportunidade acabou de chegar. O Oriente preservou-nos regras desde tempos imemoriais. Aqui e ali, os orientais (e uns poucos adeptos ocidentais) valeram-se destas regras e se submeteram às disciplinas desta rigorosa ciência. Assim foi preservada para a raça a continuidade da Doutrina Secreta, da Sabedoria Imemorial, e assim foi reunido o pessoal da Hierarquia em nosso planeta. Nos tempos do Buda, e através do estímulo por Ele produzido, houve uma grande reunião de Arhats. Estes foram homens que haviam conseguido a libertação através de esforços autoiniciados. Esse período, em nossa raça Ariana, assinalou um clímax para o Oriente. Desde então, a maré da vida espiritual se deslocou continuamente para o Ocidente, de modo que agora podemos esperar um clímax correspondente no Ocidente que deverá atingir seu zênite entre os anos de 1965 e 2025. Para atingir este objetivo os adeptos do Oriente e do Ocidente estão trabalhando unidos, pois eles sempre seguem a Lei.

Este impulso que se aproxima (como no tempo do Buda) é um impulso do segundo Raio e não tem relação alguma com qualquer impulso do primeiro Raio, como o que projetou H. P. Blavatskv. Os impulsos do primeiro Raio aparecem no primeiro quarto de cada século e atingem seu clímax, no plano físico, durante o último quarto. O interesse agora demonstrado pela Raja Ioga e o estudo desta ciência e das regras que ela dá para o desenvolvimento do homem, são indicativos da tendência geral deste crescente impulso do segundo Raio. Este interesse será cada vez mais demonstrado. Assim chega o dia da oportunidade.

Há três livros que deveriam estar nas mãos de cada estudante, o Bhagavad Gitâ, o Novo Testamento e os Aforismos da Ioga, pois nestes três livros existe um quadro completo da alma e de seu desabrochar.

Nos dezoito capítulos do Gitâ nos foi dada uma descrição da alma, de Krishna, o segundo aspecto em sua verdadeira natureza como Deus manifestado, culminando naquele maravilhoso capítulo onde Ele se revela a Arjuna, o aspirante, como a alma de todas as coisas e o ponto de glória por traz do véu de cada forma.

O Novo Testamento descreve para nós a vida de um Filho de Deus em plena manifestação, na qual, livre de qualquer véu, a alma em sua verdadeira natureza caminha pela Terra. Torna-se evidente para nós, à medida que estudamos a vida do Cristo, o que significa desenvolver os poderes da alma, atingir a libertação e tornar-se, em plena glória, um Deus andando pela terra.

Nos Aforismos da Ioga foram incluídas as leis deste futuro acontecimento e as regras, métodos e meios que - quando seguidos - tornam o homem "tão perfeito quanto vosso Pai no Céu é perfeito". Passo a passo nos é revelado um sistema gradual de desenvolvimento que leva o homem do estágio do "homem bom comum", através das etapas do aspirante, do iniciado e do mestre, até o exaltado ponto de evolução em que o Cristo agora está. João, o discípulo amado, disse que "nós seremos como Ele, pois O veremos como Ele É" e a revelação da alma do homem encarnado no plano físico provocará esta grande transformação. O próprio Cristo disse que "Maiores obras do que Eu faço, fareis vós", estendendo a nós a promessa do "reino, poder e glória" desde que nossas aspirações e persistência sejam suficientes para nos levar através do espinhoso caminho da Cruz, capacitando-nos para trilharmos o caminho que "leva sempre, montanha acima", até o cume do Monte da Transfiguração.

Como será produzida esta grande mudança? Como poderá o homem, vítima de seus desejos e de sua natureza inferior, se converter no homem vitorioso, triunfante sobre o mundo, a carne e o diabo? Será efetuada quando o cérebro físico do homem encarnado tiver consciência do eu, da alma, e esta conscientização só se torna possível quando o verdadeiro Eu consegue se "refletir na substância mental". A alma é inerentemente libertada dos objetivos e fica sempre no estado da unidade isolada. O homem encarnado, contudo, tem que chegar, na consciência de seu cérebro físico, ao reconhecimento destes dois estados de ser; ele tem que se libertar conscientemente de todos os objetos do desejo e se manter como um todo unificado, desprendido e livre de todos os véus, de todas as formas nos três mundos. Quando o estado de ser consciente, como é conhecido pelo homem espiritual, vier a ser também o estado de consciência do homem em encarnação física, o objetivo terá, então, sido atingido. O homem não mais será o que seu corpo físico o torna, quando identificado com ele, a vítima do mundo. Ele caminhará livre, com o rosto resplandescente (I. Cor. 3), e a Luz de seu rosto projetar-se-á sobre tudo o que encontre. Seus desejos não mais inclinarão a carne para a atividade e seu corpo astral não mais controla-lo-á nem o subjugará.

Pela libertação da paixão e pelo equilíbrio dos pares de opostos ele se terá livrado de seu temperamento, sentimentos, anseios, desejos e reações emocionais, que caracterizam a vida do homem comum, e terá chegado ao ponto da paz. O demônio do orgulho, a personificação da natureza mental mal empregada e as distorcidas percepções da mente são vencidas e ele se torna livre dos três mundos. A natureza da alma, as qualidades e atividades inerentes à natureza amorosa de um Filho de Deus e a sabedoria que se evidencia quando o amor e a atividade (o segundo e o terceiro aspectos) se unem, caracterizam sua vida na terra e ele pode dizer como o Cristo: "Está consumado".

A data do nascimento de Patânjali é desconhecida e há muita controvérsia sobre este assunto. A maioria das autoridades ocidentais dá esta data como situada entre os anos 820 e 300 A.C., embora um ou dois a localizem depois de Cristo. Contudo, as próprias autoridades hindus que se supõe tenham algum conhecimento sobre o assunto, a situam em época muito anterior, até mesmo 10.000 anos A.C. Patânjali foi um compilador de ensinamentos que, até o seu aparecimento, haviam sido transmitidos oralmente durante muitos séculos. Ele foi o primeiro a fornecer por escrito os ensinamentos para a utilização dos estudantes e, por isto, é considerado como o fundador da Escola da Raja Ioga. O

sistema, no entanto, vem sendo utilizado desde o início da raça ariana. Os Aforismos da Ioga são o ensinamento básico da Escola Trans-himalaia, à qual pertencem muitos dos Mestres de Sabedoria, e muitos estudantes afirmam que os essênios e outras escolas de treinamento e pensamento místicos, intimamente ligadas ao fundador do Cristianismo e aos primeiros cristãos, estão baseados neste mesmo sistema e que seus instrutores foram preparados na grande Escola Trans-himalaia.

Deve ser dito aqui que os Aforismos foram ditados e interpretados pelo Irmão Tibetano e que o comentário sobre eles foi escrito por mim mesma e submetido à revisão e comentário pelo Tibetano. Deve-se registrar que a tradução não é literal nem é uma definição exata de cada termo original sâncrito. É uma tentativa de colocar em inglês claro e compreensível a exata significação, até onde é possível numa língua pouco elástica e sem imaginação. O esudante pode achar útil, no estudo destes Aforismos, comparar a versão que é dada aqui, com várias outras traduções por acaso existentes.

Alice A. Bailey

Nova York, maio, 1927

SUMÁRIO DOS TÓPICOS

LIVRO I	O PROBLEMA DA UNIÃO	09
	a)A definição das naturezas superior e inferior	
	b)Os obstáculos e uma consideração quanto ã sua remoção	
	c)Um resumo do sistema da Raja Ioga	
	Tópico: A versátil natureza psíquica	
LIVRO II	OS PASSOS PARA A UNIÃO	62
	a)Os cinco empecilhos e sua remoção	
	b)Definição dos oito meios	
	Tópico: Os meios de realização	
LIVRO III	A UNIÃO OBTIDA E SEUS RESULTADOS	118
	a)A meditação e seus estágios	
	b)Vinte e três resultados da meditação	
	Tópico: Os poderes da Alma	
LIVRO IV	ILUMINAÇÃO	182
	a)Consciência e forma	
	b)União ou Unificação	
	Tópico: Unidade isolada	

BIBLIOGRAFIA

das traduções e dos comentários sobre OS AFORISMOS DE IOGA DE PATÂNJALI usados na preparação do presente trabalho.

The Yoga - Sutras of Paranjali, M. J. Dvidedi
The Yoga - Darsana, Ganganatha Jha
The Yoga Sutras of Patanjali, Charles Johnston
The Yoga Aphorisms of Paranjali, W. R. Judge
The Yoga Sutra. of Paranjali, Rama Prasada
Yoga Philosopy, Tookararn Tatya
A Compendium of Raja Yoga Philosophy, Rajaram Tookaram
Raja Yoga, Swami Vivekananda
The Yoga System of Paranjali. J. H. Woods

LIVRO I
O PROBLEMA DA UNIÃO

a)A definição das naturezas superior e inferior
b)Os obstáculos e uma consideração quanto à sua remoção
c)Um resumo do sistema da Raja Ioga

Tópico: A versátil natureza psíquica

1.AUM. A seguinte instrução diz respeito à Ciência da União.
2.Esta União (ou Ioga) se conquista subjugando-se a natureza psíquica e pela contenção da chitta (ou mente).
3.Quando isto é consumado, o logue se conhece como realmente é.
4.Até agora, o homem interno tem-se identificado com suas formas e com as modificações ativas das mesmas.
5.Os estados da mente são cinco, e estão sujeitos à dor e ao prazer; são dolorosos ou não dolorosos.
6.Esta modificações (atividades) são: conhecimento correto, conhecimento errôneo, fantasia, passividade (sono) e memória.
7.A base do conhecimento correto são a percepção correta, a dedução correta e o testemunho correto (ou evidência precisa).
8.O conhecimento errôneo é baseado na percepção da forma e não no estado de ser.
9.A fantasia baseia-se em imagens que não têm existência real.
10.A passividade (sono) é baseada no estado quieto das "vrittis" (ou na não percepção dos sentidos).
11.Memória é a retenção daquilo que se conheceu.
12.O controle dessas modificações do órgão interno, a mente, deve ser obtido pelo esforço incansável e pelo desapego.
4 13. O esforço incansável é o esforço constante para conter as modificações da mente.
14.Quando se dá suficiente valor ao objetivo a ser alcançado e os esforços para consegui-lo são persistentes e ininterruptos, então a estabilidade da mente (contenção das vrittis) é assegurada.
15.O desapego é a libertação do anseio por todos os objetos do desejo, quer terrenos, quer tradicionais, aqui ou no futuro.
16.A consumação deste desapego resulta num conhecimentos exato do homem espiritual, quando liberto das qualidades ou gunas.
17.Atinge-se a consciência de um objeto pela concentração sobre sua quádrupla natureza: a forma, pelo exame da mesma; a qualidade (ou guna), pela participação discriminativa; o propósito, através da inspiração (ou bem-aventurança); e a alma pela identificação.
18.Conquista-se um estágio mais avançado de samadhi quando, através do

pensamento dirigido, aquieta-se a atividade externa. Neste estágio, a chitta responde apenas a impressões subjetivas.

19.O samadhi que se acabou de descrever não vai além dos limites do mundo fenomênico; não ultrapassa os Deuses, nem os que dizem respeito ao mundo concreto.

20.Outros iogues alcançam o samadhi e chegam a uma discriminação do Espírito puro através da crença, acompanhada pela energia, memória, meditação e percepção direta.

21.A conquista deste estado (consciência espiritual) é rápida para aqueles cuja vontade é intensamente viva.

22.Aqueles que empregam a vontade também diferirão entre si, pois seu uso pode ser intenso, moderado ou suave. Em relação à conquista da verdadeira consciência espiritual, há ainda um outro caminho.

23.Pela intensa devoção a Ishvara, ganha-se o conhecimento de Ishvara.

24.Este Ishvara é a Alma, sem limitações, livre de carma e desejo.

25.Em Ishvara, o Gurudeva, o germe de todo conhecimento expande-se até o infinito.

26.Ishvara, o Gurudeva, não sendo limitado por condições temporais, é o instrutor dos Primitivos Senhores.

27.A palavra de Ishvara é AUM (ou OM). Este é o Pranava.

28.Pela emissão da Palavra e pela reflexão sobre seu significado encontra-se o Caminho.

29.Disto vem a entrada na consciência do Ego (a alma) e a remoção de todos os obstáculos.

30.Os obstáculos à cognição da alma são os defeitos físicos, a inércia mental, as perguntas errôneas, a falta de cuidado, a preguiça, a falta de serenidade, a percepção errônea, a incapacidade de conseguir a concentração e de manter a atitude meditativa, uma vez conquistada.

31.A dor, o desespero, a atividade corporal mal aplicada e a direção errada (ou controle) das correntes da vida são os resultados dos obstáculos na natureza psíquica inferior.

32.Para vencer estes obstáculos e o que deles decorre, a intensa aplicação da vontade sobre alguma verdade (ou princípio) é necessária.

33.A paz de chitta (ou substância mental) pode ser alcançada através da prática da compreensão, ternura, firmeza de propósito e de uma atitude desapaixonada em relação ao prazer ou à dor ou a todas as formas do bem ou do mal.

34.A paz de chitta também pode ser obtida pela regulação do prana ou do sopro da vida.

35.A mente pode ser adestrada até ficar firme por meio das formas de concentração relacionadas com as percepção sensoriais.

36.Pela meditação sobre a Luz e sobre a Irradiação pode-se atingir o conhecimento do Espírito e, assim, conquistar a paz.

37.A chitta é estabilizada e liberta da ilusão à medida que se purifica a natureza inferior e não mais se cede às suas atrações.

38.A paz (estabilidade da chitta) pode ser alcançada pela concentração sobre o que é mais querido ao coração.

39.A paz também pode ser alcançada pela concentração sobre o que é mais querido

ao coração.

40.Assim sua realização se estende do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, e de annu (o átomo ou partícula) a atma (ou espírito) seu conhecimento é aperfeiçoado.

41.Para aquele cuja vrittis (modificações da substância da mente), estão inteiramente controladas, resulta um estado de identidade com - e uma semelhança a - o que é conscientizado; o conhecedor, o conhecimento e o campo de conhecimento se tornam um, exatamente como o cristal toma para si as cores do que nele é refletido.

42.Quando o percebodor funde a palavra, a ideia (ou significação) e o objeto, a isto se dá o nome de condição mental de raciocínio judicioso.

43.A percepção sem raciocínio judicioso é alcançada quando a memória não mais mantém o controle, a palavra e o objeto são transcendidos e apenas a ideia está presente.

44.Este mesmos dois processos de concentração, com ou sem ação judiciosa da mente, também podem ser aplicados às coisas sutis.

45.O grosseiro leva ao sutil e o sutil, através de progressivos estágios leva ao estado de puro ser espiritual, chamado Pradhana.

46.Tudo isto constitui a meditação com semente.

47.Quando este estado super-contemplativo é alcançado, o logue adquire a conscientização espiritual pura, através da equilibrada quietude da chitta (substância mental.

48.Sua percepção é agora infalivelmente exata (ou, sua mente revela apenas a Verdade).

49.Esta percepção especial é única e revela o que a mente racional (empregando testemunhos, inferências e deduções) não pode revelar.

50.Ela é hostil às demais impressões, ou as ultrapassa.

51.Quando este estado de percepção é, por sua vez, também contido (ou superado). então o Samadhi puro é conquistado.

1. AUM (OM) - A seguinte instrução diz respeito à Ciência da União.

AUM. É a Palavra de Glória: significa o Verbo feito carne e a manifestação, no plano da matéria, do segundo aspecto da divindade. Este resplendor dos filhos da retidão perante o mundo é conquistado pela adesão às regras aqui contidas. Quando todos os filhos dos homens tiverem demonstrado que são também Filhos de Deus, o Filho de Deus cósmico da mesma maneira resplandecerá com uma Glória de intensidade crescente. O grande iniciado, Paulo, teve uma visão disto quando disse: "toda a criação geme e trabalha em dores... esperando pela manifestação dos Filhos de Deus". (Rom. VIII).

A Raja Ioga, ou a ciência da União, dá as regras e os meios pelos quais se pode:

1. estabelecer contato consciente com a alma, o segundo aspecto, o Cristo Interno,

2. adquirir o conhecimento do eu e manter seu controle sobre o não-eu,

3. sentir, na vida diária, o poder do Ego, ou alma, e seus poderes manifestados,

4. controlar a natureza psíquica inferior e demonstrar as faculdades psíquicas superiores,

5. pôr o cérebro em relação com a alma e receber as mensagens desta,

6. intensificar a "luz na cabeça" de modo a que o homem se torne uma Chama vivente,

7. achar o Caminho e o próprio homem pode-se converter naquele Caminho.

O estudante poderá achar utilidade nas seguintes triplicidades especialmente se se lembrar que na coluna central constam os termos aplicáveis à alma, ou segundo aspecto. A união a ser conquistada é a do terceiro e segundo aspectos. Isto é consumado na terceira iniciação (a Transfiguração, em terminologia Cristã). Uma síntese posterior é então efetuada entre o terceiro e segundo aspectos unidos, e o primeiro:

1º Aspecto	2º Aspecto	3º Aspecto
Espírito	Alma	Corpo
Pai	Filho (Cristo)	Espírito Santo
Mônada	Ego	Personalidade
Eu Divino	Eu Superior	Ei Inferior
Vida	Consciência	Forma
Energia	Força	Matéria
A Presença	O Anjo da Presença	O ser humano

Uma nítida distinção deve ser feita entre o Princípio do Cristo, como indicado acima, que é um elevado aspecto espiritual a que cada membro da raça humana deve atingir, e o mesmo termo aplicado a um personagem de grau exaltado, representando aquele Princípio, quer na referência histórica do Homem de Nazaré, quer na de outro tipo.

2. Esta União (ou Ioga) se conquista subjugando-se a natureza psíquica e pela contenção da chitta (ou mente).

Aquele que procura alcançar a União tem duas coisas a fazer:

1.Obter o controle da "versátil natureza psíquica".

2.Impedir que a mente assuma as diversas formas que tão facilmente assume. Estas são frequentemente chamadas "modificações do princípio pensante".

Estas duas produzem o controle do corpo emocional e, portanto, do desejo, e o controle do corpo mental e, portanto, da mente, ou do manas inferior. O estudante deve-se recordar que o desejo incontrolado e uma mente desgovernada vedam a luz da alma e anulam a consciência espiritual. A União é impossível enquanto existirem as barreiras, e o Mestre por isso dirige a atenção do estudante (no início de sua instrução) para o trabalho prático a ser efetuado, de liberar esta luz, de modo a que ela "possa resplandecer num lugar escuro"; i.e., no plano físico. Deve-se ter em mente que, falando ocultamente, quando a natureza inferior é controlada, a superior pode-se manifestar. Quando o segundo aspecto do eu pessoal inferior, o corpo emocional, é subjugado ou transmutado, então a luz do Cristo (o segundo aspecto egóico) se faz visível. Posteriormente, na sua luz, a Mônada, o Pai, o Uno, será revelado.

Igualmente, quando o primeiro aspecto do eu pessoal inferior, o corpo mental, é contido, o aspecto Vontade do Ego pode ser conhecido e, através de suas atividades, pode-se inferir o propósito do Próprio Logos.

Há certas linhas de menor resistência na vida espiritual e ao longo delas certas forças,

ou energias, são liberadas.

a) Emocional	Intuicional ou búdica	Monádica	ao coração do aspirante
b) Mental	espiritual ou átmica	Iogóica	à cabeça do aspirante

Dá-se assim ao aspirante a PALAVRA de contenção ou controle como uma chave para todos os seus esforços.

A chitta é a mente, ou substância mental, o corpo mental, a faculdade do pensamento e da criação de pensamentos-forma, a totalidade de todos os processos mentais; é o material governado pelo ego ou alma, do qual os pensamentos-forma são feitos.

A "natureza psíquica" é kama-manas (desejo-mente), o corpo emocional ou astral, ligeiramente colorido pela mente, e é o revestimento material de nossos desejos e sentimentos. Assim são eles expressos.

Estes dois tipos de substância têm sua própria linha de evolução e as seguem. Segundo o plano logóico, os espíritos ou centelhas divinas são aprisionados por elas, sendo primeiro atraídos para elas pela mútua ação entre espírito e matéria. Pelo controle dessas substâncias e pela contenção de suas atividades instintivas, estes espíritos ganham experiência e a libertação final. Assim a união com a alma é alcançada. É uma união conhecida e experimentada no corpo físico, no plano da mais densa manifestação, através do controle consciente e inteligente da natureza inferior.

3. Quando isto é consumado o logue se conhece como realmente é.

Isto poderia ser descrito da seguinte maneira: O homem que conhece as condições e as cumpriu como indicado no aforismo anterior,

1. Vê o ego.
2. Compreende a verdadeira natureza da alma.
3. Identifica-se com a Realidade Interna e não mais com as formas que a esconde.
4. Habita no centro e não mais na periferia.
5. Conquista a consciência espiritual.
6. Desperta para o reconhecimento do Deus interno.

Nestes três versos, o método e o objetivo são descritos em termos claros e precisos e o caminho é preparado para uma instrução mais detalhada a ser ministrada. O aspirante enfrenta seu problema; a chave para resolvê-lo lhe é dada, e a recompensa - a união com a alma - é colocada à frente de seu olho que busca.

No próximo verso é feita uma ligeira exposição sobre o passado.

4. Até agora, o homem interno tem-se identificado com suas formas e com as modificações ativas das mesmas.

Estas formas são as modificações mencionadas nas diversas traduções, indicando a

verdade sutil sobre a infinita divisibilidade do átomo; estas são as camadas recobridoras e transformações rapidamente cambiantes que impedem a manifestação da verdadeira natureza da alma. Estes são os aspectos externos que impedem que a luz do Deus interno resplandeça e que em linguagem ocultista são mencionados como "lançando uma sombra sobre a face do sol".

A natureza inerente das vidas que constituem estas ativas e versáteis formas provaram ser, até agora muito fortes para a alma (o Cristo interno, como dizem os cristãos) e isto impediu a plena manifestação dos poderes da alma. Os poderes instintivos da "alma animal", ou as capacidades do conjunto de vidas que formam os veículos ou corpos, aprisionam o homem real e limitam seus poderes. Estas vidas são unidades inteligentes que se encontram na parte involutiva do arco da evolução, trabalhando para obter a autoexpressão. Seu objetivo, no entanto, é diferente daquele do Homem Interno e impede seu progresso e sua auto-realização. Ele fica "envolvido com suas atividades" e deve libertar-se, antes de poder receber sua herança de poder, paz e bem-aventurança. Ele não pode atingir a "medida da estatura completa do Cristo" (Ef. 4.13) enquanto houver modificações a serem sentidas, antes que as formas cessem de se transformar, suas atividades sejam aquietadas e sua agitação tranquilizada.

Recomenda-se ao estudante que tenha sempre em mente a natureza deste aspecto da evolução que se processa ao mesmo tempo que a sua. Na correta compreensão deste problema vem a conscientização do trabalho prático a ser feito, e o iogue em embrião pode começar seu trabalho.

As formas inferiores estão em constante e incessante atividade, assumindo sem cessar as formas de desejos impulsivos ou de dinâmicos pensamentos-forma mentais; somente quando esta "atividade de tomar forma" é controlada e o tumulto da natureza inferior abafado, é que se torna possível à entidade interna dirigente libertar-se desta escravidão e impor sua vibração às modificações inferiores.

Isto se consegue pela concentração - o esforço concentrado da alma para manter continuamente a posição do observador, daquele que percebe, e do vidente. Quando ele puder fazer isto, este "espetáculo" inferior de formas de pensamento rapidamente cambiantes e desejos se esvai, e o reino da alma, o verdadeiro campo do conhecimento da alma, pode ser visto e contatado.

5. Os estados da mente são cinco, e estão sujeitos à dor e ao prazer; são dolorosos ou não dolorosos.

No original, a palavra "prazer" não aparece; o pensamento transmitido é mais técnico e é normalmente traduzido como "não doloroso". Não obstante, o pensamento base é o empecilho à realização, causado pelos pares de opostos. O estudante deve-se lembrar que, neste aforismo, é a chitta, ou substância mental, que está sendo considerada, com as modificações que sofre enquanto sua versatilidade e atividade são fatores dominantes. O estudante não deve perder de vista que estamos tratando da natureza psíquica inferior, que é o termo ocultamente aplicado aos processos da mente inferior, bem como às reações astrais, ou emocionais. Toda atividade na natureza inferior resulta de kama-manas, ou da mente colorida pelo sentimento, do desejo-vontade do homem inferior. A meta do sistema

da Raja Ioga é substituir estes impulsos pela ação ponderada e inteligente da alma, ou homem espiritual, cuja natureza é amor, cujos atos são sábios (no sentido ocultista) e cujo motivo é o desenvolvimento grupal. Por isso a reação chamada "dor", deve ser transcendida da mesma forma que a chamada "prazer", pois ambas são dependentes da identificação com a forma. O desapego deve substituí-las,

É interessante registrar que as modificações do órgão interno, a mente, são em número de cinco. Manas, ou mente, o princípio atuante de chitta, ou substância mental, é o quinto princípio e como tudo o mais na natureza, manifesta-se como uma dualidade. Esta dualidade é:

1. a mente concreta inferior, que se manifesta como a atividade do corpo mental,
2. a mente abstrata, que se manifesta como o aspecto mais baixo do ego.

No microcosmo, o homem, esta dualidade se transforma numa tríplice modificação no plano mental e, nestas três, temos, em miniatura, uma réplica da manifestação macrocósmica. Estas três são:

1. o átomo mental permanente, o mais baixo aspecto da Tríade espiritual ou da alma,
2. o corpo egóico, o corpo causal ou o karana sarira,
3. o corpo mental, ou aspecto mais elevado do eu pessoal inferior.

O próprio corpo mental tem cinco modificações ou atividades, e é assim um reflexo, ou uma correspondência, do quinto princípio, ao se manifestar no quinto plano, o mental. As modificações são a sombra inferior de manas (ou mente, na manifestação microcósmica), e esta mente é um reflexo de mahat (a mente universal), ou a mente manifestando-se no macrocosmo. Isto é um grande mistério, mas será revelado ao homem que domine as cinco modificações da mente inferior, e que, pelo desapego ao inferior, se identifique com o superior e assim solucione o mistério de "Makara" e percorra o Caminho dos Kumaras. Eis aqui um indício para os estudantes mais avançados desta ciência, sobre o problema esotérico de Makara, mencionado na "Doutrina Secreta" de H.P. Blavatsky.

7.Estas modificações (atividades) são: conhecimento correto, conhecimento errôneo, fantasia, passividade (sono) e memória.

Há um vasto campo de conhecimento que o vidente deve reconhecer em alguma ocasião. É geralmente aceito entre os psicólogos ocultistas, que há três modos de percepção:

1. **Percepção** direta, por intermédio dos órgãos dos sentidos, cada sentido, quando em uso, pondo seu usuário em contato com uma determinada faixa de vibrações que aparecem como manifestações da forma.

2. **Dedução**, ou inferência, é o emprego, pelo conhecedor, dos poderes de raciocínio da mente, em relação ao que não se percebe diretamente. Isto é, para o estudante de ocultismo, o emprego da Lei das Correspondências ou da Analogia.

3. A **percepção direta do iogue ou vidente**, centrada na consciência do Ser, isto é, o ego em seu próprio plano. Isto é obtido pelo correto emprego da mente como um órgão de visão e de transmissão. Patânjali diz:

"0 vidente é conhecimento puro (gnosis). Embora puro, ele contempla a ideia apresentada por meio da mente". Livro II, aforismo 20.

A dedução não é um método seguro de se obter conhecimento e as outras modificações referem-se primariamente à utilização errônea da faculdade de produzir imagens (a imaginação), à passividade auto-induzida da mente, à condição de semitranse e à retenção de formas de pensamento dentro da aura mental, pelo emprego da memória. Patânjali trata de cada um deles em aforismos distintos.

8.A base do conhecimento correto são a percepção correta, a dedução correta e o testemunho correto (ou evidência precisa).

Umas das mais revolucionárias conscientizações à qual o estudante de ocultismo tem que se ajustar, é a apreciação de que a mente é um meio pelo qual se adquire conhecimento. No ocidente manteve-se predominante a ideia de que a mente é a parte do mecanismo humano que utiliza o conhecimento. O "processo de revolver as coisas mentalmente", na tentativa de encontrar a solução dos problemas por meio de árduo trabalho mental, em última análise não tem expressão no desabrochar da alma. É apenas uma etapa preliminar e tem de ser substituída por um método diferente.

O estudante de Raja Ioga tem de se dar conta de que a mente foi concebida para ser um órgão de percepção; só assim ele chegará à correta compreensão desta ciência. O processo a ser seguido em relação à mente pode ser mais ou menos descrito como segue:

1. Controle correto das modificações (ou atividades) do princípio pensante.

2. Estabilização da mente e sua posterior utilização pela alma como um órgão de visão, um sexto sentido, e a síntese de todos os outros cinco sentidos.

Resultado: Conhecimento correto.

3. Correto emprego da faculdade de percepção, de modo a que o novo campo de conhecimento com o qual se estabeleceu contato seja percebido como realmente é.

4. Interpretação correta do que é percebido, pela posterior concordância da intuição e da razão.

5. Transmissão correta ao cérebro físico, do que foi percebido; o testemunho do sexto sentido é corretamente interpretado e a evidência é transmitida com oculta precisão.

Resultado: Reação correta do cérebro ao conhecimento transmitido.

Quando o processo é estudado e seguido, o homem, no plano físico, se torna cada vez mais consciente das coisas da alma e dos mistérios do reino da alma - ou o "Reino de Deus". Todas as preocupações do grupo e a natureza da consciência grupal lhe são reveladas. Notar-se-á que estas regras, mesmo agora, são encaradas como premissas até certo ponto essenciais, onde todo o testemunho preciso é considerado nos negócios mundiais. Quando estas mesmas regras forem levadas ao mundo dos esforços psíquicos (tanto o inferior como o superior), teremos então uma simplificação da confusão atual. Num velho livro, escrito para os discípulos de certo grau, estas palavras aparecem e são de valor para todos os discípulos, tanto os aceitos como os probacionários. A tradução dá o sentido mas não é literal.

"Que aquele que observa certifique-se de que a janela pela qual olha deixa passar a luz do sol. Se ele a utiliza no início da aurora (de seus esforços. - A.A.B.) que não esqueça de que o mundo ainda não nasceu. Os contornos precisos não podem ser percebidos; e os espectros e as sombras, os espaços sombrios e as áreas de treva ainda confundem sua

visão".

No final desta frase se encontra um curioso símbolo, que leva à mente do discípulo o pensamento de "Conserva-te em silêncio e reserva tua opinião".

8.O conhecimento errôneo é baseado na percepção da forma e não no estado de ser.

Este aforismo é um tanto difícil de se interpretar. Seu significado consiste no seguinte: o conhecimento, a dedução e uma decisão baseados nos aspectos externos e na forma pela qual qualquer vida em qualquer reino da natureza se expressa, são (para o ocultista) um conhecimento falso e errôneo. Nesta etapa do processo evolutivo, forma alguma, qualquer que seja a sua espécie, é comparável à vida que a anima ou a exprime adequadamente. Nenhum adepto verdadeiro julga qualquer expressão de divindade pelo seu terceiro aspecto. A Raja Ioga adestra o homem para funcionar em seu segundo aspecto e, através deste, pôr-se em contacto com a "verdadeira natureza" latente em qualquer forma. "Ser" é a realidade essencial - e todos os seres lutam pela expressão verdadeira. Portanto, todo conhecimento que é adquirido por meio das faculdades inferiores e que se baseia no aspecto forma é errôneo.

Apenas a alma tem a percepção correta; somente a alma tem o poder de estabelecer contato com o germe ou o princípio de Budi (na fraseologia cristã, o princípio do Cristo), que se acha no coração de cada átomo, quer seja um átomo de matéria estudado no laboratório do cientista, quer seja o átomo humano no cadinho da experiência diária, quer seja o átomo planetário onde, dentro de seu círculo-não-se-passa, se encontram todos os nossos reinos da natureza, ou o átomo solar, Deus em manifestação por meio de um sistema solar. Cristo "sabia o que estava no homem" e por isso pode ser um Salvador.

9. A fantasia baseia-se em imagens que não têm existência real.

Isto significa que estas imagens não têm existência real porquanto foram formadas pelos próprios homens, construídas dentro de suas próprias auras mentais, alimentadas por suas vontades ou desejos e,consequentemente, dissipadas quando a atenção é dirigida para outra coisa.

"A energia acompanha o pensamento" é um ponto básico do sistema da Raja Ioga e é verdadeiro mesmo no que diz respeito a essas imagens de fantasia. Estas imagens de fantasia se enquadram primariamente em três grupos, que o estudante fará bem em considerar.

1. Os pensamentos-forma que ele mesmo constrói, que têm uma vida efêmera e que dependem da qualidade de seus desejos; não sendo, portanto, nem bons nem maus, nem altos nem baixos podem ser vitalizados pelas tendências baixas ou pelas aspirações idealísticas, com todos os estados intermediários que podem ser encontrados entre estes extremos. O aspirante tem que tomar cuidado para não confundi-los com a realidade. Pode-se dar aqui um exemplo, em relação à facilidade com que as pessoas pensam ter visto um dos irmãos (ou Mestres de Sabedoria), quando o que viram na realidade foi um pensamento-forma de um Deles; como o desejo é o pai do pensamento, eles são vítimas da

forma incorreta de percepção, chamada, por Patânjali, de fantasia.

2. Os pensamentos-forma que são criados pela raça, pela nação, pelo grupo ou pela organização. Os pensamentos-forma grupais de qualquer tipo (desde a forma planetária até a construída por qualquer grupo de pensadores) formam a soma total da "grande ilusão". Eis aqui um indício para o aspirante sério.

3. O pensamento-forma criado por um homem desde que apareceu pela primeira vez em forma física, chamado o "Morador do Umbral". Sendo criado pelo eu pessoal inferior e não pela alma, não é permanente e é conservado simplesmente pela energia inferior do homem. Quando o homem começa a funcionar como alma, esta "imagem" que ele criou, por sua "fantasia" ou por sua reação à ilusão, é dissipada por um supremo esforço. Não tem existência real, uma vez que não há nada no aspirante para alimentá-la e, ao compreender isso, ele se torna capaz de libertar-se desta escravidão.

Este é um dos aforismos que, embora aparentemente curto e simples, é da mais profunda significação; é estudado pelos altos iniciados que estão estudando a natureza do processo criativo do planeta e que estão ocupados com a dissipação da maia planetária.

10. A passividade (sono) é baseada no estado quieto dos vrittis (ou sobre a não percepção dos sentidos).

Talvez seja agora necessária uma explicação sobre a natureza das vrittis. As vrittis são aquelas atividades da mente que resultam na relação consciente entre o sentido empregado e aquilo que foi percebido. A parte de uma certa modificação dos processos mentais ou de uma afirmação da conscientização de que Eu-sou-eu os sentidos podem estar em atividade sem que o homem tenha consciência deles. O homem tem consciência de que ele vê, prova e ouve; ele diz: "Eu vejo, Eu provo, Eu ouço" e é a atividade das vrittis (ou daquelas percepções mentais que têm relação com os cinco sentidos) que lhe permite reconhecer o fato. Retirando-se da percepção ativa dos sentidos e não mais utilizando a "consciência que se move para fora" e retirando esta consciência da periferia para o centro, ele pode criar uma condição de passividade - um alheamento que não é o samadhi do iogue, nem a conquista da concentração num ponto tal como o que o estudante de ioga aspira, que é uma forma de transe. Este aquietamento autoimposto não só é um empecilho à conquista da mais elevada ioga, mas, em muitos casos, é extremamente perigoso.

Os estudantes farão bem em lembrar-se que a correta atividade mental e o correto emprego da mente são o objetivo da ioga e que o estado chamado "mente em branco", e uma condição de passiva receptividade, com as relações sensoriais cortadas ou atrofiadas, não é parte do processo. O sono aqui referido não é a passagem do corpo para o estado de sonolência mas sim, o adormecimento das vrittis. É a negação dos contatos dos sentidos sem que o sexto sentido, a mente, se superponha às suas atividades. Nesta condição de sono, o homem está sujeito a alucinações, a ilusões, a impressões errôneas e a obsessões.

Há diversos tipos de sono, mas apenas uma curta tabulação é possível num comentário como este:

1. O sono comum do corpo físico, quando o cérebro não responde a qualquer contato dos sentidos;

2. o sono das vrittis, ou daquelas modificações dos processos mentais que

correlacionam o. homem ao seu meio ambiente, por meio dos sentidos e da mente;

3. o sono da alma, o qual, falando ocultamente, abrange aquela parte da experiência humana que data da primeira encarnação humana do indivíduo até que ele "desperte" para um conhecimento do plano e se esforce para alinhar o homem inferior com a natureza e a vontade do homem espiritual interno;

4. o sono do médium comum, quando o corpo etérico é parcialmente retirado do corpo físico e, de modo semelhante, separado do corpo astral, provocando assim uma situação de perigo muito real;

5. Samadhi, ou o sono do iogue resultante da retirada consciente e científica do homem real, de seu tríplice invólucro inferior, para trabalhar em níveis elevados, em preparação para algum serviço ativo no inferior;

6. o sono dos Nirmanakayas, que é uma condição de tão intensa concentração espiritual e de focalização no corpo espiritual, ou átmico, que a consciência exterior é retirada não só dos três planos de trabalho humanos, como também, das duas expressões inferiores da Tríade espiritual. Para as finalidades deste trabalho característico e específico, o Nirmanakaya "dorme" em relação a todos os estados, exceto ao terceiro, ou plano átmico.

11. Memória é a retenção daquilo que se conheceu.

Esta memória diz repeito a diversos grupos de percepções, quer ativas quer latentes; trata de certos agrupamentos de fatores conhecidos que podem ser enumerados como segue:

1. As imagens de pensamentos daquilo que é tangível, objetivo e que foi conhecido pelo pensador no plano físico.

2. Imagens kama-manásicas (ou desejos da mente inferior) de desejos passados e de sua satisfação. A "faculdade de produzir cenas" do homem comum, baseia-se em seus desejos (elevados ou baixos, aspiracionais ou degradantes, no sentido de inferiorizar) e sua conhecida satisfação. Isto é igualmente verdadeiro quanto à memória de um glutão, por exemplo, e sua latente imagem de um lauto jantar, quanto à lembrança de um santo ortodoxo, baseada em sua imagem mental de um aprazível paraíso.

3. A atividade da memória que resulta do adestramento mental, da acumulação de dados adquiridos em consequência de leituras ou de aprendizado, e que não é apenas baseado no desejo, mas que tem sua base no interesse intelectual.

4. Todos os vários contatos que a memória guarda e que reconhece como emanando das percepções dos cinco sentidos inferiores.

5. As imagens mentais, latentes na faculdade de evocação, que são a totalidade do conhecimento obtido e das percepções evocadas pelo correto uso da mente como um sexto sentido.

Todas estas formas de evocação devem ser abandonadas em definitivo; devem ser reconhecidas como modificações da mente, do princípio pensante e, portanto, parte da versátil natureza psíquica que tem de ser dominada antes que o iogue possa esperar atingir a liberação das limitações e de toda a atividade inferior. Este é o objetivo.

6. Finalmente (pois não é necessário enumerar subdivisões mais complicadas), a

memória inclui também o acúmulo de experiências adquiridas pela alma durante as diversas encarnações e armazenadas na verdadeira consciência da alma.

12. O controle dessas modificações do órgão interno, a mente, deve ser obtido pelo esforço incansável e pelo desapego.

Apenas umas poucas e breves explicações são necessárias no caso de um aforismo de tão fácil compreensão como este; intelectualmente, o significado é claro; na prática, contudo, é difícil de ser realizado.

1. O **órgão interno** é, naturalmente, a mente. Os pensadores ocidentais devem-se lembrar que os ocultistas orientais não consideram os órgãos como sendo os órgãos físicos. A razão para isto é a seguinte: o corpo em sua forma densa, ou concreta, não é considerado como um princípio, mas simplesmente como a manifestação tangível da atividade dos princípios verdadeiros. Os órgãos, em sentido ocultista, são centros de atividade tais como a mente, os diversos átomos permanentes e os centros de força nos vários invólucros. Todos estes têm suas "sombras" objetivas, ou resultados, e estas emanações resultantes são os órgãos físicos externos. O cérebro, por exemplo, é a "sombra" ou o órgão externo da mente, e o investigador verificará que o conteúdo da cavidade cerebral tem uma correspondência nos aspectos do mecanismo humano encontrados no plano mental. Deve-se dar ênfase a esta última frase; ela contém um indício para aqueles que forem capazes de tirar vantagem dela.

2. **Esforço incansável** literalmente significa a prática constante, a repetição contínua e ininterrupta e o esforço reiterado para impor o novo ritmo sobre o antigo, e para eliminar hábitos e modificações profundamente arraigados pela instituição da impressão pela alma. O iogue ou Mestre é o resultado de paciente esforço; os resultados que obtém são o fruto do esforço contínuo baseado na apreciação inteligente do trabalho a ser feito e da meta a ser atingida, e não do entusiasmo espasmódico.

3. **Desapego** é o que finalmente levará todas as percepções sensoriais a desempenharem suas reais funções. Pelo desapego, as formas de conhecimento com as quais o homem entra em contato pelos sentidos vão perdendo seu domínio sobre o homem; finalmente chega a ocasião em que ele é finalmente libertado e é mestre de todos os seus sentidos e de todos os contatos sensoriais. Isto não envolve um estado em que os sentidos estejam atrofiados e inutilizados, mas sim, no qual sejam úteis ao iogue quando e como ele o desejar e somente quando o desejar; são por ele utilizados para aumentar sua eficiência no serviço grupal e nos esforços grupais.

13. O esforço incansável é o esforço constante para conter as modificações da mente.

Este é um dos aforismos mais difíceis de traduzir de modo a se dar sua real significação. A ideia envolvida é a do constante esforço feito pelo homem espiritual para conter as modificações ou flutuações da mente e para controlar a versátil natureza psíquica inferior a fim de expressar totalmente sua natureza espiritual. Assim, e somente assim, pode o homem espiritual viver a vida da alma, a cada dia, no plano físico. Charles Johnston,

em sua tradução, procura dar este sentido pelas palavras “o correto emprego da vontade é o firme esforço para se manter no ser espiritual".

A ideia é a de aplicar à mente (encarnada como sexto sentido) o mesmo controle a que estão sujeitos os cinco sentidos inferiores, isto é, suas atividades externas são paralisadas e elas são impedidas de responder à atração de seu particular campo de conhecimento".

14. Quando se dá suficiente valor ao objetivo a ser alcançado e os esforços para consegui-lo são persistentes e ininterruptos, então a estabilidade da mente (contenção das vrittis) é assegurada.

Todos os seguidores da Raja Ioga devem ser, em primeiro lugar, devotados. Somente um intenso amor pela alma e por tudo o que o conhecimento da alma implica, levará o aspirante com segurança à sua meta. O objetivo em vista - união com a alma e consequentemente com a Super-alma e com todas as almas - deve ser corretamente apreciado; as razões para sua conquista corretamente julgadas, e os resultados a serem conseguidos, ardentemente desejados (ou amados), antes que o aspirante desenvolva o esforço suficientemente forte que lhe dará os meios de controlar as modificações da mente e, consequentemente, de toda a sua natureza inferior. Quando esta apreciação for suficientemente verdadeira e sua habilidade para prosseguir com o trabalho de domínio e controle, ininterrupto, então chegará a ocasião em que o estudante saberá, cada vez melhor e mais conscientemente, qual a significação da contenção das modificações.

15. O desapego é a libertação do anseio por todos os objetos do desejo, quer terrenos, quer tradicionais, aqui ou no futuro.

O desapego também pode ser descrito como "falta de sede".

Este é o termo ocultista mais correto a ser empregado, pois envolve a dupla ideia de água, o símbolo da existência material, e desejo, a qualidade do plano astral, cujo símbolo também é água. A ideia de ser o homem o "peixe" está aqui curiosamente completa. Este símbolo (como no caso de todos os símbolos) tem sete significados: dois cabem aqui:

1. O peixe é o símbolo do aspecto Vishnu, o princípio Crístico, o segundo aspecto da divindade, o Cristo encarnado, quer seja o Cristo cósmico (expressando-SE através de um sistema solar), quer o Cristo individual, o salvador potencial dentro de cada ser humano. Este é "0 Cristo em vós, esperança é de glória" (Col. 1.27). Se o estudante estudar também o Avatar peixe de Vishnu, aprenderá ainda mais.

2. O peixe nadando nas águas da matéria, uma extensão da mesma ideia, apenas levada à sua mais óbvia expressão atual, o homem como a personalidade.

Quando não houver mais anseio por qualquer objeto, seja ele qual for, e quando não houver mais desejo pelo renascimento (sempre o resultado do anseio de "expressão pela forma" ou manifestação material), então se atinge a verdadeira "ausência de sede" e o homem liberto volta suas costas a todas as formas nos três mundos inferiores e se torna um verdadeiro salvador.

No Bhagavad Gitâ encontram-se as seguintes palavras iluminadoras:

"Pois os possuidores de sabedoria, unidos na visão da alma, desistindo dos frutos do

trabalho, livres da escravidão do renascimento, alcançam o lar onde a tristeza não mora.

"Quando tua alma ultrapassar a floresta da ilusão, não mais darás valor ao que vier a ser ensinado ou ao que tenha sido ensinado.

"Quando retirada do ensinamento tradicional, tua alma permanecer imutável, firme na visão da alma, então ganharás a união com a Alma" (Gitâ II,51,52 e 53).

J. H. Woods torna isto bem claro em sua tradução do comentário por Veda Vyasa que é aqui transcrito:

"A falta de paixão é a consciência de ser Mestre por parte daquele que se livrou da sede pelos objetos, vistos ou revelados".

"A substância mental (chitta) - se estiver livre da sede pelos objetos visíveis, tais como mulheres, alimento, ou bebida, ou poder; se estiver livre da sede pelo objeto revelado (nos Vedas) tais como a conquista do Paraíso, ou do estado de desencarnação ou da resolução na matéria primária - se, mesmo quando em contato com objetos, supernormais ou não, por virtude de elevação, estiver consciente da inadequação dos objetos - terá consciência de ser um Mestre..."

A palavra "tradicional" afasta o pensamento do estudante daquilo que é habitualmente considerado como o objeto da percepção sensorial, para o mundo das formas de pensamento, para a "floresta de ilusões" que é construída com as ideias dos homens a respeito de Deus, céu ou inferno. A sublimação de tudo isto e sua mais elevada expressão nos três mundos é o "devachan", que é a meta da maioria dos filhos dos homens. A experiência devachânica, contudo, deve ser finalmente transformada em conscientização nirvânica. Pode ser útil para o estudante lembrar-se de que o céu, o objeto da aspiração dirigida pelo desejo que resulta do ensinamento tradicional e de todas as formulações de doutrinas de fé, tem significações diversas para o ocultista. O que segue será útil para uma melhor compreensão:

1. **Céu**, aquele estado de consciência no plano astral que é a concretização do anseio e do desejo do aspirante por repouso, paz e felicidade. É baseado nas "formas de alegria". É uma condição de prazer sensorial, e sendo construída para cada indivíduo, por si mesmo, varia tanto quanto o número de pessoas que dele participam. Deve-se conquistar o desapego em relação ao céu. É conscientizado como sendo desfrutado pelo eu inferior e pelo homem despojado apenas de seu corpo físico, antes de passar do corpo astral para o plano mental.

2. **Devachan**, aquele estado de consciência no plano mental para o qual a alma passa quando privada de seu corpo astral e funciona no seu corpo mental ou é limitada por ele. É de uma ordem superior à do céu comum e a bem-aventurança gerada e mais mental do que aquilo que normalmente entendemos por esta palavra mas, apesar disto, ainda pertence ao mundo inferior da forma e será transcendido quando o desapego for conhecido.

3. **Nirvana**, aquela condição para a qual o adepto passa quando os três mundos inferiores não mais estão "ligados" a ele por suas inclinações, ou carma, e que ele experimenta depois que tiver:

a) Recebido certas iniciações

b) Conseguido libertar-se dos três mundos

c) Organizado seu corpo Crístico

Rigorosamente falando, aqueles adeptos que conquistaram o desapego mas que

escolheram o sacrifício próprio e se mantêm entre os filhos dos homens para servi-los e auxiliá-los não são, tecnicamente Nirvanis. Eles são Senhores da Compaixão, que fizeram o voto de "sofrer" com (e de serem governados por) certas situações análogas (ainda que não idênticas) às condições que regem os homens que ainda estão presos ao mundo da forma.

16. A consumação deste desapego resulta num conhecimento exato do homem espiritual, quando liberto das qualidades ou gunas.

O estudante deve ter presente certos pontos ao estudar este aforismo:

1.Que o homem espiritual é a mônada,

2.que o processo evolutivo, quando levado ao seu clímax, produz não só a libertação da alma das limitações dos três mundos, mas também a libertação, do homem espiritual, de todas as limitações, mesmo as da própria alma. A meta é a não-forma – ou a lberdade da manifestação tangível e objetiva, e o verdadeiro significado disto torna-se aparente quando o estudante recorda a unidade de espírito e matéria quando em manifestação; isto é, os nossos sete planos são os sete sub-planos do mais baixo plano cósmico, o físico. Consequentemente, só “a hora do fim" e a dissolução de um sistema solar revelarão a verdadeira significação da ausência de forma.

3.As gunas são as três qualidades da matéria, os três efeitos produzidos quando a energia macrocósmica, a vida de Deus que persiste independentemente da tomada de forma, atua sobre a substância ou a alimenta. As três gunas são:

1. Sattva	Energia do Espírito Mônada	Pai	ritmo ou vibração harmoniosa
2. Rajas	Energia da Alma Ego	Filho	mobilidade ou atividade
3. Tamas	Energia da Matéria Personalidade	Espírito Santo	inércia

Estas três correspondem à qualidade de cada um dos três aspectos que expressam a Vida una.

Num comentário tão breve como este é impossível ampliar em qualquer grau este assunto, mas pode-se obter uma ideia sobre o que se quer dizer por consumação do desapego quando aplicado ao macrocosmo ou ao microcosmo. Todas as três gunas foram empregadas, adquiriu-se experiência plena através do uso da forma, foi desenvolvida consciência, percepção ou sensibilidade através do apego a um objeto ou a uma forma, todos os recursos foram utilizados, e o homem espiritual (logóico ou humano) não tem mais necessidade nem emprego para elas. Ele está então liberto das gunas, dispensado de tomar forma como resultado do apego e entra em um novo estado de consciência sobre o qual não adianta especularmos.

17. Atinge-se a consciência de um objeto pela concentração sobre sua quádrupla natureza: a forma, pelo exame da mesma; a qualidade (ou guna), pela participação discriminativa; o propósito, através da inspiração (ou bem-aventurança); e a alma, pela identificação.

Torna-se-á então aparente que a afirmação "como o homem pensa, assim ele é" (Prov. 23.7) baseia-se em fatos ocultistas. Cada forma de qualquer espécie tem uma alma, e esta alma, ou princípio consciente, é idêntica à forma humana; idêntica em sua natureza, embora não em seu escopo de desenvolvimento, ou grau. Isto é igualmente verdadeiro para as grandes Vidas ou Existências super-humanas nas quais o próprio homem "vive, se move e tem o seu ser" (Atos 17:28) e a Cujo estado de desenvolvimento ele aspira atingir.

À medida que o aspirante cuidadosamente escolhe os "objetos" sobre os quais meditará, ele, através destes objetos, constrói para si próprio uma escada pela qual chegará finalmente à meditação "sem-objetos". À proporção que sua mente assume, cada vez mais, a atitude meditativa da alma, o cérebro também se torna cada vez mais subjugado pela mente, como a mente o é pela alma. Assim é o homem inferior gradualmente identificado com o homem espiritual, que é oniciente e onipresente. Esta atitude meditativa é obtida por um processo quádruplo:

1. **Meditação sobre a natureza de uma forma particular**, com a conscientização de que, à medida que a forma é considerada, ela nada mais é que um símbolo de uma realidade interna, sendo todo o nosso universo tangível o objetivo constituído por formas de algum tipo (humanas, sub-humanas e super-humanas) que expressa a vida de uma legião de seres dotados de sensibilidade.

2. **Meditação sobre a qualidade de uma forma particular**, de modo a que se possa obter uma apreciação sobre uma energia subjetiva. Deve-se ter em mente que a energia de um objeto pode ser considerada como sua cor e daí as palavras de Patânjali (IV, 17) serem esclarecedoras e este respeito e servirem como um comentário para este segundo ponto. Este é chamado "participação discriminativa" e, através dele, o estudante chega ao conhecimento de que sua própria energia é una com a do objeto de sua meditação.

3. **Meditação sobre o propósito de uma forma particular**. Isto envolve a consideração sobre a ideia que envolve ou que está por trás de qualquer manifestação de forma e da energia de que dispõe. A compreensão disto leva o aspirante para diante, para um conhecimento daquela parte no plano, ou propósito, do Todo, que é o fator motivador da atividade da forma. Assim, através da parte, estabelece-se o contato com o Todo e há uma expansão de consciência, envolvendo bem-aventurança ou alegria. A conscientização da unidade da parte com o Todo sempre é seguida de beatitude. Da meditação sobre os tattvas, as energias ou princípios, ou sobre o tanmatras ou elementos que compõem o espírito-matéria, chega-se a um conhecimento do propósito ou plano para as manifestações microcósmicas ou macrocósmicas e este conhecimento traz bem-aventu rança.

Nestes três itens devem-se encontrar correspondências com os três aspectos, espírito, alma e corpo, e também um estudo esclarecedor para o estudante dedicado.

4. **Meditação sobre a alma**, sobre Aquele que utiliza a forma, que lhe dá energia ao pô-la em atividade e que trabalha de acordo com o plano. Esta alma, sendo una com todas as almas e com a Super-alma, serve ao plano único e tem consciência grupal.

Assim, através destes quatro estágios de meditação sobre um objeto, o estudante chega à sua meta - o conhecimento da alma e dos poderes desta. Identifica-se conscientemente com a realidade una, e isto em seu cérebro físico. Ele descobre a verdade que esta nele próprio e que é a verdade oculta em toda forma e em todo reino da natureza.

Assim ele finalmente chegará (quando obtiver o conhecimento da própria alma) a um conhecimento da Alma-Total e se tornará um com ela.

18. Conquista-se um estágio mais avançado de samadhi quando, através do pensamento dirigido, aquieta-se a atividade externa. Neste estágio, a chitta responde apenas a impressões subjetivas.

A palavra "samadhi" possui diferentes interpretações e é aplicada a diferentes estágios da conquista iogue. Isto causa certa dificuldade ao estudante comum quando estuda os vários comentários. Talvez um dos modos mais fáceis de compreender sua significação seja lembrar que a palavra "Sama" refere-se à faculdade da substância mental (ou chitta) de tomar forma ou de se modificar de acordo com as impressões externas. Estas expressões externas alcançam a mente através dos sentidos. Quando o aspirante à Ioga consegue controlar seus órgãos de percepção sensorial de modo a não mais transmitirem à mente suas reações ao que é percebido, obtém duas coisas:

a)O cérebro físico fica quieto e tranquilo,

b)a substância mental, ou o corpo mental, a chitta, não mais assume as diversas modificações e fica igualmente tranquila.

Este é um dos primeiros estágios de samadhi, mas não é o samadhi do adepto. É uma condição de intensa atividade interna, em lugar de externa; é uma atitude de concentração dirigida. O aspirante, contudo, é capaz de responder às impressões dos reinos mais sutis e às modificações originárias daquelas percepções que são ainda mais subjetivas. Ele toma consciência de um novo campo de conhecimento, embora ainda não saiba o que este possa ser. Certifica-se de que há um mundo que não pode ser conhecido através dos cinco sentidos, mas que será revelado através do correto emprego do órgão da mente. Ele tem percepção do que poderá estar por trás das palavras encontradas num aforismo posterior, tal como traduzido por Charles Johnston, que exprime este pensamento em termos particularmente claros:

"0 vidente é visão pura... ele vê através da veste da mente". (Livro II, Aforismo 20).

O aforismo anterior tratou do que se pode chamar meditação com semente ou com um objeto; este aforismo sugere o estágio seguinte, meditação sem semente ou sem aquilo que o cérebro físico reconheceria como um objeto.

Seria conveniente mencionar aqui os seis estágios de meditação tratados por Patânjali, pois eles dão um indício sobre todo o processo de desenvolvimento tratado neste livro:

1.Aspiração
2.Concentração
3.Meditação
4.Contemplação
5.Iluminação
6.Inspiração

É também útil observar que o estudante começa **aspirando** ao que está além de seu conhecimento e termina sendo **inspirado** por aquilo que procurou conhecer. A concentração (ou focalização intensa) resulta na meditação e a meditação desabrocha como contemplação.

19. O samadhi que se acabou de descrever não vai além dos limites do mundo fenomênico; não ultrapassa os Deuses, nem os que dizem respeito ao mundo concreto.

Deve ser lembrado que os resultados alcançados nos processos tratados nos aforismos dezessete e dezoito levam o aspirante somente até o limite do reino da alma, ao novo campo de conhecimento do qual ele se tornou consciente. Ele ainda está confinado aos três mundos. Tudo o que conseguiu foi acalmar as modificações do corpo mental de modo que pela primeira vez o homem (no plano físico e em seu cérebro físico) se torna conhecedor de que está além dos três mundos - isto é, a alma, seu campo de visão e seu conhecimento. Ele ainda tem que fortalecer sua ligação com a alma (o que é tratado nos aforismos vinte e três a vinte e oito) e então tendo transferido sua consciência para a do homem real ou espiritual, deve começar a trabalhar desta nova posição ou ponto vantajoso.

Esta ideia foi expressa por alguns tradutores como a condição em que o aspirante toma conhecimento "da nuvem de chuva de coisas cognoscíveis". A nuvem ainda não se precipitou suficientemente para que a chuva caia das alturas celestiais sobre o plano físico, ou para que as "coisas cognoscíveis" se tornem conhecidas pelo cérebro físico. A nuvem é percebida com o resultado de intensa concentração e da tranquilização das modificações inferiores, mas enquanto a alma ou Mestre não tiver assumido o controle, o conhecimento da alma não pode ser derramado no cérebro físico através do sexto sentido, a mente.

A ciência da ioga é uma ciência real e somente quando os estudantes a abordarem pelos estágios corretos, empregando métodos científicos, poderá o verdadeiro samadhi ou conscientização ser conquistado.

20. Outros iogues alcançam o samadhi e chegam a uma discriminação do espírito puro através da crença, acompanhada pela energia, memória, meditação e percepção direta.

Nos grupos de iogues anteriormente abordados, a percepção foi limitada ao mundo fenomênico, embora devamos compreender que estes abranjam apenas os três mundos, da percepção mental, percepção astral e dos sentidos físicos. As energias que produzem a concretização e a força matriz do pensamento à medida que produz efeitos no plano físico, são contatadas e conhecidas. Aqui, todavia, o logue se desloca para reinos mais sutis e espirituais e se torna consciente daquilo que o ser (em sua verdadeira natureza) percebe e conhece. Ele penetra no mundo das causas. Pode-se tomar como do primeiro grupo, todos aqueles que estão trilhando o caminho do discipulado, e cobre desde o tempo de sua entrada no Caminho Probatório até aquele em que receberam a segunda Iniciação. O segundo grupo e composto pelos discípulos mais avançados que - tendo controlado e transmutado toda a natureza inferior - fazem contato com sua mônada, espírito ou "Pai que está no Céu" e discernem o que a mônada percebe.

A primeira forma de conscientização é obtida por aqueles que estão no processo de sintetizar os seis centros inferiores no centro da cabeça, pela transmutação dos quatro inferiores nos três superiores, e a seguir o do coração e o da garganta no da cabeça. O

segundo grupo - por um conhecimento da lei - trabalha com todos os centros transmutados e purificados. Eles sabem como conquistar o verdadeiro samadhi, ou estado de abstração ocultista, através de sua habilidade em recolher as energias para o lótus de mil pétalas da cabeça, e dai abstrai-Ias através dos outros dois corpos mais sutis ate que todas as energias estejam centradas e focalizadas no veículo causal, o karana sarira, o lótus egóico. Patânjali nos diz que isto é produzido pelos cinco estágios seguintes. Os estudantes devem ter em mente que estes estágios se relacionam às atividades da alma à conscientização egoica e não às reações do homem inferior e do cérebro físico.

1. **Crença**. A alma, em seu próprio plano, ensaia uma condição análoga a crença do aspirante na alma ou aspecto crístico; apenas, neste caso, o objetivo e a conscientização daquilo que o Cristo ou alma esta procurando revelar, o espírito ou o Pai no Céu Primeiro o discípulo chega à conscientização do anjo de Sua Presença, o anjo solar, ego ou alma. Esta é a conquista do grupo precedente. Depois a própria Presença é contatada e esta Presença é espírito puro, o absoluto, o Pai do Ser. O eu e o não-eu tornaram-se conhecidos deste grupo de iniciados. A visão do não-eu, então, diminui e se extingue e apenas o espírito é conhecido. A crença deve ser sempre o primeiro estágio. Primeiro, a teoria; a seguir, a experimentação e, finalmente, a conscientização.

2. **Energia**. Quando a teoria for compreendida, quando a meta for percebida, então segue-se a atividade - a correta atividade e o correto emprego da força que fará o objetivo tornar-se mais próximo e a teoria um fato.

3. **Memória**, ou lembrança correta. Este é um interessante fator no processo, pois abrange o correto esquecimento ou a eliminação da consciência do ego de todas as formas que até então encobriram o Real. Estas formas são ou autoescolhidas ou autocriadas. Isto leva a uma condição de verdadeira captação ou habilidade para registrar corretamente o que a alma percebeu, e ao poder de transferir essa percepção correta para o cérebro do homem físico. Esta é a memória que é aqui referida. Não se refere tão especificamente à lembrança de coisas do passado, mas abrange o ponto de conscientização e a transferência dessa conscientização para o cérebro, onde deve ser registrada e, por fim, rei em brada quando se queira.

4. **Meditação**. Aquilo que foi visto e registrado no cérebro e que emanou da alma, deve ser alvo da meditação e assim tecido na fábrica da vida. É através desta meditação que as percepções da alma se tornam reais para o homem no plano físico. Esta meditação é assim de ordem muito elevada pois se segue ao estágio contemplativo e é meditação da alma com o propósito de iluminar o veículo no plano físico.

5. Percepção direta. A experiência da alma - e o conhecimento do espírito ou do aspecto Pai - começa a fazer parte do conteúdo cerebral do Adepto ou Mestre. Ele conhece o plano, tal como encontrado nos níveis mais elevados, e está Em contato com o Arquétipo. Se posso empregar este exemplo, é aquela classe de logues que alcançou o ponto onde lhes é possível perceber o plano, tal como existe na mente do "Grande Arquiteto do Universo". Eles estão agora em relação com Ele. Na outra classe de logues, o ponto atingido é aquele em que podem estudar as cópias do grande plano e, assim, inteligentemente cooperar na construção do Templo do Senhor. A percepção a que aqui se refere é de ordem tão alta que é praticamente inconcebível para todos, exceto para os discípulos avançados, mas numa apreciação dos graus e estágios, o aspirante obtém não só uma compreensão de qual seja o

seu problema imediato, e de sua posição, como também uma apreciação da beleza de todo o esquema.

21. A conquista deste estado (consciência espiritual) é rápida para aqueles cuja vontade é intensamente viva.

É natural que assim seja. À proporção que a vontade, refletida na mente, se torna dominante no discípulo, ele desperta em si próprio aquele aspecto que está em relação com o aspecto vontade do Logos, o primeiro aspecto ou o Pai. As linhas de contato são as seguintes:

1. Mônada ou Pai no Céu, o aspecto vontade
2. Atma ou vontade espiritual, o mais elevado aspecto da alma
3. O corpo mental ou a Vontade inteligente, o mais elevado aspecto da personalidade
4. O centro da cabeça

Esta é a linha seguida pelos raja-iogues e os leva à conscientização do espírito e ao adeptado. Há ainda uma outra linha:

1. Mônada
2. O Filho ou o aspecto do Cristo
3. O aspecto amor, ou aspecto sabedoria
4. Budi ou amor espiritual, o segundo aspecto da alma
5. O corpo emocional, o segundo aspecto da personalidade, e
6. O centro cardíaco

Esta é a linha seguida pelo bhakti, o devoto e o santo e o leva a um conhecimento da alma e da santidade. A primeira linha é a que deve ser seguida por nossa raça ariana. Esta segunda foi o caminho seguido pelos atlantes.

Se os estudantes seguirem estas normas com cuidado, obterão muita luz. A necessidade de uma vontade enérgica e forte se tornará aparente se se estudar o caminho da Iniciação. Somente uma vontade de ferro e uma resistência contínua, forte e inalterável levarão o aspirante ao longo deste caminho até à clara luz do dia.

22. Aqueles que empregam a vontade também diferirão entre si, pois seu uso pode ser intenso, moderado ou suave. Em relação à conquista da verdadeira consciência espiritual há ainda um outro caminho.

Seria de bom alvitre esclarecer aqui as duas maneiras pelas quais os homens podem atingir a meta - conhecimento da vida espiritual e emancipação. Há o "Caminho da Ioga", como delineado por Patânjali, no qual, pelo emprego da vontade, obtém-se a discriminação entre o eu e o não-eu e se chega ao espírito puro. Este é o caminho para a quinta raça, a ariana, para aqueles cuja função é desenvolver o quinto princípio, ou mente, tornando-se assim verdadeiros filhos da mente. É sua missão tornarem-se a estrela de cinco pontas, a estrela do homem perfeito em toda a sua glória. Seguindo-se este caminho dominam-se os cinco planos da evolução humana e super-humana, e atma (ou a vontade de Deus, o aspecto Pai) é revelado por meio de budi (ou a consciência Crística), tendo, para veículo, manas ou a mente superior.

A outra maneira é a da devoção pura. Pela intensa adoração e consagração total o aspirante chega ao conhecimento da realidade do espírito. Este é, para muitos, o caminho da menor resistência; foi o método de realização para a raça anterior à ariana. Este método ignora quase que inteiramente o quinto princípio e é a sublimação da percepção sensorial, sendo o caminho do sentimento intenso. Seguindo este método, dominam-se os quatro planos e budi (ou o Cristo) é revelado. Os estudantes devem fazer a clara diferenciação entre estes dois caminhos, lembrando-se que o ocultista branco combina os dois e, se nesta vida seguir o caminho da Raja Ioga com fervor e amor será porque, em outras vidas, começou a trilhar o caminho da devoção e achou o Cristo, o Budi interno. Nesta vida ele recapitulará sua experiência, além do intenso exercício da vontade e controle da mente, que finalmente revelará o Pai no Céu, o ponto do espírito puro.

Os comentadores deste aforismo assinalam que os que seguem o método da Raja Ioga e empregam a vontade estão divididos em três grupos principais. Estes, por sua vez, podem ser divididos em nove. Há os que usam a vontade com tal intensidade que alcançam resultados muito rapidamente, resultados estes que são, porém, obtidos com algum perigo e risco. Existe o risco de um desenvolvimento desigual, de uma negação do lado coração da natureza, e de algumas destruições que terão de ser posteriormente remediadas. Há também aqueles aspirantes cujo progresso é menos rápido e que são expoentes do caminho do meio. Eles prosseguem contínua e moderadamente e são chamados os "adeptos discriminativos", pois não permitem qualquer tipo de excesso. Seu método é o recomendado aos homens neste particular ciclo. Há ainda aquelas almas delicadas cuja vontade pode ser considerada como caracterizada por uma pertinácia imperturbável e que prosseguindo firmemente, sem se desviarem, sempre para a frente, atingem finalmente sua meta. São caracterizados por grande tenacidade. Seu progresso é lento. Eles são "as tartarugas" do Caminho, como os do primeiro grupo são os "coelhos".

Em alguns livros antigos há descrição detalhada sobre estes três grupos de aspirantes e eles podem ser retratados pelos seguintes símbolos:

1. O grupo dos intensificados, representados como bodes, e os aspirantes deste tipo são frequentemente encontrados encarnados sob o signo de Capricórnio.

2. O grupo moderado é representado por um peixe, e muitos dos nascidos sob o signo de Peixes encontram-se neste grupo.

3. Os do grupo lento ou suave são representados como caranguejos e constantemente se encontram no signo de Câncer.

Nestes três grupos há diversas sub-divisões e é interessante notar que nos arquivos dos Senhores do Carma a maior parte destes três grupos passa para o signo de Libra (ou balança) próximo ao término de seus esforços. Quando encarnados neste signo, equilibram os pares de opostos com cuidado, igualizam seu desenvolvimento unilateral, modificando o desequilíbrio de seus esforços até então e começam a "desenvolver um esforço contínuo. Com frequência passam então para o signo de Aquário e tornam-se portadores da água, tendo que carregar "em suas cabeças o vaso da água viva". Assim, a rapidez de sua ascensão ao monte da iniciação tem de ser modificada, senão "a água será derramada e o vaso estilhaçado". Como a água é destinada a saciar a sede das massas, eles devem acelerar seu progresso, pois a necessidade é grande. Assim "os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros" e o coelho e a tartaruga se encontrarão ao atingirem a meta.

23. Pela intensa devoção a Ishvara, ganha-se o conhecimento de Ishvara.

Ishvara é o filho em manifestação através do sol. Este é o aspecto macrocósmico. Ishvara é o filho de Deus, o Cristo cósmico, resplandecente no coração de cada um de nós. A palavra "coração" é usada aqui em seu sentido oculto. As seguintes correspondências podem lançar luz sobre o assunto e devem ser estudadas com cuidado.

		Aspecto	Qualidade	Centro	Macrocosmo
Espírito	Pai	Mônada	Vontade	Cabeça	Sol espiritual
Alma	Filho	Ego	Amor	Coração	Coração do sol
Corpo	Espírito Santo	Personalidade	Inteligência Ativa	Garganta	Sol físico

Ishvara é o segundo aspecto e, portanto, o real significado deste aforismo é o seguinte: através de intensa devoção e amor por Ishvara, o Cristo em manifestação, pode-se conhecer ou estabelecer contato com o Cristo ou alma. Ishvara é Deus no coração de cada filho de Deus; Ele é encontrado na caverna do coração; Ele pode ser alcançado através de puro amor e serviço devotado e, quando for alcançado, Ele será visto sentado sobre o lótus de doze pétalas do coração, segurando em Suas mãos "a joia do lótus". Assim o devoto encontra Ishvara. Quando o devoto se tornar o raja iogue, Ishvara lhe revelará o segredo da joia. Quando o Cristo for conhecido como rei no trono do coração, então Ele revelará o Pai ao Seu devoto. Mas o devoto tem que trilhar o Caminho da Raja Ioga e combinar o conhecimento intelectual, o controle mental e a disciplina, antes que a revelação possa ser verdadeiramente feita. O místico deve finalmente transformar-se no ocultista: as qualidades do coração e da cabeça devem ser desenvolvidas igualmente, pois ambas são igualmente divinas.

24. Este Ishvara é a Alma, sem limitações, livre de carma e desejo.

Temos aqui o retrato do homem espiritual, tal como ele é na realidade. Sua relação com os três mundos é mostrada. Este é o estado do mestre ou do adepto, da alma que recebeu seus direitos de nascença e que não está mais sob o controle das forças e energias da natureza inferior. Neste aforismo, e nos três que se seguem, é dado um quadro do homem liberto que passou pelo ciclo de reencarnações e que, pelas lutas e experiências, encontrou o verdadeiro eu. A natureza do anjo solar, o filho de Deus, o ego ou o eu superior, é aqui mostrada. Diz-se que Ele é:

1. Sem limitações: Ele não mais está "preso, trancado e confinado" pelo quaternário inferior. Não está mais crucificado sobre a cruz da matéria. Os quatro envoltórios inferiores - denso, etérico, emocional e mental - não mais são sua prisão. São apenas instrumentos que ele utiliza ou não, de acordo com sua vontade. Esta funciona livremente e se ele

permanecer no reino dos três mundos é por sua livre escolha e a limitação que se impôs pode terminar quando quiser. Ele é mestre nos três mundos, um filho de Deus dominando e controlando as criações inferiores.

2. Livre de carma. Pelo conhecimento da Lei ele ajustou todo seu carma, pagou todas as suas dívidas, cancelou todas as suas obrigações, resolveu tudo o que pesava contra ele e, através de sua realização subjetiva, entrou conscientemente no mundo das causas. O mundo dos efeitos foi deixado para trás, no que concerne aos três mundos. Assim, não mais (cegamente e pela ignorância) põe em ação condições que produzam efeitos malévolos. Ele trabalha sempre com a Lei e cada demonstração de energia (a palavra falada e a ação iniciada) é desencadeada com pleno conhecimento do resultado a ser obtido. Deste modo, nada do que ele faz produz resultados maus e nenhum carma é assim criado. O homem comum lida com efeitos e abre caminho cegamente entre estes efeitos. O Mestre lida com causas e os efeitos que Ele produz, pela aplicação da lei, não o limitam nem o tolhem.

3. Livre de desejos. As percepções sensoriais nos três planos não mais o atraem nem o deslumbram. Sua consciência está voltada para dentro e para cima. Não está mais voltada para baixo e para fora. Ele está no centro e a periferia não mais o atrai. O desejo de experiência, os anseios pela existência no plano físico e o desejo pelo aspecto forma em suas muitas variações nada mais significam para ele. Ele experimentou, Ele conhece, Ele sofreu e Ele foi forçado a reencarnar-Se por Seu anseio pelo não-eu. Tudo isto terminou agora e Ele é uma alma liberta.

25. Em Ishvara, O Gurudeva, o germe de todo conhecimento expande-se até o infinito.

No sentido macrocósmico Deus é o Mestre de tudo e Ele é a soma total da oniciência, sendo (como facilmente se vê), a soma total de todos os estados de consciência. Ele é a alma de todas as coisas, e a alma do átomo de matéria assim como as almas dos homens são uma parte de Sua infinita realização. A alma do ser humano é potencialmente a mesma, e assim que a consciência cessa de identificar-se com seus veículos e órgãos, o germe de todo conhecimento começa a expandir-se. No discípulo, no adepto, no Mestre ou Mahatma, no Cristo, no Buda e no Senhor do Mundo, mencionado na Bíblia como o Ancião dos Dias, este "germe de todo conhecimento" pode ser visto em diferentes estágios de desenvolvimento. A consciência de Deus é a deles, e eles passam de uma iniciação para outra. Em cada estágio o homem é um mestre mas, sempre além do ponto alcançado distingue-se uma outra possível expansão e o processo é sempre o mesmo. Este processo pode ser resumido nas seguintes afirmações:

1. Um impulso ou determinação de alcançar o novo conhecimento.

2. A manutenção da consciência já desenvolvida e sua utilização e, a partir do ponto atingido, a evolução para uma outra realização.

3. A superação das dificuldades devidas às limitações dos veículos de consciência e ao carma.

4. As provas ocultistas a que é submetido o aluno, quando se mostra em condições.

5.O triunfo do aluno.

6.O reconhecimento de seu triunfo e realização, pelos guias da raça, a Hierarquia planetária.

7. A visão do que jaz à frente.

E assim prossegue o desenvolvimento e em cada ciclo de esforço o filho de Deus em evolução toma posse dos direitos que lhe pertencem por nascença e toma a posição de um conhecedor, “Alguém que ouviu a tradição, experimentou a dissolução do que até então havia sido mantido, viu aquilo que estava oculto aos que se aferram à tradição,substituiu aquilo que acabou de ver, doou as possessões que adquiriu àqueles que lhe estendiam mãos vazias e passou para as câmaras interiores do aprendizado".

Seria bom que os estudantes, ao estudar estes poucos aforismos relativos a Ishvara, tivessem em mente que eles se referem ao filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, ao Se manifestar por meio do Sistema Solar, a alma macrocósmica. A significação secundária também diz respeito ao divino filho de Deus, o segundo aspecto monádico, ao Se manifestar por meio de um ser humano. Esta é a alma microcósmica. Os seguintes sinônimos do aspecto lshvara podem ser úteis:

O MACROCOSMO

Ishvara, o segundo aspecto	- Cuja natureza é amor
O Filho de Deus	- 0 revelador do Pai
O Cristo cósmico	- Deus em encarnação
Vishnu	- Segunda pessoa da Trimurti Hindu.
A alma de todas as coisas	- Átomos e almas são termos sinônimos.
O Ser Total	- A soma total de todos os seres.
Eu sou Aquele	- Consciência grupal.
AUM	- A palavra de Revelação.
A Palavra	- Deus na Carne.
O Gurudeva	- 0 Mestre de tudo.
A luz do mundo	- Brilhando na treva.

O MICROCOSMO

O segundo aspecto	- Amor sabedoria
O filho do Pai	- 0 revelador da Mônada
O Cristo	- 0 Cristo em vós, esperança é de glória.
A Alma	- Consciência
O Eu superior	- 0 Senhor dos corpos.
O Ego	- A Identidade que se está conscientizando.
A Palavra	- Deus encarnado.
AUM	- A Palavra de revelação.
O Mestre	- 0 eu no trono.
O Augoeides radiante	- A luz interior.
O Homem espiritual.	- Utilizando o homem inferior.

26. Ishvara (o Gurudeva), não sendo limitado por condições temporais, é o instrutor dos primitivos Senhores.

Desde que as condições de tempo e espaço existem, houve aqueles que alcançaram a oniciência, aqueles cujo germe de conhecimento foi submetido à apropriada cultura e assim se desenvolveu até florescer na plena glória da alma libertada. Esta condição se tornou possível através de certos fatores que são:

1. A identidade de cada alma individual com a Superalma.
2. A força de atração da Superalma, ao atrair as almas separadas de todas as coisas, gradualmente de volta para Si própria. Esta é a própria força de evolução, o grande agente atrativo que lembra os pontos da Vida divina que se afastam, as unidades de consciência, de volta à sua fonte. Ela envolve a resposta da alma individual à força da alma cósmica.
3. O treinamento intensivo dado pela Hierarquia oculta para se obter o clímax, no qual as almas recebem um estímulo e vitalização que as capacitam para fazer mais rápido progresso.

O estudante de ocultismo deve lembrar-se que este processo vem sendo realizado nas rondas e ciclos que precederam o nosso planeta Terra. Os Senhores Primitivos ou Sábios, são aqueles grandes Adeptos que - tendo "provado a experiência" segundo a Lei do Renascimento, foram iniciados nos mistérios pelo Iniciador Único, o representante, em nosso planeta, da Superalma. Eles, por sua vez, tornaram-se instrutores e iniciadores nos mistérios.

O Mestre Único é encontrado no íntimo; é a alma, o regente interno, o pensador em seu próprio plano. Este Mestre Único é uma parte corporificada do Todo, da Alma-Total. Cada expansão de consciência que um homem experimenta coloca-o em condições de ser um Mestre para aqueles que ainda não alcançaram uma expansão de consciência similar. Portanto, conquistando-se a mestria - nada há a ser encontrado (falando em termos do reino humano) a não ser Mestres que são também discípulos. Todos são alunos e todos são professores, diferindo apenas no grau de realização. Por exemplo:

a. Aspirantes ao Caminho são discípulos de discípulos menores
b. Probacionários no Caminho são discípulos mais elevados
c. Discípulos aceitos são os discípulos de um adepto e de um Mestre
d. Um adepto é o discípulo de um Mestre
e. Um Mestre é o discípulo de um Mahatma
f. Os Mahatmas são discípulos de iniciados ainda mais elevados
g. Estes, por sua vez, são discípulos do Cristo ou de quem estiver à testa do departamento de ensino
h. O chefe do departamento de ensino é um discípulo do Senhor do Mundo
i. O Senhor do Mundo é o discípulo de um dos três espíritos planetários que representam os aspectos superiores
j. Estes, por sua vez, são discípulos do Logos solar

Torna-se então evidente, ao estudante cuidadoso, quão interdependentes são todos e como a conquista de um, afetará profundamente todo o corpo. O discipulado pode ser encarado como um termo genérico abrangendo todos os estados ou condições da existência nos quarto e quinto reinos (humano e espiritual) onde certas expansões de

consciência são obtidas através de adestramento específico.

27. A palavra de Ishvara é AUM (ou OM). Este é o Pranava.

Os estudantes devem-se lembrar que há três Palavras básicas, ou sons, em manifestação. Este é o caso no que diz respeito ao reino humano. São eles:

I. **A Palavra, ou Nota da Natureza**. Esta é a Palavra ou o som de todas as formas existentes na substância do plano físico e, como é geralmente sabido, é emitido na nota fundamental "FA". É uma nota com a qual o ocultista branco nada tem a ver, pois seu trabalho não está relacionado com o aumento da tangibilidade, mas sim, com a demonstração do subjetivo ou intangível. Esta é a Palavra do terceiro aspecto, o aspecto Brahma ou Espírito Santo.

II. **A Palavra Sagrada**. Esta é a Palavra de Glória, o AUM. Este é o Pranava, o som da própria Vida consciente como é emitido em todas as formas. É a Palavra do segundo aspecto, e do mesmo modo como a Palavra da Natureza, ao ser emitida corretamente, produz as formas destinadas a revelar a alma ou segundo aspecto, assim também o Pranava, quando emitido corretamente,demonstra o Pai ou Espírito, por meio da alma. É a Palavra dos filhos de Deus encarnados. Num comentário tão curto como este não é possível escrever um tratado sobre este segredo dos segredos, e este grande mistério das idades. Tudo o que se pode fazer é relacionar certos fatos sobre o AUM e deixar ao estudante a expansão do conceito e a apreensão do significado das breves afirmativas feitas, de acordo com o seu grau de intuição.

III. **A Palavra Perdida**. A ideia desta Palavra Perdida foi preservada para nós na Maçonaria. É a Palavra do primeiro aspecto, o aspecto espírito, e somente o iniciado do terceiro grau pode realmente começar a busca desta palavra, pois só a alma liberta pode encontrá-la. Esta palavra diz respeito às mais altas iniciações e de nada adianta para nós tecermos mais comentários sobre ela.

Pode-se então fazer as seguintes afirmações sobre a palavra sagrada, que devem ser cuidadosamente estudadas:

1. O AUM é a Palavra de glória, e é o Cristo em nós, a esperança de glória.

2. A Palavra, quando corretamente apreendida, faz com que o segundo aspecto, ou o aspecto Cristo da divindade, brilhe resplandecentemente.

3. É o som que traz à manifestação a alma encarnada (macrocósmica ou microcósmica), o ego, o Cristo, e faz com que o "radiante Augoeides" seja visto na terra.

4. É a Palavra que liberta a consciência e que quando corretamente entendida e empregada, livra a alma das limitações da forma nos três mundos.

5. O AUM é o sintetizador dos três aspectos e por isso é, primariamente, a Palavra do reino humano no qual as três linhas da via divina se encontram - espírito, alma e corpo.

6. É também a Palavra da quinta raça ariana, num sentido especial. O trabalho dessa raça é revelar, de um modo mais novo e mais completo, a natureza da Identidade intenor, da alma no Interior da forma o filho da mente, o anjo solar, o quinto princípio.

7. O significado da Palavra só se torna aparente depois que a "luz interna é conscientizada". Pelo seu emprego, "a centelha" se transforma em uma luz resplandecente, a luz se torna uma chama e esta finalmente se torna um sol. Pelo seu emprego, nasce na

vida de cada homem o "sol da retidão".

8. Cada uma das três letras tem relação com os três aspectos e cada uma delas pode ser aplicada a qualquer uma das triplicidades conhecidas.

9. O Mestre, o Deus interno, é na realidade a Palavra, o AUM, e deste Mestre (encontrado no coração de todos os seres) é verdade que "no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus (daí a dualidade) e a Palavra era Deus". Pelo seu emprego o homem chega à conscientização:

a. de sua própria divindade essencial

b. do propósito do processo de se tomar forma

c. da constituição e a natureza dessas formas

d. da realidade da consciência, ou a relação do eu divino, ou espírito, com a forma, seu polo oposto

A esta relação, durante seu processo evolutivo, chamamos consciência, e a característica essencial desta consciência é amor.

10. O Guru ou Mestre, que leva um aluno até a porta da iniciação e que vela por ele durante todas as provas e processos, iniciais e subsequentes, também representa a Palavra e, pelo emprego científico deste grande som, Ele provoca um certo estímulo e vitalização nos centros do discípulo, tornando assim possíveis certos desenvolvimentos.

Não é aconselhável dar aqui nada mais sobre a Palavra Sagrada. Já foi dito o bastante para indicar ao aspirante sua potência e seu propósito. Deverá haver maiores informações a serem transmitidas ao estudante, de outras maneiras e em outras ocasiões, quando este - pelo estudo e pelo esforço autoiniciado - chegar a conclusões corretas. Pode-se acrescentar que esta grande palavra, quando se medita sobre Ela, dá indicações sobre o verdadeiro significado esotérico das palavras de H.P. Blavatsky na Doutrina Secreta:

"Encaramos a vida como a Forma Una de Existência, manifestando-se no que chamamos Matéria; ou aquilo que, incorretamente separando-os, chamamos Espírito, Alma e Matéria no homem. A matéria é o veículo para a manifestação da Alma neste plano de existência, e a Alma é o veículo num plano superior para a manifestação do Espírito, e estes três são uma Trindade sintetizada pela Vida, que permeia todos eles".

28. Pela emissão da palavra e pela reflexão sobre seu significado encontra-se o Caminho.

Esta é uma interpretação muito geral, mas apesar disto transmite a significação correta dos termos empregados no sânscrito. Apenas Vivekananda, entre os muitos tradutores, dá esta interpretação, colocando-a da seguinte maneira:

“a repetição do OM e a meditação sobre sua significação (é o Caminho)". Os outros tradutores omitem as três palavras finais, embora a inferência seja clara.

A expressão "a emissão da Palavra" não deve ser interpretada muito literalmente; o esotérico "emitir" é baseado num estudo da Lei de Vibração e na sintonia gradual das vibrações inferiores dos invólucros ou vestimentas da consciência de modo a sincronizá-los com a nota, ou o som, do morador consciente. Falando corretamente, a Palavra deve ser emitida pela alma, ou ego, em seu próprio plano, e a vibração afetará subsequentemente os vários corpos ou veículos que abrigam aquela alma. O processo é, pois, mental, e só

pode ser realmente praticado por aqueles que - através da meditação e da disciplina, associadas ao serviço - efetuaram uma consciente unificação com a alma. Os aspirantes a esta condição têm que utilizar os potentes fatores da imaginação, visualização e perseverança na meditação para alcançar este estágio inicial. Deve-se notar que este estágio tem que ser alcançado, mesmo que somente num grau relativamente pequeno, antes que o aspirante possa tornar-se um discípulo aceito.

O processo de emissão da Palavra é duplo, como enfatizado aqui.

Há, antes de tudo, o ato do ego, anjo solar, eu superior ou alma, ao emitir a Palavra de seu próprio lugar, nos níveis abstratos do plano mental. Ele dirige este som, através do sutratma e das vestimentas da consciência, para o cérebro físico do homem encarnado, a sombra ou reflexo. Esta "emissão" tem que ser constantemente repetida. O Sutratma é aquele elo magnético, mencionado na Bíblia Cristã como o "cordão prateado, o fio de luz viva que liga a Mônada, o Espírito no homem, ao cérebro físico.

Em segundo lugar, há o intenso reflexo do homem, em seu cérebro físico, sobre este som, ao reconhecê-lo. Dá-se aqui uma indicação dos dois polos do ser: a alma e o homem encarnado e, entre estes dois, encontra-se o fio ao longo do qual o Pranava (ou palavra) vibra. Os estudantes da ciência esotérica têm que reconhecer a técnica dos processos indicados. No caso da emissão da Palavra temos os seguintes fatores:

1.A alma que o envia, ou emite

2.O sutratma, ou fio, ao longo do qual o som vibra, é levado, ou transmitido

3. As vestimentas da consciência, mental, emocional e etérica, que vibram em resposta à vibração, ou alento, e são assim estimuladas.

4. O cérebro que pode ser adestrado para reconhecer o som e para vibrar em uníssono com a emissão.

5. O subsequente ato do homem em meditação. Ele ouve o som (chamado às vezes "a Voz quieta e pequena" ou "a Voz do Silêncio"), reconhece-a pelo que realmente é e, em profunda reflexão, assimila os resultados da atividade de sua alma.

Posteriormente, quando o aspirante penetrou nos mistérios e aprendeu como unificar a alma e o homem de modo a que os dois funcionem como uma unidade coordenada na terra, o homem aprende a emitir a Palavra no plano físico com o propósito de despertar as forças que estão latentes nele e assim desperta os centros. Desta maneira participa cada vez mais no trabalho criativo, mágico e psíquico de manifestação, sempre com o objetivo em vista de beneficiar seus semelhantes, assim cooperando no desenvolvimento dos planos da hierarquia planetária.

29. Disto vem a entrada na consciência do Ego (a alma) e a remoção de todos os obstáculos.

Quando se conhece o Mestre Interno, sente-se cada vez mais a afirmação de seus poderes, e o aspirante submete toda a sua natureza inferior ao controle desse novo senhor.

Deve-se notar aqui que a remoção completa e final de todos os obstáculos ocorre após o lampejo da conscientização. A sequencia dos acontecimentos é a seguinte:

1.Aspiração após o conhecimento da alma

2.Conscientização dos obstáculos, ou uma compreensão das coisas que impedem o

conhecimento verdadeiro

3. Compreensão intelectual quanto à natureza destes obstáculos

4.Determinação de eliminá-los

5.Uma visão, ou lampejo repentino da Realidade da alma

6.Nova aspiração e uma forte determinação em transformar esta visão passageira em realidade permanente na experiência do plano inferior

7. A batalha de Kurukshetra, com Krishna, a alma, encorajando Arjuna, o aspirante, a desenvolver um esforço uniforme e contínuo. Encontra-se o mesmo pensamento no Velho Testamento, no caso de Joshua ante as muralhas de Jericó.

Pode ser conveniente concluir aqui este comentário com os aforismos 31, 32, 33 e 34, do livro IV:

31. Quando, pela remoção dos obstáculos e pela purificação de todos os envoltórios, a totalidade do conhecimento se toma acessível, nada mais resta para o homem fazer.

32. As modificações da substância mental (ou qualidades da matéria) pela natureza inerente das três gunas terminam, pois serviram a seu propósito.

33. O tempo, que é a sequencia das modificações da mente, da mesma forma termina, dando lugar ao Eterno Agora.

34. O estado de Unidade isolada torna-se possível quando as três qualidades da matéria (as três gunas ou potências da Natureza. - A.B.) não mais têm influência sobre o Eu. A Consciência Espiritual pura se recolhe para o Uno.

30. Os obstáculos à cognição da alma são os defeitos físicos, a inércia mental, as perguntas errôneas, a falta de cuidado, a preguiça, a falta de serenidade, a percepção errônea, a incapacidade de conseguir a concentração e de manter a atitude meditativa, uma vez conquistada.

Obstáculo I. Defeitos físicos.

É interessante notar que o primeiro obstáculo tenha relação com o corpo físico. Os aspirantes fariam bem em lembrar-se disto e devem ajustar o veículo físico às exigências que posteriormente serão feitas a ele. Estes ajustes são grandes e enquadram-se em quatro grupos:

1. Tornar o corpo imune aos ataques de doenças e indisposições. Isto é, em si mesmo, um processo tríplice que envolve:

a.A erradicação das moléstias atuais

b.O refinamento e a purificação do corpo de modo a finalmente reconstruí-lo

C.A proteção do corpo contra ataques futuros e sua utilização como um veículo para a alma

2.O fortalecimento e o refinamento do corpo etérico de modo a que possa ser finalmente sintonizado para que o trabalho de direcionamento das forças se possa realizar com segurança. O discípulo tem que passar por seu corpo as forças que utiliza em seu trabalho.

3. O desabrochar e o despertar dos centros no corpo etérico, a centralização dos fogos do corpo e sua correta progressão subindo pela espinha dorsal para se unir com o fogo da

alma.

4. A coordenação do corpo físico em suas duas divisões e seu subsequente alinhamento com a alma pelo sutratma, ou fio, que é a ligação magnética.

Só é possível realizar com segurança o terceiro ajustamento após os três meios da ioga terem sido empregados e desenvolvidos. Estes são:

1. Os cinco mandamentos, (Ver Livro II Sutras 28 e 29)
2. As cinco regras, (Ver Livro II. Sutras 32 a 46)
3. Postura correta (Ver Livro II. Sutras 46 a 48)

Este é um ponto muitas vezes esquecido pelos aspirantes à ioga, e daí os desastres e problemas tão comumente vistos entre aqueles que prematuramente se ocuparam com o despertar dos centros e com o ativar do fogo serpentino. Somente quando toda a relação do aspirante com a economia social (como tratado nos mandamentos), somente quando o trabalho de purificar e ajustar a tríplice natureza inferior foi realizado (como delineado nas regras) e somente quando uma equilibrada e controlada condição da natureza emocional foi obtida e se conseguiu também a posição correta, pode o aspirante à Raja Ioga prosseguir com segurança no trabalho ocultista e mais esotérico relacionado com os fogos de seu pequeno sistema. Não é possível enfatizar demais este ponto. Somente num estágio muito avançado do discipulado poderá o homem, com segurança, lidar conscientemente com os fogos vitais e dirigir sua correta progressão espinha acima. Há ainda muito poucos que "observaram a lei e os mandamentos."

Obstáculo II. Inércia mental.

O próximo grande obstáculo básico (pois estes obstáculos são relacionados de acordo com seu poder relativo sobre o homem comum) é a incapacidade de pensar claramente sobre o problema de como atingir a meta. A menos que um pensamento preciso preceda a ação, ter-se-á um impulso insuficiente, associado à falha de não se apreciar corretamente a magnitude do problema. A inércia mental é devida à condição letárgica da "vestimenta da consciência" que chamamos de corpo mental e ao baixo ritmo vibratório encontrado na maioria das pessoas. Esta é a razão por que a Raja Ioga provoca uma atração maior dos tipos mentais que de puros devotos, e explica o fato dos de corpo mental bem equipado e ativamente empregado poderem ser mais rapidamente adestrados nesta sagrada ciência. Para a maioria das pessoas, o despertar do corpo mental, o desenvolvimento de um interesse intelectual e a substituição do controle pelas emoções pelo controle da mente, tem que preceder qualquer conscientização posterior da necessidade da cultura da alma. O equipamento do pensamento tem que ser contatado e usado antes que a natureza do pensador possa ser inteligentemente apreciada.

Quando isto é compreendido, a contribuição das grandes escolas de pensamento que chamamos Ciência Mental, Ciência Cristã, Novo Pensamento e outros grupos que dão ênfase aos estados mentais para o desenvolvimento humano, será mais corretamente apreciada. Somente agora a família humana está se tornando consciente da "vestimenta da consciência", a que chamamos de corpo mental.

A maioria dos homens ainda tem que construir esta vestimenta a que os estudantes ocultistas chamam de corpo mental. Dentre aqueles que o estão construindo, serão

escolhidos os verdadeiros raja iogues.

Obstáculo III. perguntas errôneas.

Este é o estágio seguinte e depende também de um certo grau de desenvolvimento mental. Alguns tradutores chamam a isto de "dúvida". Este questionar errôneo é o que se baseia na percepção inferior e na identificação do homem real com este instrumento ilusório, seu corpo mental. Isto o leva a questionar as verdades eternas, a duvidar da existência das realidades fundamentais e a procurar a solução de seus problemas no que é efêmero e transitório e nas coisas dos sentidos.

Há perguntas certas e adequadas. É aquele "fazer perguntas" ao qual se referiu o Cristo em Suas palavras: "Pede e receberás". Esta faculdade de perguntar é deliberadamente cultivada por todos os verdadeiros Mestres no Oriente, em seus discípulos. Estes aprendem a formular perguntas sobre as realidades internas e, a seguir, a encontrar as respostas por si próprios, por meio de uma procura naquela fonte de todo conhecimento, latente no coração de todos os seres. Para perguntar inteligentemente e achar a resposta, eles devem em primeiro lugar libertar-se de toda autoridade exterior imposta e de toda tradição, bem assim, da imposição de todo dogma teológico, quer religioso ou científico. Somente assim pode-se achar a realidade e ver a verdade.

> "Quando a tua Alma ultrapassar a floresta de ilusões, não mais te preocuparás com o que será ou com o que foi ensinado. Quando afastada do ensinamento tradicional, tua Alma ficará estável, firme na visão da alma, e então ganharás a união com a Alma". Gita II. 51.52.

Obstáculo IV. Falta de cuidado.

A atitude da mente aqui abordada tem sido traduzida por alguns como "superficialidade da mente". É na realidade aquela versátil atitude mental que torna tão difícil alcançar a atenção e a concentração unidirecionadas. É, literalmente, a tendência para fabricar formas-de-pensamento da matéria mental que também foi descrita como a "tendência mental de saltar de um objeto para outro". Ver Livro III, Aforismo 11.

Obstáculo V. Preguiça.

Todos os comentadores concordam com esta tradução, empregando os termos indolência, langor ou preguiça. Isto se refere não tanto à inércia mental (pois pode acompanhar uma aguda percepção mental) como à indolência do homem inferior como um todo, que o impede de se elevar à altura do reconhecimento intelectual e à aspiração interior. Já foi dito ao aspirante o que ele tem a fazer, "os meios da ioga" lhe foram tornados claros. Ele vislumbrou o ideal e tem consciência de todos os obstáculos; teoricamente conhece que medidas deve tomar mas não há correspondência entre sua atividade e seu conhecimento. Há um espaço vazio entre sua aspiração e sua realização.

Embora ele deseje realizar e conhecer, o preenchimento das condições é um trabalho por demais árduo. Sua vontade ainda não é forte bastante para empurrá-lo para a frente. Ele permite que o tempo se escoe e nada faz.

Obstáculo VI. Falta de calma

Isto foi bem traduzido por alguns como "apego a objetos".

Este é o desejo por coisas materiais e sensoriais. É o amor pelas percepções dos sentidos e a atração por tudo aquilo que leva o homem, vez após vez, de volta às condições de existência no plano físico. O discípulo tem que cultivar o "calma", ou seja, a atitude de nunca se identificar com formas de qualquer espécie, mas sim de desapego e superioridade, livre das limitações impostas pelas coisas que possui. Isto é tratado em diversos locais nos vários aforismos e não é necessário ser tratado aqui com maiores detalhes.

Obstáculo VII. Percepção Errônea.

Esta inabilidade em perceber corretamente as coisas e em visualizá-las como realmente são, é o natural resultado dos seis obstáculos anteriores. Enquanto o pensador se identificar com a forma, enquanto as vidas menores das vestimentas inferiores da consciência puderem mantê-lo escravizado, e enquanto ele se recusar a se separar do aspecto material, sua percepção permanecerá errada. A visão é de diferentes tipos, que podem ser enumerados como se segue:

1. **Visão física**. Revela a natureza do plano físico e é obtida por meio dos olhos, fotografando, através da lente do olho, o aspecto da forma tangível, sobre o maravilhoso filme que todo homem possui. É circunscrita e limitada.

2. **Visão etérica**. Esta é uma faculdade do olho humano que está em rápido desenvolvimento e que finalmente revelará a aura de saúde de todas as formas nos quatro reinos da natureza, o que trará o reconhecimento das emanações prânicas de todos os centros vivos e tornará manifesta a condição destes centros.

3. **Clarividência**. Esta é a faculdade da visão sobre o plano astral e é um dos "siddhis" inferiores, ou poderes psíquicos. É conseguida através de uma sensibilidade da superfície de todo “o corpo da sensibilidade", o invólucro emocional, e é uma percepção sensorial levada a um grau muito avançado. É enganadora e, em oposição à sua correspondente superior, que é a espiritual, é a própria apoteose de maya ou ilusão.

4. **Visão simbólica**. Esta é uma faculdade do corpo mental e o fator que produz a visão de cores e de símbolos geométricos, a visão na quarta dimensão e aqueles sonhos e visões que são resultantes da atividade mental, não da visão astral. Frequentemente, estas visões têm uma qualidade de previsão.

Estes quatro tipos de visão são a causa da percepção errônea e produzirão apenas ilusão e erro, até que as formas superiores de visão, a seguir enumeradas, as substituam. Estas formas superiores de visão incluem as outras.

5. **Visão pura**. Patânjali refere-se a ela nos seguintes termos: "0 vidente é Conhecimento puro (gnosis). Apesar de puro, ele olha para a ideia apresentada por meio da

mente" (Livro II, Aforismo 20).

As palavras "conhecimento puro" foram traduzidas como "visão pura". Esta visão é a faculdade da alma que é conhecimento puro, e se manifesta quando a alma emprega a mente como seu instrumento de visão. Charles Johnston traduz este mesmo Aforismo do seguinte modo: "0 vidente é visão pura... Ele olha para fora através da vestimenta da mente".

São esta clara apreensão do conhecimento e uma perfeita compreensão das coisas da alma que caracterizam o homem que - pela concentração e pela meditação - alcançou o controle mental. A mente se torna então a janela da alma, e por ela o homem espiritual pode apreciar um novo e mais elevado reino de conhecimento. Simultaneamente com o desenvolvimento deste tipo de visão, a glândula pineal se torna ativa e o terceiro olho (em matéria etérica) desenvolve-se com uma atividade paralela.

6. **Visão espiritual ou percepção verdadeira**. Este tipo de visão abre o mundo do plano intuicional ou búdico, e leva seu possuidor até além dos níveis abstratos do plano mental. As coisas do espírito puro e os propósitos básicos que estão por trás de toda manifestação são assim conscientizados, exatamente como a visão pura permitiu a seu possuidor contatar os recursos (ou a fonte) de sabedoria pura. Com o desenvolvimento desta visão, o centro alta principal se torna ativo e o lótus de mil pétalas se abre.

7. **Visão cósmica**. Esta é de natureza inconcebível para o homem e caracteriza a conscientização daquelas Existências que se manifestam através de um esquema planetário num sistema solar, do mesmo modo como o homem se manifesta através de seus corpos.

Pelo estudo destes tipos de percepção o estudante chegará a uma correta apreciação do trabalho que tem a fazer. Ele é assim ajudado a se situar no lugar onde atualmente está e, em consequência, a preparar-se inteligentemente para o próximo passo à frente.

Obstáculo VIII. Incapacidade de conseguir a concentração.

Estes dois últimos obstáculos indicam o caminho pelo qual "as coisas antigas podem ser abandonadas" e pelo qual o novo homem recebe a sua herança. O método do discípulo não deve só incluir a autodisciplina ou a subjugação das vestimentas ou envoltórios, nem deve somente incluir o serviço ou a identificação com a consciência grupal, mas deve incluir também os dois estágios de concentração, focalização ou controle da mente, e a meditação, o processo seguro de analisar o que a alma contatou e conhece. Estes dois serão considerados posteriormente e não mais se tratará deles agora.

Obstáculo IX. Incapacidade de manter a atitude meditativa.

Ficará evidente, portanto, que os seis primeiros obstáculos tratam de condições errôneas e os três últimos, com as consequências destas condições. Contêm uma indicação quanto ao método pelo qual se pode conseguir a libertação destes estados errôneos de consciência.

O próximo aforismo é muito interessante pois trata dos efeitos produzidos em cada um dos quatro corpos da natureza inferior, no caso do homem que ainda não venceu estes

obstáculos.

31. A dor, o desespero, a atividade corporal mal aplicada e a direção errada (ou controle) das correntes da vida são os resultados dos obstáculos na natureza psíquica inferior.

Cada um destes quatro resultados exprime a condição do homem inferior; eles tratam dos efeitos da centralização ou identificação errada.

1. **Dor** é o efeito produzido quando o corpo emocional ou astral está erroneamente polarizado. A dor é a resultante da incapacidade de se equilibrar corretamente os pares de opostos. Indica uma falta de equilíbrio.

2. **Desespero** é o resultado do remorso, provocado no corpo mental e é, ele próprio, uma característica do que se pode chamar "natureza mental não regenerada." O aspirante tem uma percepção do que poderia ser, embora ainda não tenha vencido os obstáculos; ele tem consciência ininterrupta da falha e isto provoca nele uma condição de remorso, de desgosto, desespero e desânimo.

3. **Atividade corporal mal aplicada**. A condição interna se traduz no plano físico como uma intensa atividade, uma procura violenta de uma solução ou de um consolo, um constante correr de cá para lá, à procura de paz. No momento é a característica principal de nossa raça mental ariana e a causa da agressiva intensidade nos empreendimentos em todos os ramos da vida. Os processos educacionais (por acelerarem o corpo mental) foram em grande parte os fatores que contribuíram para isso. A grande contribuição da educação (nas escolas, colégios, universidades e em outras atividades correlatas) tem sido estimular os corpos mentais dos homens. É tudo parte do grande plano, trabalhando sempre para o objetivo único - o desabrochar da alma.

4. **Direções erradas das correntes da vida**. Este é o efeito produzido no corpo etérico pela turbulência interior. Estas correntes da vida (para o estudante de ocultismo) são em número de duas:

a. O sopro da vida ou prana
b. A força da vida ou os fogos do corpo.

O mau uso do sopro da vida, ou o emprego errado do prana, é a causa de oitenta por cento das atuais doenças físicas. Os outros vinte por cento são provocados pela direção errônea da força vital através dos centros e atingem principalmente os vinte por cento da humanidade que podem ser chamados de mentalmente polarizados. A indicação para o estudante de ocultismo que aspira à libertação não será encontrada, todavia, em exercícios respiratórios nem em qualquer trabalho com os sete centros no corpo. Será encontrada numa intensa concentração interior, em um modo de viver rítmico e na cuidadosa organização da vida. À medida que assim procede, por um lado obterá a coordenação dos corpos sutis com o corpo físico e, por outro, dos corpos sutis com a alma, o que resultará no automático ajustamento das energias prânicas e vitais.

32. Para vencer estes obstáculos e o que deles decorre, a intensa aplicação da vontade sobre alguma verdade (ou princípio) é necessária.

Seria conveniente que aqui, o aspirante à ioga anotasse que há sete caminhos pelos quais se pode obter a paz, e assim atingir a meta. Estes sete caminhos são os que trataremos a seguir e cada um tem uma correlação definida com os sete obstáculos anteriormente considerados.

Obstáculo	Solução
1. Defeitos físicos	Viver sadio e puro (1.33)
2. Inércia mental	Controle da força vital (1.34)
3. Perguntas errôneas	Pensamento concentrado (1.35)
4. Falta de cuidado	Meditação (1.36)
5. Preguiça	Autodisciplina (1.37)
6. Falta de calma	Análise correta (1.38)
7. Percepção errônea	Iluminação (1.39)

Estas correções das condições erradas são de profunda importância nos estágios iniciais da ioga e daí a ênfase que lhes é dada no Livro I.

Mas uma compreensão teórica dos obstáculos e de como sobrepujá-los de pouco valerá enquanto não for empregada intensamente a vontade. Apenas o contínuo, constante e duradouro esforço da vontade, funcionando através da mente, poderá tirar o aspirante das trevas, levando-o à luz e conduzindo-o da condição de mortal à imortalidade.

Uma vez o princípio compreendido, poderá então o discípulo trabalhar inteligentemente e daí a necessidade de uma correta compreensão dos princípios ou qualidades pelos quais a verdade em relação à realidade ou a Deus, pode ser conhecida.

Todas as formas existem para expressar a verdade. Pela contínua aplicação da vontade de Deus ao Todo, é a verdade revelada por meio da matéria. Quando o discípulo se conscientiza de qual princípio suas várias formas, invólucro ou corpos devem expressar, saberá então como dirigir sua vontade com exatidão, de modo a produzir as desejadas condições. Os invólucro e veículos são apenas seus corpos de manifestação nos vários planos do sistema, e estes invólucro devem expressar o princípio que é a característica ou qualidade inerente a cada plano. Os sete princípios que dizem respeito ao homem são, por exemplo:

1.	Energia vital	Corpo etérico	Plano físico
2. Prana			
3. Kama	Desejo, sentimento	Corpo astral	Plano astral
4. Manas inferior	Mente concreta	Corpo mental	Plano mental
5. Manas superior	Mente abstrata	Corpo egóico	Plano mental
6. Budi	Intuição	Corpo búdico	Plano búdico
7. Atma	Vontade espiritual	Corpo átmico	Plano átmico

E aquele que corresponde ao "princípio imutável e sem limites" no macrocosmos, a Mônada (em seu próprio plano), constitui o sétimo princípio. Há outras maneiras de enumerar estes princípios, pois Subba Row de certo modo está certo quando diz que há apenas cinco princípios. Os dois mais elevados, atma e a vida monádica, não são, de modo

algum, princípios.

Pela utilização consciente da vontade em cada plano, o veículo é constantemente dirigido para a expressão cada vez mais precisa da verdade una. Esta é a verdadeira significação do aforismo em consideração e a razão por que os adeptos ainda estão estudando este tratado sobre ioga. A compreensão, por eles, da verdade em seu todo, ainda não é completa em todos os planos e as regras básicas são aplicáveis em toda extensão, embora sejam diferentemente aplicadas. Os princípios são aplicáveis a todas as diferenciações e a todos os estados de ser.

À medida que o homem estuda as esferas em que sua consciência está atuando, à medida que obtém uma compreensão dos veículos que deve usar numa esfera específica, à medida que despertar para um conhecimento de qual a qualidade divina específica que o corpo deve expressar como parte ou aspecto da realidade ou verdade una, ele se torna consciente das falhas existentes, dos obstáculos que bloqueiam e das dificuldades que devem ser sobrepujadas. Vem então a aplicação da vontade e sua concentração sobre o princípio ou qualidade que busca expressão. Deste modo a manifestação inferior é alinhada com a superior pois "como o homem pensa, assim ele é".

33. A paz de chitta (ou substância mental) pode ser alcançada através da prática da compreensão, ternura, firmeza de propósito e de uma atitude desapaixonada em relação ao prazer ou à dor ou a todas as formas do bem e do mal.

Neste aforismo lidamos com o corpo físico, que sofre experiências no plano físico e que emprega a consciência do cérebro. A tendência deste corpo é para todas as demais formas objetivas, e poderá (em seu estado não regenerado) gravitar facilmente na direção dos objetos materiais. A natureza destes objetos dependerá do ponto de evolução do ego que está em busca de experiências. Isto deve ser cuidadosamente lembrado ao se estudar este aforismo, pois senão a cláusula final será mal compreendida. Deve-se ter sempre uma ação discriminativa em relação a todas as demonstrações de forças do bem e do mal, e a lei age neste sentido, mas a emancipação de todas as formas físicas que esta energia pode tomar é finalmente obtida quando se pratica o desapego em relação a estas formas objetivas. É conveniente notar-se que a compreensão a que nos referimos diz respeito às nossas relações para com todos os outros peregrinos, ou para com o quarto reino da natureza; a ternura abrange nossas relações com o reino animal ou terceiro reino; a firmeza de propósito diz respeito às nossas relações com a Hierarquia do planeta, e o desapego, à nossa atitude para com as ações do eu pessoal inferior. A abrangência deste aforismo é, portanto, evidente, e diz respeito a todas as vibrações cerebrais do discípulo.

O corpo físico é consequentemente encarado como um veículo para a expressão de:

a. Auxílio aos nossos semelhantes

b. Ternura ao lidar com o reino animal

c. Serviço no plano físico em cooperação com a Hierarquia

d. Disciplina dos apetites físicos e desapego em relação a todas as formas que atraem nossos apetites e sentidos, quer possam causar danos ou não. Todas devem ser igualmente transcendidas

Assim se obtém a paz, paz da chitta ou substância mental, paz das ações cerebrais e,

finalmente, completa calma e quietude. A ideia foi bem expressa por Charles Johnston nas palavras com que traduziu este aforismo, "A natureza psíquica se desloca para uma graciosa paz", e o homem exprime, na globalidade, uma saúde espiritual, uma natureza equilibrada e uma completa sanidade de pensamento e ação. Toda a incapacidade física é deste modo conquistada e o bem estar físico expressa a natureza da manifestação.

34. A paz de Chitta também pode ser obtida pela regulação do prana ou do alento vital.

Os estudantes farão bem em notar que Patânjali inclui o Pranayama (ou a ciência da respiração ou da energia prânica) entre outros métodos de se chegar à "paz de chitta". No entanto, não dá ênfase especial ao mesmo. Como foi anteriormente assinalado, o paranayama é um termo que pode ser empregado para abranger três processos, todos interligados e relacionados.

1) **A ciência do viver rítmico**, ou a regulação dos atos da vida diária pela organização do tempo e pela sábia utilização do espaço. Deste modo o homem se torna um adepto, um criador no plano físico e um cooperador nos planos da hierarquia, ao se exteriorizarem em evolução cíclica.

2) **A ciência da respiração**, ou a vitalização do homem inferior pela inspiração e pela expiração. O homem sabe que ocultamente é "uma alma vivente" e emprega o fator da respiração. Através deste, ele se torna consciente da unidade da vida e da relação existente entre todas as formas onde a vida de Deus é encontrada. Ele se torna um irmão e um adepto e sabe que a fraternidade é um fato da natureza e não uma sublime teoria.

3) **A ciência dos centros**, ou laya ioga; esta é a aplicação da lei às forças da natureza e a científica utilização dessas forças pelo homem. Envolve a passagem de certos septenatos de energia através dos centros ao longo da coluna vertebral até a cabeça, numa certa e específica progressão geométrica. Isto torna o homem um mestre psíquico e desabrocha nele certos poderes latentes que - quando desenvolvidos - o colocam em contato com a alma de todas as coisas e com o lado subjetivo da natureza.

É significativo registrar que este modo de se chegar à paz se segue ao viver de modo salutar e ao seu consequente resultado - um corpo físico são. Posteriormente, quando Patânjali novamente se refere ao controle da respiração e das correntes de energia, ele o situa como o quarto meio da ioga e afirma que apenas quando a atitude correta for conquistada (o terceiro Meio) como resultado da observação dos Mandamentos e das Regras (Meios um e dois) pode-se tentar esse controle. Os estudantes farão bem em estudar estes meios e verificar como o interesse pelos centros só é permissível depois que o homem haja de tal modo purificado sua natureza e equilibrado sua vida, que não possa haver mais perigo.

35. A mente pode ser adestrada até ficar firme, por meio das formas de concentração relacionadas com as percepções sensoriais.

Estamos lidando com aquelas formas de desenvolvimento e controle que resultam no que foi chamado "paz graciosa". Nós vimos que as corretas relações grupais e o viver

rítmico produzirão a condição em que se obtém o aquietamento dos veículos ou invólucros e o homem inferior pode então, adequadamente, refletir o homem superior ou espiritual. Tocamos agora em certos aspectos da filosofia da Raja Ioga e a chave para a compreensão deste aforismo é encontrada na palavra desapego. O aspirante (à medida que faz seus contatos sensoriais e que, através dos cinco sentidos, entra em contato com o mundo fenomênico) assumirá, gradualmente e cada vez mais, a posição de observador. Sua consciência transfere-se, lentamente, do reino dos veículos sensoriais para o do "morador do corpo".

É interessante registrar aqui o ensinamento hindu sobre o emprego da língua e de toda a região do nariz e do palato. O ensinamento oriental ortodoxo dá as seguintes sugestões:

Método	Sentido	Resultado
1. Concentração sobre a ponta do nariz	Olfato	Perfumes
2. Concentração sobre a raiz da língua	Audição	Sons
3. Concentração sobre a ponta da língua	Paladar	Chamas
4. Concentração sobre o meio da língua	Tato	Vibração
5. Concentração sobre a abóbada palatina	Visão	Figuras, visões

O aspirante não deve encarar literalmente estas coisas e nem procurar meditar cegamente, por exemplo, sobre a ponta da língua. A lição a ser aprendida, de acordo com a lei da analogia, é que a língua exemplifica a faculdade criativa, o terceiro aspecto em sua natureza quíntupla. A relação dos cinco sentidos (como aqui sintetizados na região da boca) com os cinco raios que formam a síntese governada pelo Mahachohan (diretor do aspecto do terceiro raio em nosso planeta), será bastante esclarecedora. Os estudantes verificarão que será de vailia descobrir a analogia entre estes cinco raios e os cinco sentidos e com a boca como órgão da fala. À medida que o estudo for levado adiante ver-se-á que dois outros órgãos físicos, a hipófise e a glândula pineal, correspondem aos dois aspectos restantes, amor sabedoria e poder organizador, vontade ou propósito. Estes sete pontos na cabeça (e são todos encontrados numa área relativamente pequena) são os símbolos, na matéria física, dos três grandes aspectos que se manifestam como os sete.

À proporção, portanto, que o aspirante assume a posição de senhor dos sentidos e de analisador de todas as suas percepções sensoriais, ele gradualmente se torna cada vez mais concentrado mentalmente, e o iogue avançado pode-se identificar a qualquer momento com qualquer uma das energias de raios, com a exclusão - quando desejado - das demais.

O estudante é aqui prevenido para não imaginar que esta "graciosa paz" possa ser conquistada através da meditação definida sobre qualquer sentido específico. Pela compreensão das leis da criação e do som, por uma apreciação da abóbada palatina da boca e do método pelo qual se torna possível o falar, um conhecimento dos processos criativos mundiais pode ser atingido e o homem pode conquistar uma compreensão das leis pelas quais as formas são criadas. Os sentidos de todos os iogues são, naturalmente, anormalmente aguçados e este fato deve ser lembrado.

36. Pela meditação sobre a Luz e sobre a Irradiação, pode-se alcançar o conhecimento do Espírito e, assim, conquistar a paz.

O estudante deve anotar que cada um dos métodos aqui delineados diz respeito a certos centros. Há sete métodos de consecução mencionados e podemos, portanto, inferir que se cogitou dos sete centros.

Método I. Aforismo 33. Centro do plexo solar.

A paz da chitta (ou substância mental) pode ser obtida através da prática da compreensão, ternura, firmeza de propósito e calma em relação à dor e ao prazer, ou em relação a todas as formas do bem e do mal.

Método II. Aforismo 34. Centro da base da coluna vertebral.

A paz da chitta é também obtida pela regulação do prana.

Método III. Aforismo 35. Centro entre as sobrancelhas.

Pode-se adestrar a mente para permanecer estável através das formas de concentração relacionadas às percepções sensoriais.

Método IV. Aforismo 36. Centro da cabeça.

Pela meditação sobre a Luz e sobre a Irradiação pode-se atingir o conhecimento do Espírito e assim conquistar a paz.

Método V. Aforismo 37. Centro Sacro.

A chitta é estabilizada e liberada da ilusão à medida que a natureza inferior é purificada e subjugada.

Método VI. Aforismo 38. Centro do laringe.

A paz (estabilidade da chitta) pode ser alcançada através da meditação sobre o conhecimento dado pelos sonhos.

Método VII. Aforismo 39. Centro do coração.

A paz também pode ser conseguida pela concentração sobre aquilo que é mais querido ao coração.

Estes métodos devem ser cuidadosamente considerados apesar de não ser possível dar aqui detalhes quanto ao procedimento. Apenas o princípio e a lei em pauta podem ser considerados pelo estudante. É necessário lembrar também que todos estes centros tem seus correspondentes na matéria etérica localizados na região da cabeça e que somente quando estes sete centros da cabeça são despertados é que se pode com segurança ativar suas contra-partes. Estes sete centros da cabeça correspondem, no microcosmos aos sete Rishis da Ursa Maior, os protótipos dos sete Homens Celestiais, e os centros acima mencionados são relacionados com a energia dos Próprios Sete Homens Celestiais.

Não é necessário alongarmo-nos mais sobre estes centros além das seguintes indicações:

1) O aspirante pode considerar cada centro simbolicamente como um lótus.

2) Este lótus é formado de unidades de energia movendo-se ou Vibrando de modo específico e estas ondas de vibração assumem a forma que chamamos de pétalas de lótus.

3) Cada lótus consiste de:

a) Um certo número de pétalas

b) Um pericarpo ou cálice de sustentação

c) Um centro de pura luz branca chamado "joia"

4) Cada centro corresponde a um planeta sagrado, o corpo de manifestação de um dos sete Homens Celestiais.

5) Cada centro tem que ser desenvolvido através do emprego da Palavra. Esta Palavra é AUM e deve finalmente aparecer no centro Vibrante. Quando brilhar perfeitamente no centro da roda o centro estará perfeitamente desperto.

6) Certas qualidades do sol são as qualidades dos centros.

a) Qualidade do plexo solar	- calor
b) Qualidade do centro na base da espinha	- fogo Kundalini
c) Qualidade do centro ajna entre as sobrancelhas	- luz iluminadora
d) Qualidade do centro da cabeça	- luz fria
e) Qualidade do centro sacro	- humildade
f) Qualidade do centro da garganta	- luz vermelha
g) Qualidade do centro do coração	- luz magnética ou radiante

Neste aforismo é apreciada a meditação sobre a luz e a radiância e aprendemos que, através desta luz e da habilidade em utilizá-la, pode-se chegar ao conhecimento do espírito. No centro do "chakra card íaco" reside Brahma, diz a antiga Escritura, e Ele Se

72

revela na luz. O aspirante deve então tornar-se consciente do "ponto de luz dentro da roda com doze raios" e à medida que se considera este ponto de luz, ele revela um caminho que deve ser percorrido se o aspirante procura chegar à sua meta. A primeira coisa a ser revelada é a treva. Isto deveria ser lembrado. Em termos do misticismo ocidental isto traz a baila a "escura noite da alma". Não nos deteremos, contudo, sobre o aspecto místico, pois é necessário mantermos nossas conclusões, tanto quanto possível, dentro da linha do ocultismo. A verdade, como expressa em termos do misticismo cristão, tem sido frequente e adequadamente explicada.

37. A chitta é estabilizada e libertada da ilusão à medida que a natureza inferior se purifica e não mais se cede às suas atrações.

Esta é uma tradução particularmente livre, pois as palavras usadas no sânscrito apresentam uma certa dificuldade para exata interpretação. O pensamento que se procura transmitir é que à medida que os órgãos de percepção e os contatos sensoriais forem sendo continuamente negados pelo homem real (que não mais procura se identificar com eles), ele se torna "livre da paixão". A luxúria, ou desejo por todos os objetos, é superada. Ele fica então livre de sua natureza sensorial inferior. Isto resulta numa correspondente estabilidade mental e na capacidade em concentrar-se, pois a substância mental não mais está sujeita às modificações produzidas pelas reações sensoriais de qualquer espécie, quer as que chamamos boas, quer as que chamamos más.

Isto foi fortemente advogado em muitos sistemas e um dos métodos sugeridos é a constante meditação sobre grandes entidades tais como Krishna, Buda, e o Cristo, que Se libertaram de todas as reações sensoriais. Este pensamento transparece em algumas das traduções, mas apesar de indicado sob um ponto de vista, não parece ser a ideia principal

que se quer transmitir. A libertação dos laços é obtida à medida que os fogos dos desejos são subjugados e, embora seja o centro sacro apontado como tendo uma relação específica com a natureza sexual, contudo, esta natureza sexual (como se expressa no plano físico) é simbólica de qualquer apego entre a alma e qualquer objeto de desejo outro que não o espírito.

38. A Paz (estabilidade da chitta) pode ser alcançada pela meditação sobre o conhecimento que os sonhos dão.

As palavras significativas no aforismo 38 são as da frase: "o conhecimento que os sonhos dão" e a este respeito o comentário no aforismo 10 é de interesse. O ocultista oriental emprega a palavra "sonho" num sentido muito mais técnico que o ocidental e isto deve ser perfeitamente entendido pelo aspirante. Para o oriental, a condição mais profunda de sonho é aquela em que o homem real está submergido quando em encarnação física. Isto corresponde ao estado de sonho que reconhecemos como o provocado pela vibração das células do cérebro físico. O caos, a falta de continuidade e as conclusões mal controladas estão presentes, associadas a uma incapacidade de recordação fiel e acurada quando acordado. Esta condição é o sonho no plano físico. Há, então, a condição de sonho em que o homem participa quando imerso na percepção sensual de um ou outro tipo, quer de dor ou de prazer. Esta é experimentada no corpo astral ou emocional. O conhecimento dado pela condição do plano físico é grandemente instintiva: e o obtido pela condição de sonho astral é em grande parte sensual. Um é de realização racial e grupal, o outro é relativo ao não-eu e à relação do homem com o não-eu.

Vem então um estado superior de consciência de sonho em que uma faculdade de outra espécie entra em jogo e esta pode ser chamada de imaginação, trazendo seu próprio tipo de conhecimento. A imaginação envolve certos tipos de estados mentais tais como:

a) Memória das coisas tal como foram conhecidas, como estados de consciência,

b) Antecipação das coisas como podem vir a ser conhecidas ou de estados de consciência,

c) Visualização das condições imaginárias e a seguir a utilização da imagem invocada como uma forma, pela qual um novo reino de conscientização pode ser contatado, uma vez que o sonhador possa identificar-se com aquilo que imaginou.

Nestes três estados de sonho temos a condição do pensador nos três planos, nos três mundos, desde o estado de selvageria ignorante até o de um homem comum iluminado. Vai-se a um estado muito mais elevado de consciência de sonho.

A verdadeira utilização da imaginação requer um alto grau de controle e de poder mental e quando eles estão presentes levam finalmente ao que é chamado de "estado de samadhi". Esta é a condição em que o adepto pode fazer o homem inferior inteiro adormecer e passar ele próprio para o reino onde "os sonhos do Próprio Deus" são conhecidos, e no qual o conhecimento das "imagens" que a Divindade criou podem ser contatados e vistos. Assim o adepto pode inteligentemente participar no grande plano de evolução.

Além deste estado de samadhi está o estado de sonhos dos Nirmanakayas e dos Budas, e assim por diante na escala da vida hierárquica, até aquele em que é conhecido o

grande Sonhador, que é o Uno, o único Narayana, o Próprio Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias, nosso Logos Planetário. O estudante somente pode chegar a uma compreensão muito pequena sobre a natureza destes estados de sonho à medida que estuda a ideia impartida na afirmação anterior de que, para o ocultista, a vida no plano físico nada mais é que uma condição de sonho.

39. A paz também pode ser alcançada pela concentração sobre aquilo que é mais querido ao coração.

O aforismo 39, em sua própria simplicidade, leva em si o seu poderoso apelo. Nele podem ser traçados os vários estágios de aquisição - desejo, anseio, determinação concentrada de possuir, a negação de tudo o que não se enquadra nestes moldes, o esvaziamento das mãos de modo a estar livre para a nova possessão, a seguir, então, a própria possessão, satisfação, paz. Mas com todas as coisas pertencentes aos desejos inferiores, a paz é apenas temporária, um novo desejo desperta e aquilo que havia sido conservado com tanta alegria, é desprezado, Apenas o que é fruto das idades, apenas aquilo que é a reconquista de uma antiga possessão satisfaz plenamente. Que o estudante portanto estude e se certifique se aquilo que é mais caro ao seu coração é temporal, transitório e efêmero, ou se é como disse o grande Senhor: "tesouro armazenado no céu".

Chegamos agora ao mais abrangente aforismo deste livro: (40). Pode-se indicar aqui que estes "sete caminhos para a paz psíquica", como têm sido chamados, cobrem os sete métodos dos sete raios em relação ao controle da natureza psíquica. É importante enfatizar isto. Estes sete caminhos têm uma relação direta com as quatro iniciações do umbral, pois não haverá iniciação principal para qualquer filho de Deus que não tenha conseguido um certo grau de paz psíquica. Os estudantes acharão de interesse o estudo destes sete caminhos para a paz em relação a um ou outro dos sete raios, designando o caminho para o raio sempre que julgarem adequado.

40. Assim sua realização se estende do infinitamente pequeno até o infinitamente grande, e de annu (o átomo ou partícula) a atma (ou espírito) seu conhecimento é aperfeiçoado.

Esta tradução não segue exatamente os termos sâncritos. Apesar disto, transmite o significado exato do original, e isso é que é de importância vital. Um antigo verso de uma das escrituras ocultistas serve para elucidar a ideia deste aforismo e diz o seguinte:

> "No interior da partícula, Deus pode ser visto, No interior do Homem, Deus pode reinar. No interior de Brahma os dois são encontrados; no entanto tudo é um. O átomo é como Deus, Deus é como o átomo",

É um truísmo oculto que, à medida que o homem chega ao conhecimento de si mesmo, pela grande lei da analogia ele chega ao conhecimento de Deus. Este conhecimento abrange cinco grandes aspectos:

1. Formas
2. Os componentes da forma
3. Forças

4. Grupos
5. Energia

O homem deve compreender a natureza de seu corpo e de todos os seus envoltórios. Isto concerne ao seu conhecimento da forma. Ele descobre que as formas são feitas de átomos ou "pontos de energia" e que todas as formas são semelhantes neste respeito. Este conhecimento refere-se aos componentes da forma. A seguir, chega a uma compreensão do agregado da energia dos átomos que constituem suas formas, ou, em outras palavras, a um conhecimento das forças variáveis; a natureza destas forças é determinada pelo ritmo, pela atividade e pela qualidade dos átomos que formam o envoltório ou envoltórios. Este conhecimento refere-se às forças. Posteriormente, ele descobre formas análogas com análogas vibrações e demonstração de forças, estes conhecimento diz respeito aos grupos. Consequentemente, ele acha seu lugar e conhece seu trabalho. Finalmente ele chega a um conhecimento daquilo que concerne a todas as formas, controla todas as forças e é a força motriz de todos os grupos. Este conhecimento diz respeito à energia; tem a ver com a natureza do espírito. Por meio destas cinco realizações o homem chega à mestria, pois a realização envolve certos fatores que podem ser enumerados como se segue:

1.Aspiração
2.Estudo e investigação
3.Experimentação
4.Descoberta
5.Identificação
6.Realização

O adepto pode identificar-se com, ou penetrar na consciência do infinitamente pequeno. Ele pode identificar-se com o átomo da substância e sabe o que é ainda desconhecido dos cientistas modernos. Ele se conscientiza também de que, como o reino humano (composto de átomos humanos) é o ponto ou a estação do meio do caminho da escada da evolução, por conseguinte, o infinitamente pequeno está relativamente tão distante dele como o infinitamente grande. O caminho que é necessário percorrer para abarcar a consciência da menor das criações de Deus é tão longo quanto o necessário para abarcar a maior delas, um sistema solar. Não obstante, em todos estes limites de consciência, o método para adquirir a mestria é o mesmo - concentração perfeita durante a meditação, levando ao controle perfeito sobre a mente. Esta é constituída de tal modo que serve ao duplo propósito: agir como um telescópio, levando o vidente ao contato com o macrocosmo, e como um microscópio, colocando-o em contato também com o menor átomo.

41. Para aquele cujas vrittis (modificações da substância da mente) estão inteiramente controladas, resulta um estado de identidade com - e uma semelhança a - o que é conscientizado; o conhecedor, o conhecimento e o campo de conhecimento se tornam um, exatamente como o cristal absorve as cores do que nele é refletido.

Este aforismo se origina naturalmente do precedente. O vidente aperfeiçoado abarca em sua consciência todo o campo de conhecimento, do ponto de vista do observador, ou de quem percebe, e do ponto de vista da identificação. Ele é um com o átomo de

substância, ele é capaz de identificar o menor dos universos; ele é um com o sistema solar, o maior universo que lhe é permitido conhecer neste ciclo maior. Verifica-se que sua alma e a deles são idênticas - a potencialidade é vista numa e (do ponto de vista humano) uma ordem incompreensível, levando à perfeição última é vista na outra. A atividade que mantém os elétrons reunidos em torno de seu centro é reconhecida como idêntica em natureza à que mantém os planetas em suas órbitas em torno do sol, e entre estas duas manifestações divinas encontra-se toda a escala das formas.

O estudante de ocultismo tem de se conscientizar de que as formas são muitas e diversas, mas que todas as almas são idênticas à Superalma. O conhecimento completo da natureza, qualidade, chaves e nota de, uma alma (quer de um átomo químico, de uma rosa, de uma perola, de um homem ou de um anjo) revelaria todas as almas na escada de evolução. E o processo é o mesmo para todos: O **reconhecimento**, o emprego dos órgãos sensoriais, inclusive o sexto sentido, a mente, na apreciação da forma e de suas componentes; a **concentração**, um ato da vontade pelo qual a forma é negada pelos sentidos, e o conhecedor passa por trás dela, para aquilo que vibra em sintonia com sua própria alma. Assim chega-se ao conhecimento - daquilo que a forma (ou campo de conhecimento) está procurando expressar - de sua alma chave ou qualidade.

Depois, segue-se a **contemplação**, a identificação do conhecedor com aquilo dentro de si próprio que é idêntico à alma no interior da forma. Os dois são, então, um, e tem-se a completa realização. Isto pode ser cultivado de um modo muito prático entre os seres humanos. Deve haver reconhecimento do contato que apareça entre dois homens que possam ver, ouvir e tocar, um ao outro. O resultado é uma identificação superficial da forma. Mas é possível um outro estágio onde o homem pode passar para trás da forma e atingir aquilo que é a qualidade de seu irmão; ele pode tocar aquele aspecto da consciência que é análogo ao seu próprio, ele se torna consciente da qualidade da vida de seu irmão, da natureza de seus planos, aspirações, esperanças e propósitos. Ele conhece seu irmão e quanto melhor conhecer a si próprio e à sua própria alma, tanto mais profundo será seu conhecimento de seu irmão. Poderá finalmente, identificar-se com seu irmão e tornar-se como ele é, sabendo e sentindo como a alma de seu irmão sabe e sente. Esta é a significação implícita nas palavras ocultas da Epístola de São João - "Nós seremos como Ele, pois nós O veremos como Ele é".

Pode ser válido enunciarmos novamente alguns sinônimos que, se relembrados, esclarecerão muito a compreensão dos outros aforismos e permitirão que o estudante aplique de modo prático estes pensamentos à sua própria vida.

Espírito	Alma	Corpo
Mônada	Ego	Personalidade
Eu Divino	Eu Superior	Eu inferior
Percebedor	Percepção	Aquilo que é percebido
Conhecedor	Conhecimento	O campo de conhecimento
Pensador	Pensamento	A mente(este é o cristal, refletindo o pensamento do pensador)

É conveniente também relembrar que:

1. no plano físico, o percebedor utiliza os cinco sentidos para chegar ao campo de conhecimento;

2. todos os nossos três planos nos três mundos constituem o corpo físico denso Daquele em Quem "vivemos, nos movemos e temos o nosso ser";

3. no plano emocional, ou astral, os poderes inferiores da clarividência e da clariaudiência são empregados pelo percebedor e que, quando empregados erroneamente, revelam a serpente no jardim;

4. no plano mental, a psicometria e a simbologia (incluindo a numerologia e a geometria) são utilizadas pelo percebedor para chegar a uma compreensão dos níveis mentais inferiores;

5. apenas quando estes três são encarados como inferiores e como constituintes do aspecto forma, chega o percebedor a uma condição onde pode começar a entender a natureza da alma e compreender a verdadeira significação dos Aforismos 40 e 41;

6. tendo atingido esse ponto, ele começa a discriminar e a empregar a mente como o sexto sentido, chegando, assim, à qualidade subjetiva, ou vida, que está por trás do campo de conhecimento (ou forma). Isto constitui a natureza da alma no interior da forma e é, potencialmente e na realidade, onisciente e onipresente;

7. tendo alcançado a alma em qualquer forma e estabelecido contato com ela por meio de sua própria alma, ele verificará que todas as almas são uma e poderá colocar-se facilmente na alma de um átomo ou na alma de um beija-flor, ou poderá expandir sua conscientização noutra direção e saber que ele próprio é um com Deus e com todas as existências super-humanas.

42. Quando o percebedor funde as palavras, a ideia (ou significação) e o objeto, a isto se chama condição mental de raciocínio judicioso.

Neste aforismo, e no seguinte, Patânjali amplia uma formulação anterior da verdade. (Ver Aforismo 7). Ele ensina que a meditação é de duas espécies:

1. Com objeto ou semente, e, portanto, empregando a mente racionalizadora judiciosa, o corpo mental com sua faculdade de concretização e sua habilidade em criar pensamentos-forma.

2. Sem objeto, ou sem semente, empregando assim uma faculdade diferente, que só é possível quando a mente concreta é compreendida e empregada corretamente. Esta utilização correta envolve a capacidade de "aquietar as modificações da mente", levando a "chitta", ou substância mental, à quietude, de modo que possa adquirir a coloração do conhecimento superior e refletir as realidades superiores.

O percebedor tem que chegar a um conhecimento das coisas subliminares, em primeiro lugar, pelo processo da percepção da forma externa, passando a seguir para além da forma externa, para o estado interno daquela forma, para aquele que produz a exterioridade (sendo força de alguma espécie) até chegar ao que é a causa de ambos. Neste aforismo estes três são denominados:

A ideia . . . . . A causa por traz da forma objetiva

A palavra. . . . .. O som que produz a forma
O objeto . . . . .. A forma produzida pelo som para expressar a ideia

Os estudantes devem compreender que isto abrange o estado meditativo anterior e, por ser a mente inferior empregada neste processo, é o método separativo. As coisas são separadas em suas partes componentes e vê-se que são como tudo o mais na natureza - tríplices. Uma vez que isto seja compreendido, a significação oculta e a importância de toda a meditação tornam-se aparentes e o método pelo qual se formam os ocultistas torna-se claro. No processo para se chegar a uma compreensão da natureza, o ocultista sempre trabalha da forma externa para o interior, para descobrir o som ou o agregado de forças que criou a forma externa; cada agregado de forças tem seu próprio som, provocado pelo jogo interno das forças. Tendo descoberto isto, ele penetra ainda mais para o interior até tocar a causa, ideia, ou pensamento divino (emanando do Logos, planetário ou solar) que deu origem ao som, assim produzindo a forma.

No trabalho criativo, o adepto começa no interior e - conhecendo a ideia que ele procura incorporar na forma - emite certas palavras ou sons e assim invoca certas forças que produzem (devido à sua ação recíproca) uma forma de algum tipo. Quanto mais elevado for o nível em que o adepto trabalha, tão mais elevadas serão as ideias contatadas e tão mais simples ou sintéticos os sons emitidos.

Os estudantes da Raja Ioga, contudo, têm que compreender os fatos elementares que dizem respeito a todas as formas e se familiarizarem, em sua meditação, com o trabalho de separar as triplicidades - de modo a poderem finalmente estabelecer contato com qualquer dos aspectos componentes que desejarem. Desta maneira, a natureza da consciência é entendida, pois o percebedor (que está adestrado nestas diferenciações) pode entrar na consciência dos átomos que compõem qualquer forma tangível e pode avançar mais e penetrar na consciência das energias que produzem o corpo objetivo. Estes são os que foram literalmente chamados "0 Exército da Voz". Pode também estabelecer contato, finalmente, com a consciência da Grande Vida que é responsável pela palavra inicial. Estes são os grandes marcos, mas entre eles há diversos graus das vidas responsáveis pelos sons intermediários e estas podem, portanto, ser contatadas e conhecidas.

43. A percepção sem raciocínio judicioso é alcançada quando a memória não mais mantém o controle, a palavra e o objeto são transcendidos e apenas a ideia está presente.

Esta condição é o estado de "meditação sem semente", livre do emprego racional da mente e de sua faculdade concretizadora. O objeto (que é trazido à consciência da mente pela recordação ou memória) não mais é considerado, e a palavra que o designa e expressa seu poder não mais é ouvida. Apenas a ideia da qual os outros dois são expressão é conscientizada, e o percebedor entra no reino das ideias e das causas. Esta é a contemplação pura, livre de formas e pensamentos. Nela, o percebedor olha para o mundo das causas; vê com visão clara os impulsos divinos; e assim então, tendo contemplado os trabalhos internos do reino de Deus, reflete de volta, na mente ou no corpo mental em repouso, o que foi visto, e o corpo mental remete ao cérebro físico o conhecimento

adquirido.

44. Estes mesmos dois processos de concentração, com ou sem ação judiciosa da mente, também podem ser aplicados às coisas sutis.

Este aforismo é claro, mesmo sem muitas explicações. A palavra "sutil" tem ampla significação, mas (do ponto de vista de Patânjali) é aplicada com maior frequência àquela coisa essencial de que tomamos consciência após termos empregado os cinco sentidos; i.é., a rosa é a forma tangível objetiva; seu aroma é a "coisa sutil" por traz da forma. Isto expressa sua qualidade ao ocultista e é a resultante dos elementos mais sutis produzindo sua manifestação. Os elementos mais grosseiros produzem a forma; mas dentro desta forma não refinada há uma mais sutil com a qual só podemos estabelecer contato através da percepção aguda ou do sentido esclarecido. No comentário encontrado na tradução de Wood, as seguintes palavras podem servir para elucidar e, se os estudantes mais avançados meditarem sobre elas, verificarão que têm profunda significação ocultista:

..."o átomo da terra é produzido pelos cinco elementos do fogo, entre os quais predomina o elemento de fogo do odor. De modo semelhante o átomo da água é produzido dos quatro elementos do fogo, entre os quais predomina o elemento ígneo do paladar. Da mesma maneira, o átomo do fogo é produzido pelos três elementos do fogo, excluindo os elementos ígneos do odor e do paladar, e entre os quais predomina o elemento ígneo da cor. De modo semelhante, o átomo do vento é produzido pelos dois elementos ígneos, começando com o odor e desses dois predomina o elemento ígneo do tato. Da mesma maneira o átomo do ar é produzido apenas pelo elemento de fogo, do som".

Se esta ideia for estendida ao macrocosmos, nós verificaremos que poderemos meditar sobre a forma externa de Deus na Natureza com e sem ação judiciosa da mente. Então, tendo-se adquirido experiência na meditação, e por um ato da vontade, o estudante pode meditar sobre a natureza subjetiva sutil de Deus tal como manifestada sob a grande Lei da Atração, à qual os critãos se referem quando dizem que "Deus é Amor". A natureza de Deus, o grande "amor" ou força atrativa, é responsável pelas "coisas sutis" que são veladas pelas coisas externas.

45. O grosseiro leva ao sutil e o sutil, através de progressivos estágios, leva ao estado de puro ser espiritual chamado Pradhana.

O estudante deve agora lembrar-se dos seguintes degraus ou estágios pelos quais deve passar à medida que penetra no coração do mais interno:

1.	O grosseiro	forma, bhutas, envoltórios tangíveis racionais
2.	O sutil	a natureza ou qualidades, os tanmatras, os indryas, ou os sentidos, os órgãos sensoriais e aquilo que se sente.

Estes podem ser aplicados a todos os planos dos três mundos que dizem respeito ao homem, e têm uma íntima relação com os pares de opostos que ele tem que equilibrar no

plano emocional. Por trás deles é encontrado o estado de equilíbrio, chamado Pradhana, que é a causa daquilo que se contata fisicamente e se sente sutilmente. Este estado de equilíbrio pode muito bem ser chamado de substância primária não dissociável, matéria unida com espírito, indiferenciada e ainda sem forma ou marca distintiva. Por trás destes três é novamente encontrado o Princípio Absoluto, mas estes três são tudo o que o homem pode conhecer enquanto em manifestação. Vivekananda diz, em seu comentário, o seguinte:

> "Os objetos mais grosseiros são apenas os elementos e tudo é feito com eles. Os cinco objetos começam com os Tanmatras ou as cinco partículas. Os órgãos, a mente (o agregado de todos os sentidos), o egoísmo, a substância mental (a causa de toda a manifestação), o estado de equilíbrio de sattva, rajas e tamas (as três qualidades da matéria - A.B.) - chamado Pradhana (principal) Prakriti (natureza) ou Avyakta (não manifestado), todos estão incluídos na categoria de cinco objetos. Apenas Purusha (a alma) está fora desta definição)".

Vivekananda, aqui, aparentemente traduziu purusha como alma, mas normalmente é traduzido como espírito e se refere ao primeiro aspecto.

46. Tudo isto constitui a meditação com semente.

Os quatro últimos aforismos trataram das formas de concentração construídas em torno de um objeto. Este objeto pode dizer respeito ao que é sutil e intangível do ponto de vista do plano físico, apesar do fato de (do ponto de vista do homem real ou espiritual) o não-eu estar envolvido. Ele tem a ver com aquilo que (em qualquer dos seus aspectos) pode levá-lo aos reinos que primeiramente não são os do espírito puro. Precisamos, contudo, lembrarmo-nos agora que todos estes quatro estágios são necessários e devem preceder a qualquer realização espiritual a mais. A mente do homem não é, em si mesma, constituída de modo a apreender as coisas do espírito. À medida que ele passa de um estágio de meditação "com semente" a outro, aproxima-se cada vez mais da sede de todo conhecimento e finalmente entrará em contato com aquilo sobre o que vem meditando. Então a natureza do próprio pensador, como puro espírito, será apreendida e os degraus, estágios objetos, sementes, órgãos, formas (grosseiras ou sutis) serão perdidos de vista e apenas o espírito será conhecido. Tanto o sentimento quanto a mente serão então transcendidos e apenas o Próprio Deus será visto; não mais serão sentidas as vibrações inferiores; a cor não mais será vista; conhecer-se-á apenas a luz: perder-se-á de vista a visão e se ouvirá apenas o som ou a palavra.'O "olho de Shiva" será deixado e com ele o vidente se identificará.

Na quádrupla eliminação acima citada, faz-se sugestões quanto aos estágios de conscientização - os estágios que levam o homem para fora do mundo da forma, para o reino do sem forma. Os estudantes verificarão que é interessante comparar os quatro estágios pelos quais progride a "meditação com semente" com os quatro acima citados. Pode-se apontar também que em qualquer meditação em que se reconheça a consciência, há um objeto presente; em qualquer meditação na qual o percebedor estiver consciente do que há para ser visto, então há igualmente uma condição de percepção da forma. Só quando todas as formas e o próprio campo de conhecimento são perdidos de vista e o

conhecedor se reconhece pelo que ele essencialmente é (estando perdido na contemplação de sua própria natureza espiritual), pode-se chegar a meditação Ideal, sem forma, sem semente e sem objeto. É aqui que a linguagem tanto dos ocultistas como dos místicos falha, pois a linguagem lida com a objetividade e com sua relação com o espírito. Por isso, esta condição superior de meditação é assemelhada a uma condição de sono ou transe, mas ela é a antítese do sono físico ou do transe do médium pois nela o homem espiritual está plenamente desperto nos planos que transcendem definição. Ele está consciente, num sentido amplo (ou completo) de sua Identidade Espiritual.

47. Quando este estado super-contemplativo é alcançado, o logue adquire a conscientização espiritual pura, através da quietude equilibrada da chitta (ou substância mental).

As palavras sânscritas empregadas neste aforismo só podem ser adequadamente traduzidas em termos precisos pelo emprego de certas frases que tornam a versão inglesa mais clara. Literalmente, pode-se dizer que o aforismo acima significa o seguinte:

"A clara perspicácia se segue ao aquietamento da chita". Deve ser relembrado aqui que a ideia é a da pureza em seu verdadeiro sentido, ou seja, "libertação de limitações", significando assim o alcançar da pura realização espiritual. O resultado é o contato da mônada, ou espírito, pela alma, e o conhecimento deste contato é transmitido ao cérebro físico.

Isto só é possível num estágio muito avançado da prática da ioga e quando a substância mental está absolutamente aquietada. O Pai no Céu é conhecido, como revelado pelo Filho à Mãe. Sattva (ou ritmo), apenas, é manifestado, estando dominadas e controladas rajas (atividade) e tamas (inércia). Devemos lembrar aqui que sattva se refere ao ritmo das formas nas quais o iogue está atuando e somente quando expressam as mais elevadas das três gunas (ou qualidades da matéria) é o aspecto mais elevado, ou espiritual, conhecido. Somente se conhece o segundo aspecto quando rajas controla, e se conhece o aspecto mais inferior quando tamas governa. Há uma interessante analogia entre o aspecto inércia (ou tamas) da matéria e a condição dos corpos do iogue quando no mais elevado samadhi. Então o movimento rítmico, ou sáttvico, é tão completo que para a visão do homem comum se conquista uma condição de quietude que é a sublimação da condição de inércia, ou tamásica, da mais densa substância.

As seguintes palavras, de um comentário abordado na tradução dos aforismos feita por Woods, serão de utilidade:

"Quando livre da treva da impureza a sattva da substância-pensante, cuja essência é a luz, tem um límpido fluxo contínuo que não é sobrepujado por rajas nem por tamas. Isto é a claridade. Quando esta claridade surge no super-reflexivo estado de equilíbrio, então o iogue adquire uma calma interna imperturbável, ou seja, a visão do lampejo da visão interna (sputa) que não passa sucessivamente através da sequencia ordenada (dos processos normais da experiência) e que tem como seu objetivo a coisa como realmente é ... A impureza é um crescimento de rajas e tamas. E é a poluição que tem a característica da obscuridade). A claridade é a libertação disto". (P. 93).

O homem conseguiu (através da disciplina; seguindo os meios da ioga e pela

perseverança na meditação) dissociar-se de todas as formas e identificar-se com o sem-forma.

Ele chegou ao ponto no coração de seu ser. Desse ponto de pura realização espiritual, ele pode cada vez mais trabalhar no futuro. Pela prática, ele fortalece essa realização e toda a vida, trabalho e circunstâncias são vistos como um espetáculo que passa, que não lhe diz respeito. Sobre eles porém, pode apontar o holofote do espírito puro; ele próprio é a luz e se conhece como parte da "Luz do Mundo" e "nessa luz ele verá luz". Ele conhece as coisas como elas são e se dá conta de que tudo aquilo que até agora encarou como realidade nada mais é do que ilusão. Ele penetrou na Grande Maya e ultrapassou-a até a luz que a produz e, para ele, erros futuros são impossíveis; seu senso de valores é correto; seu senso de proporção é exato. Ele não mais está sujeito a ser enganado e está livre de ilusões. Quando este ponto é conscientizado, dor e prazer não mais o afetam; ele está perdido na bem-aventurança da Auto-Realização.

48. Sua percepção é agora infalivelmente exata, (ou, sua mente revela apenas a Verdade).

Ambas as traduções são dadas aqui, pois, juntas, parecem dar uma ideia mais verdadeira que qualquer uma delas isoladas. A palavra "exata" é empregada em seu sentido ocultista e se refere a como o percebedor encara todos os fenômenos. O mundo de ilusão ou o mundo da forma, deve ser "exatamente conhecido". Isto significa, literalmente, que a relação de cada forma com seu nome, ou com a palavra de onde se originou, deve ser apreciada como ela é: No final do processo evolutivo cada forma de manifestação divina deve responder exatamente ao seu nome, ou à palavra que deu o impulso original, criada assim uma vida. A primeira tradução então, dá ênfase.a esta ideia e aos três fatores:

1. A ideia
2. A palavra
3. A forma resultante

Trazem também com eles, inevitavelmente uma outra triplicidade:

1. O tempo, que liga as três
2. O espaço, que produz as três
3. A evolução, o processo de produção

Um resultado disto é a demonstração da lei e do exato cumprimento do propósito de Deus. Isto é conscientizado pelo iogue que conseguiu eliminar todas as formas de sua consciência e tornou-se consciente do que está por traz de todas as formas. O modo pelo qual ele faz isto é revelado pela segunda tradução. A substância mental, estando agora completamente quieta, e estando o homem polarizado naquele fator que não é nem a mente, nem qualquer dos envoltórios, pode transmitir diretamente ao cérebro físico acuradamente e sem erros, o que é percebido na Luz do Shekinah que flui do Santo dos Santos onde o homem conseguiu entrar. A verdade é conhecida e a causa de cada forma em todos os reinos da natureza revelada. Esta é a revelação da verdadeira magia e a chave para o grande trabalho mágico do qual participam todos os verdadeiros iogues e adeptos.

49. Esta percepção especial é única e revela o que a mente racional (empregando

testemunhos, inferências e deduções) não pode revelar.

Pode-se dizer que o significado aqui é que a mente do homem, em seus vários aspectos e usos, pode revelar as coisas que dizem respeito à objetividade, mas que somente a identificação com o espírito pode revelar a natureza e o mundo do espírito. "Nenhum homem jamais viu Deus em qualquer ocasião, o único Filho gerado que está no seio do Pai, ele O revelou". Até que um homem se identifique como um Filho de Deus, até que o Cristo em cada homem esteja em manifestação e que a vida Crística esteja plenamente expressa e até que o homem seja um com a realidade espiritual interna que é o verdadeiro ser, o conhecimento especial aqui tratado (conhecimento de Deus e do espírito, independente da matéria ou forma) é impossível. O testemunho dos tempos indica uma força ou vida espiritual no mundo; a inferência a ser colhida da experiência de vida de milhões é a de que o espírito existe; a dedução a ser tirada de uma consideração do mundo ou da grande maya é que uma Causa, autopersistente e autoexistente, deve estar por traz daquela maya. Só o homem, todavia, que pode ultrapassar todas as formas e transcender todas as limitações nos três mundos (mente, emoção e as coisas dos sentidos, ou o "mundo, a carne e o diabo") pode saber, além de toda controvérsia e discussão que Deus é e ele próprio é Deus. Ele conhece então a verdade e essa verdade o torna livre.

O campo do conhecimento, os instrumentos do conhecimento e o próprio conhecimento são transcendidos e o iogue chega ao grande reconhecimento de que não há nada senão Deus; que Sua vida é una e é encontrada pulsando no átomo microscópico e também no átomo macrocósmico. Ele se identifica com essa vida. Ele a encontra no coração de seu próprio ser e lá pode unir-se com a vida de Deus, tal como encontrada no átomo primordial ultérrimo, ou expandir sua consciência até conhecer a si próprio como a vida do sistema solar.

50. Ela é hostil às demais impressões, ou as ultrapassa.

Antes de ter atingido sua verdadeira percepção, o observador dependeu de três métodos para se assegurar da verdade, todos eles limitados e imperfeitos. São eles:

1. **Percepções sensoriais**. Neste método o morador no corpo se assegura da natureza do mundo objetivo por meio de seus cinco sentidos. A objetividade ou tangibilidade torna-se conhecida por ele e ele escuta, vê, toca, prova e cheira as coisas do mundo físico. Ele lida, contudo, com os efeitos produzidos pela vida subjetiva, mas não tem indicação alguma sobre as causas ou sobre as energias subjetivas de que resultam. Sua interpretação delas é consequentemente falsa, levando a uma identificação errada e a um errôneo conjunto de valores.

2. **Percepção mental**. Pelo emprego da mente o observador se torna consciente de um outro grau de fenômenos e é colocado em relação com o mundo de pensamentos, ou com aquela condição de substância na qual são registrados os impulsos de pensamento de nosso planeta e seus habitantes, e com formas criadas pelos impulsos vibratórios que exprimem certas ideias e desejos - primariamente estes últimos, na atualidade. Devido à percepção errônea provocada pelo emprego dos sentidos e pela interpretação errada das coisas sentidas, estas formas de pensamento são em si mesmas distorções da realidade e

exprimem apenas os impulsos e reações inferiores que emanam dos reinos inferiores da natureza. Os estudantes devem-se lembrar que é apenas quando o homem está realmente começando a utilizar seu corpo mental (e não sendo utilizado por ele), que ele estabelece contato com os pensamentos-forma criados pelos guias da raça e os percebe corretamente.

3. **O estado super-contemplativo**. Nesta condição a percepção é infalivelmente precisa e os outros modos de visão são percebidos em suas corretas proporções. Os sentidos não mais são necessários ao observador, exceto quando os utiliza para fins de trabalho construtivo em seus respectivos planos. Ele está agora de posse de uma faculdade que o protege de erros e de um sentido que só lhe revela as coisas como elas são. As condições que controlam este estado podem ser enumeradas como se segue:

1. O homem está polarizado em sua natureza espiritual
2. Ele se reconhece e funciona como alma, o Cristo
3. Ele tem a chitta, ou substância mental, num estado de quietude,
4. O sutratma, ou fio, está funcionando adequadamente e os corpos inferiores estão alinhados sobre ele, formando um canal direto de comunicação com o cérebro físico
5. O cérebro está adestrado para servir apenas como um delicado receptor de impressões da verdade
6. O terceiro olho está em processo de desenvolvimento. Posteriormente, à medida que os centros forem despertados e colocados sob controle consciente, colocam o homem em relação com os vários septenatos de energia nos sete planos do sistema, e por estar desenvolvida a faculdade de percepção da verdade, o homem é assim protegido contra erros e perigos.

Isto foi muito apta e claramente dito por Charles Johnston em seu comentário sobre este aforismo, que é o seguinte:

"Cada estado ou campo da mente, cada campo de conhecimento, por assim dizer, que é alcançado por energias mentais e emocionais, é um estado psíquico, do mesmo modo com o quadro mental de um palco com os atores, é um campo ou estado psíquico. Quando a visão pura, como a do poeta, do filósofo e do santo, preenche todo o campo, todas as vistas e visões inferiores são afastadas. Esta elevada consciência desloca todas as consciências menores. Contudo, de um certo modo, aquilo que é visualizado como parte, mesmo pela visão de um sábio, ainda tem um elemento de ilusão, um fino véu físico, não importando o quão puro e luminoso seja este véu. É o último e o mais elevado estado psíquico".

51. Quando este estado de percepção é, por sua vez, também contido (ou superado), então o Samadhi puro é conquistado.

O grande instrutor Patânjali, tendo-nos conduzido através dos vários estágios da consciência em expansão, desde a meditação com "semente" até aquele em que os sentidos e a mente são ultrapassados, leva-nos a um estado para o qual não temos terminologia adequada. O iogue do Oriente aplica a palavra Samadhi àquele estado de consciência no qual o mundo em que o homem espiritual funciona e os níveis ou planos sem forma de nosso sistema solar são contatados, vistos e conhecidos. O campo de conhecimento dos três mundos, o reino de maya e da ilusão, podem ser contatados à

vontade pelo vidente empunhando o instrumento que lhe é fornecido para isto, mas um novo mundo se abre, no qual ele vê sua consciência como una com todas as demais energias, ou expressões conscientes da vida divina. O último véu da ilusão é retirado, a grande heresia da separatividade é vista em sua verdadeira natureza e o vidente pode dizer com o Cristo:

"E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em Mim; para que todos sejam um, como tu Pai, és em Mim e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste. E a glória que Tu me deste Eu a dei a eles, para que eles sejam um, como Nós somos um: Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade e para que o mundo possa saber que tu Me enviaste a mim e que os tens amado, como tens amado a Mim" (João XVII. 20-23).

LIVRO II
OS PASSOS PARA A UNIÃO

a) Os cinco empecilhos e sua remoção
b) Definição dos oito métodos
Tópico: Os meios de realização.

OS AFORISMOS DE IOGA DE PATÂNJALI

1. A Ioga de ação, levando à união com a alma, é aspiração ardente, leitura espiritual e devoção a Ishvara.

2. A meta destes três é alcançar a visão da alma e eliminar os obstáculos.

3. Estes são os empecilhos que causam dificuldades: avidya (ignorância), o senso da personalidade, desejo, ódio e o senso de apego.

4. Avidya (ignorância) é a causa de todos os outros obstáculos, quer sejam latentes, em processo de eliminação, superados ou em plena atuação.

5. Avidya é a condição de confundir o permanente, puro, bem-aventurado e o Ego, com o que é impermanente, impuro, doloroso e o não-eu.

6. O senso da personalidade é devido à identificação do conhecedor com os instrumentos de conhecimento.

7. O desejo é o apego aos objetos de prazer.

8. O ódio é a aversão por qualquer objeto dos sentidos.

9. O intenso desejo pela existência sensorial é apego. É inerente a todas as formas, é auto·perpetuador e conhecido mesmo pelos muito sábios.

10 Estes cinco empecilhos, quando sutilmente conhecidos, podem ser transpostos por uma atitude mental de oposição.

11. Suas atividades devem ser encerradas pelo processo de meditação.

12. O próprio carma tem suas raízes nestes cinco empecilhos e deve frutificar nesta vida ou em alguma vida posterior.

13. Enquanto as raízes (ou samkaras) existirem, seus frutos serão o nascimento, a vida e as experiências, que resultarão em prazer ou dor.

14. Estas sementes (ou samkaras) produzem prazer ou dor, conforme a causa originária seja boa ou má.

15. Para o homem iluminado, toda existência (nos três mundos) é considerada dor devido às atividades das gunas. Estas atividades são tríplices, provocando consequências, ansiedades e impressões subliminares.

16. A dor que ainda está por vir pode ser evitada.

17. A ilusão de que o Percebedor e aquilo que é percebido são uma mesma coisa, é a causa (dos efeitos que produzem a dor) que deve ser afastada. Aquilo que é percebido tem três qualidades, sattva, rajas e tamas (ritmo, mobilidade e inércia); consiste dos elementos e dos órgãos sensoriais. A sua utilização provoca a experiência e a libertação final.

18. As divisões das gunas (ou qualidades da matéria) são quádruplas: a específica, a

não específica, a indicada e o intocável.

20. O vidente é conhecimento puro (gnosis). Embora puro, ele olha para a ideia apresentada, através da mente.

21. Tudo o que existe, é para o benefício da alma.

22. No caso do homem que conquista a ioga (ou união), o universo objetivo deixou de existir. Apesar disto, existe para aqueles que ainda não estão livres.

23. A associação da alma com a mente e assim com aquilo que a mente percebe, produz uma compreensão da natureza do que é percebido e, de modo semelhante, do Percebedor.

24. A causa desta associação é a ignorância ou avidya. Isto tem que ser sobrepujado.

25. Quando se acaba com a ignorância pela não-associação com as coisas percebidas, esta é a grande libertação.

26. O estado de escravidão é sobrepujado pela manutenção de uma perfeita discriminação.

27. O conhecimento (ou iluminação) obtido é sétuplo e é atingido progressivamente.

28. Quando os meios para a ioga houverem sido praticados com firmeza e quando a impureza houver sido dominada, sobrevirá o esclarecimento, levando à plena iluminação.

29. Os oito meios para a ioga são: os Mandamentos ou Yama, as Regras ou Niyama, a postura ou Asana, o correto controle da força vital ou Pranayama, a abstração ou Pratyahara, a atenção ou Dharana, a Meditação ou Dhyana e a Contemplação ou Samadhi.

30.A inofensividade, a prática da verdade para com todos os seres, o abster-se de roubar, da incontinência e da avareza, constituem yama ou os cinco Mandamentos.

31.Yama (ou os cinco Mandamentos) constitui o dever universal e independe de raça, lugar, tempo ou emergência.

32.A purificação interna e externa, o contentamento, a aspiração ardente, a leitura espiritual e a devoção a Ishvara constituem niyama (ou as cinco regras).

33.Quando pensamentos contrários à ioga estão presentes, deve-se cultivar seus opostos.

34.Os pensamentos contrários à ioga são a nocividade, a falsidade, o roubo, a incontinência e a avareza, quer sejam cometidos pessoalmente, provocados ou induzidos a serem cometidos ou apoiados, quer sejam provenientes da avareza, da raiva ou do engano (ignorância); quer sejam de pequeno, médio ou grande vulto. Estes resultam sempre em dor e ignorância excessivas. Por esta razão, deve-se cultivar pensamentos contrários a eles.

35.Na presença daquele que aperfeiçoou a inofensividade, toda a inimizade cessa.

36.Quando a verdade para com todos os seres é aperfeiçoada, a eficácia de seus atos e palavras é imediatamente vista.

37.Quando a abstenção do roubo é aperfeiçoada, o iogue pode obter o que desejar.

38.Pela abstenção da incontinência, adquire-se energia.

39.Quando se aperfeiçoa a abstenção da avareza, obtém-se uma compreensão da lei do renascimento.

40. A purificação interna e externa produz a aversão à forma, tanto à própria como a todas as demais.

41.Pela purificação obtém-se também um espírito calmo, a concentração, o domínio dos órgãos e a capacidade de ver o ego.

42.Como resultado do contentamento conquista-se a bem-aventurança.

43.Pela aspiração ardente e pela remoção de toda impureza, obtém-se o aperfeiçoamento dos poderes e dos sentidos do corpo.

44.A leitura espiritual traz como resultado o contato com a alma (ou o Divino Uno).

45.Pela devoção a Ishvara a meta da meditação (ou Samadhi) é alcançada.

46.A postura assumida deve ser firme e cômoda.

47.A firmeza e a comodidade de posição são obtidas por um leve e persistente esforço e pela concentração da mente no infinito.

48.Quando isto é alcançado, os pares de opostos não mais limitam.

49.Quando a postura correta (asana) é alcançada, segue-se o correto controle do prana e a inspiração e expiração corretas.

50.O correto controle do prana (ou das correntes vitais) é externo, interno ou imóvel; está sujeito a lugar, tempo e número e é também prolongado ou breve.

51.Há um quarto estágio que transcende aqueles que tratam das fases internas e externas.

52.Através disso, aquilo que obscurece a luz é gradualmente removido.

53.E a mente é preparada para a meditação concentrada.

54.A abstração (ou Pratyahara) é a subjugação dos sentidos pelo princípio pensante e sua remoção daquilo que até então fora seu objetivo.

55.Como resultado destes meios segue-se uma completa subjugação dos órgãos sensoriais.

1 - A Ioga de ação, levando à união com a alma, é aspiração ardente, leitura espiritual e devoção a Ishvara.

Devemos aqui ter em mente que estamos iniciando o livro que delineia a parte prática do trabalho, que dá as regras que devem ser seguidas se o aspirante espera se realizar, e que indica os métodos que trarão a realização da consciência espiritual. O objetivo foi tratado no Livro I. O aspirante naturalmente dirá, ao concluir o livro I, "quão certo e quão desejável, mas como será isto? Que devo fazer? Por onde devo começar?"

Patânjali começa bem desde o início e neste segundo livro indica:

1.Os requisitos básicos da personalidade

2.Os empecilhos que podem então ser notados pelo discípulo dedicado

3. Os oito "meios da ioga" ou os oito tipos de atividades que trarão os resultados necessários

A própria simplicidade deste delineamento torna seu valor muito grande; não há confusão, nem dissertações complexas, mas sim uma clara e simples relação dos requisitos.

Poderá ser útil se aqui mencionarmos as várias "iogas", de modo a dar ao estudante um conceito claro sobre suas distinções e deste modo permitindo-lhe cultivar a discriminação. As principais iogas são em número de três, sendo que as diversas outras "ditas iogas" se enquadram num destes três grupos:

1.Raja Ioga .....a ioga da mente ou vontade

2.Bakti Ioga .....a ioga do coração ou do devoto

3.Carma Ioga .... a ioga de ação

A **Raja Ioga** é a ciência rainha de todas elas; é a soma de todas as outras, é o clímax e a que completa o trabalho de desenvolvimento do reino humano. É a ciência da mente e da vontade dirigida, e põe os mais elevados dos envoltórios do homem, nos três mundos, sob o controle do Regente Interno. Esta ciência coordena o tríplice homem inferior, inteiro, forçando-o até uma posição onde ele nada mais é que um veículo para a alma, ou o Deus interno. Inclui as outras iogas e tira proveito de suas conquistas Sintetiza o trabalho de evolução e coroa o homem como um rei.

Bhakti Ioga é a ioga do coração; é a submissão de todos os sentimentos, desejos e emoções, ao ente amado, visto e conhecido pelo coração. É a sublimação de todos os amores inferiores, levando todos os anseios e desejos à submissão, ao anseio único de conhecer o Deus de amor e o amor de Deus.

Era a ciência "real" ou a mais importante da última raça raiz, a atlante, exatamente como a Raja Ioga é a grande ciência de nossa civilização ariana. A Bhakti Ioga transformava seu expoente em um arhat ou o levava à quarta iniciação. A Raja Ioga o torna um adepto e o conduz ao portal da quinta iniciação. Ambas levam à libertação, pois o arhat livra-se do ciclo do renascimento mas a Raja Ioga o liberta para o completo serviço e liberdade para atuar como um Mago Branco. Bhakti Ioga é a ioga do coração, do corpo astral.

Carma Ioga tem uma relação específica com a atividade no plano físico e com o trabalho de trazer à manifestação objetiva todos os impulsos internos. Em sua forma antiga e mais simples foi a Ioga da terceira raça raiz, ou lemuriana, e suas duas expressões mais conhecidas são:

a)a Hatha Ioga e

b)a Laya Ioga.

A primeira diz respeito especificamente ao corpo físico ao seu funcionamento consciente (e não subconsciente e automático) e a todas as diversas práticas que dão, ao homem, controle sobre os diferentes órgãos e sobre todo o equipamento mecânico do corpo físico. A última diz respeito ao corpo etérico, com os centros de força ou chakras encontrados naquele corpo e com a distribuição das correntes de força e o despertar do fogo serpentino.

Assinale-se que se dividirmos o tronco do corpo humano em três departamentos, pode-se afirmar que:

1. A Carma Ioga provocou o despertar dos quatro centros que ficam abaixo do diafragma.

2. A Bhakti Ioga resultou em sua transmutação e transferência para os dois centros acima do diafragma, mas ainda no tronco, o coração e a garganta.

3. A Raja Ioga sintetiza todas as forças do corpo na cabeça e daí as distribui e controla.

A Raja Ioga, da qual Patânjali trata primordialmente, inclui os efeitos de todas as outras. Só é possível empregá-la quando já se trabalhou com as demais, mas não no sentido de se ter efetuado este trabalho nesta vida. A evolução trouxe todos os filhos dos homens (que estão prontos para serem cheias ou discípulos), através das várias raças e, enquanto na raça lemuriana (ou então no ciclo maior ou cadeia precedente), foram todos hatha ou laya iogues. Isto resultou no desenvolvimento e no controle do duplo corpo físico, denso e etérico.

Enquanto isso, na raça atlante o corpo de desejos ou astral foi desenvolvido e os melhores dessa raça foram verdadeiros filhos da bhakti ioga e verdadeiros devotos. Atualmente, o mais elevado dos três corpos deve ser levado a seu mais completo desenvolvimento e para isto a Raja Ioga foi planejada e este é o objetivo do trabalho de Patânjali. A raça Ariana contribuirá para a economia geral com este desenvolvimento mais completo, e toda a família humana (com exceção de uma percentagem que entrou para a raça muito tarde para poder obter o desabrochar completo da alma) se manifestará como Filhos de Deus, com todos os Seus poderes desenvolvidos e conscientemente utilizados no plano físico e no corpo físico. Patânjali diz que três coisas provocarão este acontecimento, associadas à obediência de certos métodos e regras, e essas três são:

1. Aspiração ardente, o domínio do **homem físico** de modo a que cada átomo de seu corpo esteja ardendo em zelo e esforço.

2. Leitura espiritual, que tem referência com a capacidade do **corpo mental** em ver o que está por traz de um símbolo ou de alcançar o sujeito que se encontra por traz do objeto.

3. Devoção a Ishvara, o que se relaciona com o **corpo astral** ou **emocional**, com todo o coração dedicado ao amor a Deus - Deus em seu próprio coração, Deus no coração de seu irmão e Deus como visto em cada forma.

A aspiração ardente é a sublimação da Carma ioga. A devoção a Ishvara é a sublimação da Bhakti ioga, enquanto a leitura espiritual é o primeiro passo para a Raja Ioga.

"Devoção a Ishvara" é um termo amplo e geral, abrangendo a relação do eu pessoal para com o eu superior, Ishvara, ou princípio do Cristo no coração. Abrange também a relação do Ishvara individual, com o Ishvara universal ou cósmico; trata da conscientização da alma, no homem, de que ela é uma parte integral da Superalma. Isto resulta na consciência grupal, que é o objetivo da ciência real.

A devoção envolve certos fatores que convém ao devoto compreender.

1. Uma capacidade para descentralizar-se, para mudar a própria atitude de centralização e de egoísmo, em outra que seja de dedicação ao que é amado. Todas as coisas são consideradas como não importantes desde que se alcance o objeto da devoção.

2. A obediência ao objeto amado, uma vez que ele seja conhecido. Em algumas traduções isto foi denominado "completa obediência ao Mestre" e esta é a tradução verdadeira e precisa, mas devido ao fato de a palavra Mestre sugerir (ao estudante de ocultismo) um dos adeptos, preferimos traduzi-la como "Ishvara", Deus no coração do homem, o Jiva divino ou o "ponto de vida divina", no centro do ser humano. Este é o mesmo em todos os homens, quer selvagens ou adeptos; a diferença está apenas no grau de manifestação e controle. A obediência completa a qualquer guru ou mahatma no sentido da completa subjugação da vontade nunca é ensinada na verdadeira ciência da ioga. A subjugação do homem inferior à vontade do Deus interno é ensinada, e todos os métodos e regras da ioga conduzem a este fim específico. Isto deve ser cuidadosamente mantido em mente. "A leitura espiritual" é a mais significativa e importante premissa ocultista dada até agora.

Cada forma é o resultado do pensamento e do som. Cada forma esconde ou vela uma ideia ou um conceito. Cada forma, portanto, é apenas um símbolo ou uma tentativa de representar uma ideia e isto, sem exceção, é verdadeiro em todos os planos de nosso

sistema solar onde são encontradas formas, sejam elas criadas por Deus, pelo homem ou por um deva.

Um dos objetivos do adestramento de um discípulo é habilitá-lo a verificar o que está por trás de qualquer forma em qualquer dos reinos da natureza, e assim certificar-se da natureza da energia espiritual que a trouxe à existência. A amplidão deste simbolismo cósmico tornar-se-á aparente mesmo ao mais superficial dos pensadores e o principiante no caminho do aprendizado tem que aprender a separar as diversas formas em certos grupos específicos que representem certas ideias básicas. Ele tem de interpretar as ideias que estão por trás de símbolos específicos e tem de procurar o impulso específico latente em cada forma. Ele pode praticamente começar a fazer isto no ambiente e no lugar em que está. Ele pode procurar a ideia que está velada pela forma de seu irmão; pode procurar Deus por traz do corpo de todo e qualquer homem.

Assim, o aforismo em consideração leva o aspirante à parte mais prática da vida; ele o põe face a face com três quesitos básicos e à medida que procura respondê-los corretamente, ele inevitavelmente equipar-se-á para trilhar o caminho. Estes três quesitos são:

1. Para que objetivo tendem todos os anseios e aspirações de minha alma, para Deus, ou para coisas materiais?

2. Estarei colocando toda a minha natureza inferior sob o controle de Ishvara ou do verdadeiro homem espiritual?

3. Vejo Deus por traz de toda forma e circunstância em meus contatos diários?

2. A meta destes três é alcançar a visão da alma e eliminar os obstáculos.

É interessante registrar aqui que as palavras "visão da alma" precedem o pensamento dos obstáculos ou empecilhos eliminados, mostrando que a visão é possível mesmo para aqueles que ainda não chegaram à perfeição. A visão vem nos momentos de exaltação e elevada aspiração a que a maioria dos filhos dos homens é susceptível e dá-nos o necessário incentivo para produzir aquela determinação e perseverança que a eliminação do obstáculo requer. As palavras "eliminação dos obstáculos" ou "alteração dos empecilhos" (como algumas vezes são traduzidas) são uma expressão ampla e genérica e os comentaristas hindus assinalam que elas envolvem até mesmo a erradicação das sementes daqueles empecilhos e sua total destruição, como pelo fogo; que exatamente como uma semente queimada, seca, não é mais capaz de se propagar e se torna estéril; não produzindo crescimento algum, do mesmo modo as sementes dos obstáculos à vida do Espírito são esterilizadas. Estas sementes são encontradas em três grupos, cada qual produzindo um grande número de empecilhos ou obstáculos, nos três planos da evolução humana - as sementes latentes no corpo físico, as que produzem os obstáculos do corpo astral e as latentes no corpo mental. São, em cada caso, de três espécies, perfazendo assim, literalmente, nove tipos ou espécies de sementes:

1. Sementes trazidas de vidas anteriores

2. Sementes semeadas nesta vida

3. Sementes trazidas ao âmbito da vida de uma pessoa, pela família ou raça a qual pertence

São estas sementes que produzem os empecilhos ou obstáculos à visão da alma e ao livre intercâmbio da energia espiritual e Patânjali diz que elas são de cinco tipos e começa a tratar especificamente delas. Alguns comentaristas traduzem a palavra como distrações e todos os três termos são igualmente corretos e qualquer um deles pode ser empregado. Pode-se talvez indicar que:

1. A palavra "**obstáculo** seja mais tecnicamente correta quando aplicada ao plano físico.

2. A palavra "**empecilho**" aplica-se melhor às coisas que, por meio do corpo astral, impedem a visão da alma.

3. A palavra "**distração**" tem uma referência mais específica às dificuldades que assaltam o homem que procura aquietar a mente para assim obter a visão da alma.

3. Estes são os empecilhos que causam dificuldades: Avidya (ignorância), o senso da personalidade, desejo, ódio e o senso de apego.

Estes são os cinco conceitos ou ideias erradas que há eons de tempo e durante muitas vidas impedem os filhos dos homens de se conscientizarem de que são filhos de Deus. São estes conceitos que levam os homens a se identificarem com o que é inferior e material e a esquecerem as realidades divinas. São estas concepções errôneas que fazem um filho pródigo da Mônada divina, e que o enviam a países distantes para se alimentar das bolotas da existência mortal. São estas que devem ser vencidas e eliminadas antes que o homem possa "elevar seus olhos" e ter novamente a visão do Pai e da Casa do Pai, assim capacitando-se para trilhar conscientemente o Caminho de regresso.

Pode ser frisado que dois dos empecilhos, avidya e o sentido da personalidade, dizem respeito ao homem, à síntese no plano físico; que o desejo tem relação com seu corpo astral ou veículo do sentimento, e que o ódio e o senso de apego são produtos do senso de egoísmo (o princípio de ahamkara) que anima o corpo mental. Assim, a tríplice personalidade é o campo para as sementes e no solo da vida pessoal nos três mundos elas se propagam, florescem e crescem para obstruir e interceptar o homem real. Estas sementes devem ser destruídas e de sua destruição originam-se três coisas:

1. Pagam-se dívidas cármicas
2. Consegue-se a libertação
3. A visão da alma é aperfeiçoada

4. Avidya (ignorância) é a causa de todos os outros obstáculos, quer sejam latentes, em processo de eliminação, superados ou em plena atuação.

A abrangência deste aforismo é a primeira coisa que atrai a atenção. Em pensamento, leva a pessoa à raiz de todo o mal e, em sua referência aos obstáculos, cobre todas as condições possíveis de sua existência. Este verso resume a condição de cada homem, desde o estágio selvagem, através de todas as condições intermediárias até o estado de arhat, no qual as penas finais da ignorância são arrancadas, Ele afirma que a razão por que o mal existe, a razão por que o egoísmo e os desejos pessoais de qualquer espécie são evidentes, é encontrada na grande condição básica que é a própria limitação da forma, avidya ou

ignorância.

Lembra ao aspirante, bem no início de suas investigações sobre as leis do desenvolvimento espiritual, que dois fatores devem ser levados em consideração, fatores estes que se baseiam no próprio fato da manifestação:

1. O fato do não-eu, para o qual os pontos divinos da vida espiritual são atraídos, e que os absorve durante o período de evolução.

2. O fato das limitações que o tomar forma impõe.

Estes dois fatores devem ser reconhecidos como verdadeiros tanto para o Logos solar, como para o Logos planetário, o homem ou um átomo. Cada forma de vida divina (a infinitamente pequena e a infinitamente grande), vela ou esconde uma fração de energia espiritual. O resultado para o ponto da existência espiritual é necessariamente um fechamento, um corte, e uma circunscrição dela mesma, e somente os contatos da própria existência e a luta da unidade espiritual dentro da forma podem levar à libertação final.

Por enquanto, e durante o processo de encarnação, o ponto de vida velado permanece na ignorância do que lhe é exterior e tem que lutar progressivamente para encontrar seu caminho para uma crescente liberdade e libertação.

No início, a esfera de sua própria forma é a única coisa de que tem consciência e ele permanece na ignorância de tudo o que lhe é exterior. Os contatos, originados pelo desejo, são os fatores pelos quais a ignorância vai-se transformando em conhecimento, e o homem (pois consideraremos apenas a unidade humana nesta conexão, embora as leis básicas sejam verdadeiras para todas as formas de vida divina) gradualmente se torna consciente de si mesmo e de seu meio ambiente. Como este meio ambiente é tríplice (físico, astral e mental) e como ele tem três veículos pelos quais pode contatar os três mundos, o período coberto por este despertar é imenso. A este respeito diz o velho comentário:

"Na Câmara da Ignorância os invólucros tríplices são conhecidos. Estabelece-se contato com a vida solar em seu ponto mais denso e o homem emerge plenamente humano".

A seguir o homem se torna consciente de algo mais, o grupo ao qual pertence, e ele realiza isto por uma descoberta da sua própria realidade interna, latente em sua personalidade. Ele aprende que ele, o átomo humano, é parte de um grupo ou centro no corpo de um Homem celestial, um Logos planetário, e que ele deve desenvolver a consciência:

a)da vibração de seu grupo

b)do propósito de seu grupo

c)do centro de seu grupo

Este é o estágio do caminho probatório ou do Caminho do Discipulado até a terceira iniciação, e o velho comentário prossegue:

> "No interior da Câmara de Aprendizado, estabelece-se contato com o mistério central. Vê-se o método de libertação, a lei é bem cumprida e o homem emerge praticamente um adepto".

Finalmente, o homem penetra na Câmara da Sabedoria à qual era ocasionalmente admitido (e com frequência crescente) após a primeira grande iniciação, e aprende o local que seu grupo ocupa no plano planetário, tendo também uma ligeira visão do plano cósmico. A ignorância (como compreendemos o termo) é, evidentemente, anulada, mas

não se pode enfatizar em demasia que ainda fica muita coisa desconhecida mesmo para o adepto, e que o Próprio Cristo, o Grande Instrutor do Mundo, não conhece tudo aquilo que é do conhecimento do Rei do Mundo. Os Aforismos de Ioga de Patânjali tratam apenas, no entanto, de como superar a ignorância que mantém o homem preso à roda do renascimento e o impede de desenvolver os verdadeiros poderes da alma. A este respeito diz o velho comentário, em seu estágio final:

"No interior da Câmara da Sabedoria, a luz brilha plenamente sobre os caminhos do adepto. Ele conhece a sétima parte e vê todo o resto. Ele próprio é um septenato e desta Câmara emerge Deus".

5. Avidya é a condição de confundir o permanente, puro, bem-aventurado e o Ego, com o que impermanente, impuro, doloroso e o não-eu.

Esta condição de ignorância, ou do "estado de avidya" é característica de todos aqueles que ainda não discriminam entre o real e o irreal, entre a morte e imortalidade e entre a luz e as trevas. Governa, assim, a vida nos três mundos, pois a correspondência entre avidya, no plano físico, tal como experimentada pelo homem encarnado, é encontrada em todos os planos. É uma limitação do próprio Espírito e um corolário necessário da tomada de forma. A unidade espiritual nasce cega e sem sentidos. Toma forma no início dos tempos e dos ciclos de renascimento num estado de total inconsciência. Tem que se tornar consciente daquilo que está à sua volta; para efetuar isto tem que, em primeiro lugar, desenvolver os sentidos pelos quais pode estabelecer os contatos e adquirir consciência. O método e o processo pelos quais o ser humano desenvolveu os cinco sentidos ou as avenidas de abordagem do não-eu são bem conhecidos e qualquer livro-texto padrão de fisiologia pode dar a informação necessária. Deve-se ter em mente três fatores em relação à unidade espiritual:

1.Os sentidos têm que ser desenvolvidos

2.O seu reconhecimento e utilização devem-se seguir

3.Segue-se um período no qual o homem espiritual emprega os sentidos para realizar seus desejos e, assim fazendo, identifica-se com seu equipamento de manifestação

Ele é duplamente cego, pois não só nasceu cego e sem sentidos, como também é mentalmente cego, e não vê a si próprio ou às coisas como são, cometendo o erro de considerar-se como a forma material e isto ele o faz durante muitos ciclos. Não tem um sentido de valores ou de proporção, mas encara o homem transitório, sofredor, impuro e inferior (seus três invólucros em sua totalidade) como ele próprio, a realidade. Ele não pode dissociar-se de suas formas. Os sentidos são parte das formas; eles não são o homem espiritual, o morador na forma. Eles são parte do não-eu e o meio pelo qual este estabelece contato com o não-eu planetário.

Através da discriminação e do desapego o ego, que é permanente, puro e bem-aventurado, pode finalmente dissociar-se do não-eu, que é impermanente, impuro e cheio de dor. Quando isto não é conscientizado, o homem está numa condição de avidya. Quando está em processo de realização o homem é um seguidor de vidya ou conhecimento, um caminho quádruplo. Quando a alma é conhecida como tal, e o não-eu é relegado ao seu correto lugar como um invólucro, veículo ou implemento, então o próprio

conhecimento é transcendido e o conhecedor fica isolado. Isto é a libertação e a meta.

6. O senso da personalidade é devido à identificação do conhecedor com os instrumentos do conhecimento.

Este verso é o comentário sobre o anterior. O estudante deve lembrar-se de que o conhecedor, o homem espiritual, possui vários instrumentos para estabelecer contato com seu meio-ambiente e assim se torna cada vez mais consciente:

1. De seus três invólucros ou corpos, que são seus meios de contato nos três planos:

a)O corpo físico

b)O corpo emocional ou astral

c)O corpo mental

2. Dos seus cinco sentidos no plano físico: audição, tato, visão, paladar e olfato.

3. Da mente, o grande sexto sentido que tem um tríplice uso. Mas, por enquanto, para a maioria dos homens tem apenas um emprego:

Sua primeira e mais comum utilização é a reunião dos contatos realizados e sua transmissão, como informação, para o ego, ou conhecedor, quase do mesmo modo como o sistema nervoso telegrafa para o cérebro os contatos externos que realiza. É este emprego da mente que produz primeiramente o senso da personalidade, que começa a desaparecer à medida que as outras utilizações se vão tornando possíveis.

Um segundo uso da mente é aquele que os cinco meios da ioga tornam possível - o poder de transmitir ao cérebro os pensamentos, desejos e vontade do ego ou alma. Isto traz ao eu pessoal, no plano físico, um reconhecimento da realidade e o senso da identificação com o não-eu diminue firmemente.

O terceiro emprego da mente é sua utilização pela alma como um órgão de visão pelo qual o próprio reino da alma é contatado e conhecido. Os três últimos meios da ioga proporcionam isto.

Deve-se enfatizar que este é um fato de muita importância. Se o aspirante encarar o desenvolvimento e a plena utilização do sexto sentido como seu objetivo imediato e mantiver em mente os três fins em que deve ser empregado, fará rápido progresso, o senso da personalidade desaparecerá e seguir-se-á a identificação com a alma. Este é um dos maiores grilhões que mantém presos os filhos dos homens. É aqui que se deve aplicar o machado à raiz da árvore.

7. O desejo é o apego aos objetos de prazer.

Esta não é de maneira alguma uma tradução literal, mas dá a ideia básica tão claramente, que é melhor traduzir o aforismo desta maneira.

Estes objetos de prazer abrangem todos os apegos formados pelo homem desde o estado selvagem da infante humanidade até os graus avançados do discipulado; abrangem tanto o desejo por objetos grosseiros no plano físico, como o apego por coisas, ocupações e ações que as emoções ou buscas intelectuais oferecem; abrangem toda a gama das experiências sensoriais, desde a resposta do selvagem ao calor e a uma boa refeição, até o êxtase do místico. O desejo é um termo genérico, compreendendo a tendência do espírito

em se expressar pela vida da forma. Pode significar o deleite de um canibal naquilo que come, o amor de um homem por sua família, a apreciação do artista por uma vela pintura ou a adoração do devoto pelo Cristo ou pelo seu guru. É todo o apego, em um ou outro grau, e o progresso da alma parece estar neste dispensar de um objeto sensorial a outro até chegar o tempo em que é lançado de volta sozinho sobre si mesmo. Ele esgotou todos os objetos de apego e até seu próprio guru parece tê-lo deixado só. Apenas uma realidade permanece, a realidade espiritual que ele próprio é, e seu desejo estão se volta para o interior. Este não mais é dirigido para o exterior e ele encontra o reino de Deus interno. Então, todo o desejo o abandona. Ele estabelece contactos e continua a se manifestar e a trabalhar nos planos da ilusão, mas trabalha do centro onde habita seu eu divino, a soma total de todo o desejo, e nada mais há para o atrair para os desvios do prazer ou da dor.

8. O ódio é a aversão por qualquer objeto dos sentidos.

Este aforismo é o reverso do anterior. O verdadeiro iogue não sente nem aversão nem desejo. Ele está equilibrado entre estes pares de opostos. O ódio é o resultado da concentração sobre a forma e de um esquecimento do que toda forma (em maior ou menor grau) revela; o ódio é o inverso de fraternidade, sendo assim uma quebra de uma das leis básicas do sistema solar. O ódio nega a unidade, provoca a ereção de barreiras e produz as causas que levam à cristalização, destruição e morte. É energia empregada para repudiar em vez de para sintetizar e assim é contrário à lei da evolução.

O ódio é, na realidade o resultado do senso da personalidade e da ignorância, somados ao desejo mal aplicado. É quase que a culminância dos outros três. Foram o senso de personalidade e o de extrema ignorância que, associados ao desejo de ganho pessoal, provocaram no coração de Caim o ódio por Abel, ocasionando o primeiro assassínio, ou a destruição da forma de um irmão. Deve-se considerar cuidadosamente este fato, pois o ódio, em certo grau, e a aversão, em certa extensão, estão presentes em todo coração humano. Apenas quando forem completamente sobrepujados pelo amor ou pelo sentido de unidade, desaparecerão do seio da família humana a morte, o perigo e o temor.

9. O intenso desejo pela existência sensorial é apego. É inerente a todas as formas, é autoperpetuador e é conhecido mesmo pelos muito sábios.

Esta forma de apego é a causa básica de toda manifestação. É inerente ao relacionamento dos dois grandes opostos, espírito e matéria; é o fator que rege a manifestação logóica e esta é a razão pela qual mesmo "os muito sábios" estão sujeitos a ele. Esta forma de apego é uma faculdade que automaticamente se autorreproduz e se autoperpetua, e deve ser lembrado que o domínio desta tendência, mesmo quando levado ao seu mais elevado estágio pelo adepto, é um domínio apenas relativo. Enquanto o Logos de nosso sistema solar, ou o Espírito Absoluto, se encarnar por meio de um sistema solar, esta tendência estará presente no mais elevado Espírito planetário e na mais elevada existência espiritual. Tudo o que é possível na superação do apego ou em matar o desejo, é desenvolver o poder de equilibrar os pares de opostos em qualquer plano particular, de modo que o homem não mais seja prisioneiro das formas daquele plano e que a retirada se

torne possível. Os estudantes dão às palavras apego, desejo e à sua extinção, significados muito secundários. Eles são interpretados em termos do pequeno avanço do estudante. São apenas palavras do vernáculo que, muito inadequada e apenas simbolicamente, procuram expressar um trabalho ocultista. Só podem ser verdadeiramente compreendidas em termos da Lei de Atração e Repulsão e através da compreensão do sistema de vibrações ocultas.

A vontade de viver ou de se manifestar é parte do impulso da Vida divina, sendo, portanto, correta. A vontade de ser, ou de se manifestar em qualquer plano específico ou através de um grupo específico de formas não será correta quando esta esfera de manifestação estiver ultrapassada e quando qualquer determinado conjunto de formas tiver servido ao seu propósito de prover meios para contatos-experiência e não mais puder oferecer ensinamento algum, o mal penetra, pois a tendência para o mal nada mais é que uma tendência em reverter ao uso de formas e práticas que o Morador interno já ultrapassou. Por esta razão, os pecados animais grosseiros são universalmente encarados como mal, pois é geralmente reconhecido que o habitante da forma do homem já ultrapassou o reino animal, ou o terceiro reino.

Um adepto, portanto, transcendeu o apego às formas nos três planos (físico, astral e mental) e matou todo o anseio pelas formas nesses planos. Quando a vida ou o Espírito se retira, a forma, ocultamente, morre. Quando o pensamento do ego ou eu superior está ocupado com seu próprio plano, não há energia saindo em direção à matéria dos três mundos e portanto a criação e o apego às formas não são possíveis. Isto está de acordo com a verdade ocultista de que a "energia segue o pensamento", e de acordo também com o ensinamento de que o corpo do princípio Crístico (o veículo búdico) só começa a coordenar quando os empecilhos inferiores desaparecem. É consistente também com o fato de que o veículo causal, o corpo do eu superior nos níveis abstratos do plano mental ganha em beleza, tamanho e atividade com maior rapidez, durante os estados do discipulado, do que fora anteriormente possível durante todo o ciclo das encarnações anteriores: A. energia egóica não mais é dirigida apenas para fora, mas é mais literalmente dirigida para o seu próprio desenvolvimento. O apego à forma ou a atração do Espírito pela forma é o grande impulso involutivo. A repulsa da forma e sua consequente desintegração é o grande impulso evolutivo.

10. Estes cinco empecilhos, quando sutilmente conhecidos, podem ser transpostos por uma atitude mental de oposição.

As palavras "sutilmente conhecidos" podem ser interpretadas como "quando compreendidas pelo homem inferior" e o pensamento por traz destas palavras foi bem explicado por Dvivedi em seu Comentário, como segue:

> "Tendo descrito a natureza das "distrações" o autor indica o modo para suprimi-las. Elas são divididas em duas espécies, sutis e grosseiras. As primeiras são aquelas que existem em estado latente sob a forma de impressões, enquanto que as segundas são aquelas que afetam a mente de modo concreto. As primeiras somente podem ser completamente suprimidas quando se obtiver controle completo sobre toda a estrutura que as suporta, ou seja, o princípio pensante".

Este é o primeiro trabalho do aspirante à ioga. Ele deve compreender a natureza dos obstáculos e dispor-se então a vencê-los, trabalhando no plano mental. Ele tem que ganhar o controle do equipamento do pensamento; a seguir, tem que aprender como utilizá-lo e quando isto tiver sido conseguido, ele começa a expulsar os empecilhos por meio de correntes contrárias. Os próprios empecilhos são resultantes de hábitos errôneos de pensamento e do mau uso do princípio pensante. Quando são sutilmente conhecidos como as sementes que produzem as "formas que causam os obstáculos", podem então ser exterminados nos estados latentes pelos corretos hábitos de pensamento que darão como resultado os meios de se conseguir a libertação.

A ignorância (avidya) deve ser suplantada pela verdadeira vidya ou conhecimento e, como é bem sabido, nesta quarta raça, neste quarto globo e nesta quarta ronda, as quatro vidyas e as quatro nobres verdades e os quatro elementos básicos formam a soma total deste conhecimento.

As quatro vidyas da filosofia Hindu podem ser enumeradas como se segue:

1. Yajna Vidya - A realização de direitos religiosos a fim de produzir certos resultados. Magia cerimonial. É relacionada com o som, e assim com o Àkasa ou o éter do espaço.

A "Yajna" é a deidade invisível que permeia o espaço.

2. Mahavidya - O grande conhecimento mágico. Degenerou no culto Tântrico. Diz respeito ao aspecto feminino, ou o aspecto matéria (Mãe). A base da magia negra. A verdadeira mahaioga diz respeito à forma (segundo aspecto) e à sua adaptação ao Espírito e às suas necessidades.

3. Guhya vidya - A ciência dos mantrans. O conhecimento secreto de mantrans místicos. A potência oculta do som, da Palavra.

4. Atma vidya - Verdadeira sabedoria espiritual.

As quatro nobres verdades foram estabelecidas para nós nas palavras do Buda, nos seguintes termos:

> "Agora o Excelso assim se dirigiu aos irmãos:
>
> "Pela não compreensão, embora não alcançando as Quatro Verdades Arianas, irmãos, muito temos caminhado e errado nesta longa jornada (ou renascimento) vocês e Eu. Quais são essas quatro?
>
> A Verdade Ariana do Mal: A Verdade Ariana do Nascimento do Mal; a Verdade Ariana da Cessação do Mal: A Verdade Ariana do Caminho levando à Cessação do Mal.
>
> Mas, irmãos, quando estas Quatro Verdades Arianas forem compreendidas e alcançadas, então o excessivo desejo pela existência será exterminado, cortado será o fio que leva ao renascimento e então não mais haverá o vir a ser".
>
> Assim falou o Excelso. Quando o ser Feliz havia assim falado, o Mestre acrescentou o seguinte:
>
> Cegos às Quádruplas Verdades Arianas das coisas, E cegos para ver as coisas como realmente são,
>
> Longa foi nossa jornada através de diversos renascimentos. Desaparecida é a corda da vida quando estes são vistos. Não mais vir a ser quando a raiz do Mal é cortada."

Os quatro elementos foram especificados para nós no seguinte extrato da Doutrina Secreta (I.95)

"O Ovo Dourado estava cercado pelos sete Elementos naturais, quatro prontos (éter, fogo, ar, água e três secretos".

11. Suas atividades devem ser encerradas pelo processo da meditação.

A "atitude mental de oposição" mencionada no aforismo precedente tem um referência distinta às sementes ou às tendências latentes quando subsistem no corpo mental ou no corpo de desejos. Esta atitude mental tem que se transformar numa forma de meditação mental ativa e de pensamento dirigido para que as atividades do corpo físico possam ser submetidas a um controle semelhante. Muito do que fazemos é automático e resultante de longos e continuados hábitos emocionais e mentais. Instintivamente, devido a práticas antigas e à sujeição a um mundo de formas tangíveis, nossas atividades no plano físico são governadas pelos cinco empecilhos. Eles têm que ser suprimidos e o trabalho de lidar com as sementes latentes e com a supressão das atividades externas deve prosseguir simultaneamente. A firme oposição da atitude mental se encarrega de uma; a meditação que traz os três fatores do pensador, da mente e do cérebro físico se encarregará da outra, e isto não deve ser esquecido, pois de outro modo a teoria não será convertida em prática inteligente. Este processo de meditação é tratado no Livro III e não há necessidade aqui de maiores considerações.

12. O próprio carma tem suas raízes nestes cinco empecilhos e deve frutificar nesta vida ou em alguma vida posterior.

Na exata medida em que o homem, no plano físico, estiver sujeito ou for governado por estes cinco empecilhos, na mesma exata medida ele iniciará as atividades que produzirão efeitos inevitáveis e na mesma exata medida estará ele amarrado à roda do renascimento e condenado a tomar forma. O estudante deve cuidadosamente anotar que estes cinco empecilhos são a causa de todas as atividades da personalidade inferior ou do homem inferior. Tudo o que faz é baseado em um ou outro deles e não há ação do homem comum, nos três mundos, que não seja resultante da ignorância e das identificações e ações errôneas que a acompanham.

À medida que estes empecilhos são vencidos e que a ignorância, o campo de todos eles, é sobrepujada pela divina sabedoria, há cada vez menos efeitos a cancelar no plano físico, e as correntes que ligam um homem à grande roda da manifestação física são rompidas uma a uma. Estas correntes, assim como o campo de ignorância, são tríplices, sendo os três grandes planos de consciência que constituem o campo da evolução humana. Quando o campo de ignorância se torna o campo de experimentação consciente e quando se sente que as correntes são prisões e limitações, o futuro cheia terá dado um tremendo passo para diante no processo de libertação. Quando ele puder levar a luta para o interior, para aquilo que Ganganatha Jha chama "a vida não manifestada" e que nós frequentemente chamamos de "planos mais sutis" ele estará entrando na Câmara do Saber e cortando os grilhões que kama (ou desejo) e o uso errado da mente tão sutilmente forjaram. Posteriormente, ele entrará na Câmara da Sabedoria e lhe serão ensinados certos métodos esotéricos e ocultistas de acelerar o processo de libertação.

13. Enquanto as raízes (ou samkaras) existirem, seus frutos serão o nascimento, a vida e as experiências, que resultarão em prazer ou dor.

O trabalho predominante do estudante de ocultismo é a manipulação da força e a entrada naquele mundo em que as forças são ativamente colocadas em ação, de que resultam efeitos fenomênicos. Ele tem que estudar e compreender prática e inteligentemente o funcionamento da Lei de Causa e Efeito e não mais trabalha com efeitos e centra sua atenção nas causas que os produzem. Em relação a si próprio, chega a compreender que a causa primordial do fenômeno de sua existência objetiva nos três mundos é o próprio ego e que as causas secundárias são o agregado daqueles fundamentais impulsos egóicos que levaram ao desenvolvimento da resposta aos contactos sensoriais nos três planos. Estes impulsos produziram efeitos que (estando sujeitos à Lei) devem se traduzir em objetividade no plano físico. Assim é dada uma importância muito maior à necessidade de se estabelecer contato egóico direto pelo fio ou sutratma, pois apenas desta maneira pode o aspirante se certificar das causas que estão por traz das atuais manifestações de sua vida, ou começar a lidar com os samkaras ou sementes de suas futuras atividades. Estas semente são kama-manásicas (ou parcialmente emocionais e parcialmente mentais) em sua natureza, pois o desejo é potente em seus efeitos e produz o veículo físico em seus dois aspectos:

a) Manas inferior, ou a mente concreta, é o fator básico na produção do corpo etérico.

b) Kama, ou desejo, é o principal fator que traz à existência o veículo físico denso.

Os dois juntos são responsáveis pela existência manifestada.

É bem conhecido que a árvore da vida é representada com as raízes para cima e as folhas brotando para baixo. Na pequenina árvore da vida do ego a mesma representação simbólica é verdadeira. As raízes são encontradas no plano mental. O florescimento em objetividade e frutificação é encontrado no plano físico. Por isso é necessário que o aspirante aplique o machado à raiz da árvore, ou que lide com os pensamentos e desejos que produzem o corpo físico. Ele deve penetrar no reino subjetivo se quiser lidar com aquilo que continuará a mantê-lo na roda do renascimento. Quando as sementes são erradicadas, a frutificação se torna impossível. Quando a raiz é separada de suas partes externas em qualquer dos três planos, então a energia de vida não mais flui para baixo. As três palavras nascimento, vida e experiência resumem a existência humana, seu objeto, método e meta e com eles não precisamos nos ocupar. Todo o problema do Carma (ou Lei de Causa e Efeito) é tratado neste aforismo e é um assunto muito vasto para ser aplicado aqui. Basta dizer que, do ponto de vista dos Aforismos de Ioga, o Carma é de três espécies:

1. **Carma Latente**. Aquelas sementes e causas que ainda não foram desenvolvidas e estão inativas e devem vir a frutificar em algum período da vida presente ou em vidas subsequentes.

2. **Carma Ativo**. Aquelas sementes ou causas que estão em processo de frutificação e para as quais a vida presente deve suprir o necessário solo para o florescimento.

3. **Carma Novo**. Aquelas sementes e causas que estão sendo produzidas nesta vida, e que devem inevitavelmente governar as circunstâncias de alguma vida futura.

O principiante nesta ciência da ioga pode começar lidando com seu carma ativo, interpretando cada acontecimento da vida e cada circunstância como oferecendo condições para que ele possa esgotar uma certa série específica de efeitos. Ele pode se esforçar para controlar seus pensamentos de modo a não semear novas sementes, para não gerar carma futuro que vá frutificar em alguma vida posterior.

As sementes do carma latente apresentam maior dificuldade para o trabalho do neófito e é aqui que seu Mestre pode ajudá-lo - manipulando suas circunstâncias e trabalhando com seu meio-ambiente nos três mundos, de modo que este tipo de carma possa ser mais rapidamente esgotado e liquidado.

14. Estas sementes (ou samkaras) produzem prazer ou dor, conforme a causa originária seja boa ou má.

Pode-se registrar que o bem é o que se relaciona ao princípio uno, à realidade que habita em todas as formas, ao Espírito do homem a medida que se revela através da alma, e ao Pai ao Se manifestar através do Filho. O mal se relaciona à forma ao veículo à matéria e realmente diz respeito à relação do Filho com seu corrpo de manifestações. Se o Filho de Deus (cósmico ou humano) estiver limitado, aprisionado e cego por sua forma, este é o poder do mal sobre ele. Se ele tiver consciência de seu próprio ego, se não for prisioneiro das formas, e se estiver livre da escravidão da matéria, este é o poder do bem. A completa libertação da matéria produz bem-aventurança ou prazer - a alegria da realização. O mal causa dor, pois o Habitante Interno apenas sofrerá na medida em que for limitado por seu corpo de manifestação.

15. Para o homem iluminado, toda existência (nos três mundos) é considerada dor, devido às atividades das gunas. Estas atividades são tríplices, provocando consequências, ansiedades e impressões sublimares.

As três "gunas" são as três qualidades da própria matéria, sattva, raja e tamas, ou ritmo, atividade e inércia, e são inerentes a todas as formas. O estudante deve se lembrar que cada forma em cada plano é assim caracterizada, e isto é verdadeiro desde a forma mais elevada até a mais baixa, a manifestação destas qualidades diferindo apenas em grau.

Para o homem que está alcançando a perfeição torna-se cada vez mais aparente como toda forma por que ele, o homem espiritual, se manifesta, causa limitação e dificuldade. O veículo físico do adepto, embora construído de substância de natureza predominantemente sáttvica, equilibrado e rítmico, ainda assim, serve para confiná-lo ao mundo dos empreendimentos físicos e limita os poderes do verdadeiro homem. Falando de um modo geral, pode-se dizer que:

1. O atributo da inércia (ou tamas) caracteriza o ego pessoal inferior, os invólucros do tríplice homem inferior.

2. O atributo da atividade é a característica primordial da alma, e é esta qualidade que causa a intensa atividade e o constante labor do homem à medida que ele procura experiência, e posteriormente, quando procura servir.

3. O atributo do ritmo, ou equilíbrio, é a qualidade do espírito ou mônada e é esta

tendência para a perfeição que é a causa da evolução do homem em tempo e espaço e o fator que leva toda a vida, através de todas as formas, até a consumação. Mantenhamos em mente, contudo, que estas três qualidades são as qualidades da substância pelas quais o tríplice espírito se manifesta neste sistema solar. Ainda não conhecemos a natureza do próprio espírito, pois não podemos pensar a não ser em termos de forma, não obstante o quão transcendentais possam ser estas formas. Somente as almas que alcançaram a mais alta iniciação e que podem ultrapassar o círculo-não-se-passa de nosso sistema solar conhecem alguma coisa sobre a natureza essencial do que chamamos espírito.

Vindo para o lado prático da manifestação das gunas nos três mundos (em relação ao homem) pode-se registrar que:

1. O atributo de equilíbrio ou ritmo distingue o veículo mental. Quando o corpo mental está organizado e o homem é dirigido por sua mente, sua vida se estabiliza e se organiza também e seus negócios prosseguem de modo equilibrado.

2. A qualidade da atividade ou mobilidade é a característica da natureza astral ou emocional, e quando esta é dominante, a vida fica caótica, violenta, emocional e sujeito aos caprichos e sentimentos. É primariamente a qualidade da vida de desejos.

3. A inércia é a qualidade dominante do corpo físico e o objetivo total do ego é quebrar esta inércia e levar seu veículo mais inferior a uma atividade que o leve a atingir as finalidades desejadas. Daí o emprego e a necessidade da guna da mobilidade e o emprego total da natureza emocional ou de desejos, nos estágios iniciais do esforço.

A dor é o resultado destas atividades da forma, pois é o resultado da diferença inerente entre os pares de opostos, espírito e matéria. Ambos os fatores ficam essencialmente "em paz" até serem levados à conjunção e ambos resistem um ao outro e produzem atrito e sofrimento quando unidos no tempo e no espaço.

Patânjali assinala que esta dor é inclusiva, abrangendo passado, presente e futuro.

1. **Consequências**. A dor é causada pela atividade do passado e pelo esgotamento do carma, à medida que aparece, no ajustamento dos enganos, o pagamento do preço do erro. O pagamento das obrigações e dívidas passadas é sempre um processo doloroso. Algumas eventualidades passadas requerem condições atuais quer de hereditariedade e meio-ambiente, quer do tipo de corpo, e a forma, tanto do veículo como das relações grupais, é dolorosa para a alma, Que é assim confinada.

2. **Ansiedades**. Dizem respeito ao presente e algumas vezes, isto é, traduzido como - apreensões. Se o estudante examinar este termo verá que ele abrange não só o temor do mal no sofrimento, como também o temor do fracasso no corpo espiritual no serviço. Estes causam igualmente dor e aflição e fazem o despertar do homem real corresponder a uma conscientização de sua herança.

3. **Impressões subliminares**, têm relação com o futuro e dizem respeito aos pressentimentos em relação à morte, sofrimentos e necessidades que dominam tantos dos filhos dos homens. É o desconhecido e suas possibilidades, o que tememos, tanto por nós como pelos outros, e isto por sua vez causa dor.

16. A dor que ainda está por vir pode ser evitada.

Aqui as palavras sânscritas transmitem uma ideia dupla: Em primeiro lugar, dão a

entender que certos tipos de “miserabilidade" (conforme algumas traduções) ainda por vir, podem ser evitados pelo correto ajustamento das energias do homem, de maneira que, pela mudança de sua atitude, as reações dolorosas não mais sejam possíveis e, pela transmutação de seus desejos, tornem-se impossíveis as "velhas dores". Em segundo lugar, indica que a Vida deve ser vivida, no presente, de modo tal que não de lugar a geração de causas que sejam movimentadas segundo a linha de efeitos causadores de sofrimento. Esta dupla inferência provocara na vida do iogue um disciplinamento duplo, envolvendo uma firme determinação de praticar o desapego e um firme disciplinamento da natureza inferior. Isto provocará uma atividade mental de tal natureza que as velhas tendências, anseios e desejos não mais atraiam e que não mais sejam exercidas atividades que possam acarretar a criação de carma ou de resultados posteriores.

Aquilo que já passou somente agora pode ser esgotado, e deve-se permitir que este tipo de carma, que traz dor, tristeza e miséria em sua esteira, siga o seu curso normal. O carma atual, ou aquela precipitação de efeitos que o ego planeja dispersar no atuai ciclo de vida, deve igualmente desempenhar seu papel na emancipação da alma. É, contudo, possível, ao homem espiritual, governar de tal modo o homem inferior que os acontecimentos cármicos (ou seus efeitos à medida que são esgotados no mundo físico objetivo) possam não causar dor ou aflição, à medida que sejam reconhecidos e enfrentados pelo iogue desapegado. Nem mais deixará que outras causas provocadoras de dor sejam acionadas.

17. A ilusão de que o Percebedor e aquilo que é percebido são uma e a mesma coisa, é a causa (dos efeitos que produzem dor) que deve ser afastada.

Este aforismo nos leva de volta à grande dualidade básica de manifestação, a união do espírito e da matéria. É seu intercâmbio que origina todas as modificações produtoras de forma ou atividade nos vários planos e que é a causa das limitações que a consciência pura impôs a si própria. Num breve comentário como este é impossível tratar deste tema com maior profundidade. Tudo o que é possível fazer é tocar no assunto à medida que ele afeta o próprio homem. Pode ser resumido como se segue: - Todo sofrimento e dor é causado pelo homem espiritual ao se identificar com suas formas objetivas nos três mundos e com o reino dos fenômenos no qual estas formas têm suas atividades. Quando ele puder se dissociar do reino dos sentidos e conhecer-se como "aquele que não é o que é visto, tocado e ouvido", poderá então libertar-se de todas as limitações da forma e permanecer à parte como o divino percebedor e ator. Ele utilizará as formas como desejar, para atingir determinados fins específicos, mas não se iludirá, considerando-as como sendo ele próprio. Os estudantes farão bem em aprender a manter a consciência de que nos três mundos (que é tudo o que concerne ao aspirante neste estágio) ele é o mais alto fator nas bem conhecidas triplicidades:

O Percebedor	Percepção	Aquilo que é percebido,
O Pensador	Pensamento	Formas de pensamento,
O Conhecedor	Conhecimento	O campo do conhecimento,
O Vidente	Vista	Aquilo que é visto,

O Observador	Observação	O que é observado,
O Espectador	Visão	O espetáculo,

e muitas outras igualmente conhecidas.

O grande objetivo da Raja Ioga é libertar o pensador das modificações do princípio pensante de modo a que ele não mais mergulhe no grande mundo das ilusões do pensamento nem se identifique com o que é puramente fenomênico. Ele fica livre e desapegado e usa o mundo dos sentidos como o campo de suas atividades inteligentes e não mais como o campo de suas experiências e esforços destinados a dar-lhe experiência.

Deve ser lembrado que os meios de percepção são os seis sentidos, isto é, audição, tato, visão, paladar, olfato e a mente, e que estes seis devem ser transcendidos e conhecidos pelo que realmente são. Os meios de percepção revelam a grande maya ou o mundo de ilusões que é composto de formas de todos os tipos, construído de substância que deve ser estudada quanto à sua constituição atômica e molecular e aos elementos básicos que dão a essa substância suas diferenciações e qualidade específicas. Para fins de estudo o estudante fará bem em lembrar-se de que deve investigar a natureza dos seguintes fatores no polo oposto ao espírito, a que chamamos de matéria:

1. Átomos
2. Matéria molecular
3. Os elementos
4. As três gunas ou qualidades
5. Os tattvas ou diferenciações de força em suas sete formas.

Através da compreensão da natureza e distinções da matéria, ele chegará a ter uma compreensão do mundo da forma que manteve prisioneiro o seu espírito por tanto tempo. Isto é indicado por Patânjali no aforismo seguinte.

18. Aquilo que é percebido tem três qualidades, Sattva, Rajas e Tamas (ritmo, mobilidade e inércia); consiste dos elementos e dos órgãos sensoriais. A sua utilização provoca a experiência e a libertação final.

Este é um dos mais importantes aforismos neste livro pois em poucas e concisas palavras resumimos a natureza da substancia, sua constituição, seu propósito e sua finalidade. Poder-se-ia dedicar muito tempo à consideração de cada sentença, e as palavras, “as qualidades", "os elementos", "os sentidos, evolução e "libertação" exprimem a soma total dos fatores que dizem respeito ao crescimento do homem. Estes cinco são aqueles com. os quais a unidade humana mais tem a ver e abrangem sua carreira desde o momento em que pela primeira vez se encarnou e através dos longos ciclos de vidas, até ter passado pelos vários portais de iniciação, para a vida maior do cosmos.

Primeiro a "inércia" o caracteriza, e suas formas são de uma natureza tão pesada e grosseira que muitos e violentos contatos são necessários antes que ele se torne consciente de seus arredores e de que, posteriormente os aprecie inteligentemente. Os grandes elementos da terra, água, fogo, e ar, desempenham sua, parte na construção de suas formas e são incorporados ao seu próprio ser. Seus vários órgãos sensoriais lentamente se tornam ativos; primeiro os cinco sentidos e, a seguir, quando a segunda qualidade de *raias,*

ou atividade, estiver firmemente estabelecida, o sexto sentido ou a mente começa a se desenvolver também. Posteriormente ele começa a perceber em tudo o que o cerca no mundo fenomênico, as mesmas qualidades e elementos que nele próprio existem, e seu conhecimento cresce rapidamente. Daí passa a fazer uma distinção entre ele próprio como o Percebedor e aquilo que percebe como suas formas e seu mundo de ser. O sexto sentido se torna cada vez mais dominante e é finalmente controlado pelo verdadeiro homem, que passa então ao estado sáttvico onde é harmonizado em si mesmo e consequentemente com tudo a sua volta. Sua manifestação é rítmica e em sintonia com o grande todo. Ele observa o espetáculo e se certifica de que as formas através das quais age no mundo fenomênico estão devidamente controladas e que suas atividades estão em harmonia com o grande plano.

Quando isto for verdadeiro ele será parte do todo e apesar disso, livre do controle do mundo da forma, dos elementos e dos sentidos. Ele os utiliza; eles não mais o usam.

19. As divisões das gunas (ou qualidades da matéria) são quádruplas; a específica, a não específica, a indicada e o intocável.

É interessante registrar aqui que as gunas ou qualidades (a totalidade dos atributos ou aspectos da substância e nosso sistema solar) são quádruplas. Nesta divisão setenária temos uma analogia com os setenatos encontrados em todo o universo manifestado. Temos primeiro os três aspectos principais de substância-pensamento:

1. Substância sáttvica	Ritmo, equilíbrio, harmonia
2. Substância rajásica	Mobilidade, atividade
3. Substância tamásica	Inércia, estabilidade

Estas trás dividem-se em:

1.específica	Elementos manifestados, forma
2.não específica	Os sentidos, as reações de força, os tanmatras
3.indicada	Substância primaria, os táttvas, matéria atômica
4.intocável	A grande Existência, que é a soma total de todos estes.

Neste aforismo a intenção é abranger todas as tecnicalidades do aspecto forma da manifestação, quer se refira à manifestação de um átomo humano, quer de uma deidade solar e simplesmente indica a natural triplicidade da substância, sua natureza septenária e suas várias mutações. Expressa a natureza daquele aspecto da vida divina que é chamado Brahma pelo hindu e Espírito Santo pelo cristão. Este é o terceiro aspecto da Trimurti ou Trindade o aspecto da matéria ativa inteligente, do qual o corpo de Vishnu Pai ou do Cristo cósmico deve ser construído, a fim de que Shiva o pai ou espírito possa ter um meio de

revelação. Portanto poderá ser, útil se indicarmos a natureza das quatro divisões das três gunas após darmos os sinônimos para estas gunas.

As três gunas:

1.As qualidades da matéria,

2.Os aspectos da substância pensante, ou da mente universal,

3.Os atributos da força-matéria,

4.As três potências.

Estas triplicidades devem ser cuidadosamente estudadas, pois é através delas que se torna possível a consciência em seus vários graus. Aqui nós estamos tratando com a grande ilusão de formas com as quais o Homem Real se identifica para seu sofrimento e dor durante o longo ciclo de manifestação e das quais ele deve ser finalmente libertado.

Um pensamento ainda mais amplo é também envolvido: "0 aprisionamento da vida de um Logos solar na forma de um sistema solar, seu desenvolvimento evolutivo através dessa forma e a perfeição final e libertação daquela vida da forma na conclusão de um grande ciclo solar. O ciclo menor do homem está englobado no maior e sua conquista e a natureza de sua libertação é apenas relativa ao todo maior.

1. A divisão específica das gunas.

Esta divisão específica ou particularizada das gunas distribui-se em dezesseis partes que tratam primariamente das reações do homem ao mundo tangível objetivo.

a. **Os cinco elementos**: éter, ar, fogo, água e terra. Estes são os efeitos diretamente envolvidos dos não específicos ou som ou palavra subjetivos.

b. **Os cinco órgãos sensoriais**: o ouvido, a pele, o olho, a língua e as narinas, esses órgãos ou canais físicos pelos quais a identificação com o mundo tangível se torna possível.

c. **Os cinco órgãos de ação**: voz, mãos, pés, os órgãos excretores e os órgãos genitais.

d. **A mente**. Este é o sexto sentido, o órgão que sintetiza todos os outros órgãos sensoriais e que por fim tornará a utilização deles uma coisa do passado.

Estes dezesseis meios de percepção e atividade no mundo fenomênico são os canais para o homem pensante real; eles demonstram sua realidade ativa e são a totalidade dos fatos físicos que dizem respeito a todo filho de Deus encarnado. De modo semelhante, em sua conotação cósmica, eles são a totalidade dos fatos que demonstram a realidade de uma encarnação cósmica. "A Palavra é feita carne" tanto individualmente como no sentido cósmico.

2. A divisão não específica das gunas.

Estas são em número de seis e dizem respeito ao que está por trás do específico; tratam daquilo que é subjetivo e intangível e com a dispensação da força que produz as formas específicas.

Tecnicamente são chamadas nos livros hindus, de tanmatras.

Dlzem mais respeito a consciência que à forma e são as "modificações especiais de budi ou consciência" (Ganganatha Jha). São elas:

1. O elemento da audição, ou aquilo que produz o ouvido - o rudimento da audição;

2. O elemento do tato, ou aquilo que produz o mecanismo do tato, a pele etc. - o rudimento do tato·

3.O elemento da visão, ou aquilo que produz o olho;

4.O elemento do paladar, ou aquilo que produz o mecanismo do gosto;

5. O elemento do olfato, ou aquilo que produz o mecanismo do olfato.

Por ,trás destes cinco está a sexta tanmatra, ou modificação do princípio da consciência, o "sentimento de personalidade" como tem sido chamado, a consciência do "Eu sou Eu", o princípio do ahamkara. E isto que produz o senso da realidade pessoal e de ser a pessoa uma unidade distinta de consciência. É a base da grande heresia da separatividade" e a causa de ser o homem real ou espiritual atraído para a grande ilusão. E isto que força o homem durante longos eons a identificar-se com as coisas dos sentidos e é isto também que finalmente o leva à posição onde ele procura a libertação.

3. A indicada.

Por trás das dezesseis divisões especializadas e das seis não especializadas está aquilo que é a causa de todas elas, chamada nos livros hindus Budi, ou razão pura, o intelecto separado da mente inferior, algumas vezes chamado intuição, cuja natureza é amor-sabedoria. Este é o princípio ou vida Crística, que no processo de se encarnar ou tomar forma, como o sabemos, manifesta-se como específica e não específica. Para a maioria é por enquanto apenas “indicada”. Nós supomos que esteja lá. O trabalho da Raja Ioga é levar esta vaga suposição ao pleno conhecimento, de modo a que a. teoria se torne fato e que o que está latente e que se acredita existir, possa ser reconhecido pelo que realmente é.

4. O intocável.

Chegamos finalmente à quarta divisão das gunas ou aspectos, aquela "em que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser" o intocável ou desconhecido Deus. Esta é a grande forma de existência onde as nossas pequenas formas são encontradas. Esta é a totalidade da substância pensante da qual as nossas pequenas mentes são parte; esta é toda a manifestação de Deus por meio do Cristo cósmico, do qual cada pequenino Filho de Deus é uma parte. A mente do homem ainda não pode conceber este intocável e desconhecido.

20. O vidente é conhecimento puro (gnosis). Embora puro, ele olha para a ideia apresentada, através da mente.

Já se fez referência à excelente tradução deste aforismo feita por Johnston, que diz o seguinte: "O vidente é visão pura. Embora puro, ele olha para fora através da vestimenta da mente". Ganganatha Jha lança ainda mais luz sobre ele por meio destas palavras: “O espectador é sensibilidade pura, e embora pura, ainda armazena ideias do intelecto." O pensamento que se procura transmitir é que o verdadeiro homem, o espectador, o percebedor ou pensador é a soma total de toda percepção, seja ela pelas avenidas dos sentidos, ou da mente inferior; ele é em si próprio o conhecimento, visão clara ou percepção verdadeira. Tudo o que existe nos três mundos existe por causa dele e para ele; ele é a causa dessa existência e quando não mais a procura nem tenta visualizá-la, para ele não existe mais. Este aforismo é um dos versos chave deste livro e dá a pista para a compreensão de toda a ciência da ioga. Em sua formulação há alguns pensamentos ocultos,

pensamentos estes que cobrem todo o campo desta ciência e os estudantes fariam bem em dar-lhe muita atenção. Tem efeito mântrico e se for dito como uma afirmação e utilizado constantemente pelo aspirante, demonstrar-lhe-á, por fim, a verdade do ditado: "como o homem pensa, assim ele é".

"Eu sou conhecimento puro. Embora puro, Eu observo as ideias apresentadas, por meio da mente".

Temos aqui:

1. **O vidente** ou o que observa e considera (de seu ponto de vista divino) este mundo de efeitos, esta grande maya de ilusão.

2. A **ideia apresentada**. O pensamento aqui transmitido é que cada forma que passa diante do espectador no grande panorama da vida nos três mundos é uma "ideia-apresentada", e que estas ideias apresentadas são, portanto, pensamentos corporificados de alguma espécie, devendo ser encarados como tais. A tarefa do ocultista é trabalhar com a força que está por trás de cada forma e não tanto com a forma que é apenas o efeito de alguma causa. Este método de esforço só pode ser desenvolvido gradualmente. O espectador passa gradativamente das formas e de sua verdadeira significação em seu próprio meio-ambiente imediato e em seu próprio pequeno mundo, pelas várias formas do processo mundial até que o mundo das causas lhe fique revelado e que o mundo dos efeitos assuma uma posição secundária.

Primeiramente ele percebe as formas nos três mundos. Gradualmente, então, ele se torna consciente daquilo que os produziu e do tipo de força que os trouxe à existência. Posteriormente, descobre a ideia que eles encarnam, e traçando-os progressivamente para a frente ou para trás até sua fonte original, ele entra em contato com as grandes vidas que são a causa de manifestação. Sai assim do reino da objetividade, dos mundos mental, emocional e físico, e entra no reino da alma ou da causa subjetiva desta tríplice manifestação. Este é o mundo das ideias e portanto do conhecimento puro, da razão pura e da mente divina. Posteriormente, num estágio muito avançado, ele entrará em contato com a Vida Una que sintetiza as diversas vidas, com o Propósito uno que mescla as diversas ideias em um plano homogêneo.

3. **A mente**. Este é o instrumento que o vidente emprega a fim de perceber as ideias apresentadas ou as formas de pensamento. Para maior clareza pode-se notar que as ideias apresentadas se enquadram em cinco grupos de formas de pensamento:

a. As formas objetivas tangíveis no mundo físico de cada dia. Com estas de há muito que o vidente se identificou, nos primeiros e mais selvagens estágios da existência humana.

b. Estados de humor, sentimentos e desejos, todos com formas no mundo astral, o mundo das emoções.

c. As formas de pensamento, em suas miríades de espécies, que povoam o mundo mental. Através destas "ideias apresentadas" o vidente ganha conhecimento do não-eu.

d. As formas de pensamento que ele próprio pode criar após ter aprendido a controlar seu instrumento, a mente, e pode discriminar entre o mundo ilusório das ideias presentes e as realidades que constituem o mundo do espírito.

Por este processo ele chega a um conhecimento de si mesmo. Durante toda a grande experiência de conhecer o não-eu e a si mesmo, ele emprega a mente como seu meio de busca, de explicação e de interpretação, pois os sentidos e todos os seus canais de contato,

telegrafam continuamente informações e reações à mente por meio do instrumento inferior do cérebro. Tendo alcançado este estágio o vidente é então capaz de utilizar a mente de modo inverso. Em vez de voltar sua atenção para o não-eu ou o mundo ilusório dos efeitos e em vez de estudar sua própria natureza inferior, ele pode, agora, em virtude do controle mental que conquistou,chegar ao quinto estágio:

e. As ideias apresentadas pelo mundo da vida espiritual, o reino do conhecimento espiritual, e o reino de Deus em seu mais verdadeiro sentido.

Por este meio, o vidente chega ao conhecimento de Deus como Ele é e chega a uma compreensão da natureza do espírito. A mente serve então a um tríplice propósito:

a. Através dela o vidente observa o reino das causas, o reino espiritual.

b. Por seu intermédio, o mundo das causas pode ser interpretado em termos do intelecto.

c. Utilizando-a corretamente, o vidente pode transmitir ao cérebro físico do eu pessoal inferior (o reflexo no mundo dos efeitos do homem verdadeiro) aquilo que a alma vê e conhece. O seguinte triângulo é então formado e entra em atividade; o vidente ou o homem espiritual, a mente, seu meio de investigação, ou a janela por onde olha para fora (quer sobre o mundo ,dos efeitos, sobre si mesmo ou sobre o mundo das causas) e o cérebro, que é a placa receptora sobre a qual o vidente pode imprimir seu "conhecimento puro" utilizando a mente como intérprete e agente transmissor.

21. Tudo o que existe, é para o benefício da alma.

O homem, em sua arrogância, não deve encarar este aforismo como significando que tudo o que é criado existe para ele. O sentido é bem mais amplo que isto. A alma a que se refere é a do Ser Supremo, da qual a alma humana não é mais que uma parte infinitesimal. O pequeno mundo do homem, seu pequeno ambiente e contatos, existem para a experiência que lhe trazem, e pela libertação final que ocasionam; ele é a causa de suas manifestações e elas são o resultado do poder de seu próprio pensamento. Mas em volta e através dele encontra-se o todo maior do qual ele é parte, e todo o vasto universo, planetário e solar, existe em benefício da Vida maior em cujo corpo ele é apenas um átomo. Todo o mundo das formas é o resultado da atividade do pensamento de alguma vida; todo o universo da matéria é o campo para a experiência de alguma existência.

22: No caso do homem que conquistou a ioga (ou união) o universo objetivo deixou de existir. Apesar disto, existe para aqueles que ainda não estão livres.

Este aforismo contém o germe de toda a ciência do pensamento. Sua premissa baseia-se na conscientização de que tudo aquilo que observamos são modificações da substância do pensamento que o pensador cria seu próprio mundo, quer seja ele Deus ou homem. Quando um homem, pela ciência da ioga (a ciência que trata da “supressão das atividades do princípio pensante" ou do controle da mente), conquista o controle total da mente e da substância mental ou matéria pensante, ele fica livre do controle das formas que mantem a maioria dos homens cativa nos três mundos.

Ele fica então separado da grande ilusão; os corpos que até então o aprisionaram não

mais o fazem; as grandes correntes de ideias e de pensamentos e desejos que têm sua origem através "das modificações do princípio pensante" dos homens prisioneiros nos três mundos não mais o abalam ou afetam; e as miríades de formas de pensamento que são o resultado destas correntes nos mundos mental, astral e físico, não mais o separam das realidades ou do verdadeiro mundo subjetivo das causas e das emanações de força. Ele não mais é enganado e pode discriminar entre o real e o irreal, entre o verdadeiro e o falso, e entre a vida do espírito e o mundo fenomênico. Ele se torna então sujeito às correntes de pensamento e o mundo das ideias que emanam das grandes entidades espirituais, das vidas espirituais e o grande plano do Arquiteto do Universo pode-se desenvolver ante ele. Ele está liberado e livre e sujeito apenas às novas condições de vida do homem que realizou a grande unificação. As leis dos três mundos não são ultrapassadas mas são transcendidas, pois o maior sempre inclui o menor e embora - para fins de serviço - ele possa escolher limitar-se a uma vida aparentemente tridimensional, apesar disto ele avança para o mundo de dimensões superiores conforme com sua vontade e, quando necessário para a extensão do reino de Deus.

O objetivo desta ciência da ioga é revelar ao homem o modo de se libertar e como consegui-lo. Daí a direção dos ensinamentos de Patânjali até este ponto ter sido a de indicar a posição do homem no esquema, pôr o dedo sobre a causa básica da inquietação do homem e impulsioná-lo para a atividade de uma ou outra espécie; mostrar a razão da existência do grande mundo dos efeitos e induzir o aspirante a investigar o mundo das coisas; e assim demonstrar a necessidade de um desenvolvimento maior e a natureza dos obstáculos a este desenvolvimento de modo a que o homem esteja pronto a dizer: Se isto tudo é assim, quais são os meios pelos quais esta união com o real e esta dispersão da grande ilusão podem ser conseguidos? Este segundo livro apresenta os oito grandes meios da ioga, dando assim um delineamento claro e preciso dos passos exatos a serem seguidos para a necessária regulação da vida física psíquica e mental.

23. A associação da alma com a mente e assim com aquilo que a mente percebe, produz uma compreensão da natureza do que é percebido e, de modo semelhante, do Percebedor.

Neste aforismo chama-se a atenção do estudante para a qualidade primária que ele deve desenvolver, a da discriminação. Sua significação é portanto muito clara. Os pares de opostos, espírito e matéria, purusha e prakriti, são trazidos a uma íntima associação e essa união deve ser levada a ser reconhecida pela alma, a consciência percebedora. Pelo processo desta mistura das dualidades, a alma, o pensador, chega a uma compreensão da natureza que é a sua própria, a natureza espiritual, e da natureza do mundo fenomênico que ele percebe, contata e utiliza. O órgão de percepção é a mente, com os cinco sentidos, e do ponto de vista da alma, eles formam um instrumento. Durante um longo período e através de muitas encarnações, a alma, ou o pensador, se identifica com este órgão de percepção e nos estágios iniciais, também com aquilo que ele percebe através de seu emprego. Ele encara o corpo fenomênico que usa, o corpo físico, como a si próprio, como o testemunha a expressão: "Eu estou cansado", ou "Eu estou com fome". Ele se identifica com seu corpo de sentimento ou de desejo e diz: "Eu estou aborrecido" ou "Eu quero

dinheiro". Ele se identifica com seu corpo mental e encara a si próprio como pensando isto ou aquilo. É esta identificação que resulta em diferenças teológicas, e nas diversidades doutrinárias e sectárias encontradas em toda parte, e nesta quinta raça-raiz, e particularmente nesta quinta sub-raça, esta identificação alcança sua apoteose. É a era do eu pessoal, e não do Eu espiritual. Esta conscientização da natureza inferior é parte do grande processo evolutivo, mas deve ser seguida pela conscientização do polo oposto, o Eu espiritual. Isto é conseguido pela alma ao começar a praticar a discriminação, a princípio teórica e intelectualmente (daí o grande valor da atual era de crítica e de discussão polêmica, pois ela faz parte do processo discriminativo planetário) e, posteriormente, experimentalmente. Esta discriminação leva finalmente a três coisas:

1. A união da alma com a forma e sua identificação com o aspecto matéria,

2. a união do homem pensante ou do reflexo autoconsciente nos três mundos, com o homem espiritual em seu próprio plano,

3. a união do homem espiritual ou pensador divino com seu tificar com o aspecto espiritual e não com o mundo fenomênico das formas. Este último estágio é muito acelerado e auxiliado pela prática da Raja Ioga e daí a determinação da Hierarquia de dar esta·ciência ao Ocidente crítico e discriminador. Deve-se ter em mente que a alma passa por grandes estágios no processo de unificação e que a palavra ioga abrange o desenvolvimento evolutivo da Mônada humana.

1. A união da alma com a forma e sua identificação com o aspecto matéria.

2. A união do homem pensante ou do reflexo autoconsciente nos três mundos, com o homem espiritual em seu próprio plano.

3. A união do homem espiritual ou pensador divino com seu Pai no Céu, a Mônada ou o aspecto espírito. O estágio I cobre o período desde a primeira encarnação até o trilhar do Caminho Probatório. O estágio II abrange o período do Caminho Probatório até a terceira iniciação, no Caminho do Discipulado. O estágio III cobre os estágios finais do Caminho da Iniciação.

24. A causa desta associação é a ignorância ou avidya. Isto tem que ser sobrepujado.

A ignorância da real natureza da alma e uma necessidade de conhecer sua própria natureza e seus poderes é a causa da identificação com os órgãos de percepção, e com aquilo que eles percebem ou introduzem na consciência da alma. Quando devido a esta ignorância e às suas consequências, a alma deixa de encontrar o que está procurando, sobrevém um estágio em que a busca toma uma forma diferente e a própria alma procura a realidade. Pode ser expresso assim.

A identificação com o mundo fenomênico e o emprego dos órgãos de percepção externa cobrem o período que o homem real permanece no que é chamado a Câmara da Ignorância. A saciedade, a inquietação e uma busca pelo conhecimento do eu, ou alma, caracteriza o período passado na Câmara de Aprendizagem. A realização, a expansão da consciência e a identificação com o homem espiritual abrangem o período de permanência na Câmara da Sabedoria. Os termos vida humana, vida mística e vida oculta aplicamse a estes três estágios.

25. Quando se acaba com a ignorância pela não associação com as coisas percebidas, esta é a grande libertação.

Durante o processo de encarnação, o vidente, a alma, é submergida na grande maya ou ilusão. Ele é aprisionado por suas próprias formas de pensamento e por suas criações de pensamento e também nas dos três mundos. Ele encara a si mesmo como parte do mundo fenomênico. Quando, através da experiência e da discriminação, ele pode distinguir entre ele próprio e essas formas, então o processo de libertação pode prosseguir e culminar finalmente na grande renúncia que, uma vez por todas, liberta o homem dos três mundos.

Este processo é progressivo e não pode ser realizado de uma só vez. Abrange dois estágios:

1. O estágio de provação, ou como os cristãos o chamam, o Caminho da Purificação.

2. O estágio do discipulado em duas partes:

a. O discipulado propriamente dito, ou o treinamento firme e a disciplina aplicados ao eu pessoal inferior pela alma, dirigido por seu guru ou mestre

b. A iniciação, ou as expansões progressivas de consciência, às quais o discípulo se submete sob a orientação do mestre Certas palavras descrevem este duplo processo:

a.Aspiração
b.Disciplina
c.Purificação
d.A prática dos meios da ioga ou união
e.Iniciação
f.Realização
g.União

26. O estado de escravidão é sobrepujado pela manutenção de uma perfeita discriminação.

Uma palavra sobre a discriminação será útil pois este é o primeiro grande método de atingir a libertação ou a liberdade dos três mundos. Baseado, como o é, na conscientização da essencial dualidade da natureza, e considerando a natureza como o resultado da união das duas polaridades do Todo Absoluto, espírito e matéria, a discriminação e, a princípio, uma atitude de mente e deve ser zelosamente cultivada. A premissa da dualidade é admitida como uma base lógica para posterior trabalho e a teoria é testada num esforço para provar a verdade. O aspirante, então, assume definitivamente a atitude de polaridade mais elevada (a do espírito, manifestando-se como a alma ou o regente interno) e procura nos assuntos do quotidiano discriminar entre a forma e a vida entre a alma e o corpo, entre a soma total da manifestação inferior (homem físico, astral e mental) e o eu real, a causa da manifestação inferior.

Ele procura cultivar, nos assuntos do quotidiano, a consciência do real e a negação do irreal e leva isto a todas as suas relações e negócios. Ele se acostuma, pela prática constante e ininterrupta, a distinguir entre o eu e o não-eu, a se ocupar com os assuntos espirituais, e não com os da grande maya ou mundo das formas. Esta distinção e a principio teórica, a seguir intelectual, mas, posteriormente, assume maior realidade e entra nos

acontecimentos dos mundos emocional e físico. Finalmente, a adoção deste método resulta na entrada do aspirante em uma dimensão completamente nova e na sua identificação com uma vida e com um mundo de ser dissociados dos três mundos dos empreendimentos humanos.

Quando isto é assim, o novo ambiente se torna familiar a ele de modo que conhece não somente a forma, mas também a Realidade subjetiva que produz ou provoca a existência das formas

Passa, a seguir, a cultivar a grande qualidade seguinte, que é o desapego ou a ausência de desejo. Um homem pode ser capaz de distinguir entre o real e o verdadeiro, entre a substância e a Vida que a anima e, apesar disto, desejar ou "sair" em direção à existência na forma. Isto também deve ser sobrepujado antes que a perfeita libertação, emancipação ou liberdade seja atingida. Num dos velhos comentários nos arquivos da Loja dos Mestres, encontram-se as seguintes palavras:

> "Não é suficiente conhecer o caminho nem sentir a força que serve para extrair a vida das formas de maya. Deve haver um momento de grande importância, quando o cheia quebra, por meio de um ato e de uma palavra de Poder, o sutratma ilusório que o prende à forma. Como a aranha que recolhe novamente seu fio dentro de si própria pelo qual se aventurara a reinos desconhecidos, assim o chela retira-se de todas as formas nos três reinos do ser, que até então o atraíram."

O que está dito acima deve ser cuidadosamente considerado e pode ser ligado ao pensamento envolvido na frase ocultista:

"Antes que um homem possa trilhar o Caminho, ele deve se transformar no próprio Caminho".

27. O conhecimento (ou iluminação) alcançado é séptulo e é atingido progressivamente.

O ensinamento hindu sustenta que os estados de consciência da mente são em número de sete. O sexto sentido e o seu emprego trazem à luz sete modalidades de pensamento, ou - para falar mais tecnicamente - há sete modificações capitais do princípio pensante. São elas:

1. **Desejo de conhecimento**. É o que impulsiona o Filho Pródigo, a alma, para os três mundos da ilusão, ou (recuando com a metáfora ainda mais até sua origem) o que impulsiona a Mônada ou Espírito a encarnar-se. Este desejo básico é o que provoca toda experiência.

2. **Desejo de libertação**. O resultado da experiência e das investigações realizadas pela alma em seus inúmeros ciclos de vida é provocar um grande anseio por uma condição diferente e um grande desejo de libertação e de liberdade da roda dos renascimentos.

3. **Desejo de felicidade**. Esta é uma qualidade básica de todos os seres humanos, embora se manifeste de muitos modos diferentes. É baseada numa faculdade inerente de discriminação e numa capacidade profundamente enraizada em discriminar entre a casa do "Pai" e a atual condição do Filho Pródigo. É esta inerente capacidade de "bem-aventurança" ou felicidade que produz a inquietação e o impulso para mudar que está por trás do próprio impulso evolutivo. É a causa da atividade e do progresso. A insatisfação com a condição

atual baseia-se numa obscura memória de um tempo de satisfação e bem-aventurança. Esta tem que ser reconquistada antes que se possa conhecer a paz.

4. **Desejo de cumprir o próprio dever**. As primeira três modificações do princípio pensante finalmente levarão a humanidade em evolução a um estado em que o motivo para viver se transforma simplesmente no cumprimento do drama de cada um. O anseio por conhecimento, liberdade e felicidade trouxe o homem a um estado de completa insatisfação. Nada lhe dá verdadeira alegria ou paz. Ele se exauriu na procura de alegria para si mesmo. Agora ele começa a alargar seus horizontes e a buscar onde (no grupo e em seus arredores) possa estar o que deseja. Ele desperta para um sentido de responsabilidade em relação aos demais e começa a procurar a felicidade no cumprimento de suas obrigações para com seus dependentes, sua família, amigos e todos a quem contata. Esta nova tendência é o começo de uma vida de serviço que o levará finalmente à completa conscientização da significação da consciência grupal. H.P.B. disse que um senso de responsabilidade é a primeira indicação do despertar do ego ou do princípio Crístico.

5. **Tristeza**. Quanto maior for o refinamento do veículo humano, tanto maior será a resposta do sistema nervoso aos pares de opostos, dor e prazer. À medida que o homem progride e sobe na escala da evolução na família humana, torna-se aparente que sua capacidade de apreciar a tristeza e a alegria aumenta muito. Isto se torna terrivelmente verdadeiro no caso de um aspirante e de um discípulo. Seu senso de valores se torna tão agudo e seu veículo físico tão sensível, que ele sofre mais que o homem comum. Isto serve para incentivá-lo a progredir com ainda maior atividade em sua busca. Sua resposta aos contatos externo é cada vez mais rápida e sua capacidade para a dor, física e emocional, torna-se muito maior. Isto se evidencia na quinta raça e particularmente na quinta sub-raça, através do aumento da frequência de suicídios. A capacidade de sofrimento da raça é devida ao desenvolvimento e refinamento do veículo e à evolução do corpo de sensações, o astral.

6. **Medo**. A medida que o corpo mental se desenvolve e que as modificações do princípio pensante se aceleram, o medo e sua causa começam a se demonstrar. Este não é o medo instintivo dos animais e das raças selvagens, que é baseado na resposta do corpo físico às condições do plano físico, mas sim os medos da mente, baseados na memória, imaginação e antecipação e no poder da visualização. Estes são difíceis de sobrepujar e só podem ser dominados pelo ego ou pela própria alma.

7. **Dúvida**. Esta é uma das modificações mais interessantes pois diz mais respeito às causas que aos efeitos. O homem que duvida pode ser talvez descrito como duvidando de si próprio como árbitro de seu destino, de seus semelhantes quanto à sua natureza e ações, de Deus, ou da primeira causa, tal como testemunhado pelas controvérsias sobre religião e seus expoentes, sobre a própria na natureza, dúvida esta que o impulsiona a constantes investigações científicas e, finalmente, à própria mente. Quando ele começa a questionar a capacidade da mente para explicar, interpretar e compreender, praticamente esgotou a totalidade de recursos nos três mundos.

A tendência destes sete estados da mente, produzidos pela experiência do homem na Roda da Vida, é levá-lo ao ponto no qual sente que a vida no plano físico, os processos sensoriais e mentais nada têm a dar-lhe e em absoluto o satisfazem. Ele atinge o estado ao qual Paulo se refere quando diz: "Eu conto todas as coisas como perdas a menos que possa

alcançar o Cristo."

Os sete estágios de iluminação foram descritos por um professor hindu, como segue:

1. O estágio no qual o chela compreende que percorreu toda a gama de experiência da vida nos três mundos e pode dizer: "Eu conheci tudo o que havia para ser conhecido". Nada mais resta para conhecer. Seu lugar na escala lhe é revelado. Ele sabe o que tem a fazer. Isto diz respeito à primeira modificação do princípio pensante, o desejo de conhecimento.

2. O estágio em que ele se liberta de toda limitação conhecida e pode dizer: "Libertei-me de meus grilhões". Este estágio é longo mas resulta na conquista da liberdade e diz respeito à segunda das modificações anteriormente tratadas.

3. O estágio em que a consciência sai completamente da personalidade inferior e se transforma na verdadeira consciência espiritual, centrada no homem real, o ego ou a alma. Isto introduz a consciência da natureza Crística que é amor, paz e verdade. Ele pode dizer agora: "Atingi a minha meta. Nada mais há nos três mundos que me atraia". O desejo de felicidade está satisfeito. A terceira modificação é transcendida.

4. O estágio no qual ele pode verdadeiramente dizer: "Cumpri o meu dharma e realizei completamente meu dever". Pagou as dívidas cármicas e cumpriu a lei. Ele se torna então um Mestre e um aplicador da lei. Este estágio tem relação com a quarta modificação.

5. O estágio no qual se alcança o completo controle da mente e no qual o vidente pode dizer: "Minha mente está em repouso". Então, e somente então, quando se conhece o completo repouso, pode-se conhecer a verdadeira contemplação e o samadhi da mais elevada espécie. A tristeza, a quinta modificação, é dissolvida pela glória da iluminação recebida. Os pares de opostos não mais estão em guerra.

6. O estágio no qual o chela se conscientiza de que a matéria ou forma não tem mais nenhum poder sobre ele. Pode então dizer:

"As gunas ou qualidades da matéria, nos três mundos não mais me atraem; não obtêm nenhuma resposta de mim" O medo é assim eliminado pois nada mais há no discípulo que possa atrair para ele o mal, a morte e a dor. Supera-se assim também a sexta modificação e a conscientização da verdadeira natureza da divindade e a perfeita bem-aventurança tomam seu lugar.

7. A plena autoconscientização é o estágio seguinte e final. O iniciado pode, com pleno conhecimento, então dizer: "Eu sou aquele Eu sou", e ele se conhece como uno com o Absoluto. A dúvida não mais controla. A plena luz do dia ou a iluminação completa têm lugar e inunda todo o ser do vidente.

Estes são os sete estágios no Caminho, as sete estações da Cruz, como os cristãos as denominam, as sete grandes iniciações e os sete caminhos para a bem-aventurança. Agora o "Caminho do justo brilha cada vez mais até o dia perfeito".

OS OITO MEIOS

28. Quando os oito meios para a Ioga houverem sido praticados com firmeza e quando a impureza houver sido dominada sobrevirá o esclarecimento, levando à plena iluminação.

Chegamos agora à parte prática do livro, onde é dada a instrução sobre o método a

seguir para se obter a ioga total a união ou a unificação. Pode-se descrever o trabalho como duplo:

1. A prática dos meios corretos pelos quais se obtém a união.

2. A disciplina do tríplice homem inferior, de modo a que a impureza em qualquer dos três corpos seja erradicada.

A firme dedicação a este trabalho duplo acarreta dois resultados correspondentes, cada qual dependendo de sua causa:

1. Torna-se possível a **discriminação**. A prática dos meios leva o aspirante a uma compreensão científica da distinção existente entre o eu e o não-eu, entre espírito e matéria. Este conhecimento não é mais teórico e nem aquilo a que o homem aspire, mas sim um fato na experiência do discípulo e aquele no qual baseia todas as suas atividades subsequentes.

2. Ocorre o discernimento. À medida que o processo de purificação prossegue, os invólucro ou corpos que velam a realidade se tornam mais tênues e não mais se comportam como espessos véus, escondendo a alma e o mundo sobre o qual a alma normalmente se move. O aspirante se torna consciente de uma parte de si mesmo, até então oculta e desconhecida. Ele se aproxima do coração do mistério que é ele próprio e se aproxima do "Anjo da Presença", que só pode ser verdadeiramente visto na iniciação. Ele discerne um novo fator e um novo mundo e procura torná-los seus em sua própria experiência consciente sobre o plano físico.

Deve-se anotar aqui que as duas causas de revelação, a prática dos oito meios para a ioga e a purificação da vida nos três mundos, abordam o problema do homem sob o ponto de vista dos três mundos e dão (no cérebro físico do homem) o poder de discriminar entre o real e o irreal e o poder de discernir as coisas do espírito. Provocam também algumas mudanças de condições dentro da cabeça, reorganizando os ares vitais e atuam diretamente sobre a glândula pineal e sobre o corpo pituitário. Quando estes quatro:

1. Prática,
2. Purificação,
3. Discriminação,
4. Discernimento,

são parte da vida do homem no plano físico, então o homem espiritual, o ego ou o pensador em seu próprio plano, dá atenção à sua parte no processo de libertação e os dois estágios finais são trazidos de cima para baixo. Este processo sextuplo é a correspondência, no Caminho do Discipulado, do processo de individualização, no qual o homem animal, o quaternário inferior (físico, etérico, astral e mental inferior) recebeu aquela dupla expressão de espírito, atma-budi, vontade espiritual e amor espiritual, que o completaram e o tornaram verdadeiramente homem.

Os dois estágios de desenvolvimento que são trazidos pelo ego, no íntimo do aspirante purificado e aplicado, são:

1. **Esclarecimento**. A luz na cabeça, que a princípio é apenas uma centelha, é avivada até tornar-se uma chama que ilumina todas as coisas e que é constantemente alimentada de cima. Isto é progressivo (ver o aforismo anterior) e depende da prática contínua da meditação e do serviço dedicado.

2. **Iluminação**. O aumento gradual do jorro de energia ardente provoca o aumento

contínuo da "luz na cabeça" ou a efulgência encontrada no cérebro na vizinhança da glândula pineal. Isto é para o pequeno sistema do homem tríplice em manifestação física o que o sol físico é para o sistema solar. Esta luz finalmente se torna uma intensa chama de glória e o homem se torna um "filho da luz" ou um "sol de correção". Assim foram o Buda, o Cristo e todos os Grandes que a alcançaram.

29. Os oito meios para a ioga são: os Mandamentos ou Yama, as Regras ou Niyama, a postura ou Asana, o correto controle da força vital ou Pranayama, abstração, ou Pratyahara, a atenção: ou Dharana, a meditação, ou Dhyana, e a contemplação, ou Samadhi.

Notar-se-á que estes meios ou práticas são aparentemente simples, mas deve ser cuidadosamente lembrado que eles não se referem a coisa alguma realizada num ou noutro plano em algum corpo mas, sim, à atividade simultânea e à prática destes métodos em todos os três corpos simultaneamente, de modo a que o homem tríplice inferior, em sua totalidade, pratique os meios que se referem aos veículos físico, astral e mental. Isto é muitas vezes esquecido. Por isso, no estudo destes vários meios para a ioga ou união, devemos considerá-los como se aplicam ao homem físico, a seguir ao homem emocional e então ao homem mental. O iogue, por exemplo, tem que compreender a significação da respiração correta ou da postura, uma vez que estas se relacionam ao homem tríplice inferior alinhado e coordenado, lembrando-se de que será somente na medida em que o homem inferior forme um coerente instrumento rítmico, tornar-se-á possível ao ego esclarecê-lo e iluminá-lo. A prática dos exercícios de respiração, por exemplo, tem levado com frequência o aspirante a concentrar-se sobre o equipamento físico de respiração, com a exclusão de práticas análogas para o controle rítmico da vida emocional.

Pode ser aconselhável aqui (antes de analisarmos os meios, um por um) tabularmos cuidadosamente estes meios, dando, sempre que possível, seus sinônimos:

MEIO I

Os **Mandamentos**. Yama. Autocontrole ou paciência. Controle. Abstenção de atos errôneos. São em número de cinco e dizem respeito ao relacionamento do discípulo (ou chela) para com os demais e para com o mundo exterior.

MEIO II

As **Regras**. Niyama. Observância correta das regras. São também em número de cinco e são frequentemente. chamadas “observâncias” porque se relacionam com a vida interior do discípulo e com a ligação, o sutratma ou elo, que o relaciona a Deus, ou ao seu Pai no Céu. Estes dois, os cinco Mandamentos e as cinco Regras são os correspondentes hindus aos dez Mandamentos da Bíblia e cobrem a vida diária do aspirante, pois afetam os que estão à sua volta e as suas próprias reações Internas.

MEIO III

Postura. Asana. Postura correta. Atitude correta: Posição. Este terceiro meio diz respeito à atitude física do discípulo durante a meditação, sua atitude emocional em

relação as ideias, correntes de pensamento e conceitos abstratos. Finalmente, a prática deste meio coordena e aperfeiçoa o homem tríplice inferior de modo a que os três envoltórios possam formar um canal perfeito para a expressão ou manifestação da vida do espírito.

MEIO IV

Correto controle da força vital. Paranayama. Supressão da respiração. Regulação da respiração. Este se refere ao controle regulação e supressão dos ares vitais, a respiração e as forças ou shaktis do corpo. Realmente leva à organização do corpo vital ou corpo etérico, de modo a que as correntes vitais ou forças, emanando do ego ou do homem espiritual em seu próprio plano, possam ser corretamente transmitidas ao homem físico em manifestação objetiva.

MEIO V

Abstração. Pratyahara. Retirada correta. Controle. Retirada dos sentidos. Voltamos aqui para o que está por trás dos corpos etérico e físico, para o corpo emocional, a sede dos desejos, da percepção sensorial e do sentimento. Pode-se notar aqui o método ordenado que é seguido na busca da ioga ou união. Cuida-se da vida no plano físico, da interna e da externa; a correta atitude para com a vida em sua tríplice manifestação é cultivada. 0 corpo etérico é organizado e controlado e o corpo astral é reorientado, pois a natureza de desejos é subjugada e o homem real se abstrai gradualmente de todos os contatos obtidos pelos sentidos. Os dois meios seguintes dizem respeito ao corpo mental e o final ao homem real ou pensador.

MEIO VI

Atenção. Dharana. Concentração. Fixação da mente. Aqui o Instrumento do Pensador, o Homem Real, é colocado sob seu controle. O sexto sentido e coordenado, compreendido focalizado e utilizado.

MEIO VII

Meditação. Dhyana. A capacidade do pensador em utilizar sua mente como o desejado e em transmitir ao cérebro, pensamentos mais elevados, ideias abstratas e conceitos idealistas. Isto diz respeito à mente superior e à inferior.

MEIO VIII

Contemplação. Samadhi. Isto se relaciona com o ego ou o homem real e diz respeito ao reino da alma. O homem espiritual contempla, estuda ou medita sobre o mundo das causas, sobre as coisas de Deus. Então, utilizando seu controlado instrumento a mente (controlada pela prática da concentração e da meditação) transmite ao cérebro físico, pelo sutratma ou fio que atravessa os três invólucro e vai ate o cérebro, aquilo que a alma conhece vê e compreende. Isto produz a plena iluminação.

MEIO I. OS MANDAMENTOS

30. A inofensividade, a prática da verdade para com todos os seres, o abster-se de roubar, da incontinência e da avareza constituem yama ou os cinco mandamentos.

Estes cinco mandamentos são simples e claros e, contudo, se praticados, tornariam um homem perfeito em suas relações com os outros homens, com os super-homens e com os reinos sub-humanos O próprio primeiro mandamento, de ser não violento, é na verdade uma soma de todos os outros. Estes mandamentos são estranhamente completos e abrangem a tríplice natureza; ao estudar todos estes meios verificaremos suas relações com uma ou outra parte da tríplice manifestação inferior do ego.

I. NATUREZA FÍSICA

1. **Inofensividade**. Isto abrange os atos físicos do homem no que diz respeito a todas as formas de manifestação divina e concerne especificamente à sua natureza de força ou a energia que demonstra através de suas atividades no plano físico. Não fere nem maltrata a quem quer que seja.

2. **Verdade**. Diz respeito primariamente ao seu emprego da palavra e dos órgãos de emissão do som e se relaciona à "verdade na parte mais íntima", de modo a tornar possível a verdade em sua exteriorização. Este é um assunto vasto e trata da formulação das crenças do homem em respeito a Deus, às pessoas, às coisas e formas, por intermédio da língua e da voz. Isto é tratado no aforismo em Luz no Caminho. "Antes que a voz possa falar na presença do Mestre deve ter perdido o poder de ferir".

3. **Abster-se de roubar**. O discípulo é preciso e acurado em todos os seus negócios e não se apropria de coisa alguma que não lhe pertença por direito. Este é um conceito amplo, abrangendo mais que o fato da não apropriação física das posses de outros.

II. NATUREZA ASTRAL

4. **Abster-se da Incontinência**. Isto é, literalmente, não desejar, e controlar as tendências dirigidas para aquilo que não seja o eu, e que encontra expressão no plano físico na relação entre os sexos. Deve ser aqui lembrado, no entanto, que esta expressão e encarada pelo estudante de ocultismo como apenas uma das formas que estes impulsos tomam ao se exteriorizarem, e uma forma que relaciona o homem intimamente com o reino animal. Qualquer impulso que diga respeito às formas e ao homem real e que tenda a ligá-lo a uma forma de incontinência. Há a incontinência no plano físico e isto deveria ter sido deixado para trás pelo discípulo há muito tempo. Mas há também muitas tendências para a procura do prazer com a consequente satisfação da natureza de desejo e isto, para o verdadeiro aspirante, também é encarado como incontinência.

III. NATUREZA MENTAL

5.**Abster-se da avareza**. Isto diz respeito ao pecado da cobiça o que é literalmente roubo, no plano mental. O pecado da avareza pode levar a um sem número de pecados no plano físico e é muito poderoso. Concerne à força mental e é um termo genérico abrangendo os poderosos anseios que têm sua sede não só no corpo emocionai ou kâmico (desejo), mas também no corpo mental. Este mandamento de abster-se da avareza é

tratado por São Paulo quando diz: "Eu aprendi a estar satisfeito em qualquer estado em que esteja.” Esse estado tem que ser atingido antes que a mente possa ser de tal modo aquietada que as coisas da alma possam encontrar entrada.

31. Yama (ou os cinco mandamentos) constitui o dever universal e independente de raça, lugar, tempo ou emergência.

Este aforismo torna clara a universalidade de certos requisitos e, por um estudo destes cinco mandamentos, que formam a base do que o budista chama de "conduta correta", ver-se-á que eles formam a base de toda verdadeira lei e que sua infringência continue a ausência da lei. A palavra traduzida como dever ou obrigação poderia muito bem ser expressa por este compreensivo termo dharma em respeito a outros. Literalmente, dharma significa o cumprimento adequado das obrigações (ou carma) da pessoa, no meio ambiente e arredores em que o destino a colocou. Certos fatores que governam a conduta devem ser observados e não se permite latitude alguma a este respeito, qualquer que seja a nacionalidade, e local em que a pessoa se encontre, sua idade ou qualquer que seja a emergência que por acaso surja. Estas são as cinco leis imutáveis que governam a conduta humana e quando forem seguidas por todos os filhos dos homens, será compreendido o completo significado da expressão: "paz a todos os seres".

MEIO II. AS REGRAS

32. A purificação interna e externa, o contentamento, a aspiração ardente, a leitura espiritual e a devoção a Ishvara constituem Niyama (ou as cinco regras).

Como dito acima, estas cinco regras governam a vida do eu pessoal inferior e formam a base do caráter. As práticas da ioga que tanto interessam ao pensador e aspirante ocidental, e que o atraem em sua aparente facilidade de execução e riqueza de recompensa (tal como o desenvolvimento psíquico) não são permitidas pelo verdadeiro guru ou mestre até que yama ou nijama tenham sido estabelecidas como os fatores que controlam a vida diária do discípulo. Em primeiro lugar deve-se cumprir os mandamentos e as regras, e quando a conduta externa em relação a seus semelhantes e sua disciplina interior da vida estiverem ajustados a estes requisitos, então ele poderá progredir livremente e com segurança nas formas e no ritual da ioga prática, mas nunca antes disto.

É a falha em reconhecer esta diretiva que causa tantos problemas entre os estudantes ocidentais de ioga. Não existe melhor base para o trabalho do ocultismo oriental que a rígida obediência aos requisitos estabelecidos pelo Mestre de todos os Mestres no Sermão da Montanha, e o cristão autodisciplinado, votado à pureza de vida e ao serviço desinteressado, pode praticar a ioga com muito maior segurança que seu irmão mais vivido e egoísta, embora intelectual. Ele não correrá os riscos que seu despreparado irmão correrá.

As palavras "pureza interna e externa" dizem respeito aos três envoltórios que velam o eu e devem ser interpretadas num sentido duplo. Cada envoltório tem sua forma mais densa e mais tangível e estas devem ser mantidas limpas, pois há uma maneira em que os

corpos astral e mental podem ser mantidos limpos de impurezas vindas a eles de seu meio-ambiente, do mesmo modo como o corpo físico deve ser mantido limpo de impurezas semelhantes. As matérias mais sutis destes corpos devem ser mantidas igualmente limpas e isto é a base do estudo de pureza magnética que é a causa de tantas práticas no Oriente que parecem inexplicáveis ao ocidental. Uma sombra lançada sobre o alimento por um estranho produz condições de impureza; isto se baseia na crença que certos tipos de emanações de força produzem condições impuras e embora o método de combater estas condições possa ter o sabor de uma letra morta de um ritual, o pensamento por trás da observância é ainda verdadeiro. Conhece-se tão pouco ainda sobre as emanações de força do ser humano, ou que agem sobre o mecanismo humano, que o que se pode chamar de "impureza científica" está ainda em seus estágios iniciais.

O **contentamento** produz condições em que a mente fica em repouso; baseia-se no reconhecimento das leis que governam a vida e primariamente a lei do carma. Produz um estado mental em que todas as condições são encaradas como corretas e justas e como aquelas em que o aspirante melhor pode resolver seu problema e atingir a meta para qualquer vida específica. Isto não acarreta condições de calma e da aquiescência que produz a inércia, mas, sim, um reconhecimento dos recursos atuais, uma autoavaliação das oportunidades, deixando-as formar um fundo e uma base para todo o progresso futuro. Quando isto é corretamente feito pode-se seguir mais facilmente as três regras restantes.

Aspiração ardente. Será tratada com maior detalhe no próximo livro, mas é conveniente indicar aqui que esta qualidade de "se encaminhar" em direção ao ideal ou ao objetivo deve ser tão profunda no aspirante à ioga que dificuldade alguma possa fazê-lo recuar. Só quando esta qualidade tiver sido desenvolvida e provada e quando se verificar que nenhum problema, nenhuma treva e nenhum elemento de tempo podem impedi-lo, é que se permite que um homem se torne discípulo de algum Mestre. O esforço ardente, o anseio persistente e contínuo e a fidelidade permanente ao ideal vislumbrado são o sine qua non do discipulado. Estas características devem ser encontradas nos três corpos, levando à constante disciplina do veículo físico, à firme orientação da natureza emocional e à atitude mental que capacite o homem a "contar todas as coisas como perda", exceto aquelas que o levem ao seu ideal.

Leitura espiritual. Verificar-se-á que diz respeito ao desenvolvimento de um sentimento das realidades subjetivas. É incrementado pelo estudo, assim entendido no sentido físico, e pelo esforço em chegar aos pensamentos que as palavras indicam. É desenvolvido por uma cuidadosa análise das causas que estão por trás de todos os desejos, aspirações e sentimentos e é relacionado ao plano astral ou de desejos. Trata da leitura de símbolos ou formas geométricas que abrigam uma ideia ou pensamento e isto é concernente ao plano mental. Isto será posteriormente tratado no Livro III.

A devoção a Ishvara pode ser resumida como constituindo a atitude do tríplice eu inferior para com o serviço do ego, o regente interno, o Deus ou o Cristo Interno. Este será tríplice em sua manifestação, levando o eu pessoal inferior a uma vida de obediência ao Mestre no coração; levará finalmente o aspirante ao grupo de algum adepto ou instrutor espiritual e também a um devotado serviço a Ishvara ou o Eu Divino, tal como encontrado nos corações de todos os homens e por trás de todas as formas de manifestação divina.

33. Quando pensamentos contrários à Ioga estão presentes, deve-se cultivar seus opostos.

A tradução feita por Johnston dá a mesma ideia em palavras muito bonitas e o método é adequadamente exposto. Diz ele:

"Quando as transgressões obstruem, deve-se lançar o peso da imaginação no lado oposto."

Toda a ciência do equilíbrio dos pares de opostos é dada nestas duas traduções, nenhuma delas sendo completa sem a outra. É muitas vezes difícil traduzir termos do sânscrito antigo por uma palavra ou frase, pois naquele idioma um termo poderá representar uma ideia completa, o que exigirá diversas frases para reproduzir o sentido verdadeiro no idioma inglês mais limitado.

Certos conceitos básicos estão incorporados neste aforismo e, para maior clareza, podem ser tabulados como segue:

1. Como um homem pensa, assim ele é. O que se traduz em objetividade física é sempre um pensamento, e de acordo com este pensamento ou ideia, serão a forma e o propósito da vida.

2. Os pensamentos são de duas espécies; os que levam à construção de formas, à limitação, à expressão no plano físico; os que se afastam dos três planos inferiores e, portanto, do aspecto forma como o conhecemos nos três mundos, levando assim à união (ioga ou unificação) com a alma, o aspecto crístico.

3. Quando se verifica que os pensamentos habitualmente cultivados produzem ações físicas e astrais e também consequências, deve-se compreender que são antagônicos à ioga; impedem o processo de unificação.

4. Deve-se então cultivar pensamentos contrários a estes; pode-se verificar facilmente quais são estes pensamentos pois são os diretamente opostos aos pensamentos inibidores.

5. O cultivo dos pensamentos que tenderão à ioga e levarão um homem ao conhecimento de seu eu real e à consequente união com esse eu, envolve um processo tríplice:

a. O novo conceito do pensamento, definitivamente formulado e que se verificou ser contrário à antiga corrente de pensamento deve ser considerado e analisado para se ter certeza de sua correção.

b. Segue-se o emprego da imaginação, a fim de trazer o pensamento à manifestação. Isto introduz o reino de desejos e consequentemente, o corpo astral ou emocional é afetado.

c. Vem então a visualização definida daquilo sobre o que se pensou e imaginou, tal como será manifestado na vida no plano físico.

Verificar-se-á que isto gera energia. Consequentemente isto significa que o corpo etérico se torna vitalizado ou "energizado" pela nova corrente de pensamento e ocorrem certas transformações e reorganizações, que provocarão, finalmente, uma completa mudança nas atividades do homem do plano físico. Cultivando-se constantemente estes efeitos obtém-se uma completa transformação do tríplice homem inferior e, finalmente, a verdade da fraseologia cristã, "Apenas Cristo é visto e ouvido", se torna evidente; somente o homem real ou espiritual pode ser visto expressando-se através de um meio físico, como

Cristo o fez através de Seu instrumento e discípulo, Jesus.

34. Os pensamentos contrários à Ioga são a nocividade, a falsidade, o roubo, a incontinência e a avareza, quer sejam cometidos pessoalmente, induzidos ou apoiados, quer sejam provenientes da avareza, da raiva, ou do engano (ignorância); quer sejam de pequeno, médio ou grande vulto. Estes resultam sempre em dor e ignorância excessivas. Por esta razão, devem ser cultivados os pensamentos contrários a eles.

Observar-se-á que os cinco Mandamentos tratam especificamente destes "pensamentos contrários à ioga" ou união, e que, guardando-se os cinco Mandamentos terse-á:

a.Inofensividade em vez de nocividade;
b.Verdade em vez de falsidade;
c.Abstinência de roubo em vez do furto;
d.Autocontrole em vez de incontinência;
e.Contentamento em vez de avareza ou cobiça.

Não há desculpa para o aspirante e lhe é dita a verdade de que a transgressão dos Mandamentos, seja ela pequena ou muito grande, produz os mesmos resultados. Um "pensamento contrário" deve produzir seu efeito e este é duplo: dor e ignorância, ou engano. Há três palavras que o estudante de ocultismo associa sempre com os três mundos:

1. **Maya ou ilusão**, referindo-se ao mundo das formas onde o verdadeiro eu se encontra quando encarnado, com o qual ignorantemente se identifica por longos eons;
2. **Engano**; o processo de identificação errônea, com o qual o eu se ilude e diz "Eu sou a forma";
3. **Ignorância** ou avidya, o resultado e ao mesmo tempo, causa desta identificação errônea.

O eu está vestido na forma; está enganado no mundo da ilusão. Todas às vezes, contudo, que "pensamentos contrários à ioga" são entretidos com conhecimento de causa, o eu submerge ainda mais no mundo ilusório e aumenta o véu de ignorância. Cada vez que o "peso da imaginação" é lançado no lado da natureza real do eu e afastado do mundo do não-eu, a ilusão é diminuída, o engano se enfraquece e a ignorância é gradativamente substituída pelo conhecimento.

35. Na presença daquele que aperfeiçoou a inofensividade, toda a inimizade cessa.

Este aforismo nos demonstra o funcionamento de uma grande lei. No Livro IV, Aforismo 17, Patânjali nos diz que a percepção de uma característica, de uma qualidade e de uma forma objetiva depende do fato de que no percebedor devem ser encontradas características, qualidades e capacidades objetivas semelhantes. Esta semelhança é a base da percepção. Há uma sugestão referente a esta mesma verdade na primeira Epístola de São João, onde se encontram as palavras "Nós seremos como Ele, pois O veremos como Ele é". Só se pode estabelecer contato com o que já está parcial ou totalmente presente na consciência do percebedor. Se este encontrar a inimizade e o ódio é porque existem nele as

sementes do ódio e da inimizade. Quando elas estão ausentes, só existem a unidade e a harmonia. Este é o primeiro estágio do amor universal, o esforço prático de parte do aspirante para ser um com todos os seres. Ele começa consigo mesmo e se certifica que as sementes da nocividade em sua própria natureza terão sido erradicadas. Lida, portanto, com a causa que produz a inimizade para com ele e para com os demais. O resultado natural é que ele fica em paz e que os outros ficam em paz com ele. Em sua presença mesmo as feras selvagens se tornam impotentes e isto devido ao estado mental do aspirante ou iogue.

36. Quando a verdade para com todos os seres é aperfeiçoada, a eficácia de seus atos e palavras é imediatamente vista.

Esta questão da verdade é um dos grandes problemas que o aspirante tem que resolver, e aquele que tenta falar apenas o que é perfeitamente acurado ver-se-á enfrentando dificuldades bem definidas. A verdade é inteiramente relativa enquanto a evolução prossegue, e é progressiva em sua manifestação. Pode ser definida como a demonstração, no plano físico, do tanto da realidade divina quanto o estágio em evolução e o meio empregado o permitem. A verdade envolve, então, a capacidade do percebedor ou aspirante, de ver corretamente quanto, do divino, uma forma (tangível, objetiva ou em palavras) se reveste. Envolve, assim, a capacidade de penetrar até o âmago do assunto e de contatar aquilo que é velado por cada forma. Envolve também a habilidade do aspirante em construir uma forma (tangível, objetiva ou em palavras) que transmita a verdade como ela é. Estes são, na realidade, os dois primeiros estágios do grande processo criativo:

1. Percepção correta
2. Construção precisa

e levam à consumação tratada no aforismo ora em consideração - a eficácia de todas as palavras e atos em reproduzir a realidade ou a verdade como ela é. Este aforismo dá a indicação para o trabalho do mago e é a base da grande ciência dos mantras ou palavras de poder que são o equipamento de todo adepto.

Por uma compreensão da:

a. Lei de vibração
b. Ciência do som
c. Propósito da evolução
d. Estágio cíclico atual
e. Natureza da forma
f. Manipulação da substância atômica,

o adepto não só vê a verdade em todas as coisas, como também compreende como tornar visível a verdade, auxiliando assim o processo evolutivo e "lançando imagens sobre a tela do tempo". Ele realiza isto por meio de certas palavras e atos. Para o aspirante, o desenvolvimento desta capacidade é obtido através de um esforço constante para cumprir os seguintes requisitos:

1. Rígida atenção na formulação de cada palavra empregada;
2. O sábio emprego do silêncio como um fator de serviço;
3. O constante estudo das causas subjacentes a cada ato de modo a que seja

compreendido o motivo da sua eficácia ou falha.

3.Um contínuo esforço em ver a realidade em cada forma.

Literalmente, isto envolve um estudo da lei de causa e efeito, ou carma, sendo o objetivo da lei cármica levar o polo oposto do Espírito, a matéria, a uma rígida conformidade com os requisitos do espírito, de modo a que a forma e a matéria possam expressar perfeitamente a natureza do espírito.

37. Quando a abstenção do roubo é aperfeiçoada, o iogue pode obter o que desejar.

Encontra-se aqui o indício para a grande lei de procura e oferta. Quando o aspirante aprendeu a "nada desejar para o eu separado", pode-se então confiar a ele as grandes riquezas do universo; quando ela nada pede para a natureza inferior e nada reclama para o tríplice homem inferior, então tudo o que ele deseja vem a ele, sem ser pedido ou reclamado. Em algumas traduções encontram-se as palavras "todas as joias lhe pertencem".

Deve ser cuidadosamente lembrado que o roubo aqui referido relaciona-se não só com as coisas físicas e tangíveis, mas também com a abstenção do roubo nos planos emocional e mental. O aspirante nada toma; benefícios emocionais tais como amor e favores, ódio e aversão não são por ele considerados e absorvidos quando não lhe pertencem; benefícios intelectuais, a exigência de uma reputação imerecida, a assunção de deveres, favores ou popularidade alheios é igualmente repudiada por ele, e adere rigidamente ao que é propriamente seu. "Que cada homem cumpra o seu próprio dharma" e realize sua própria função, é a injunção oriental. "Cuide de sua vida" é a tentativa ocidental de ensinar esta mesma verdade e de transmitir a injunção de que nenhum de nós deve roubar de outro a oportunidade de praticar o bem, de se elevar à altura de suas responsabilidades e de cumprir com o próprio dever. Esta é a verdadeira abstenção do roubo, levará perfeitamente o homem a enfrentar suas próprias obrigações, a assumir suas próprias responsabilidades e cumprir com seu dever. Levá-lo-á a abster-se de se apropriar de qualquer coisa que pertença a seu irmão nos três mundos dos esforços humanos.

38. Pela abstenção da incontinência adquire-se energia.

A incontinência é geralmente encarada como dissipação da vitalidade ou da virilidade na natureza animal. O poder de criar no plano físico e de perpetuar a raça é o mais elevado ato físico de que o homem é capaz. A dissipação dos poderes vitais por uma vida dissipada e pela incontinência é o grande pecado contra o corpo físico. Envolve a falha em reconhecer a importância do ato procriativo, a impossibilidade de resistir aos prazeres e desejos inferiores, a perda do autocontrole. Os resultados desta falha se mostram, atualmente, em toda a família humana, no baixo índice médio de saúde, nos hospitais repletos e nos homens, mulheres e crianças doentes, enfraquecidos e anêmicos encontrados em toda parte. Há pouca conservação de energia e as próprias palavras "dissipação" e "homens dissolutos" contêm uma lição.

A primeira coisa que um discípulo tem a fazer é aprender a verdadeira natureza da criação e conservar sua energia. O celibato não é apreciado. O autocontrole é. No ciclo de

vidas relativamente curto, contudo, no qual o aspirante se prepara para trilhar o caminho, ele terá de passar por uma ou diversas vidas em definida abstenção do ato da procriação a fim de aprender o completo controle e demonstrar que subjugou completamente a natureza sexual inferior. O correto emprego do princípio sexual juntamente com a completa conformação à lei do país é a característica de todo o verdadeiro aspirante.

Além da consideração deste assunto segundo as linhas da conservação de energia, existe um outro ângulo do qual o aspirante aborda o problema, que é a transmutação do princípio vital (tal como se manifesta através do organismo físico) em sua demonstração dinâmica, tal como se manifesta através do órgão do som, ou da criação pela palavra, o trabalho do verdadeiro mago. Existe, como o sabem todos os estudantes de ocultismo, uma estreita relação entre os órgãos genitais e o terceiro centro maior, o centro laríngeo. Isto é fisiologicamente aparente na mudança de voz que se verifica durante o período de adolescência. Pela verdadeira conservação de energia e abstenção da incontinência, o iogue se torna um criador no plano mental, pelo uso da palavra e dos sons, e a energia que pode ser dissipada pela atividade do centro inferior é concentrada e transmitida no grande trabalho criativo do mago. Isto é conseguido pela continência, pela vida pura e pensamento limpo, e não através de quaisquer perversões da verdade oculta tais como magia sexual e as iniquidades das perversões sexuais de várias das chamadas escolas de ocultismo. Estas últimas estão no caminho negro e não conduzem ao portal da iniciação.

39. Quando se aperfeiçoa a abstenção da avareza, obtém-se urna compreensão da lei do renascimento.

Este aforismo transmite em termos inequívocos o grande ensinamento de que é o desejo pela forma de alguma espécie, que leva o espírito a encarnar-se. Quando não mais existe desejo, então os três mundos não mais podem aprisionar o iogue. Nós forjamos nossas próprias cadeias na fornalha do desejo, do anseio por coisas, pela experiência e vida na forma.

Quando o contentamento é cultivado e está presente; estas cadeias vão caindo gradativamente e não se forjam outras. A medida que nos desemaranhamos do mundo da ilusão, nossa visão se torna clara e as leis da existência se tornam aparentes para nós e vão sendo compreendidas pouco a pouco. O como e o por que da vida são respondidos. A razão para e o método da existência no plano físico não mais são um problema e o iogue compreende porque aconteceu o passado e quais são as suas características; ele compreende a razão dos atuais ciclos de vida e experiência e pode dar aplicações práticas à lei a cada dia, e sabe bem o que tem a fazer no futuro. E assim ele se libera, nada deseja nos três mundos e se reorienta para as condições do mundo do ser espiritual.

Nestas qualidades temos o cumprimento dos cinco Mandamentos.

40. A purificação interna e externa produz a aversão à forma, tanto à própria como a todas as demais.

Esta interpretação do aforismo 40 não está de acordo com a tradução técnica das palavras sânscritas devido à incompreensão das palavras usadas. Literalmente, a tradução é

a seguinte: "a purificação interna e externa provoca o ódio ao próprio corpo e o não relacionamento com todos os corpos". A tendência dos estudantes ocidentais a interpretações literais requer uma tradução um pouco mais livre. O estudante oriental, mais versado na apresentação simbólica da verdade não está tão sujeito a cometer erros nesta linha. Ao considerar este aforismo deve-se lembrar que a pureza é uma qualidade do espírito.

A purificação é necessariamente de diversas espécies e diz respeito aos quatro veículos (o corpo físico, o corpo etérico, o corpo emocional e o corpo mental) pelos quais o homem estabelece contacto com os três mundos de seu esforço. Podemos, assim, fazer delas a seguinte distinção:

a)Pureza exterior	Veículo físico	Corpo denso
b)Pureza magnética	Veículo etérico	Pureza interior
c)Pureza psíquica	Veículo astral	Pureza emocional
d)Pureza mental	Veículo mental	Pureza da mente concreta

Deve-se ter cuidadosamente em mente que esta pureza concerne à substância da qual cada um destes veículos é composto. É obtida de três modos:

1. Eliminação da substância impura ou dos átomos e moléculas que limitam a livre expressão do espírito e que o confinam à forma, de modo a que não possa ter livre nem o acesso nem a saída.

2. Assimilação dos átomos e moléculas que tendem a suprir uma forma através da qual o espírito possa atuar adequadamente.

3. A proteção da forma purificada, da contaminação e deterioração.

No Caminho de Purificação ou de Prova é iniciado este processo de eliminação; no Caminho do Discipulado, aprendem-se as regras do processo construtivo ou assimilativo e no Caminho da Iniciação (após a segunda iniciação) inicia-se o trabalho protetor.

Conhecem-se bem, no Ocidente, as regras para a purificação exterior, e as sanitárias e de higiene são bem conhecidas e grandemente aplicadas. No Oriente conhecem-se melhor as regras de purificação magnética e, quando os dois sistemas forem sintetizados e mutuamente reconhecidos, o involução físico em sua dupla natureza será levado finalmente a um alto grau de refinamento.

Neste ciclo, contudo, o interesse da Hierarquia está sendo grandemente centrado na questão da pureza psíquica e este é o motivo do desenvolvimento atual do interesse pelo ensinamento ocultista. Ele está longe do que é comumente conhecido como desenvolvimento psíquico, não dá ênfase alguma aos poderes psíquicos inferiores e procura adestrar o aspirante nas leis da "vida espiritual". Isto produz uma conscientização da natureza da psique ou alma, e um controle da natureza psíquica inferior. O grande "impulso" do esforço Hierárquico para este século, 1926/2026, será segundo estas linhas, combinado com uma disseminação das leis do pensamento. Daí a necessidade da promulgação dos ensinamentos dados nos Aforismos da Ioga. Eles dão as regras para o controle da mente, mas tratam também extensamente da natureza dos poderes psíquicos e do desenvolvimento da consciência psíquica.

Todo o terceiro livro trata destes poderes e o tema dos aforismos como um todo poderia ser resumidamente afirmado como sendo o desenvolvimento do controle da

mente visando ao contacto com a alma e ao consequente controle dos poderes psíquicos inferiores, com seu desenvolvimento ocorrendo em paralelo com o dos poderes psíquicos superiores. Isto deve ser enfatizado. A aversão pela forma, ou “o não desejar" que é o termo genérico que abrange esta condição da mente, é o grande impulso que no final levará à completa libertação da forma.

Não que a forma ou o tomar forma seja um mal em si mesmo. Tanto as formas quanto o processo de encarnação são corretos e certos em seu devido lugar, mas para o homem para quem a experiência nos três mundos não tenha mais uso, tendo aprendido as necessárias lições na escola da vida, a forma e o renascimento se tornam males e devem ser relegados a uma posição fora da vida do ego. É verdade que o homem liberto pode escolher limitar-se por uma forma para propósitos específicos de serviço, mas isto ele o faz por um ato de vontade e de autoabnegação; ele não é a isto impelido pelo desejo, mas sim por amor à humanidade, por um anseio de permanecer com seus irmãos até que o último dos filhos de Deus tenha alcançado o portal da libertação.

41. Pela purificação obtém-se também um espírito calmo, a concentração, o domínio dos órgãos e a capacidade de ver o Ego.

Deve ser lembrado que tanto os Mandamentos como as Regras (Yama e Nyama) têm a ver com o quádruplo eu inferior, funcionando nos três mundos e frequentemente chamado o quaternário inferior. Vimos no aforismo precedente que a purificação requerida é quádrupla e concerne aos quatro veículos. Os resultados desta pureza também são quádruplos e se referem igualmente aos quatro envoltórios. Estes resultados, na ordem dos veículos, são:

1. O domínio dos órgãos	O corpo físico
2. Um espírito calmo	O veículo emociona
3. Concentração	A mente inferior ou o corpo mental
4. Habilidade em ver o eu	O resultado sintético da tríplice condição dos envoltórios acima.

O "domínio dos órgãos" refere-se especialmente aos sentidos e é o resultado da pureza magnética ou do refinamento do corpo etérico. Em relação a isto os estudantes devem ter em mente que o corpo físico não é um princípio, mas sim construído em exata conformidade com o corpo etérico. Este corpo etérico é o veículo magnético no plano físico e atrai (segundo sua própria natureza e constituição) os átomos e partículas de substâncias das quais o físico denso é constituído. Quando as percepções sensoriais são refinadas e quando a condição vibratória do corpo vital está corretamente sintonizada, os órgãos dos sentidos são inteiramente dominados e controlados pelo homem real e, finalmente,o colocam em contacto com os dois mais elevados sub-planos do plano físico e não com o astral inferior, como é atualmente o caso. A correta ordem desse controle dos órgãos de percepção física ou dos cinco sentidos é a seguinte:

1. Percepção intelectual correta do ideal no plano mental.
2. Desejo puro, livre do amor pela forma no plano astral ou emocional.

3.Utilização correta e desenvolvimento dos cinco centros ao longo da coluna vertebral (base da coluna, centro sacro, plexo solar e centros do coração e da garganta), cada um dos quais é encontrado no corpo etérico e é ligado a um ou outro dos cinco sentidos.

4.Consequente reação correta dos órgãos sensoriais aos requisitos do homem verdadeiro ou espiritual.

Em conexão com o corpo astral, o resultado da purificação é um espírito calmo ou "a suave quietude" do veículo de modo a poder refletir adequadamente o princípio Crístico, ou a natureza búdica. A relação do princípio astral ou kâmico (empregando o veículo do meio do tríplice homem inferior) com o princípio búdico, empregando o veículo do meio da tríade espiritual (ou atma-budi-manas), deve ser cuidadosamente considerada. As emoções acalmadas e o controle da natureza de desejo sempre precedem a re-orientação da inferior. Antes que o desejo do homem possa ser dirigido para coisas espirituais ele tem que parar de desejar as coisas do mundo e as da carne. Isto produz um período de grande dificuldade na vida do neófito e o processo é simbolizado para nós na utilização da palavra "conversão" nos círculos cristãos ortodoxos; envolve uma "reviravolta" com sua consequente turbulência, mas com a calmaria final.

No corpo mental, o efeito da purificação é o desenvolvimento da capacidade de concentração ou de manter o pensamento dirigido. A mente não mais salta de um lado para outro, mas sim e controlada e quiescente e receptiva às impressões superiores. Como isto será completamente discutido no livro três não é necessário abordá-lo agora com maiores detalhes.

Quando estes três resultados da purificação se fizerem sentir na vida do aspirante, ele estará se aproximando de certo clímax que é uma súbita percepção da natureza da alma. Ele obtém uma visão da realidade que é ele próprio e compreende a verdade das palavras do Cristo que "os puros de coração verão a Deus". Ele observa a alma e daí por diante seu desejo o dirige sempre para a realidade e para longe da irrealidade e do mundo da ilusão.

42. Como resultado do contentamento conquista-se a bem-aventurança.

Pouco há a dizer em relação a este aforismo a não ser assinalar que toda dor, descontentamento e infelicidade baseiam-se na rebelião, e que, do ponto de vista do ocultista, a rebelião apenas tumultua ainda mais os problemas e que a resistência apenas serve para alimentar o mal, qualquer que seja ele. O homem que aprendeu a aceitar sua sorte não perde tempo em vãs recriminações, e toda sua energia pode então ser aplicada no perfeito cumprimento de seu dharma, ou trabalho obrigatório. Em vez de reviver e obscurecer os fatos da vida com preocupações, dúvidas e desespero, clareia seu caminho pela silenciosa compreensão da vida como ela é e pela apreciação direta do que pode realizar com estes mesmos fatos. Assim, não perde força, tempo ou oportunidade e consegue firme progresso em direção à sua meta.

43. Pela aspiração ardente e pela remoção de toda impureza, obtém-se o aperfeiçoamento dos poderes e dos sentidos do corpo.

Embora as duas causas do processo de aperfeiçoamento sejam a aspiração e a

purificação, elas são na realidade apenas uma e são os dois aspectos da disciplina no Caminho Probatório. O velho comentário que forma a base esotérica do ensinamento interior da Raja Ioga contém algumas sentenças que são valiosas na transmissão do conceito correto:

> ''À medida que o sopro do fogo se dirige para cima através do sistema, à medida que o elemento ardente faz sentir sua presença, vê-se desaparecerem os empecilhos, e o que era obscuro fica iluminado.
>
> O fogo sobe e as barreiras são queimadas; a respiração se expande e as limitações desaparecem. Os sete, até então quiescentes, se agitam para a vida. Os dez portais, selados e fechados ou parcialmente abertos, abrem·se completamente.
>
> Os cinco grandes meios de contato entram rapidamente em atividade. Os obstáculos são dominados e as barreiras não mais obstruem. O purificado torna-se o grande receptor e o Uno é conhecido."

Nestas palavras a purificação pelo fogo e pelo ar é considerada e esta é a purificação que se obtém no caminho da ioga. A purificação pela água é feita nos últimos estágios da vida do homem altamente evoluído, antes de trilhar o Caminho do Discipulado, e faz-se referência a ela pelas palavras "águas da tristeza" tão frequentemente usadas. A prova do fogo foi então ultrapassada e toda a natureza inferior passou pelo fogo. Este é o primeiro significado e aquele com o qual o aspirante deve-se preocupar mais. Quando ele está em condições o chamado ao fogo é enviado de seu coração, encarnado nas palavras:

> "Eu procuro o Caminho; estou ansioso por aprender. Vejo visões e vislumbro impressões profundas. Por trás do Portal, no outro lado, está o que chamo lar, pois o circulo foi completamente trilhado e o fim se aproxima do início.
>
> Eu procuro o Caminho. Meus pés percorreram todos os caminhos. O caminho do Fogo me chama com intenso apelo. Nada em mim procura o caminho da paz; nada em mim deseja a terra.
>
> Que o fogo se alastre e que as chamas devorem; que toda a escória seja queimada; e que eu cruze o Portão e trilhe o Caminho do Fogo".
>
> Sente-se também o alento de Deus como uma brisa purificadora e é a resposta da alma à aspiração do discípulo. A alma então "inspira" o homem inferior.

O significado secundário evidentemente se refere diretamente ao trabalho de kundalini, ou fogo serpentino, na base da coluna vertebral, à proporção que ela responde à vibração da alma (sentida na cabeça, na região da glândula pineal e chamada "luz da cabeça"). Subindo, queima todas as obstruções no canal medular etérico e vitaliza ou eletrifica os cinco centros ao longo da coluna e os dois na cabeça. Os ares vitais dentro dos ventrículos da cabeça são também arrastados à atividade e provocam uma limpeza, ou melhor, um efeito de eliminação no local. O estudante ainda nada tem a ver com isto, exceto quanto a ver que, tanto quanto lhe diga respeito, a aspiração de seu coração é do caráter "ardente" necessário e que a firme purificação de sua natureza física emocional e mental prossiga como desejado. Quando este é o caso, a resposta da alma será efetiva e as

consequentes reações dentro dos centros etéricos se farão com segurança, normalmente e de acordo com a lei.

Os três versos acima citados dizem respeito:

a.aos sete centros, até então quiescentes;

b.aos dez portais fechados, os dez orifícios do corpo físico;

c.aos cinco sentidos pelos quais se dá o contato com o plano físico;

e, nestes termos, se abrangem todas as atividades para o exterior e para o interior do homem no plano físico.

Quando todas estas atividades tiverem sido submetidas ao controle da alma, ou regente interno, efetua-se então a unidade com a alma e a consequente identificação com aquele em quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser.

44. A leitura espiritual traz como resultado o contato com a alma (ou o Divino Uno).

Isto talvez possa ser mais literalmente traduzido como "a leitura dos símbolos produz contato com a alma". O símbolo é uma forma de alguma espécie que vela ou oculta um pensamento, uma ideia ou uma verdade e pode ser então estabelecido como um axioma geral, que cada forma de qualquer espécie é um símbolo, ou o véu objetivo de um pensamento. Ver-se-á que isto, quando aplicado, referir-se-á igualmente à forma humana, que deve ser o símbolo (ou feita segundo a imagem) de Deus; esta é uma forma objetiva velando um pensamento ou verdade divinas, a manifestação tangível de um conceito divino. A meta da evolução é levar à perfeição esta forma simbólica objetiva. Quando um homem sabe isto, deixa de se identificar com o símbolo que é sua natureza inferior. Começa a funcionar conscientemente como o eu divino subjetivo interior, empregando o homem inferior para velar e esconder sua forma, e lidando diariamente com essa forma de modo a moldá-la e forjá-la como um adequado instrumento de expressão. A ideia é também desenvolvida na vida diária, na atitude do homem para com cada forma (nos três reinos da natureza) que ele contata. Ele procura ver por baixo da superfície e alcançar a ideia divina.

Esta é a quarta das Regras e diz respeito à atitude interna do homem para com o universo objetivo. Pode-se então dizer que estas regras concernem a atitude do homem para com:

1.Sua própria natureza inferior	- Purificação interna e externa
2.Seu carma ou seu destino na vida	- Contentamento
3.Sua alma ou ego	- Aspiração ardente
4.Seu meio-ambiente e contatos no plano físico	- leitura espiritual
5.A Existência una, Deus	- Devoção a Ishvara

A "correta atitude" para com todas as coisas abrange este conjunto de regras.

45. Pela devoção a Ishvara a meta da meditação (ou samadhi) é alcançada.

A meta da meditação é contatar o eu interior divino e, por este contato, chegar à conscientização da unidade deste eu com todos os outros egos e com o Todo-Eu, e isto não apenas teoricamente, mas sim como um fato da natureza. Isto se dá quando um estado

chamado "samadhi" é alcançado, onde a consciência do pensador é transferida da consciência do cérebro inferior para a alma, em seu próprio plano. Os estágios desta transferência podem ser enumerados como se segue:

1. Transferência da consciência do corpo, a consciência instintiva dirigida para o exterior, do homem físico, para a cabeça. Isto requer uma retirada consciente da consciência para um ponto no interior do cérebro, na vizinhança da glândula pineal, e sua consciente centralização neste ponto.

2. Transferência da consciência do cérebro ou cabeça, para a mente ou corpo mental. Nesta transferência, o cérebro permanece intensamente alerta e a retirada é conscientemente efetuada através do corpo etérico, empregando o brahmarandra ou a abertura no cimo da cabeça. Em ocasião alguma está o homem em transe, inconsciente ou adormecido. Ele ativamente inicia e efetua o processo de abstração ou retirada.

3. Transferência da consciência do corpo mental para o do ego, a alma, alojada no corpo causal ou lótus egóico. Provoca-se então uma condição em que o cérebro, o corpo mental e o corpo egóico formam uma unidade quiescente e coerente, viva, positiva e firme.

4. Pode-se então ter acesso ao estado de samadhi, ou de contemplação espiritual, quando a alma olha para seu próprio mundo, vê a visão das coisas como realmente são, contata a realidade e "conhece Deus".

Seguindo-se este, vem um estágio em que o homem espiritual transmite ao cérebro, através da mente, o que é visto, visualizado, contatado e conhecido; e, desta maneira, o conhecimento se torna parte do conteúdo do cérebro e fica disponível para emprego no plano físico.

Esta é a meta do processo de meditação e os resultados, em suas inúmeras e distintas formas são o assunto do Livro III, e são obtidos pela obediência aos oito meios da ioga que foram tratados no Livro II. Somente a dedicação a Ishvara ou o verdadeiro amor a Deus, com as qualidades de serviço que o acompanham, amor ao homem, e paciente e duradouro esforço em fazer o bem, levarão o homem por este árduo caminho de disciplina, purificação e trabalho duro.

MEIO III. POSTURA

46. A postura assumida deve ser firme e cômoda.

Este aforismo ocasionou inúmeros problemas a nossos estudantes ocidentais, pois eles o interpretaram unicamente em seu sentido físico. É verdade que tem uma significação física, mas considerado em relação à tríplice natureza inferior, pode-se dizer que se refere a uma posição firme e imutável do corpo físico quando em meditação, a uma condição estável e invariável do corpo astral ou emocional durante sua passagem pela vida, e a uma mente firme e equilibrada, que esteja absolutamente sob controle. Destas três pode-se dizer que a postura física é a de menor importância e a melhor é aquela em que o aspirante mais rapidamente se esqueça de que tem um corpo físico. De modo geral pode-se estabelecer que uma posição ereta, numa cadeira confortável, com a coluna ereta, os pés naturalmente cruzados, as mãos cruzadas no colo, os olhos fechados e o queixo ligeiramente caído, seja a melhor posição para o aspirante ocidental. No Oriente há uma

ciência sobre posições e existem cerca de oitenta e quatro posições diferentes, algumas das quais, muito intrincadas e dolorosas, são relacionadas. Esta ciência é um ramo da hatha ioga e não deve ser seguida pela quinta raça; é um remanescente da ioga que foi necessária e suficiente para o homem da raça raiz lemuriana, que necessitava aprender o controle físico. A bhakti ioga, ou a ioga do devoto, foi a ioga da raça atlante ou do homem da quarta raça raiz, além de alguma coisa também da hatha ioga. Nesta quinta raça raiz, a ariana, a hatha ioga deve cair em desuso no que concerne ao discípulo, que deve-se ocupar com a raja ioga e com um pouco da bhakti ioga - se for um devoto mental.

O discípulo **Lemuriano** aprendeu a controlar o corpo físico e a devotá-lo ao serviço de Ishvara pela hatha ioga ao aspirar ao controle emocional.

O discípulo **Atlante** aprendeu a controlar o corpo emocional e a devotá-lo ao serviço de Ishvara pela bhakti ioga, com aspiração ao controle mental.

O discípulo **Ariano** tem que aprender a controlar o corpo mental e a dedicá-lo ao serviço de Ishvara pela raja ioga, com aspiração ao conhecimento do habitante interno, a alma. Assim, nesta raça raiz, o homem inferior interno, a personalidade, é subjugado e terá lugar a "Transfiguração" da humanidade.

47. A firmeza e a comodidade da postura são obtidas por um leve e persistente esforço e pela concentração da mente no infinito.

Isto abrange os dois aspectos que provocam dificuldade durante a meditação, o conforto do corpo e o controle da mente. É digno de nota que o esforço para atingir o esquecimento do corpo físico através da posição correta é alcançado por uma prática firme, contínua e suave, em vez de o ser através de violentos esforços, forçando o corpo em posição e atitudes desconfortáveis a que não está habituado. Quando isto puder ser feito e quando a mente puder estar tão concentrada na consideração das coisas da alma, então a firmeza e a facilidade caracterizarão o homem no plano físico, Ele se esquece do veículo físico e pode assim concentrar a mente, e a concentração de sua mente fica tão firmemente dirigida que se torna impossível pensar no corpo.

48. Quando isto é alcançado, os pares de opostos não mais limitam.

Os pares de opostos dizem respeito ao corpo de desejos e é significativo que o aforismo precedente apenas tenha tratado da mente e do corpo físico. Neste aforismo, a natureza emocional, expressando-se através do desejo, deixa de ser influenciada pelo impulso de qualquer força atrativa. O corpo astral se torna quiescente, não procurando dominar, e não responde a qualquer atração do mundo de ilusão.

Há um grande mistério no que concerne ao corpo astral do homem e à luz astral, e a natureza deste mistério é, até agora, conhecida apenas pelos iniciados mais avançados. A luz astral é tornada objetiva por dois fatores e o corpo astral do homem responde a dois tipos de energia. Essencialmente, parecem em si mesmos não ter caracterização ou forma, mas sim dependeram, para sua manifestação, "daquilo que está acima e daquilo que está abaixo". A natureza de desejos do homem, por exemplo, parece responder à atração do grande mundo de ilusão, a maya dos sentidos, ou à voz do ego empregando o corpo mental.

As vibrações dos planos físico e mental atingem o corpo astral e, de acordo com a natureza do homem e com o ponto de evolução em que está, assim será sua resposta ao apelo superior ou inferior.

O corpo astral ou responde a impressão egóica ou é influenciado pelos milhões de vozes da terra. Aparentemente não tem voz própria e nem caráter próprio. Isto foi retratado para nós no Gita, quando Arjuna fica entre as duas forças opostas, do bem e do mal, e procura sua correta atitude para com ambas. O plano astral é o campo de batalha da alma, o local da vitória ou da derrota; é o Kurukshetra, no qual a grande escolha é feita.

Nestes aforismos sobre a postura, está latente a mesma ideia.

Dá-se ênfase aos planos físico e mental e chama-se a atenção para o fato de que, quando a postura no plano físico e a concentração no plano mental são obtidas, então os pares de opostos não mais constituem limitações. O ponto de equilíbrio é alcançado e o homem é liberado. As balanças da vida do homem são completamente equilibradas e ele fica livre.

MEIO IV. PRANAYAMA

49. Quando a postura correta (asana) é alcançada, segue-se o correto controle do prana e a inspiração e expiração corretas.

Temos aqui novamente um aforismo que causou muita incompreensão e erro. O ensinamento sobre o controle do prana é o ponto principal e daí decorreram os exercícios sobre respiração e as práticas que, para seu sucesso, dependem da suspensão do processo respiratório. A maioria destes erros foi provocada por uma crença da mente ocidental de que prana e respiração são sinônimos. Isto de modo algum é o caso. Vivekananda o assinala em seu comentário sobre este aforismo, com as seguintes palavras:

"Quando a postura correta tenha sido alcançada, então tem-se que interromper este movimento e controla-lo, e assim chegamos ao pranayama; o controle das forças vitais do corpo. Prana não é respiração, embora seja comumente traduzido assim. É a totalidade da energia cósmica. É a energia que esta em cada corpo, e sua manifestação mais visível é o movimento dos pulmões. Este movimento é causado pelo prana promovendo a respiração e é o que procuraremos controlar no pranayama. Começamos por controlar a respiração como o meio mais fácil de obter o controle do prana".

Prana é a soma total da energia no corpo (e isto se aplica igualmente aos corpos solar e planetário). Diz respeito ao influxo de energia no corpo etérico e ao seu refluxo, portanto, por meio do corpo físico. Isto é simbolizado para nós, no corpo físico, nos necessários movimentos de inspiração e expiração. Por se dar demasiada importância ao ato físico de respirar perdeu-se muito do verdadeiro sentido deste aforismo.

Ao se estudar o pranayama certas coisas devem ser lembradas. Primeiro, que um dos principais propósitos do corpo etérico é que ele atua como um estimulador e alimentador de energia do corpo físico denso. É quase como se o corpo físico denso não tivesse existência independente, mas que apenas reagisse ao ser estimulado e motivado pelo corpo etérico. O corpo etérico é o corpo de força ou Vital e permeia todas as partes do veículo denso. É o que está por traz, a verdadeira substância do corpo físico. De acordo com

a natureza da forma que anima o corpo etérico, de acordo com a vitalidade e a lentidão das mais importantes partes do corpo etérico (os centros ao longo da coluna vertebral), assim será a correspondente atividade do corpo físico. De modo semelhante e simbolicamente, de acordo com o estado do aparelho respiratório e de acordo com a capacidade deste aparelho em oxigenar e purificar o sangue, assim será o estado de saúde e a condição de todo o corpo físico denso.

Deve ser também lembrado que a chave da resposta precisa do inferior ao superior, está no ritmo e na possibilidade do corpo físico em responder, ou vibrar, ritmicamente em uníssono com o corpo etérico. Os estudantes têm verificado que isto é bastante facilitado por um modo de respirar uniforme e profundo e que a maioria dos exercícios respiratórios, quando praticados com exclusão dos três prévios meios para a ioga (os Mandamentos, as Regras e a Postura) têm um efeito definido sobre o corpo etérico e podem levar a resultados desastrosos. É imprescindível que os estudantes sigam os meios da ioga na ordem em que foram dados por Patânjali, e que portanto se certifiquem de que o processo de purificação, a disciplina das vidas interna e externa e a concentração da mente devam ser os objetivos a atingir, antes de tentarem o controle do veículo etérico através da respiração e do despertar dos centros.

O trabalho realizado através do pranayama pode ser resumido do seguinte modo:

1. A oxigenação do sangue e, assim, a limpeza das correntes sanguíneas e a consequente saúde física.

2. A sincronia de vibração entre o corpo físico e o corpo etérico. Isto traz como resultado a completa subjugação do corpo físico denso e seu alinhamento com o corpo etérico. As duas partes do veículo físico formam uma unidade.

3. A transmissão de energia a todas as partes do corpo físico denso, através do corpo etérico. Esta energia pode vir de diversas fontes:

a. Da aura planetária. Neste caso é prana planetário e concerne primariamente ao baço e à saúde do corpo físico.

b. Do mundo astral através do corpo astral. Esta será unicamente a força do desejo ou kâmica e afetará primariamente os centros abaixo do diafragma.

c. Da mente universal ou força manásica. Esta será principalmente a força do pensamento e irá para o centro da garganta.

d. Do próprio ego, estimulando primariamente os centros da cabeça e do coração.

A maioria das pessoas recebem força apenas dos planos físico e astral, mas os discípulos recebem força também dos níveis mental e egóico.

50. O correto controle do prana (ou das correntes da vida) é externo, interno ou imóvel; está sujeito a lugar, tempo e número e é também prolongado ou breve.

Este é um aforismo muito difícil de se compreender e seu significado foi propositalmente tornado obscuro devido aos perigos incidentes no controle das forças corporais. As ideias e os ensinamentos transmitidos se enquadram em três partes:

I. O controle externo, interno ou imóvel das correntes de vida do corpo (denso e etérico). Isto concerne:

a. ao aparelho respiratório e o emprego da respiração;

b.aos ares vitais e sua radiação;

c.aos centros e seu despertar;

d.ao fogo Kundalini e sua correta progressão subindo ao longo da coluna vertebral.

II.A significação astrológica e a relação do homem ao seu grupo, planetário ou outro. Isto é considerado nas palavras "lugar, tempo e número".

III.O processo de iluminação e a produção de resposta no homem físico, através do cérebro, às impressões superiores. Esta habilidade em responder à voz do ego e de se tornar quiescente e receptivo deve preceder aos últimos quatro meios da ioga que não concernem tão de imediato ao plano físico denso ou aos níveis etéricos de consciência.

É óbvio que muitos dos ensinamentos transmitidos neste aforismo só podem ser dados, com segurança, diretamente pelo instrutor ao aluno, após o correto estudo das condições corporais deste aluno. Não é possível e nem correto dar num livro destinado ao público em geral, as regras, práticas e métodos que permitem ao discípulo treinado levar seu veículo físico denso à sincronização instantânea com seu corpo etérico, a tornar densa e irradiar sua aura de modo a produzir certos resultados magnéticos em seu ambiente, e a despertar seus centros de modo a demonstrar certos poderes psíquicos. Os métodos para despertar Kundalini e de fundi-la com a força egóica que vem de cima devem também ser deixados ao ensinamento direto por um mestre, versado nesta ciência, a seu aluno. Há um extremo perigo no despertar prematuro deste fogo, com a consequente destruição de certas estruturas protetoras no corpo etérico e das barreiras entre este mundo e o astral, antes que o aluno esteja devidamente "equilibrado entre os pares de opostos". Existe um perigo no crescimento prematuro dos poderes psíquicos inferiores antes que a natureza superior seja despertada, e o efeito sobre o cérebro pode ser visto na forma de insanidade, de um tipo ou outro, suave ou severa. Pode-se dar umas poucas palavras de explicação, contudo, que habilitarão o verdadeiro estudante ocultista a obter a informação que, se usada corretamente, servirá como chave para obtenção de maiores informações. Este sempre foi o método ocultista. Vamos portanto, tratar brevemente de nossos três pontos.

I. O controle **externo** do prana ou das correntes de vida trata dos exercícios respiratórios e de práticas rítmicas que levam os órgãos físicos, aliados aos centros etéricos, às condições corretas. O mago branco ou ocultista nunca lida especificamente com estes órgãos físicos. A magia negra, porém, lida com estes órgãos, que são: o cérebro, os pulmões, o coração, o baço e os órgãos geradores.

O mago negro utiliza definidamente estas partes físicas do corpo para gerar um tipo de força que é uma mistura de força etérica e de energia física densa, para permitir-lhe realizar certas formas de trabalho de magia e também para produzir efeitos sobre os corpos físicos de animais e de homens. É o conhecimento destes fatos que é a base de vuduísmo e de todas as práticas que provocam a debilidade e a morte de homens e mulheres que obstruem o caminho do mago negro ou que são por eles encarados como inimigos. O aspirante aos mistérios da Fraternidade da Grande Loja Branca nada têm a ver com as praticas acima mencionadas. Ele provoca a confluência das duas partes do físico denso e a sincronia do ritmo dos dois corpos e a consequente unidade do homem inferior inteiro, pela atenção à respiração e o ao ritmo etéricos. Isso inevitavelmente, produz o "controle externo das correntes de vida.

O controle **interno** das correntes de Vida e obtido de **três** modos:

1. Por meio de uma compreensão intelectual da natureza do corpo etérico e das leis de sua vida. .

2. Através de uma consideração dos tipos de energia e, de seu equipamento, o sistema de centros, encontrado no corpo etérico.

3. Através de certos desenvolvimentos e conhecimento que vêm ao aspirante quando ele está pronto (tendo cumprido os próprios meios da ioga) e que lhe dão a capacidade de captar certos tipos de forças, energias, ou shaktis, de utilizá-los corretamente por meio de seus próprios centros e provocar efeitos que se enquadram nos seguintes termos descritivos: iluminativos, purificadores, magnéticos dinâmicos, psíquicos e mágicos.

O controle imóvel das correntes de vida é o resultado do correto desenvolvimento dos outros dois, os controles externo e interno, e deve ser obtido antes que o quinto meio da Ioga, a retirada ou abstração, seja possível. Indica apenas a perfeita sincronização equilibrada e a completa unificação das duas partes do corpo físico, de modo a não mais haver qualquer empecilho as forças que entram ou saem. Quando se obtém o controle imóvel, o iogue pode retirar-se de seu corpo físico à vontade ou pode atrair aquele corpo e manipular à vontade qualquer das sete grandes forças planetárias.

Deve-se ter em mente que estamos tratando aqui da situação ideal e que nenhum aspirante pode adquirir este meio da ioga sem trabalhar simultaneamente também com os outros meios. O estudo do paralelismo na natureza é valioso neste ponto.

II. Faz-se também, aqui, uma alusão ao Significado astrológico por meio das três palavras, "lugar, tempo e número". Nestas palavras deve-se reconhecer as triplicidades universais, e o correto controle das correntes de vida deve ser visto relacionado ao carma, oportunidade e forma; há certas palavras que, quando compreendidas corretamente, dão a chave para todo o ocultismo prático e transformam o iogue em um mestre da vida. São elas:

Som	Número	Cor	Forma
Palavra	Vida	Luz	Corpo

e reconhece-se estas como sujeitas à ideia do espaço e ao elemento tempo. Deve-se ter em mente, a este respeito, que "o espaço é a primeira entidade" (Doutrina Secreta I. 583) e que a manifestação cíclica é a lei da vida.

Quando isto é reconhecido, a entidade, manifestando-se ciclicamente, fará sentir sua presença pela diferenciação, pela cor ou qualidade da forma veladora e através da própria forma. Estes fatores constituem a totalidade da expressão de qualquer identidade, Deus ou homem, e o aparecimento de qualquer homem em expressão exotérica no plano físico depende do movimento cíclico ou rítmico das energias emitidas ou atraídas pela grande Vida na qual ele vive, se move e tem o seu ser. Esta é a base da ciência astrológica ou a relação entre o planeta, ou planetas, e o ser humano, e sua relação com as estrelas e os vários signos zodiacais.

Para o correto controle das correntes de vida é essencial algum conhecimento da ciência astrológica, de modo a que o discípulo possa tirar proveito dos "tempos e estações" em que se pode acelerar o progresso.

III. O processo de iluminação do homem inferior se torna possível através do correto controle dos pranas e este "processo de iluminação" é uma ciência exata, para a qual estes

quatro meios da ioga prepararam o caminho. Os fogos do corpo estão corretamente posicionados, a condição de "imóvel" pode ser mais ou menos obtida e os ares vitais na cabeça estão "em paz" e o homem inferior completo espera um de dois processos:

a. A retirada do homem espiritual ou verdadeiro para atuar em algum plano mais elevado;

b. ou trazer à consciência do cérebro inferior, a luz, a iluminação e o conhecimento dos planos do ego.

51. Há um quarto estágio que transcende aqueles que tratam das fases interna e externa.

Vimos como o controle das forças de vida pode ser internamente ativo, externamente ativo ou equilibrado. Este tríplice processo traz o homem pessoal inferior completo a uma condição, em primeiro lugar, de resposta rítmica ao fator motivador interno (neste caso, o ego ou homem espiritual em seu próprio plano) e, a seguir, a uma completa quiescência ou quietude. A esta última condição de espera receptiva, se pode ser assim chamada, segue-se outra, de uma forma de atividade mais elevada. Isto é literalmente a imposição de um novo ritmo vibratório ao inferior, o soar de uma nova nota, emanando do homem espiritual interno que produz certos efeitos definidos nos três envoltórios que constituem o eu inferior e que produz certos efeitos definidos nos três envoltórios que ocultam a divindade que é o homem. Estas mudanças são consideradas nos dois próximos aforismos.

O trabalho do aspirante comum é mais frequentemente dedicado à preparação dos envoltórios de modo a que este quarto estágio se torne possível. Sua atenção concentra-se na obtenção:

1. de uma coordenação consciente dos três envoltórios ou corpos;

2.de seu devido alinhamento;

3.da regulagem do ritmo dos envoltórios de modo a sincronizá-los entre si e com o ritmo da impressão egóica;

4. de sua unificação em um todo coerente de modo a que o homem seja literalmente o três em um e o um em três;

5. da quiescência, ou a atitude de receptividade positiva à inspiração superior e ao fluxo descendente de vida egóica e de energia,

Pode ser útil ao estudante se ele se conscientizar de que o controle correto do prana envolve o reconhecimento de que a energia é a soma total da existência e da manifestação, e que os três corpos inferiores são corpos de energia, cada um formando um veículo para o tipo de energia mais elevado, sendo eles mesmos transmissores de energia. As energias do homem inferior são energias do terceiro aspecto, o Espírito Santo, ou do aspecto Brahma. A energia do homem espiritual é a do segundo aspecto, a força Crística, ou Budi. O objetivo da evolução na família humana é trazer esta força Crística, o princípio do Budi, à plena manifestação no plano físico e isto através da utilização do tríplice envoltório inferior. Este tríplice envoltório é o Santo Graal, a taça receptora e que contém a vida de Deus. Quando o homem inferior é levado à resposta adequada pelo cumprimento dos quatro meios da ioga já considerados, começam a se manifestar nele dois resultados e ele está pronto a empregar os outros quatro meios restantes que o reorientarão e, finalmente, o levarão à

libertação.

52. Através disso, aquilo que obscurece a luz é gradualmente removido.

O primeiro resultado é a gradual dissipação ou atenuação das formas materiais que escondem a realidade. Isto não significa o desperdício das formas mas sim, o contínuo refinamento e transmutação da matéria de que são construídos de modo que se tornam tão purificados e claros que a "luz de Deus" que até então esconderam, pode brilhar em toda a sua beleza nos três mundos. Pode-se, demonstrar isto como sendo literalmente verdadeiro no plano físico, pois através do trabalho de purificação e do controle das correntes de vida, a luz na cabeça se torna tão aparente que pode ser vista por aqueles que têm visão sobrenatural, como irradiações estendendo-se por toda a volta da cabeça, formando assim o halo tão conhecido nas pinturas de santos. O halo é um fato na natureza e não um símbolo apenas. É o resultado do trabalho da Raja Ioga e é a demonstração física da vida e da luz do homem espiritual. Vivekananda, falando tecnicamente, diz (e é conveniente que os estudantes orientais de ocultismo dominem a técnica e a terminologia desta ciência da alma de que o Oriente foi o guardião por tanto tempo): "A chitta tem, por sua própria natureza todo o conhecimento. É feita de partículas de sattva, mas é coberta de partículas de rajas e tamas, e pelo pranayama esta cobertura é removida."

53. E a mente é preparada para a meditação concentrada.

A edição de Johnston dá uma bela tradução deste aforismo nas palavras: “Então vem o poder da mente para se manter na luz", sendo a ideia, que, uma vez obtida a condição de quiescência e tornado possível o quarto estágio de impressão supranormal os meios restantes da ioga, abstração, atenção, meditação e contemplação podem ser então adequadamente assumidos. A mente pode ser controlada e aplicada e o processo de transmitir ao cérebro através da mente, o conhecimento, a luz e a sabedoria do ego ou alma, pode, então, ser feito com segurança.

MEIO V. ABSTRAÇÃO.

54. A abstração. (ou pratyahara) é a subjugação dos sentidos pelo princípio pensante e sua remoção daquilo que até então fora seu objetivo.

Este aforismo nos dá um sumário do trabalho realizado no controle da natureza psíquica, e o resultado obtido quando o pensador, por meio da mente - o princípio pensante, domina tão completamente os sentidos que eles não mais têm expressão própria independente.

Antes que a atenção, a meditação e a contemplação (os três últimos meios da ioga) possam ser adequadamente empreendidas, não só deve a conduta externa ser corrigida, não só a pureza interior deve ser obtida, não só deve ser cultivada a correta atitude para com todas as coisas e as correntes de vida consequentemente controladas, como também a capacidade para subjugar as tendências dos cinco sentidos para as coisas externas deve

ser obtida. Assim, se ensina ao aspirante a correta retirada ou abstração da consciência que tende para o exterior, para o mundo fenomênico, e ele deve aprender a centrar sua consciência na grande estação central da cabeça, de onde esta energia pode ser conscientemente distribuída à medida que ele participa no grande trabalho, e de onde pode estabelecer contacto com o reino da alma e no qual ele pode receber as mensagens e impressões que emanam daquele reino. Este é um definido estágio que se obtém e não, simplesmente, uma maneira simbólica de expressar um interesse dirigido.

As diversas vias da percepção sensorial são levadas a uma condição quiescente. A consciência do homem real não mais se projeta para fora ao longo de suas cinco vias de contato. Os cinco sentidos são dominados pelo sexto sentido, a mente, e toda a consciência e faculdade de percepção do aspirante é sintetizada na cabeça e voltada para dentro e para cima. A natureza psíquica é assim subjugada e o plano mental se torna o campo de atividade do homem. Este processo de retirada ou de abstração prossegue em estágios:

1. A retirada da consciência física, ou percepção, através da audição, tato, visão, paladar e olfato. Estes modos de percepção se tornam temporariamente adormecidos e a percepção do homem se torna unicamente mental e a consciência do cérebro é a única atividade no plano físico.

2. A retirada da consciência para a região da glândula pineal, de modo a que o ponto de conscientização do homem esteja centralizado na região entre o meio da fronte e a glândula pineal.

3. O estágio seguinte é o da abstração da consciência no centro da cabeça, o lótus de mil pétalas ou sahasara, pela voluntária retirada da consciência da cabeça. Isto pode ser feito em plena consciência vigil, quando certas regras são aprendidas e certo trabalho realizado. Estas, obviamente, não podem ser dadas num trabalho como este. A maioria das pessoas ainda tem que dominar os dois primeiros estágios e aprender a controlar as vias de percepção, os cinco sentidos.

4. A abstração da consciência para o corpo astral, libertando-a assim, do plano físico.

5. Ainda uma ulterior abstração, para o plano mental ou mente, de maneira que nem o astral e nem o físico limitem ou confinem o homem.

Quando isto pode ser feito, a verdadeira meditação e contemplação se tornam possíveis.

Dvivedi, em seu comentário sobre este aforismo, diz: "a abstração consiste na inteira assimilação ou controle dos sentidos pela mente. Eles devem ser removidos de seus objetivos e fixados à mente e assimilados a ela, de modo que, evitando-se a transformação do princípio pensante, os sentidos também o sigam e sejam imediatamente controlados. E não apenas isto, mas eles estarão sempre prontos para contribuir coletivamente para a absorvente meditação, a qualquer momento, sobre qualquer coisa".

Em resumo, portanto, o resultado da correta abstração ou retirada, é:

1. A síntese dos sentidos pelo sexto sentido, a mente;

2. O alinhamento do tríplice homem inferior de modo a que os três corpos funcionem como uma unidade coordenada.

3.A libertação do homem das limitações dos corpos.

4.Consequente habilitação da alma ou ego para impressionar e iluminar o cérebro por meio da mente.

55. Como resultado destes meios segue-se uma completa subjugação dos órgãos sensoriais.

No Livro I foi dada uma indicação geral do objetivo da Raja Ioga e dos empecilhos à sua prática, com uma indicação de seus benefícios. No Livro II, que acabamos de completar, tratamos especificamente dos empecilhos, e indicamos o método para corrigi-los e, a seguir, consideramos os meios da ioga, tendo sido explicados cinco dos oito meios. Estes cinco meios, quando devidamente seguidos, levam o homem ao ponto em que a sua natureza psíquica inferior começa a ser controlada, em que os sentidos são dominados e ele pode, então, iniciar a subjugação do sexto sentido, a mente.

Os métodos pelos quais a mente é controlada e pelos quais o aspirante se torna o mestre completo do homem inferior inteiro são considerados no livro seguinte. Os três meios restantes da ioga são explicados e, a seguir, os resultados da ioga são dados em detalhes. Os estudantes verificarão que é útil observar o método gradual e preciso delineado neste maravilhoso tratado. É valido registrar sua brevidade e, apesar disto, sua natureza completa e concisa. É o livro de texto de uma ciência exata e em suas poucas páginas estão reunidas todas as regras necessárias, nesta raça-raiz ariana, para o completo controle da mente, o qual deve ser a contribuição desta raça ao processo evolutivo.

LIVRO III
A UNIÃO OBTIDA E SEUS RESULTADOS

a)A meditação e seus estágios
b)Vinte e três resultados da meditação
Tópico: Os poderes da Alma

OS AFORISMOS DE IOGA DE PATÃNJALI

1.Concentração é a fixação da chitta (substância mental) sobre um objeto específico. Isto é dharana.

2.A concentração sustentada (dharana) é meditação (dhyana).

3.Quando a chitta fica absorta naquilo que é a realidade (ou a ideia encarnada na forma) e não tem consciência da separatividade ou do eu pessoal, isto é contemplação ou samadhi.

4. Quando a concentração, a meditação e a contemplação compõem a sequencia de um mesmo ato, então alcança-se sanyama.

5.Como um resultado de sanyama vem o brilho da luz.

6.Esta iluminação é gradual; desenvolve-se estágio por estágio.

7.Estes três últimos meios da Ioga têm um efeito subjetivo mais íntimo que os anteriores.

8. Mesmo estes três, contudo, são exteriores à verdadeira meditação sem semente (ou samadhi) que não se baseia em objeto algum. Ela está livre dos efeitos da natureza discriminativa da chitta (ou substância mental).

9. A sequencia dos estados mentais é a seguinte: a mente reage ao que é visto; segue-se então o momento do controle da mente. Vem a seguir um momento em que a chitta (substância mental) responde a ambos estes fatores. Estes finalmente passam e a consciência percebedora tem completo controle.

10. Pelo cultivo deste hábito da mente obter-se-á uma continuidade de percepção espiritual.

11. O estabelecimento deste hábito e o controle da tendência da mente em construir pensamentos-forma resultam, finalmente, em um constante poder de contemplação.

12. Quando o controle da mente e o fator de controle estão igualmente equilibrados, segue-se uma condição de unidirecionalidade do pensamento.

13. Através deste processo, os aspectos de cada objeto são conhecidos, suas características (ou formas), sua natureza simbólica e utilização específica em condições temporais (estágio de desenvolvimento) são conhecidas e trazidas à consciência.

14. As características de cada objeto são, ou adquiridas, ou em manifestação, ou latentes.

15. O estágio de desenvolvimento é responsável pelas várias modificações da

versátil natureza psíquica e do princípio pensante.

16. Pela meditação concentrada sobre a tríplice natureza de cada forma obtém-se a revelação do que foi e do que virá a ser.

17. O Som (ou palavra), aquilo que ele indica (o objeto) e a essência espiritual incorporada (ou ideia) são normalmente confundidos na mente do percebedor. Pela meditação concentrada sobre estes três aspectos, obtém-se uma compreensão intuitiva do som emitido por todas as formas de vida.

18. O conhecimento de prévias encarnações torna-se possível quando se adquire o poder de ver imagens-pensamento.

19. Pela meditação concentrada as imagens-pensamento nas mentes de outras pessoas se tornam aparentes.

20. Como, porém, o objeto destes pensamentos não é aparente ao percebedor, ele apenas vê o pensamento e não o objeto. Sua meditação exclui o tangível.

21. Pela meditação concentrada sobre a distinção entre a forma e o corpo, as propriedades do corpo que o tornam visível à vista humana são negadas (ou retiradas) e o iogue pode tornar-se invisível.

22. O carma (ou efeitos) é de duas espécies: imediato ou futuro. Pela meditação perfeitamente concentrada sobre elas, o iogue conhece o término de suas experiências nos três mundos. Este conhecimento também vem por sinais.

23. A união com os demais deve ser obtida através da meditação dirigida sobre os três estados de sentimento - compaixão, ternura e despaixão

24. A meditação, dirigida e centrada sobre o poder do elefante, despertará esta força ou luz.

25. A meditação perfeitamente concentrada sobre a luz despertada, produzira a consciência daquilo que é sutil, oculto ou remoto.

26. Através da meditação dirigida fixamente sobre o sol, alcançar-se-á a consciência (ou conhecimento) dos sete mundos.

27.O conhecimento de todas as formas lunares nasce da meditação dirigida sobre a lua.

28.A concentração sobre a Estrela Polar dará conhecimento sobre as órbitas dos planetas e das estrelas.

29. Pela atenção concentrada sobre o centro chamado plexo solar, tem-se conhecimento aperfeiçoado sobre a condição do corpo.

30. Fixando-se a atenção sobre o centro da garganta, ter-se-á a paralisação das sensações de fome e sede.

31. Fixando-se a atenção sobre o tubo, ou nervo abaixo do centro da garganta, obtém-se o equilíbrio.

32. Os que atingiram a automestria podem ser vistos e contatados focalizando-se a luz na cabeça. Este poder é desenvolvido pela meditação dirigida.

33.Todas as coisas podem ser conhecidas na vívida luz da intuição.

34.A compreensão da consciência da mente vem da meditação dirigida sobre o centro do coração.

35. A experiência (sobre os pares de opostos) provém da incapacidade da alma em distinguir entre o eu pessoal e purusha (ou espírito). As formas objetivas existem

para a utilização (e experiência) do homem espiritual. Pela meditação sobre isto nasce a percepção intuitiva da natureza espiritual (purusha).

36. Como resultado destas experiências e meditações, desenvolvem-se a audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato superiores, produzindo o conhecimento intuitivo.

37. Estes poderes são obstáculos à mais alta realização espiritual, mas servem como poderes mágicos nos mundos objetivos.

38. Pela libertação das causas da escravidão através de seu enfraquecimento e por uma compreensão do modo de transferência (retirada ou admissão), a substância mental (ou chitta) pode entrar em outro corpo.

39. Pela subjugação da vida para o alto (udana) tem-se a libertação da água, do caminho espinhoso e do atoleiro e se obtém o poder da ascensão.

40.Pela subjugação de samana, a centelha se transforma em chama.

41.Por meio da meditação dirigida sobre a relação entre ákasha e o som, desenvolve-se um órgão para a audição espiritual.

42. Pela meditação dirigida sobre a relação entre o corpo e ákasha, ganha-se a ascensão para fora da matéria (dos três mundos) e o poder de viajar pelo espaço.

43. Quando aquilo que vela a luz é removido, segue-se um estado de ser chamado desencarnado (ou desincorporado), liberto da modificação do princípio pensante. Este é o estado de iluminação.

44. A meditação dirigida sobre as cinco formas que cada elemento toma, produz a mestria sobre cada elemento. Estas cinco formas são: a natureza grosseira, a forma elementar, a qualidade, a difusibilidade e propósito básico.

45. Através desta mestria obtêm-se a precisão e os outros siddhis (ou poderes), assim como a perfeição corporal e a libertação de todos os empecilhos.

46. A simetria de forma, a beleza da cor, a força e a forma compacta do diamante constituem a perfeição corporal.

47. A mestria sobre os sentidos é obtida através da meditação concentrada sobre sua natureza, seus atributos peculiares, egoísmo, difusibilidade e propósito útil.

48. Como resultado desta perfeição, sobrevêm uma rapidez de ação como a da mente, a percepção independente dos órgãos e o domínio sobre a substância raiz.

49. O homem que pode discriminar entre a alma e o espírito conquista a supremacia sobre todas as condições e se torna onisciente.

50. Por uma atitude desapaixonada em relação a esta consecução e em relação a todos os poderes da alma, aquele que está livre das sementes da escravidão atinge a condição de unidade isolada.

51. Deve haver completa rejeição de todas as fascinações de todas as formas de ser, mesmo a celestial, pois a ocorrência de contatos malévolos permanece possível.

52. O conhecimento intuitivo é desenvolvido através do emprego da faculdade discriminativa quando há concentração dirigida sobre os momentos e sua contínua sucessão.

53. Deste conhecimento intuitivo nasce a capacidade de distinguir (entre todos os seres) e de identificar seu gênero, qualidades e posição no espaço.

54. Este conhecimento intuitivo que é o grande libertador, é onipresente e onisciente e inclui o passado, o presente e o futuro no Eterno Agora.

55. Quando as formas objetivas e a alma alcançam uma condição de igual pureza, a Unidade é conquistada e se alcança a libertação.

1. Concentração é a fixação da chitta (substância mental) sobre um objeto específico. Isto é dharana.

Atingimos agora a parte dos Aforismos da Ioga que tratam especificamente do controle da mente e do efeito deste controle. Os primeiros quinze aforismos tratam do controle da mente e de como obtê-lo e os quarenta restantes dizem respeito aos resultados obtidos depois deste controle ter sido alcançado. Enumeram-se vinte e quatro resultados, e estes seguem todos a linha de expansões de consciência e da demonstração de faculdades psíquicas, tanto inferiores como superiores.

O primeiro passo para obter este desenvolvimento é a concentração, ou a habilidade de manter a mente firme e sem se desviar, sobre o que o aspirante escolher. Este primeiro passo é um dos mais difíceis estágios no processo da meditação e envolve a habilidade contínua e ininterrupta em trazer a mente de volta para o "objeto" sobre o qual o aspirante decidiu concentrar-se. Os estágios da concentração são, por sua vez, bem definidos, e podem ser enunciados como se segue:

1.A escolha de algum "objeto" sobre o qual concentrar-se;

2.A retirada da consciência da mente da periferia do corpo, de modo que as vias de percepção e de contato sejam aquietadas (ou fechadas) e a consciência não mais se dirija para fora;

3. O centrar da consciência, mantendo-a firme, no interior da cabeça, em um ponto na meia distância entre as sobrancelhas;

4. A aplicação da mente, ou a manutenção de uma atenção firme, sobre o objeto escolhido para a concentração;

5. A visualização, a percepção imaginativa e um raciocínio lógico a respeito do objeto;

6. A extensão dos conceitos mentais que foram formados, do particular e específico para o geral e o universal ou cósmico;

7. Uma tentativa para chegar ao que está por traz da forma considerada, ou para alcançar a ideia que é responsável pela forma.

Este processo aumenta gradualmente a consciência e permite que o aspirante chegue ao lado-vida da manifestação em vez de chegar ao lado-forma. Ele começa, no entanto, com a forma ou "objeto". Os objetos sobre os quais se deve concentrar são de quatro espécies:

1. Objetos externos, tais como imagens de divindades, retratos ou formas da natureza;

2.Objetos internos, tais como centros no corpo etérico;

3.Qualidades, tais como as diversas virtudes, com o propósito de despertar o desejo para a obtenção destas virtudes, incorporando-as assim, à vida pessoal;

4. Conceitos mentais ou as ideias que encarnam os ideais que estão por traz de todas as formas animadas. Estes podem tomar a forma de símbolos ou de palavras.

Em uma das Puranas a ideia encarnada na concentração é expressa de um modo muito belo. Diz-se ao aspirante, após ele ter utilizado os cinco primeiros meios da ioga

(tratados no livro II), que ele "deveria apoiar a substância mental sobre algum auspicioso suporte" e esta localização é ilustrada por uma descrição da fixação da atenção sobre uma forma de Deus.

> "A forma encarnada do Excelso deixa a pessoa sem desejar qualquer outro suporte. Deve-se compreender que este é a atenção fixa, quando a substância mental é fixada sobre a forma. E o que é esta forma encarnada de Hari sobre a qual se deve refletir, deixa que isto seja executado por ti, ó Regente dos Homens. Não é possível manter a atenção fixa sem ter alguma coisa sobre a qual fixá-la. (Vishnu Purana VI. 7. 75-85)."

Segue-se então uma descrição da forma encarnada do Excelso, terminando com estas palavras:

> "...que o iogue reflita sobre Ele; e perdido Nele, concentre sua própria mente até que, Ó Rei, a atenção fixa se mantenha firmemente fixada apenas sobre Ele. Quando faz isto, ou enquanto realiza qualquer outra ação, mas na qual sua mente não se desvie, ele deverá então, considerar esta atenção fixa como sendo perfeita". (Naradiya Purana LXVII. 54.62).

Foi a conscientização da necessidade de "objetos" na concentração que deu origem à exigência de imagens, esculturas sacras e pinturas. Todos estes objetos acarretam a emprego da mente concreta inferior e este é o necessário estagio preliminar. Sua utilização leva a mente a uma condição controlada, de modo a que o aspirante possa levá-la a fazer exatamente o que desejar. Os quatro tipos de objetos mencionados acima levam o aspirante gradualmente para o interior e o capacitam a transferir sua consciência do plano físico para o reino etérico, e daí para o mundo de desejos ou das emoções e assim até o mundo das ideias e conceitos mentais. Este processo, que se realiza no cérebro, leva o homem inferior todo a um estado de atenção coerente dirigida, estando todas as partes de sua natureza dirigidas para a obtenção de uma atenção fixa ou uma concentração de todas as faculdades mentais. A mente, então, não mais vagueia sem firmeza e para o exterior, mas sim, está inteiramente "com a atenção presa". Vivekananda traduz "dharana" como "mantendo a mente fixa num único pensamento por doze segundos".

Esta clara, dirigida e calma percepção de um objeto sem que nenhum outro objeto ou pensamento penetre na consciência da pessoa, é uma realização muito difícil, e quando pode ser feita durante doze segundos, obtém-se a verdadeira concentração.

2. A concentração sustentada (dharana) é meditação (dhyana).

A meditação nada mais é que a extensão da concentração e cresce da facilidade que o homem conquista em fixar sua mente, segundo sua vontade, sobre qualquer objeto. Enquadra-se nas mesmas regras e condições que a concentração e a única distinção entre as duas é o elemento tempo.

Tendo alcançado a capacidade de focalizar a mente firmemente sobre um objeto, o estágio seguinte é desenvolver o poder de manter a substância mental, ou chitta, firmemente ocupada com o objeto ou pensamento, por um período prolongado. A Purana anteriormente citada diz:

"Uma ininterrupta sucessão de ideias apresentadas exclusivamente apenas sobre a

Sua forma, sem desejo por qualquer outra coisa, isso, Ó Rei, é contemplação. É obtida por meio dos seis primeiros meios da ioga."

Aqui a palavra contemplação é sinônimo de meditação. Esta meditação é ainda com semente ou objeto.

Dvivedi diz em seu comentário sobre este aforismo:

> "...Dhyana é a fixação total da mente no objeto sobre o qual se pensa (até tornar-se una com ele). Na realidade, a mente deveria, nesta ocasião, ser apenas consciente de si mesma e do objeto".

A atitude do homem se torna, exclusivamente, pura atenção fixa; seu corpo físico, suas emoções, ambiente e todos os sons e vistas desaparecem e seu cérebro tem consciência somente do objeto que é o tópico ou semente da meditação e dos pensamentos que a mente está formulando em conexão com aquele objeto.

3. Quando a chitta fica absorta naquilo que é a realidade (ou a ideia encarnada na forma) e não têm consciência da separatividade ou do eu pessoal, isto é contemplação ou samadhi.

O modo mais simples para se compreender este aforismo é se conscientizar que cada forma ou objeto é uma vida manifestada, de uma ou outra espécie. Nos estágios iniciais do processo de meditação, o estudante se torna consciente da natureza da forma e de sua relação para com ela. Os dois estados em que ele tem consciência de si mesmo e do objeto de sua meditação são condições inteiramente mentais; elas existem no interior de sua mente.

A esta condição segue-se uma outra em que sua conscientização se desloca para o plano subjetivo e ele se torna consciente da natureza da vida que se está expressando através da forma. Relações qualitativas e subjetivas absorvem sua atenção e o aspecto forma é perdido de vista, mas o sentimento de separatividade ou dualidade persiste. Ele ainda tem consciência de si próprio e do que é o não-eu. Ele tem, no entanto, similaridade de qualidade e de resposta à vibração análoga.

Nos dois estágios de dharana e dhyana, da concentração e da meditação, a mente é o fator importante e é o que as produz no cérebro. Um grande mestre hindu, Kecidhvaja, exprime esta ideia nas seguintes palavras:

> "A alma tem os meios. Pensar é o meio. É inanimado. Quando o pensamento concluiu sua tarefa de liberação, realizou o. que tinha a fazer e cessa." (Vishnu Purana VI. 7.90).

Esta verdade torna qualquer descrição ou explicação do elevado estado de samadhi, ou contemplação, extremamente difícil, pois palavras e frases nada mais são que o esforço da mente em submeter ao cérebro do eu pessoal aquilo que lhe permitira apreciar e compreender o processo.

Durante a contemplação o iogue perde de vista:

1. A consciência de seu cérebro ou as percepções do plano físico quanto a tempo e espaço;
2. As reações emocionais em relação ao processo de sua meditação;
3. As atividades mentais, de modo a que todas as "modificações" do processo do

pensamento, todas as reações emocionais do veículo mente-desejo (kama-manas) sejam subjugadas e o ioque não tenha consciência delas. No entanto, ele está intensamente vivo e alerta, positivo e desperto, pois o cérebro e a mente são por ele mantidos sob um controle firme e são por ele utilizados sem que possam interferir de qualquer modo.

Literalmente, isto significa que a vida, independente destas formas através das quais o eu real está funcionando, está imóvel, aquietada e subjugada e que o homem real ou espiritual, desperto em seu próprio plano, pode atuar com plena utilização do cérebro, envoltórios e mente do eu inferior, seu veículo ou instrumento. Ele está, pois, centrado em si mesmo, ou no aspecto alma. Todo o sentimento de separatividade ou do eu pessoal inferior desaparece e ele se torna identificado com a alma da forma que foi o objeto de sua meditação.

Não mais obstruído pela substância mental ou pela natureza-desejo, ele "penetra" naquela condição que tem quatro características principais:

1. Absorção na consciência da alma e, portanto, consciência da alma de todas as coisas. A forma não mais é vista e a visão da realidade, velada por todas as formas, é revelada.

2. **Libertação dos três mundos** da percepção sensorial, de modo a só conhecer e contatar aquilo que está livre da forma, do desejo e da substância mental concreta inferior.

3. **Conscientização de unidade** com todas as almas, sub-humanas humanas e super-humanas. A consciência grupal, de certo modo, exprime esta ideia, exatamente como a consciência separada, ou a compreensão da própria identidade individual, caracteriza a consciência nos três mundos.

4. **Iluminação** ou percepção do aspecto luz da manifestação. Pela meditação, o iogue sabe ser ele próprio luz, um ponto de essência ardente. Através da facilidade no processo de meditação ele pode focalizar esta luz em qualquer objeto que escolha e colocar-se "em contato" com a luz que o objeto esconde. Sabe então que esta luz é uma, em essência, com o seu próprio centro de luz, e a compreensão, a comunicação e a identificação se tornam então possíveis.

4. Quando a concentração, a meditação e a contemplação compõem a sequencia de um mesmo ato, então alcança-se sanyama.

Esta é uma ideia muito difícil de se expressar, pois não temos na língua inglesa o equivalente ao termo sânscrito "sanyama". É a síntese dos três estágios do processo de meditação e só possível ao estudante que aprendeu e dominou os três estados do controle da mente. Por este domínio ele terá produzido certos resultados que são os seguintes:

1. Ter-se-á libertado dos três mundos da existência - da mente, da emoção e do plano físico. Eles não mais atraem sua atenção. Ele não está nem concentrado nem absorvido neles.

2. Ele poderá focalizar sua atenção segundo sua vontade e manter sua mente indefinidamente firme, enquanto estiver trabalhando intensamente no mundo mental, se assim escolher.

3. Ele pode polarizar-se ou centrar-se na consciência do ego, alma ou homem espiritual e de si mesmo sabe estar separado da mente, das emoções, dos desejos,

sentimentos e forma que constituem o homem inferior.

4. Terá aprendido a reconhecer o homem inferior (a soma total dos estados mentais, das emoções e dos átomos físicos) como apenas instrumento que torna possível sua comunicação voluntária com os três planos inferiores.

5. Ele terá adquirido a faculdade de contemplação ou a atitude da real identidade para com o reino da alma e pode perscrutar este reino da alma da mesma maneira pela qual o homem pode empregar seus olhos para ver no plano físico.

6. Ele pode transmitir ao cérebro, através da mente controlada, aquilo que vê e pode assim dar conhecimento do eu e de seu reino ao homem no plano físico.

Esta é a meditação perfeitamente concentrada e o poder de assim meditar é chamado sanyama neste aforismo. É a obtenção do poder de meditação que é o objetivo do sistema da Raja Ioga.

Por esta conquista o iogue terá aprendido a diferença entre o objeto e aquilo que o objeto vela ou oculta. Ele aprende a atravessar os véus e a contatar a realidade que está por traz deles. Ele adquire um conhecimento prático da dualidade.

Há ainda um estado de consciência superior a este, o da conscientização do que é compreendido pelo termo unidade, mas este estado ainda não é o seu. Este é, no entanto, muito elevado, e produz no homem físico efeitos espetaculares e introduz a vários tipos de fenômenos.

5. Como um resultado de sanyama vem o brilho da luz.

Há diversos termos empregados aqui pelos diversos comentadores e tradutores e pode ser interessante considerarmos alguns deles pois das diferentes interpretações obter-se-á um completo entendimento dos termos sânscritos.

Resumindo a ideia envolve a concepção de que a natureza da alma é luz e que a luz é a grande reveladora. O iogue, através da prática contínua da meditação alcançou o ponto de onde pode, a sua vontade, dirigir a luz que se irradia de seu próprio ser para qualquer direção e iluminar qualquer coisa. Assim, nada lhe pode ser escondido e todo o conhecimento fica a sua disposição. Este poder, por isso, é assim descrito:

1. **Iluminação da percepção**. A luz da alma se projeta para fora e o homem no plano físico, em sua consciência cerebral, e assim capacitado a perceber aquilo que estava anteriormente nas trevas e escondido dele. Tecnicamente, o processo pode ser descrito como se segue:

a)Meditação;

b)Polarização na alma ou consciência agóica;

c)Contemplação, ou lançamento da luz da alma, sobre o que deve ser conhecido ou investigado;

d) Subsequente transmissão ao cérebro do conhecimento adquirido, numa "corrente de iluminação", através do sutratma, o fio da alma, cordão prateado ou elo magnético. Este fio passa pela mente e a ilumina. Os pensamentos gerados pela resposta automática da chita (ou substância mental) ao conhecimento transmitido são então impressos no cérebro e o homem, em sua consciência física, se torna ciente do que a alma conhece. Ele se torna iluminado.

À medida que este processo se torna mais frequente e firme, há uma mudança no homem físico. Ele se torna mais e mais sintonizado com a alma. O elemento tempo na transmissão passa a um segundo plano e a iluminação do campo de conhecimento pela luz da alma e a iluminação do cérebro físico são um acontecimento instantâneo.

A luz na cabeça aumenta em grau correspondente e o terceiro olho se desenvolve e entra em funcionamento. Nos planos astral e mental desenvolve-se um "olho" correspondente e assim o ego ou alma pode iluminar todos os três planos nos três mundos bem como o reino da alma.

2. **Lucidez de consciência**. O homem se torna lúcido e tem visão clara. Ele se torna consciente de um crescente poder em si mesmo, que lhe permitirá explicar e resolver todos os problemas e não somente isto, mas também "fala lucidamente" e vem assim a ser uma das forças de ensinamento do mundo. Todo o conhecimento, conscientemente adquirido pela autoiluminação, deve ser compartilhado e claramente transmitido a outros. Este é o corolário da iluminação.

3. **O brilho da visão interna**. Isto permite que o problema seja examinado por um novo ângulo, e muito importante. É a definição da capacidade de se ver, "o interior da forma" para chegar à realidade subjetiva que fez do envoltório objetivo o que ele é. Esta visão interna é mais do que entendimento, simpatia ou compreensão. Estes últimos nada mais são que o efeito daquela. É a capacidade de atravessar todas as formas para chegar ao que elas velam, porque aquela realidade é idêntica à realidade no próprio ser.

4. **A iluminação do intelecto**. A menos que a mente ou o intelecto possa abarcar e transmitir o que a alma conhece os mistérios permanecerão inexplicáveis ao cérebro físico e o conhecimento possuído pela alma permanecerá apenas uma bela mas inatingível visão. Uma vez, porem, que o intelecto seja iluminado, ele pode transmitir ao cérebro e impressionar nele, aquelas coisas ocultas que apenas os filhos de Deus, em seu próprio plano, conhecem. Daí a necessidade da Raja Ioga, ou ciência da união através do controle e do desenvolvimento da mente.

6. Esta iluminação é gradual; desenvolve-se estágio por estágio. A natureza evolutiva de todo crescimento e desenvolvimento é aqui tratada e lembra-se ao aspirante que nada é conseguido de uma só vez, e sim, como resultado de um longo e contínuo esforço.

Uma coisa que todos os aspirantes aos mistérios devem recordar é que o crescimento gradual e relativamente lento é o método de todo processo natural e que o desabrochar da alma nada mais é que um dos grandes processos da natureza. Tudo o que o aspirante tem a fazer é prover as condições corretas. O crescimento então se dará normalmente por si mesmo. A perseverança firme, o esforço paciente, a conquista de um pouco cada dia, são de mais valor para o aspirante que a desabalada corrida para a frente e o empreendimento entusiástico da pessoa emocional e temperamental. O desenvolvimento indevidamente forçado de uma pessoa traz consigo certos e bem definidos perigos específicos. Estes são evitados quanto o estudante compreende que o caminho é longo e que uma compreensão inteligente de cada estágio do caminho lhe é de mais utilidade que os resultados obtidos para um despertar prematuro da natureza psíquica. A recomendação de crescer tal como cresce a flor, leva consigo uma tremenda verdade oculta. Há uma recomendação no Ecc.

V11.16, que contém este pensamento. "Não sejas demasiadamente justo... por que te destruirias a ti mesmo?"

7. Estes três últimos meios da Ioga têm um efeito subjetivo mais íntimo que os anteriores.

Os cinco primeiros meios da ioga têm como objetivo primário a preparação do futuro iogue. Pelo acatamento aos Mandamentos e às Regras, ao se conseguir realizar as posturas e pelo controle rítmico das energias do corpo e pelo poder de recolher a consciência e centrá-la na cabeça, o aspirante fica habilitado a gozar de todas as vantagens dos poderes de concentração, meditação e contemplação, e de cultivá-los com segurança.

Tendo estabelecido contato com o subjetivo em si próprio e tornando-se consciente daquilo que é interno, ele pode começar a trabalhar com os meios internos, interiores e íntimos.

Todos os oito meios da ioga apenas preparam o homem para o estado de consciência espiritual que transcende o pensamento, que está separado de qualquer semente de pensamento, que é sem forma e que só pode ser descrito (e assim mesmo inadequadamente) por termos tais como unificação, conscientização, identificação, consciência nirvânica etc.

É inútil para o neófito tentar compreender antes de ter desenvolvido o instrumento interno para a compreensão; de nada adianta para o homem do mundo questionar e procurar que lhe mostrem, a menos que ao mesmo tempo ele esteja disposto (como no estudo de qualquer ciência) a aprender o A.B.C. e a se diplomar na técnica.

Johnston, em seu comentário, diz:

" . . os meios do crescimento anteriormente descritos tinham a ver com a retirada do homem espiritual das cadeias psíquicas e dos véus; enquanto que este tríplice poder é para ser exercido pelo homem espiritual assim liberto e permanecendo sobre seus pés, vendo a vida com os olhos abertos."

8. Mesmo estes três, contudo, são exteriores à verdadeira meditação sem semente (ou samadhi) que não se baseia em objeto algum. Ela está livre dos efeitos da natureza discriminativa da chitta (ou substância mental).

Em todos os estágios anteriores o pensador esteve consciente tanto de si próprio, o conhecedor, como do campo de conhecimento. Nos primeiros estágios ele tinha consciência da triplicidade, pois o instrumento do conhecimento era também reconhecido para ser posteriormente transcendido e esquecido. Agora vem o estágio final, o objeto de todas as práticas de onde a unidade é conhecida e até a dualidade é vista como sendo uma limitação. Nada permanece a não ser a consciência do eu, daquele oniciente onipotente conhecedor que é uno com o TODO; e cuja própria natureza e consciência e energia. Como foi muito bem dito:

"Há, portanto, esses dois tipos de percepção: A das coisas vivas e a da vida; a dos trabalhos da alma e da própria alma".

O expositor da Ioga esta agora desejoso de descrever os resultados da meditação

(alguns segundo a linha do psiquismo superior e outros segundo a linha do inferior); os próximos sete aforismos, portanto, tratam da natureza dos objetos vistos e do controle da mente à medida que o homem real procura focalizar o raio iluminativo de sua mente sobre eles.

Ao estudar estes resultados da meditação no reino psíquico, deve-se ter em mente que os oito meios da ioga produzem efeitos definidos sobre a natureza inferior e que isto provoca certos desabrochamentos e experiências; estas colocam o aspirante em uma relação mais consciente com os planos interiores nos três mundos. Este é um processo seguro e necessário desde que seja o resultado do despertar do homem em seu próprio plano e da focalização do olho da alma nesses planos, através da mente e do terceiro olho. A presença do poder psíquico inferior pode, contudo, significar que a alma (do ponto de vista do plano físico) está adormecida e sem capacidade para utilizar seu instrumento e que estas experiências são, portanto, apenas o resultado da atividade do plexo solar, produzindo a consciência do plano astral. Este tipo de psiquismo é uma reversão ao estado animal e ao estágio da infância da raça humana. É indesejável e perigoso.

9. A sequencia dos estados mentais é a seguinte: A mente reage ao que é visto; segue-se então o momento do controle da mente. Vem a seguir um momento em que a chitta (substância mental) responde a ambos estes fatores. Estes finalmente passam e a consciência percebedora tem completo controle.

Se o estudante ler qualquer das traduções dos aforismos, verificará que estes têm diversas traduções e que a maioria delas é muito ambígua. Pode-se ilustrar este ponto citando-se a tradução de Tatva:

"Das duas cadeias de pensamento auto-reproduzíveis resultantes de Vyutthana e de Nirodha (respectivamente), quando o primeiro é subjugado e o segundo manifestado e, no momento da manifestação, o órgão interno (Chitta) está envolvido em ambas as cadeias, então estas modificações do órgão interno são a modificação na forma de Nirodha."

As outras são ainda mais vagas, exceto a tradução feita por Johnston. Ele nos dá o seguinte, que lança muita luz sobre o pensamento envolvido:

"0 desenvolvimento do controle está fora dos graus ascendentes. Primeiro vem o sobrepujar da impressão mental da excitação. A seguir vem a manifestação do controle da impressão mental. A seguir a consciência perceptora se segue ao momento de controle. Este é o desenvolvimento do controle".

Talvez o meio mais simples para se compreender este pensamento seja conscientizar que o homem, em seu cérebro físico, tem consciência de três fatores quando tentar meditar:

1. Ele tem consciência do objeto de sua meditação. Isto excita ou impressiona sua mente e coloca em atividade as "modificações do princípio pensante", ou estimula a tendência da mente em criar pensamentos-forma e põe chitta, ou a substância mental, nas formas correspondentes ao objeto visto.

2. Ele se torna então consciente da necessidade de subjugar esta tendência e assim põe em ação a vontade e firma e controla a substância mental, de modo que ela cessa de se modificar e tomar forma.

Por meio de perseverante e contínuo esforço, a natureza sequencial destes dois estados de consciência é gradativamente evidenciada e com o tempo eles se tornam simultâneos. O reconhecimento de um objeto e o imediato controle da resposta da chitta se dão como o clarão de um relâmpago. Este é o estado que é tecnicamente chamado "nirodha". Deve ser lembrado que (como diz Vivekananda):

"Se houver uma modificação que faça a mente se lançar para o exterior através dos sentidos e o iogue a procurar controlá-la, este próprio controle é em si mesmo uma modificação."

A impressão da vontade sobre a mente fará naturalmente com que esta assuma a forma que a controla e seja lançada a uma modificação, dependente principalmente do ponto de evolução que o aspirante alcançou, da tendência de seu pensamento diário e da extensão de seu contacto egóico. Esta não é a verdadeira e mais elevada forma de contemplação. É apenas um dos estágios iniciais mas é muito mais elevada que a concentração e a meditação com semente, como normalmente compreendidas, pois é inevitavelmente seguida pelo terceiro estágio que é de grande interesse.

3. Ele sai então subitamente do estado inferior da consciência e se conscientiza de sua identidade com o percebedor, com o pensador em seu próprio plano, e porque a mente está controlada e o objeto visto não provoca respostas, a verdadeira identidade é capaz de perceber o que estivera velado até então.

Deve ficar claro, no entanto, que o percebedor em seu próprio plano sempre esteve consciente daquilo que é agora reconhecido. A diferença está no fato de que o instrumento, a mente, está agora num estado controlado, sendo assim possível ao pensador impressionar o cérebro, por intermédio da mente controlada, com o que foi percebido. O homem no plano físico também percebe simultaneamente, e a verdadeira meditação e contemplação se tornam possíveis pela primeira vez. No princípio isto se dará apenas durante um breve segundo. Um clarão de percepção intuitiva, um momento de visão e de iluminação, e tudo se foi. A mente começa novamente a se modificar e é lançada em atividade, perde-se de vista a visão, o elevado momento passou e a porta para o reino da alma parece fechar-se subitamente. Mas ganhou-se a segurança; um vislumbre da realidade foi registrado no cérebro e reconhece-se a garantia de futuras conquistas.

10. Pelo cultivo deste hábito da mente obter-se-á uma continuidade de percepção espiritual.

O ponto de equilíbrio entre a excitação da mente e o controle pode ser conseguido com maior frequência pela constante repetição, até se adquirir o hábito de se estabilizar a mente. Quando isto é conseguido, acontecem duas coisas:

1. Um instantâneo controle da mente pela vontade, produzindo:

a. Uma mente calma, livre de pensamentos-forma;

b. Um cérebro quiescente e que responde.

2. Uma descida da consciência do percebedor, a alma, até o cérebro físico.

Isto se torna cada vez mais claro, mais informativo e menos interrompido com o passar do tempo, até que se estabelece uma resposta rítmica entre a alma e o homem do plano físico. A mente e o cérebro são completamente subjugadas pela alma.

Deve-se lembrar aqui que esta condição da mente e do cérebro é uma condição positiva e não um estado negativo.

11. O estabelecimento deste hábito e o controle da tendência da mente em construir pensamentos-forma resultam, finalmente, em um constante poder de contemplação.

Pouco é necessário dizer na explicação deste aforismo, devido à sua clareza. É como que um resumo dos aforismos precedentes.

A ideia transmitida é a da obtenção de um constante estado de meditação. Embora sejam de grande valor os períodos em que definidos trabalhos sejam realizados em certas horas específicas e determinadas, especialmente nos estágios iniciais do desabrochar da alma, a condição ideal é estar num estado de conscientização durante o dia inteiro, todos os dias. A capacidade de recorrer aos recursos do ego quando assim se queira, o constante reconhecimento de que se é um filho de Deus encarnado no plano físico e a habilidade em atrair, quando necessário, o poder e a força da alma, são algo que finalmente será conseguido por todos os aspirantes. Em primeiro lugar, no entanto, tem que ser criado o hábito da recordação, e a capacidade de restringir instantaneamente as modificações do princípio pensante tem que preceder este desejável estado de ser.

12. Quando o controle da mente e o fator de controle estão igualmente equilibrados, segue-se uma condição de unidirecionalidade do pensamento.

É difícil explicar com clareza o termo sânscrito empregado. Termos tais como pensamento dirigido de intento único fixo sintetizado, concentração aperfeiçoada, dão, todos eles, uma ideia da condição da mente em consideração.

O aspirante está agora deliberadamente inconsciente em relação a todos os estados de consciência dos três mundos. Sua atenção está focalizada sobre um objeto específico, e primariamente sobre a realidade ou vida subjetiva, velada pela forma do objeto. Do mesmo modo está inconsciente de si próprio, o pensador ou conhecedor, e apenas o que está contemplado é conscientizado no verdadeiro sentido do termo. Este é o aspecto negativo.

Deve ser recordado contudo, que este é um estado mental muito ativo, pois a consciência que percebe tem ciência do objeto de um modo muito compreensivo. A soma de suas qualidades, aspectos e vibrações lhe é revelada, assim como a energia central essencial trouxe à manifestação aquele objeto particular. Isto é revelado pela luz iluminadora da mente ao ser firmemente dirigida sobre o objeto. A consciência que percebe também está ciente de sua identificação com a realidade por traz da forma. Esta é a verdadeira conscientização ocultista, mas não é tanto a conscientização do objeto como a conscientização da unidade com ele, ou a identificação com a vida que ele vela.

Isto é em si uma condição dual, mas não no sentido comumente aceito. Há, contudo, um estado ainda mais elevado de consciência quando se conscientiza a unidade da vida em todas as formas e não somente da unidade com a vida de um objeto específico.

13. Através deste processo, os aspectos de cada objeto são conhecidos, suas características (ou formas), sua natureza simbólica e utilização específica em condições

temporais (estágio de desenvolvimento) são conhecidas e trazidas à consciência.

Deve-se ter em mente que cada forma de manifestação divina tem três aspectos e portanto é verdadeiramente feita à imagem de Deus com todas as potencialidades divinas. No reino humano isto é reconhecido. É igualmente verdadeiro para todas as formas. Esta tríplice natureza é abarcada pelo iogue verdadeiramente concentrado e as três são vistas como existem e, apesar disto, são reconhecidas como constituindo um todo. Em seu comentário Johnston nos dá uma imagem das ideias envolvidas, nas seguintes palavras:

"...nós obtemos um duplo enfoque destes objetos, vendo ao mesmo tempo todas as suas características individuais, seu caráter essencial, espécie e gênero; nós o vemos em relação a si próprio e em relação ao Eterno."

De um modo curioso estes aspectos abrangem os três aspectos da equação do tempo ou da relação do objeto para com seu ambiente.

1. **Características da forma**. Nesta frase vêm-se os aspectos tangíveis externos da forma. Tratou-se do lado matéria da ideia manifestada, e o que pode ser contatado por meio dos sentidos é em primeiro lugar considerado e, a seguir, abandonado. Esta forma é o resultado do passado e as limitações devidas ao ponto da evolução são reconhecidas. Cada forma carrega em si própria a evidência dos ciclos anteriores e isto pode ser visto:

a. Em seu ritmo vibratório.

b. Com relação à natureza de seu ritmo.

c. Na quantidade de luz que permite manifestar.

d. Em sua cor oculta.

2. **Natureza simbólica**. Cada objeto nada mais é que o símbolo de uma realidade. A diferença no desenvolvimento das formas que simbolizam ou encarnam aquela realidade é a garantia de que, em alguma data futura, todos os símbolos alcançarão a frutificação de sua missão. Um símbolo é uma ideia encarnada, a realização em existência objetiva, de alguma vida. Este é o aspecto consciência e duas grandes revelações estão latentes em cada símbolo ou forma.

a. A revelação da consciência plena, ou o jorrar dessa resposta ao contacto ainda potencial ou que ainda difere em todas as formas, mas que pode ser, e será, levado adiante até a plenitude da percepção.

b. A revelação daquilo que o aspecto consciência (o segundo aspecto), por sua vez, encobre. O desvelamento da alma leva à manifestação da vida una. A manifestação do Filho de Deus leva a um conhecimento do Pai. O brilho do Eu Superior, por meio do eu inferior, produz a revelação do eu divino ou espiritual. A matriz contém o diamante e quando ela revela sua joia escondida e o trabalho de corte e lapidação está concluído, a glória da joia é vista. Quando a planta do lótus cresce até a maturidade, a flor aparece e no centro de suas pétalas a "Joia no Lótus" (Om mani padme hum) pode ser vista.

Este aspecto simbólico das formas é verdadeiro em tudo e quer seja o símbolo o átomo de substância, o mineral, ou uma árvore, um animal ou a "forma do Filho de Deus", a joia do primeiro aspecto será encontrada escondida. Tornará sua presença conhecida através da qualidade da consciência em um ou outro de seus diversos estados.

3. **Utilização específica em condições temporais**. A medida que o iogue se concentra unicamente sobre a forma, ou objeto, medita sobre sua qualidade (o aspecto subjetivo ou

natureza simbólica) e contempla a vida velada pela forma mas atestada pelo fator consciência, torna-se consciente do estado atual de desenvolvimento e assim o futuro, o passado e o presente são revelados à sua intuição.

Fica então aparente, mesmo ao leitor casual, que se a meditação em seus três estágios acima mencionados for levada adiante corretamente, tornar-se-á possível ao iogue todo o conhecimento, o Eterno Agora será um fato realizado da natureza e a cooperação inteligente com o plano evolutivo se tornará possível. O Serviço baseia-se, então, na compreensão total.

14. As características de cada objeto ou são adquiridas, ou em manifestação,ou latentes.

Praticamente a ideia tratada neste aforismo é a mesma tratada no aforismo anterior. No tempo e no espaço todas as características têm valores relativos. A meta é uma; a origem é uma, mas devido aos diferentes ritmos de vibração dos sete grandes sopros ou jorros de energia divina, toda a vida nascida sobre ela difere e é característica. O estágio de desenvolvimento dos Sete Senhores dos Raios não é igual. O desenvolvimento da vida dos vários Logos planetários ou dos sete Espíritos diante do Trono de Deus, não é uniforme e os átomos em Seus corpos, ou as mônadas que constituem Seus veículos, não têm portanto, o mesmo desenvolvimento.

Este é um assunto extenso e pode ser apenas citado, aqui. Os estudantes verificarão que será interessante pesquisar as informações dadas em diferentes apresentações da verdade una, a respeito das grandes Vidas em quem nós "vivemos, nos movemos e temos o nosso ser". Podem ser estudadas sob os seguintes nomes:

1. Os sete Raios
2. Os sete Espíritos ante o Trono
3. Os sete Logos Planetários
4. Os sete grandes Senhores
5. Os sete Eons
6. As sete Emanações
7. Os sete Prajapatis,

e sob outros nomes menos conhecidos, e obter-se-á muita luz.

Na forma característica (levando em consideração seu ponto específico de desenvolvimento e sua falta de desenvolvimento) revela-se ao conhecedor:

a. A soma total do que se obtiver. O que o passado deu. Este é o acorde completo que a alma do objeto é então, capaz de emitir.

b. A faixa especial de qualidades, em relação à aquisição total, que a vida está manifestando através de qualquer forma específica. Esta é a nota atual, do acorde obtido, que a alma do objeto selecionou para emitir.

c. Aquilo que é latente e possível. Este conhecimento é duplo, revelando em primeiro lugar as possibilidades latentes que podem ser desenvolvidas por meio da forma em pauta e, em segundo lugar, as possibilidades latentes que podem ser desenvolvidas no atual ciclo mundial através de várias formas. Isto abrange o desenvolvimento futuro. Isto dará ao iogue o acorde completo quando o grande ciclo evolutivo se tiver completado.

15. O estágio de desenvolvimento é responsável pelas várias modificações da versátil natureza psíquica e do princípio pensante.

Esta é uma interpretação muito geral da ideia envolvida e é basicamente um resumo (ou uma reunião) das ideias bastantes complicadas do texto. Os aforismos seguintes (no restante do Livro III) tratam dos resultados da meditação. Os aforismos precedentes levaram em consideração os empecilhos e dificuldades que têm de ser ultrapassados antes que a verdadeira meditação seja possível. A chave para se ultrapassar e a diferença entre os aspirantes no Caminho são mostradas neste aforismo. A verificação da posição aproximada de cada um, na escala evolutiva, a somação de todos os prós e contras é uma das mais úteis atividades a que o futuro aspirante se pode dedicar. Uma compreensão do estágio alcançado e do próximo passo a ser dado é essencial a todo o verdadeiro progresso.

Johnson traduz este aforismo com as seguintes palavras:

"A diferença em estágio produz diferença no desenvolvimento" e continua, para dizer: "O primeiro estágio é a jovem árvore, o casulo da borboleta, o animal. O segundo estágio é o da árvore em crescimento, a crisálida, o homem. O terceiro é o esplêndido pinheiro, a borboleta, o anjo..."

16. Pela meditação concentrada sobre a tríplice natureza de cada forma obtém-se a revelação do que foi e do que virá a ser.

O aforismo que estamos considerando engloba as ideias precedentes e é interessante notar como o primeiro grande resultado da meditação leva a pessoa de volta aos verdadeiros fatos concernentes à manifestação divina e dá ênfase aos três aspectos dos quais toda a vida (do átomo de substância ao Logos solar) se expressa. A grande Lei de Causa e Efeito e todo o processo evolutivo de desenvolvimento são reconhecidos e vê-se que o que é, é resultado do que foi. De maneira semelhante reconhece-se o que posteriormente será e a resultante das causas postas em movimento no presente, e assim vê-se que o ciclo de desenvolvimento é um processo que existe em três estágios.

Estes três estágios nos três reinos do desenvolvimento humano correspondem às três dimensões e os estudantes verão que é interessante considerar estas analogias das diferentes triplicidades, lembrando-se que o terceiro aspecto (substância inteligente), os aspectos Espírito Santo ou Brahma, correspondem ao passado (daí uma indicação quanto à natureza do mal). O segundo aspecto (consciência) ou os aspectos Crístico ou Vishnu dizem respeito ao presente, enquanto que apenas o futuro revelará a natureza do espírito, o mais elevado aspecto, ou o do Pai. Esta linha de pensamento tornar-se-á clara através da meditação concentrada e se desenvolverá um sentimento de proporção e dos justos valores em relação ao ponto atual. Desenvolver-se-á também um reconhecimento da relação de todas as vidas umas para com as outras e a vida do aspirante será estabilizada e ajustada de modo a que o carma passado seja ajustado e qualquer possível carma futuro seja anulado e o processo de libertação prossiga com rapidez.

17. O som (ou palavra), aquilo que ele indica (o objeto) e a essência espiritual

incorporada (ou ideia) são normalmente confundidos na mente do percebedor. Pela meditação concentrada sobre estes três aspectos, obtém-se uma compreensão intuitiva do som emitido por todas as formas de vida.

Este é um dos mais importantes aforismos no livro e contém a chave para o objetivo de todo o processo meditativo. Isto é: revelar ou desvelar ao percebedor, ou homem espiritual, a verdadeira natureza do ego, o segundo aspecto, e a correspondência ao segundo aspecto em todas as formas de vida sub-humana, bem como, colocá-lo em relação com o segundo aspecto em todas as formas super-humanas. Concerne, portanto, ao lado subjetivo de toda a manifestação e trata com as forças que constituem em cada forma o aspecto consciência, que diz respeito ao princípio Crístico ou búdico e que são a causa direta da manifestação objetiva e da revelação do espírito por meio da forma.

Este é o AUM. Primeiro o sopro, a seguir a palavra e tudo o que é, apareceu.

Apenas enquanto a grande Existência que é a soma total de todas as formas e de todos os estados de consciência continuar a emitir o som cósmico AUM, persistirá tangível o sistema solar objetivo.

Os sinônimos seguintes em conexão com este aforismo devem ser mantidos em mente se se quiser obter clareza de pensamento:

I. Essência Espiritual	**II. Som ou palavra**	**III. Objeto**
1.Espírito	1.Alma	1.Corpo
2.Alma	2.Psique	2.Forma
3.O Pai-Shiva	3.O Filho. Vishnu	3.O Espírito Santo Brahma
4.A Mônada O Uno	5.O Cristo cósmico	4.O veículo da vida e da encarnação
5.A eterna Vontade ou Propósito	6.Eterno Amor Sabedoria	5.Atividade e inteligência eternas
6.O grande Sopro Uno	7.O AUM	6.Os mundos
7.Vida	7.Aspecto Consciência	7.Aspecto atividade
8.Energia sintetizadora	8.Força Atrativa	8.Matéria
9.Primeiro aspecto	9.Segundo aspecto	9.Terceiro aspecto

Na mente do homem estes três aspectos são confundidos e o que é externo (ou voltado para o exterior) e objetivo é encarnado como realidade. Esta é a grande maya ou ilusão e só pode ser dissipada quando aquele que percebe pode distinguir os três grandes aspectos em cada forma, inclusive a sua própria. Quando o segundo aspecto, a alma, o princípio do meio, ou mediador, é conhecido, a natureza da forma também é conhecida e pode-se inferir a natureza essencial do espírito. O campo imediato de conhecimento que o iogue tem que dominar é o do segundo aspecto. Ele deve chegar ao Som ou Palavra que levou à manifestação cada forma e que é o resultado do sopro, a essência, ou espírito.

"No início era a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele... (João I. 1 :2)

Aqui, na Bíblia Cristã, está a substância de todo o ensinamento, e na significação das

letras da Palavra Sagrada, AUM, está a chave para todo o processo cósmico. O processo de meditação, quando devida e corretamente realizada, revela, portanto, o segundo aspecto ou alma, e o Som, ou a Palavra (a Voz do Silêncio) pode então ser ouvida.

Uma vez ouvida e sendo o trabalho levado firmemente para diante, o reino da consciência é revelado e o iogue põe-se em relação com o segundo aspecto de sua própria natureza e com o segundo aspecto de cada forma. Esta é a base de toda a ciência da alma e leva um homem a conhecer sua própria alma, ou psique, e a psique em cada forma de vida divina. É a base de toda a ciência do psiquismo, tanto em seu aspecto superior como no inferior.

Quando o homem é um psíquico inferior ele tem consciência e responde ao aspecto alma das formas materiais e o terceiro aspecto, ou Brahma, é o dominante, pois cada átomo de matéria tem uma alma. Isto diz respeito a tudo o que é sub-humano.

Quando ele responde a uma correspondência mais elevada que esta, à realidade da qual o inferior nada mais é que uma sombra, ele entra em contacto com a consciência Crística, com a alma de seu ser que é uma com a alma em todos os reinos super-humanos.

Duas coisas devem ser lembradas em relação a isto. Se ele é um psíquico inferior, está em contacto com o segundo aspecto do homem inferior, o corpo astral, o princípio mediano que une o corpo mental ao etérico no homem inferior. Ele está, portanto, em relacionamento com tudo o que pode ser contatado naquele plano.

Se, porém, ele for um psíquico superior, estará em relação com o segundo aspecto da manifestação divina, o ego ou alma, em seu próprio plano, mediando entre, e unindo, a mônada com a personalidade, o espírito com o corpo.

É interessante notar aqui que se pode encontrar uma indicação para esta verdade nas manifestações do psiquismo inferior, como as sessões mediúnicas comuns e no tipo comum de espiritismo. O contacto com o plano astral é feito através do grande centro, o plexo solar, que une os três centros superiores aos inferiores. Explica o fato de serem as flores um acontecimento tão comum nas sessões de materialização, pois o reino vegetal é o reino do meio dos três reinos sub-humanos: mineral, vegetal, animal. A explicação para o maior número de guias hindus é também encontrada aqui, pois eles são os invólucros e as poderosas formas de pensamento deixadas pela segunda das três raças exclusivamente humanas: lemuriana, atlante e ariana. Não há mais invólucros ou formas de pensamento lemurianas, mas ainda há muitos invólucros atlantes preservados pela utilização de certas formas de magia atlante.

Pela meditação concentrada sobre a distinção entre estes aspectos a Voz do Silêncio finalmente será ouvida e se obterá o contacto com o segundo aspecto do próprio homem. Ele conhecerá a si mesmo como a "Palavra feita carne" e se reconhecerá como AUM.

Quando este for o caso, ele ouvirá então a palavra em outras unidades da família humana e despertará para um reconhecimento do som, emitido por todas as formas em todos os reinos da natureza. O reino da alma permanecerá aberto para ele e isto, quando incluir o reconhecimento do som em todos os quatro reinos, levá-lo-á a reconhecer-se como um Mestre. O conhecimento da alma e o poder de trabalhar com a alma de todas as coisas nos três mundos é a marca distintiva do Adepto.

18. O conhecimento de prévias encarnações torna-se possível quando se adquire o

poder de ver imagens-pensamento.

O significado deste aforismo é muito importante, pois dá a base para se recuperar o conhecimento de experiências passadas. Esta base é estritamente mental e somente os mentalmente polarizados e com a mente sob controle podem recuperar este conhecimento se assim o desejarem. O poder de se ver imagens-pensamento só é obtido pelo controle da mente e a mente só pode ser controlada pelo homem real ou espiritual. Assim, apenas as pessoas egoicamente centradas (ou centralizadas) podem verdadeiramente adquirir este conhecimento. Pode-se então perguntar o que vêm as pessoas que são emocionais e não mentais, quando afirmam saber quem são e relatam vidas passadas de seus amigos? Eles estão lendo os registros akáshicos e por não serem adequados os seus controles e equipamentos mentais, não podem discriminar nem se certificar do que veem.

O registro akáshico é como um imenso filme fotográfico, registrando todos os desejos e experiências terrestres de nosso planeta. Aqueles que percebem verão ai í registrados:

1. As experiências da vida de cada ser humano, desde o início dos tempos.

2.As reações à experiência de todo o reino animal.

3.O agregado de formas de pensamento de natureza kâmica (baseados no desejo) de cada unidade humana através dos tempos. Aqui jaz a grande falha dos registros. Somente o ocultista treinado pode distinguir entre uma experiência atual (ou real) e as figuras astrais criadas pela imaginação e pelo intenso desejo.

4. O "Morador do umbral" planetário com tudo o que diz respeito a este termo e todos os agregados de formas que se encontram em seus arredores.

O vidente adestrado aprendeu a separar, da aura do planeta (que é na realidade o registro akáshico), o que pertence à sua própria aura. Ele pode distinguir entre os registros que são:

a.Planetários,

b.Hierárquicos, ou pertencentes ao trabalho das doze Hierarquias Criativas, à medida que levam à realização o plano dos Logos.

c. Formas imaginativas, resultantes da atividade desejo-pensamento de miríades de homens, animados pelo desejo de uma ou outra forma de experiência.

d. O registro histórico das raças, nações, grupos e famílias, em suas duas grandes divisões, nos planos físico e astral.

Deve-se ter em mente que todo ser humano pertence a uma família física que constitui seu elo de ligação com o reino animal e pertence também a uma família astral. Através desta afiliação, no arco ascendente ele está ligado ao seu grupo egóico e, no arco descendente, ao reino vegetal.

e. O registro astrológico, ou as formas assumidas no plano astral sob a influência das forças planetárias. Estas se dividem em dois grandes grupos:

1.As formas ou figuras no akasha, produzidas pelo influxo da força solar através dos planetas.

2.As formas ou figuras produzidas pelo influxo de forças cósmicas de um ou outro dos signos do zodíaco, isto é, de suas correspondentes constelações.

Enumeram-se estes pontos para mostrar ser praticamente impossível a veracidade da maioria das afirmações em relação a encarnações passadas. Estas são resultantes de uma

vivida imaginação e da suposição de que os rasgos de visão astral revelando vislumbres do filme akásico pertençam à vida daquele que os teve. Seria o mesmo que supor que a visão obtida da janela de qualquer grande cidade revelasse ao observador seus próprios parentes, amigos e negócios.

Obtém-se o conhecimento a que este aforismo se refere, de três maneiras:

1. Pela habilidade em ver diretamente os registros, se assim desejado. Esta forma de obter conhecimento raras vezes é empregada, a não ser por iniciados e adeptos em relação a seus discípulos aceitos.

2. Pelo conhecimento direto das atividades grupais e das relações do próprio ego do homem. Isto, contudo, cobre apenas o cicio do tempo que se iniciou quando o homem começou a percorrer o caminho probatório. As experiências anteriores a este período têm a mesma importância vital que teria um segundo na vida de um homem idoso que começasse a se recordar de sua longa vida. Tudo o que sobressai são os eventos e acontecimentos e não as horas e segundos individuais.

3. Através da vida instintiva. Isto se baseia na memória, na faculdade adquirida, na capacidade e na possessão das qualidades que formam o equipamento do ego. O ego sabe que o poder de fazer isto ou aquilo nos três mundos é o resultado direto das experiências passadas e sabe também que certos efeitos só podem ser obtidos através de determinadas causa. Ele chega a estas pela meditação concentrada.

As imagens-pensamento de que se torna consciente são:

1.As que estiveram em sua aura na ocasião de sua meditação;

2.as que estiveram em seus arredores imediatos;

3.as de suas atuais famílias, grupo e raça;

4..as de seu atual ciclo de vida;

5.as de seu grupo egoíco.

Assim, pelo processo de eliminação ele gradualmente abre caminho, grau após grau de imagens-pensamento, até chegar à camada específica de impressões de pensamento que dizem respeito ao ciclo que lhe interessa. Isto não é, portanto, uma simples percepção de certos aspectos dos registros, mas um definido processo científico, conhecido somente pelo ocultista treinado.

19. Pela meditação concentrada, as imagens-pensamento nas mentes de outras pessoas se tornam aparentes.

Deve ser relembrado que o resultado dos oito meios da ioga e produzir um logue, ou um conhecedor treinado. Ele é, portanto, uma pessoa que se interessa pelas causas e não pelos efeitos Ele percebe aquilo que faz o tangível aparecer, ou seja, os pensamentos que põem em movimento as forças da substância e que finalmente produzem a concretização da substância.

O emprego deste poder de ler as mentes de outros só é permitido ao iogue nos casos em que lhe é necessário compreender as causas que estão por traz de certos acontecimentos e assim mesmo apenas para implementar inteligentemente os planos da Hierarquia e da evolução. O poder aqui mencionado é análogo ao da telepatia, mas não idêntico. A telepatia requer a sintonia de uma mente com outra e requer também que elas

estejam em comunicação. Esta faculdade do Vidente treinado é mais da natureza de um ato da vontade e da manipulação de certas forças, de modo a que ele possa ver instantaneamente o que quiser em qualquer aura, em qualquer ocasião.

O objeto de sua investigação pode estar em sintonia com ele ou não; pela meditação intensa e pelo emprego da faculdade da vontade as imagens-pensamento são reveladas. O emprego deste poder e perigoso e sua utilização só é permitida aos discípulos treinados.

20. Como, porém, o objeto destes pensamentos não é aparente ao percebedor, ele apenas vê o pensamento e não o objeto. Sua meditação exclui o tangível.

Em sua meditação ele apenas está "desperto" para a substância do pensamento, sua própria chitta (ou substância mental) e a do outro.

É a atividade inerente desta chitta que é a causa do aparecimento final de formas, tangíveis e objetivas, no plano físico.

Tudo o que aparece é o resultado de um acontecimento subjetivo. Tudo o que é, existe na mente do pensador, não no sentido em que isto é normalmente compreendido, mas sim no sentido de que o pensamento coloca em movimento certas correntes de força. Estas correntes de força gradualmente modelam formas que correspondem à ideia do pensador e estas persistem enquanto a mente do pensador se ocupa delas e desaparecem quando ele "as retira de sua mente".

O que se percebe através da meditação concentrada é a natureza da força ou corrente do pensamento. A forma que será finalmente construída não interessa ao vidente. Pela causa ele sabe qual o efeito inevitável.

21. Pela meditação concentrada sobre a distinção entre a forma e o corpo, as propriedades do corpo que o tornam visível à vista humana são negadas (ou retiradas) e o iogue pode tornar-se invisível.

Este é dos mais difíceis aforismos para o pensador ocidental pois envolve certos reconhecimentos que são estranhos ao ocidente. Primariamente envolve o reconhecimento do corpo etérico ou vital e suas funções como a força atrativa que mantém o corpo físico em forma. Através deste substrato etérico compreende-se o corpo físico como um todo coerente e sua objetividade pode ser observada. Este corpo vital é que é a forma verdadeira do ponto de vista do ocultista e não o invólucro denso tangível.

O iogue, pela concentração e pela meditação, adquiriu o poder de centrar sua consciência no homem verdadeiro ou espiritual e de controlar o princípio pensante. "Como um homem pensa assim ele é" é uma lei oculta e também, ocultamente, é verdadeiro o seguinte, "sobre o que um homem pensar ali está ele".

O vidente treinado pode, à vontade, retirar sua consciência do plano físico e concentrá-la no mental. Pode também, à vontade, "apagar a luz" e quando isto for o caso a visibilidade é negada e (do ponto de vista da visão humana) ele desaparece. Ele também se torna intangível do ponto de vista do tato e inaudível do ponto de vista da audição.

É este fato que demonstra a realidade da hipótese que nada mais há a não ser energia, de uma ou outra forma, e que esta energia é tríplice; no oriente, a natureza da energia é

chamada de sáttvica, rajásica ou tamásica. Isto é traduzido como segue:

Sattva	Ritmo	Espírito	Vida
Rajas	Mobilidade	Alma	Luz
Tamas	Inércia	Corpo	Substância

São, todas, diferenciações em tempo e em espaço, da essência-espírito primordial eterna. Pode-se sugerir que os termos ocidentais correspondentes sejam:

Energia	Espírito	Vida
Força	Alma	Luz
Matéria	Forma	Substância

A principal característica do espírito (ou energia) é o princípio-vital, esta coisa misteriosa que faz com que as coisas existam e persistam. A principal característica da alma (ou da força) é a luz. Ela torna visível tudo o que existe.

A principal característica da matéria viva é que ela é o que "fica sob", ou o que é encontrado por traz do corpo objetivo; e dá a verdadeira forma. Deve ser aqui lembrado que a base de todo o ensinamento oculto e de todos os fenômenos é encontrada nas palavras:

> "A matéria é o veículo para a manifestação da alma neste plano da existência; e a alma, é o veículo numa volta mais elevada da espiral, para a manifestação do espírito." (Doutrina Secreta I.80)

Quando a alma (ou força) se retira do aspecto matéria (a forma tangível objetiva), essa forma não mais é vista. Desaparece e é dissipada temporariamente. Atualmente isto pode ser adequadamente efetuado pelo vidente através da concentração de sua consciência no ego, o homem espiritual ou a alma, e (utilizando o princípio pensante e um ato de vontade) pela retirada do seu corpo etérico, do físico denso. Isto é abarcado pela palavra "abstração" e acarreta:

1. Uma reunião da vida ou das forças vitais do corpo nos centros nervosos ao longo da coluna vertebral, no plano físico,

2.Sua ascensão ao longo da coluna até a cabeça,

3.Sua concentração na cabeça e subsequente abstração ao longo do fio ou sutratma, através da glândula pineal e do brahmarandra.

4. O vidente permanece então em sua forma verdadeira o corpo etérico, que é invisível à vista humana. À medida que a visão etérica se desenvolver na raça, será necessário mais uma abstração; o vidente, do mesmo modo, retirará os princípios vitais e luminosos (as qualidades de sattva e rajas) do corpo etérico e permanecerá em seu corpo kâmico ou astral, sendo assim também etericamente invisível. Esta ocasião, contudo, ainda está distante.

Em seu comentário, W.Q. Judge faz algumas observações interessantes, como segue:

"Uma outra grande diferença entre esta filosofia e a ciência moderna é a seguir indicada. As escolas de hoje estabelecem a regra de que se houver um olho humano sadio, na linha dos raios de luz refletidos de um objeto - tal como o corpo humano - este último

será visto e que ação mental alguma da pessoa que está sendo vista poderá inibir o funcionamento dos nervos óticos e da retina do observador. Os antigos hindus, porém, sustentavam que todas as coisas são vistas em razão da diferenciação de Sattva, - uma das três grandes qualidades que compõem todas as coisas - que é manifestada como luminosidade, operando conjuntamente com o olho, que também é uma manifestação de Sattva sob um outro aspecto. Os dois devem-se combinar; a ausência de luminosidade ou o fato de seu desligamento dos olhos do vidente fará com que desapareçam. E como a qualidade da luminosidade está inteiramente sob o controle do asceta, ele pode, pelo processo mencionado, controlá-lo e eliminar da vista de outrem, um elemento essencial para que se possa ver qualquer objeto."

Todo este processo somente é possível como resultado da meditação concentrada e dirigida, sendo assim impossível ao homem que ainda não passou por todo este treinamento e não tem a disciplina necessária para obter o controle do princípio pensante e conseguir o alinhamento direto e atuação que só são possíveis quando o pensador em seu próprio plano, a mente e o cérebro, estão todos alinhados e coordenados por meio do sutratma, o fio ou cordão de prata magnético.

22. O carma (ou efeitos) é de duas espécies: imediato ou futuro. Pela meditação perfeitamente concentrada sobre eles, o iogue conhece o término de suas experiências nos três mundos. Este conhecimento também vem por sinais.

Este aforismo pode ser um tanto elucidado se lido em conjunto com o aforismo 18 do Livro III. O carma aqui referido trata primeiramente da vida presente do aspirante ou vidente. Ele sabe que cada acontecimento desta vida é o efeito de uma causa prévia, originada por ele em uma encarnação anterior; ele também sabe que cada ato da vida atual deve produzir um efeito (a ser desconta do em outra vida), a menos que seja realizado de tal modo que:

1. O efeito seja imediato e termine dentro do prazo da vida atual;

2. O efeito não acarrete carma, pois o ato foi realizado sem um propósito egoísta e com completo desapego. Ele produz então o efeito desejado de acordo com a lei, mas sem acarretar consequências para si.

Quando o vidente encarna numa vida na qual somente uns poucos efeitos aguardam para serem elaborados e quando o que ele inicia for livre de carma, então ele poderá pôr um termo em sua experiência de vida e saberá que o dia da libertação está próximo. Pela meditação e pela habilidade em funcionar como o ego ele pode chegar ao mundo das causas e sabe, então, que atos devem ser realizados para resgatar os poucos efeitos ainda restantes. Por uma rígida atenção aos motivos subjacentes a cada ato da vida presente ele pode evitar a necessidade de que seus efeitos o prendam de qualquer modo à roda de renascimentos. Assim, inteligente e conscientemente, ele se aproxima de seu objetivo e cada efeito, ação e pensamento é governado pelo conhecimento direto e de modo algum o acorrentam.

Os sinais ou presságios aqui referidos dizem respeito primordialmente ao mundo mental, onde habita o homem real. Pela compreensão de três coisas:

a.números,

b.cores,

c.vibrações,

o vidente se torna consciente da libertação de sua aura dos efeitos que "provoquem a morte". Ele sabe que, simbolicamente, nada mais há escrito nos registros que possam levá-lo de volta aos três mundos, e assim, "por meio de sinais" vê-se que seu caminho está livre.

Nos antigos escritos encontrados nos arquivos dos Mestres isto foi expresso para nós como se segue:

> "Quando a estrela de cinco pontas brilhar com clareza e não forem vistas formas entre suas pontas, o caminho está livre.
>
> Quando o triângulo contiver apenas luz, o caminho está livre para a passagem do peregrino.
>
> Quando na aura do peregrino muitas formas morrerem e se avistarem três cores, então o caminho está livre daquilo que poderia obstruí-lo.
>
> Quando os pensamentos não provocarem formas e quando não, mais forem refletidas sombras, o fio indica um caminho direto do circulo para o centro."

Deste ponto de repouso nenhum retorno é possível. O período das experiências necessárias nos três mundos chegou ao fim. Nenhum carma pode então atrair o espírito para a terra, para mais lições ou para descontar causas anteriormente produzidas. Ele pode, no entanto, continuar ou reassumir seu trabalho de serviço nos três mundos, sem nunca realmente deixar seu verdadeiro lar nos reinos sutis e nas esferas de consciências mais elevadas.

23. A união com os demais deve ser obtida através da meditação dirigida sobre os três estados de sentimento - compaixão, ternura e despaixão.

Se o estudante comparar este aforismo com o de número 33 no livro **I,** obterá alguma compreensão sobre ele. A união de que aqui falamos indica um passo adiante do que se obteve anteriormente. Nesta, a natureza do aspirante está sendo adestrada para obter uma associação pacífica e harmoniosa com tudo a sua volta. Assim, ele aprende a identificar-se com todos os outros seres pela concentração sobre o que é as vezes chamado de três estados do sentimento". São eles:

a. A **compaixão**, antítese da paixão, que é egoísta e ambiciosa,

b. a **ternura**, antítese do egoísmo, que sempre é duro e autoabsorvente, e

c. a **despaixão**, antítese do desejo ou do apetite sexual.

Estes três estados de sentimento, quando se os compreende e se penetra neles, colocam o homem em relação com a alma de todos os homens.

Pela compaixão, o homem não mais se preocupa com seus próprios interesses egoístas, mas se identifica com seu irmão e sofre com ele; ele pode adaptar sua vibração de modo a que responda às necessidades de seu irmão; é-lhe permitido participar de tudo o que está acontecendo no coração de seu irmão. Faz isto, aumentando sua vibração de modo a responder à natureza amor de seu próprio ego e por meio deste princípio de unificação todos os corações lhe estão abertos.

Pela ternura, a compreensão compassiva tem expressão prática. Suas atividades não mais se dirigem para dentro, não mais são egocêntricas, mas sim, dirigem-se para fora e são

inspiradas por um desejo realmente sentido de ajudar e servir. Este estado de sentimento é algumas vezes chamado misericórdia e caracteriza todos os servidores da raça. Envolve auxílio ativo, intenção altruísta, julgamento sábio e atividade amorosa. Está livre de qualquer desejo de reconhecimento ou recompensa. Isto foi admiravelmente bem tratado por H.P. Blavatsky em A Voz do Silêncio, nas seguintes palavras:

"Deixa que tua Alma dê ouvido a cada grito de dor assim como o lótus desnuda seu coração para beber o sol da manhã.

Não deixes que o sol intenso seque uma lágrima de dor antes que tu mesmo a tenhas limpado dos olhos do sofredor.

Mas deixa que cada ardente lágrima humana caia em teu coração e lá permaneça; e nem a retires de lá antes que a dor que a causou tenha sido removida.

Estas lágrimas, ó Tu de mais misericordioso coração, estas são o riacho que irrigam os campos da caridade imortal".

Pela despaixão, o aspirante e servidor fica livre de efeitos cármicos resultantes de sua atividade em benefício dos outros. Como sabemos, é o nosso desejo que nos prende aos três mundos e aos demais. "Prender a" é de natureza diferente de "união com". O primeiro está cheio de desejos e provoca obrigações e efeitos; o segundo está livre de desejos, produz a "identificação com" e não provoca efeitos que prendam aos três mundos. A despaixão tem mais de qualidade mental que os outros dois. Deve-se notar que a despaixão tem a qualidade da mente inferior, a ternura é o resultado emocional da compaixão desapaixonada e envolve o princípio cármico ou astral, enquanto que a compaixão se refere também ao plano físico, pois é o aparecimento, em manifestação física, dos outros dois estados. É a habilidade prática de se identificar reciprocamente em todas as condições dos três mundos.

Esta união é o resultado da unidade egoica trazida à plena atividade nos três mundos, através da meditação.

24. A meditação, dirigida e centrada sobre o poder do elefante, despertará esta força ou luz.

Este aforismo deu margem a muita discussão e sua interpretação mais comum deu a ideia de que a meditação sobre o elefante daria a força do elefante. Diversos comentadores deduziram destas palavras que a meditação sobre outros animais daria suas características.

Não deve ser esquecido que esta obra é científica, tendo como objetivo o seguinte:

1. Adestrar o aspirante de modo a que ele possa penetrar nos reinos sutis.

2. Dar-lhe poder sobre a mente, de modo a que esta seja seu instrumento para ser empregado segundo a sua vontade como um órgão de visão nos reinos superiores e como um transmissor ou intermediário entre a alma e o cérebro.

3. Despertar a luz na cabeça de modo a que o aspirante possa tornar-se um radiante centro de luz, iluminar todos os problemas, e, através de sua luz, ver luz em todos os lugares.

4. Despertar os fogos do corpo de modo a que os centros se tornem ativos, luminosos, ligados e coordenados.

5. Produzir uma coordenação entre:

a.O ego, ou alma, em seu próprio plano.

b.O cérebro, através da mente.

c.Os centros. Por um ato de vontade, eles poderão então ser colocados em atividades uniforme.

6. Isto feito, o fogo na base da coluna, até então dormente, será despertado e poderá subir com segurança, misturando-se finalmente com o fogo ou luz na cabeça, para assim se extinguir, tendo "queimado toda a escória e deixado os canais livres" para serem utilizados pelo ego.

7. Desenvolver então os poderes da alma, os siddhis, superiores e inferiores, de modo a que se produza um eficiente servidor da raça.

Após se ter este sete pontos em mente é interessante notar que o símbolo do centro na base da coluna, o muladhara, é o elefante. É o símbolo da força, do poder concentrado, da grande força motriz que, uma vez despertada, carrega tudo adiante de si. Para a nossa quinta raça raiz é o símbolo do mais poderoso e potente entre os do reino animal. É um retrato da transmutação ou sublimação da natureza animal, pois na base da coluna vertebral está o elefante e, na cabeça, o lótus de mil pétalas, escondendo Vishnu, sentado naquele centro. Assim a natureza animal é levada para cima, para o céu.

Pela meditação sobre "esta força do elefante", o poder do terceiro aspecto, a própria energia da matéria e portanto de Deus o Espírito Santo, ou Brahma, é despertado e unido ao do segundo, ou aspecto consciência, a energia da alma, a de Vishnu, o segundo aspecto, a força Crística. Isto provoca uma perfeita unificação, ou união entre a alma e o corpo, que é a verdadeira meta da Raja Ioga.

Os estudantes desta ciência devem lembrar-se aqui, contudo, de que estas formas de meditação dirigida só são permitidas depois de se ter seguido os oito meios da ioga (de que se tratou no Livro II.

25. A meditação perfeitamente concentrada sobre a luz despertada, produzirá a consciência daquilo que é sutil, oculto ou remoto.

Em todos os ensinamentos de natureza ocultista ou mística encontram-se frequentemente referências sobre o que chamamos "luz". A Bíblia tem muitas destas passagens, bem como as têm todas as Escrituras do mundo. Muitos termos são aplicados a isto, mas o espaço só nos permite considerarmos os que são encontrados nas diversas traduções dos Aforismos de Ioga de Patânjali. Podem ser enumerados como se segue:

a.A Luz interior despertada (Johnston)

b.A Luz na cabeça (Johnston)

c.A Luz da cognição imediata (conhecimento intuitivo) (Tatya)

d.Aquela Luz efulgente (Vivekananda)

e.A Luz da corona (Ganganatha Jha)

f.A Luz do alto da cabeça (Vivekananda)

g.A Luz da disposição luminosa (Ganganatha Jha)

h.A Luz interior (Dvivedi)

i.A mente, cheia de Luz (Dvivedi)

j.O resplendor na cabeça (Woods)

k.A luminosidade do órgão central (Rama Prasad)

I. A Luz da atividade sensorial superior (Rama Prasad).

Estudando-se estes termos torna-se aparente que dentro do veículo físico existe um ponto de luminosidade que (quando contatado) lançará a luz do espírito sobre o caminho do discípulo, iluminando assim o percurso, revelando a solução de todos os problemas e capacitando-o a atuar como portador da luz para outros.

A natureza desta luz é de um resplendor interno, sua localização é na cabeça, na vizinhança da glândula pineal, e é a atividade da alma que a produz.

O termo "órgão central", associado a esta luz, deu origem a muita discussão. Alguns comentadores referem-no ao coração e outros, à cabeça. Tecnicamente, nenhum deles está inteiramente correto, pois para o adepto treinado o órgão central é o veículo causal, o karana sarira, o corpo do ego, o invólucro da alma. Este é o veículo do meio, dos "três veículos periódicos, que o divino Filho de Deus descobre e utiliza no decorrer de sua longa peregrinação. Estes três veículos têm sua analogia nos três templos que se encontram na Bíblia Cristã:

1. O transitório e efêmero tabernáculo na mata virgem, típico da alma em encarnação física. persistindo por uma vida;

2. O templo de Salomão, mais belo : permanente, típico do corpo da alma ou veículo causal, de duração mais longa e persistindo por eons e cada vez mais revelado em sua beleza, no Caminho, até a terceira iniciação;

3. O tempo de Ezequiel, até então não revelado e inconcebivelmente belo, o símbolo do invólucro do espírito, a casa do Pai, uma das muitas mansões, o "ovo áurico" do ocultista.

Na ciência da ioga, que tem de ser trabalhada e dominada no corpo físico, o termo "órgão central" é aplicado a cabeça ou ao coração, e a diferença é, primariamente, de tempo. O coração, durante os estágios preliminares de desenvolvimento no Caminho, é o órgão central; posteriormente é no órgão na cabeça que a verdadeira luz tem seu lar duradouro.

No processo do desabrochar, o desenvolvimento do coração precede ao da cabeça. A natureza emocional e os sentidos desabrocham antes da mente, como se verá se estudarmos a humanidade como um todo. O centro cardíaco se abre antes do centro da cabeça. O amor deve sempre ser desenvolvido antes que o poder possa ser usado com segurança. Assim, a luz do amor deve estar funcionando antes que a luz da vida possa ser conscientemente empregada.

A medida que o centro do lótus do coração se abre e revela o amor de Deus, através da meditação um desabrochar sincrônico ocorre no interior da cabeça. O lótus de doze pétalas na cabeça (que é a correspondência superior do centro do coração e o intermediário entre o lótus egóico de doze pétalas em seu próprio plano e o centro da cabeça) desperta. A glândula pineal é gradualmente levada de um estado de atrofia à plena atividade e o centro de consciência é transferido da natureza emocional para a consciência da mente iluminada. Isto marca a transição que o místico tem que fazer para o caminho do ocultista, mantendo, como sempre o faz, seu conhecimento e consciência místicos, mas adicionando a ele o conhecimento intelectual e o poder consciente do ocultista e iogue treinado.

Do ponto de poder na cabeça o iogue dirige todos os seus negócios e empreendimentos, lançando sobre todos os acontecimentos, circunstâncias e problemas a "luz interior despertada". Nisso ele é guiado pelo amor, visão interna e sabedoria, que lhe pertencem pela transmutação de sua natureza amor, pelo despertar de seu centro do coração e pela transferência dos fogos do plexo solar para o coração.

Seria muito pertinente aqui a questão: como é realizada a junção entre a cabeça e o coração, produzindo a luminosidade do órgão central e a emissão do resplendor interno?

Resumindo, pode-se dizer que é feita da seguinte maneira:

1. **Pela subjugação da natureza inferior**, o que transfere a atividade de toda a vida abaixo do plexo solar e inclusive o plexo solar, para os três centros acima do diafragma, a cabeça, o coração e a garganta. Isto é feito através da vida, do amor e do serviço, não por meio de exercícios respiratórios ou posturas para desenvolvimento.

2. **Pela prática do amor**, a focalização da atenção sobre a vida do coração e serviço, e pela conscientização de que o centro do coração é o reflexo da alma do homem e que esta alma, do trono ou assento entre as sobrancelhas, deve guiar os assuntos do coração.

3. **Por um conhecimento da meditação**. Pela meditação, que é a exemplificação do aforismo básico da ioga "a energia segue o pensamento", todos os desabrochamentos e desenvolvimentos que o aspirante deseja, ocorrem. Pela meditação, o centro do coração, que no homem não desenvolvido é representado como um lótus fechado **virado para baixo**, é invertido, virado para cima e aberto. Em seu coração está a luz do amor. O resplendor desta luz, sendo voltado para o alto, ilumina o caminho para Deus, mas não é o Caminho, exceto no sentido de que enquanto palmilhamos aquilo que o coração deseja (num sentido inferior), esse caminho nos leva ao próprio Caminho.

As coisas ficarão mais claras se nos conscientizarmos de que parte do caminho está dentro de nós mesmos, e isto o coração revela. Ele nos leva à cabeça, onde encontramos o primeiro portal do Caminho propriamente dito e entramos na parte do caminho da vida que nos afasta da vida corporal, até a completa libertação da experiência na carne e nos três mundos,

É tudo um caminho só, mas o Caminho de iniciação tem que ser trilhado conscientemente pelo pensador, atuando através do órgão central na cabeça e, dali, inteligentemente, atravessando o Caminho que leva através dos três mundos, ao reino ou reinado da alma. Pode-se afirmar aqui que o despertar do centro do coração leva o homem à consciência da fonte do centro do coração, dentro da cabeça. Isto, por sua vez, leva o homem ao lótus de doze pétalas o centro egóico nos níveis superiores do plano mental. O caminho do centro do coração até a cabeça, quando seguido, é o reflexo no corpo, da construção do antahkarana no plano mental.

"Como é em cima, assim é em baixo."

4. **Pela meditação perfeitamente concentrada na cabeça**. Isto produz automaticamente um maior estímulo e o despertar dos centros ao longo da coluna, cinco em número, desperta o sexto centro, o que está entre as sobrancelhas, e em tempo revelara ao aspirante a saída no topo da cabeça, que pode ser vista como um radiante círculo de pura luz branca. Este começa como um mero ponto e passa por vários estágios de crescente glória e luz radiante até que o próprio Portal se revela. Nada mais e permitido dizer sobre este assunto.

Esta luz na cabeça é o grande revelador, o grande purificador, e o meio pelo qual o discípulo cumpre o mandamento do Cristo, "Deixa tua luz brilhar". E o "caminho do justo que brilha cada, vez mais e mais até o dia perfeito." É isso que produz o halo ou círculo de luz visto em torno das cabeças dos filhos de Deus que já receberam sua herança ou que estão por recebê-la.

Através desta luz, como indica Patanjah, nos tornamos cônscios do que é sutil, ou das coisas que só podem ser conhecidas pela utilização consciente de nossos corpos sutis: Estes corpos sutis são os meios pelos quais atuamos nos planos internos, tais como os plano emocional, ou astral, e o mental. Atualmente a maioria de nós funciona nestes planos inconscientemente. Através desta luz também nos tornamos conscientes daquilo que está oculto ou que ainda não foi revelado. Os Mistérios são revelados ao homem cuja luz estiver brilhando e ele se tornará um conhecedor. O que é remoto ou o futuro também lhe é revelado.

26. Através da meditação dirigida fixamente sobre o sol, alcançar-se-á a consciência (ou conhecimento) dos sete mundos.

Esta passagem tem sido extensamente comentada por muitos escritores através dos séculos. Apenas por uma questão de clareza vamos modernizar as afirmações e reduzir seus termos aos do ocultismo moderno.

"Pela meditação constante e firme sobre a causa que provocou a emanação de nosso sistema solar, ter-se-á o conhecimento dos sete estados de ser".

Os vários termos aqui empregados servem para frequentemente confundir o estudante e seria conveniente se usássemos apenas dois conjuntos de termos, um, dando a terminologia ortodoxa oriental, tal como encontrada nos melhores comentários, e outro, o mais facilmente reconhecível pelo investigador ocidental. Utilizando a tradução de Wood encontramos o seguinte:

Svar	Brahma	7.Satya	O mundo dos Deuses não manifestados
		6.Tapas	O mundo dos Deuses autoluminosos
		5.Jana	O mais inferior do mundo de Brahma
	4.Mahar Prajapatya		O grande mundo
	3.Mahendra (os Egos)		O lar dos Agnihvattas
	2.Anatariksa		O espaço intermediário
	1.Bhu		O mundo da Terra

Esta diferenciação do mundo em sete grandes divisões é também interessante pois demonstra com igual precisão a divisão quíntupla adotada por alguns comentadores.

Estes sete mundos correspondem à moderna divisão ocultista de nosso sistema em sete planos englobando sete estados de consciência e abrangendo sete grandes tipos de seres vivos.

A analogia é vista a seguir:

1. Plano Físico	Bhu	Mundo terrestre. Consciência física
2. Plano Astral	Antariksa	Mundo das emoções. Consciência kâmica ou do desejo.
3. Plano Mental.	Mahendra	Mundo da mente e da alma. Consciência da mente.
4. Plano Búdico	Mahar Prajapatya	Mundo Crístico. Consciência Crística ou intuicional. Consciência grupal.
5. Plano Átmico	Jana	Mundo espiritual. Consciência Planetária. Mundo do terceiro aspecto.
6. Plano Monádico	Tapas	Mundo Divino. Consciência de Deus. Mundo do segundo aspecto.
7. Plano Logoico	Tatya	Mundo da causa emanadora. Consciência absoluta. Mundo do primeiro aspecto.

É interessante notar certos comentários de Vyasa sobre esta diferenciação, pois eles se fundem com o moderno pensamento teosófico.

O plano terrestre é descrito por ele como "suportado respectivamente por matéria sólida, água, fogo, vento, ar e trevas ... onde criaturas vivas, tendo-lhes sido alocada uma longa e opressiva duração de vida, sentindo a miséria em que incorreram como resultado de seu próprio carma, nascem". Nenhum comentário é aqui necessário.

Em conexão com o segundo plano, o astral, faz-se referência ao fato de que as estrelas (as vidas), naquele plano são "dirigidas pelo vento do mesmo modo como as vacas são dirigidas em círculo no terreno a ser arado, pelo condutor do arado" e que elas são "reguladas pelo firme impulso do vento". Temos aqui uma bela representação de como as vidas são dirigidas pela força de seus desejos na roda de renascimentos.

Vyasa nota que o mundo mental é povoado por seis grupos de Deuses (os seis grupos de egos e seus seis raios, os seis sub-raios do único raio sintético, que é o que aparentemente se infere). Estes são os filhos da mente, os Agnishvattas (extensamente mencionados na Doutrina Secreta e no Tratado sobre o Fogo Cósmico) e são retratados como:

1. Cumprindo seus desejos, sendo portanto dirigidos pelo desejo de encarnar.
2. Dotados do poder de atomização e de outros poderes, sendo, portanto, capazes de

criar seus veículos de manifestação.

3. Vivendo por um período mundano, em encarnação, portanto, durante um período mundial.

4. Agradáveis de serem vistos, pois os filhos de Deus são luminosos, radiantes e cheios de beleza.

5. Deleitando-se em amor, pois o amor é a característica da alma, e todos os filhos de Deus, ou filhos da Mente revelam o amor do Pai.

Possuidores de corpos próprios "não feitos pelos pais", aqueles corpos que "não foram feitos por mãos e são eternos nos céus", mencionados por São Paulo.

Em relação ao quarto mundo, Vyasa registra que é o mundo da mestria e, portanto, o lar dos Mestres e de todas as almas libertadas cujo "alimento é a contemplação" e cujas vidas "duram mil períodos mundanos" e que têm portanto a imortalidade.

A seguir ele descreve os três planos mais elevados, com as grandes existências que são as vidas daqueles planos e em que "vivemos, nos movemos e temos o nosso ser". Estes correspondem aos três planos da Trindade e sobre estas existências em seus vários grupos, os seguintes comentários por Vyasa lançam muita luz. Diz ele:

1. "Suas vidas são castas", i.e. livres de impurezas ou de limitações das formas inferiores.

2. "Não há impedimentos nas regiões superiores ao seu pensamento e nas regiões inferiores não há objetos velados ao seu pensamento". Eles conhecem todas as coisas no sistema solar.

3. "Eles não constroem bases para sua habitação" e assim não possuem corpos densos.

4. "São autossuficientes... e viverão enquanto houver criações." Eles são as grandes vidas por traz de toda a existência consciente.

5. Eles se deleitam na contemplação de vários tipos. Nossos mundos nada mais são que o reflexo do pensamento de Deus e eles são a soma total da mente de Deus.

O antigo comentador resume tudo isto em duas afirmações básicas, que devem ser anotadas pelo estudante. Diz ele:

"Toda esta bem fundada configuração se estende na parte mais central do (Mundo) Ovo. E o Ovo é um minúsculo fragmento da causa primordial, como um vagalume no céu."

Isto significa que nosso sistema solar é apenas um átomo cósmico, sendo apenas uma parte de um todo esferoidal ainda maior. Diz a seguir:

"Exercendo confinamento sobre a porta do sol, o iogue deve perceber diretamente tudo isto." Confinar é um termo constantemente empregado ao se traduzir frases que significam "a subordinação ou o controle das modificações do princípio pensante; em outras palavras: meditação perfeitamente dirigida. Pela meditação sobre a porta do sol pode-se obter o conhecimento total."

Muito resumidamente isto significa que pelo conhecimento do sol existente no interior do coração de cada um, e pela luz que emana deste sol, tendo encontrado o portal do caminho, o homem entra em relação com o sol que está no coração de nosso sistema solar e finalmente encontra o portal que o admitirá ao sétuplo caminho cósmico. Nada mais é necessário dizer sobre isto, uma vez que a meta da Raja Ioga é capacitar o homem a encontrar a luz dentro de si mesmo e, nesta luz, ver a luz. Habilita-o também a encontrar a

porta para a vida e, subsequentemente, a trilhar o caminho.

É necessário tocar apenas em um ponto a mais. Esotericamente o sol é encarado como sendo tríplice:

1.O sol físico	corpo	forma inteligente
2.O coração do sol	alma	amor
3.O sol espiritual central	espírito	vida ou poder

As correspondências no homem, ou microcosmo, são:

1.O homem físico pessoal	corpo	forma inteligente
2.O Ego ou Cristo	alma	amor
3.A mônada	espírito	vida ou poder

27. O conhecimento de todas as formas lunares nasce da meditação dirigida sobre a lua.

Existem duas traduções possíveis sobre isto, a supra mencionada e a que se segue:

"O conhecimento do mundo astral é obtido por aquele que pode meditar sobre a lua." Qualquer uma é correta e provavelmente só se obterá uma compreensão verdadeira do sânscrito por uma combinação das duas. Talvez seja suficiente darmos apenas uma simples interpretação em inglês que dê a essência do significado deste aforismo:

"A concentração dirigida sobre a mãe das formas (a lua) revelará ao aspirante a natureza e o propósito da forma".

Se o estudante se recordar que a lua é o símbolo da matéria, enquanto que o sol, em seu aspecto luz, é o símbolo da alma, não terá dificuldade em se certificar da significação dos dois aforismos que acabamos de considerar. Um trata da alma e dos vários estados de consciência; o outro trata do corpo, o veículo da consciência. Um diz respeito ao corpo incorruptível que não foi feito com as mãos, eterno nos céus. O outro lida com as "mansões lunares" (como um tradutor as chama) e com o lar da alma nos três mundos do empreendimento humano.

Devemos ter cuidado, no entanto, em relembrar que o aspecto lua é o governante (reinante) em todos os reinos inferiores ao humano, enquanto que o aspecto sol deveria dominar no humano.

O conhecimento das mansões lunares ou das formas deveria dar uma compreensão do corpo físico, do astral (ou veículo de desejos) e do envoltório mental.

28. A concentração sobre a Estrela Polar dará conhecimento sobre as órbitas dos planetas e das estrelas.

Este aforismo é de pouca importância para o estudante comum, mas é de profunda utilização para o iniciado ou para o discípulo aceito. É bastante dizer aqui que este aforismo é a base para toda a investigação astrológica e, da consideração de seu significado, ter-se-a finalmente uma compreensão:

1. Da reação do nosso sistema solar para com as outras seis constelações que (com a nossa) formam os sete centros de força dos quais as sete grandes influências espirituais de nosso sistema são reflexos e agentes.

2. Do caminho de nosso sol nos Céus e dos doze signos do Zodíaco através dos quais o nosso sol aparentemente passa. É evidente então, que este aforismo é a chave para o propósito dos sete e dos doze sobre os quais todos os nossos processos criativos são erigidos.

3. A significação dos doze trabalhos de Hércules em relação ao homem, o microcosmo.

4. O propósito de nosso planeta, conhecido pelo adepto por uma compreensão da triplicidade formada:

a. pela Estrela Polar,

b. por nosso Planeta, a Terra, e

c. pela Ursa Maior

Os que possuem a chave dispõem de outra interpretação mas o que foi dito acima é suficiente para mostrar a profunda significação, embora esotérica, compreendida nestas breves palavras.

29. Pela atenção concentrada sobre o centro chamado plexo solar, tem-se conhecimento aperfeiçoado sobre a condição do corpo.

No comentário ao Livro I, Aforismo 36, foram enumerados os diversos centros e dadas suas qualidades. Nesta seção do livro, mencionam-se cinco destes centros e estes são os que mais intimamente concernem ao aspirante, e os mais preponderantes na quinta raça ou Ariana, despertados mas não desenvolvidos na quarta raça. São eles:

1. O centro na base da coluna . . . . . 4 pétalas
2. O centro do plexo solar. . . . . 10 pétalas
3. O centro do coração. . . . . 12 pétalas
4. O centro da garganta. . . . . 16 pétalas
5. O centro da cabeça . . . . . 1000 pétalas

Estes cinco são os que primordialmente dizem respeito ao aspirante. O centro chamado baço foi dominante nos dias Lemurianos mas está agora relegado ao domínio dos centros em pleno funcionamento e, portanto, automáticos, e mergulhou para baixo dos limites da consciência. O centro entre as sobrancelhas é aquele por onde a luz na cabeça é lançada sobre as coisas "sutis obscuras, escondidas ou remotas" e é um resultado do desenvolvimento da cabeça e do coração.

Os três centros principais são tão poderosos nas pessoas menos desenvolvidas que, mesmo estando fechados, produziram correspondências físicas, ou glândulas. Sua vibração é tal que já soam em todos os homens e pelo som atraem e consequentemente produzem a forma. No discípulo ou iniciado estes três centros não só soam, mas formam palavras; eles comandam, portanto, o acúmulo de forças vitais e têm o homem inteiramente sob controle.

As glândulas que correspondem a estes três centros são:

1. A glândula pineal e o corpo pituitário . . . . Centro da cabeça
2. A glândula tiroide . . . . . Centro da garganta

3.0 baço . . . . . Centro do coração

“Do coração saem as correntes da vida"; dele circula a corrente do sangue vital; de seu desenvolvimento na raça atlante e pela consequente coordenação e crescimento do corpo astral ou emocional, o centro do coração tornou-se o mais importante no corpo. Sua atividade e desenvolvimento foram igualados pelo baço, que é o órgão da vitalidade, do prana ou da força física do sol, no corpo.

Há outras glândulas que têm uma íntima relação com os vários centros, mas o assunto é muito amplo para permitir aqui mais que uma rápida menção. Não ha, porém, a mesma íntima relação entre as glândulas associadas com os centros abaixo do diafragma como com as relacionadas com os centros principais situados acima do diafragma.

No aforismo em consideração estamos tratando de um dos cinco centros mais importantes, e isto pela seguinte razão:

1. Está situado no centro do tronco. É portanto uma correspondência do princípio mediano. No homem dos tempos atlantes os três principais centros da raça eram:

a.A Cabeça . . . . . .Pai, ou aspecto espiritual

b.O Plexo Solar . . . . . O Filho, ou aspecto alma

c. A Base da Coluna Vertebral . . O Espírito Santo, ou aspecto matéria.

A alma não era então tão individualizada como é agora. A alma animal controlada e, consequentemente, o completo contacto com a anima mundi era o fator dominante. À medida que o tempo foi decorrendo, a alma se tornou mais individualizada em cada ser humano e mais e mais separativa, à medida que o aspecto mente (o grande fator divisório) foi adquirindo o domínio. No final desta raça os três centros principais serão a cabeça, o coração e a base da coluna. Na sexta raça teremos a cabeça, o coração e a garganta.

Na raça final dos iluminados filhos de Deus, a sétima, teremos como centros, através dos quais trabalharão,

a.O centro de mil pétalas da cabeça . . . . vida ou aspecto espiritual

b.O centro entre as sobrancelhas . . . . . .Filho ou aspecto consciência

c.A garganta . . . . . O Espírito Santo ou o aspecto criativo.

Através do primeiro, a vida espiritual fluirá da mônada· pelo segundo, o princípio Crístico, a luz do mundo, a alma, trabalhar jorrando luz e vida sobre todas as coisas, utilizando-o como grande órgão de consciência. Através do último, será levado a efeito o trabalho de criação e será emitida a palavra criadora.

Este aspecto geral é dado de modo a apresentar ao estudante a visão do que está adiante. Não tem valor, porém, atualmente; a maioria dos aspirantes ainda está envolvida com o plexo solar e daí, a necessidade destas considerações.

2. É o órgão da natureza astral, das emoções, dos estados de espírito, dos desejos e sentimentos, sendo portanto o mais ativo deles. E através dele que as funções corporais inferiores são despertadas - desejo de se alimentar, de beber e de procriar - e através dele se estabelece contacto com os centros inferiores e leva-se adiante o trabalho com eles. No discípulo, o coração se sobrepõe ao plexo solar; no Mestre, à cabeça. Todos os centros, no entanto, são a expressão da vida e do amor de Deus e, em sua totalidade e perfeição, expressam a vida Crística.

3. É o centro de onde é realizado o grande trabalho de transmutação de todos os desejos animais e inferiores, nos superiores. Por ele, literalmente, devem passar as forças da natureza inferior. Recolhe as forças corporais que vêm da parte inferior ao diafragma e as dirige para cima.

4. No plexo solar, a alma animal se mistura à alma do homem e vê-se a consciência crística em germe. Considerando a analogia entre o estado pré-natal e a germinação do Cristo em cada ser humano, os estudantes que tiverem a intuição desenvolvida verão a correspondência entre a atividade do plexo solar e sua função, com os primeiros três e meio meses do período pré-natal. Vem a seguir o que é chamado a "aceleração" e a vida se faz sentir. Há um despertar e pode-se ver a correspondência entre os processos fisiológicos naturais e o nascimento do Cristo na cavidade do coração. E aqui jaz o profundo mistério da iniciação, que só é revelado àqueles que trilham o Caminho do Discipulado até o fim.

Dizem-nos neste aforismo que o conhecimento quanto à condição do corpo é obtido pela meditação sobre este centro. A razão para isto é a seguinte: quando o homem chega a uma compreensão de seu corpo emocional e do centro de força através do qual ele atua no plano físico, verifica que tudo o que é (física e etericamente), resulta de desejo, de kama, e que são seus desejos que o acorrentam à roda dos renascimentos. Daí a ênfase colocada pelo iogue na discriminação básica pela qual o homem desenvolve a capacidade de escolha entre o real e o irreal e que cultiva nele um correto senso de valores. Vem a seguir a despaixão que, quando desenvolvida, lhe dá uma aversão pela vida das percepções sensoriais.

Quando o aspirante pode perceber o lugar que o desejo representa em sua vida, quando ele compreende que é seu corpo emocional ou astral que provoca a maioria dos problemas em sua natureza inferior e quando ele pode apreender o lado técnico do processo que a energia-desejo segue, compreende então o trabalho do plexo solar e pode dar início ao grande processo dual de transferência e transmutação. Ele tem que transferir a energia dos centros abaixo do diafragma para os de cima e, durante este procedimento, transmutar e alterar esta energia. Os centros se encontram ao longo da coluna vertebral, mas será de grande valia ao aspirante se ele puder fazer ideia da localização relativa, no corpo, das áreas que são afetadas e que recebem energia destes centros. Todos os centros têm órgãos no plano físico que são resultantes da resposta da substância densa à sua vibração.

Os Três Principais Centros

1. Centro da cabeça - Cérebro, glândula pineal e corpo pituitário.
2. Garganta - Laringe, cordas vocais e abóbada palatina, glândula tiroide.
3. Coração - Pericárdio, ventrículos, aurículas, afetando o baço.

Os quatro Centros menores

4.Plexo solar - Estômago
5.Baço - Baço
6.Sacro - Órgãos genitais.
7.Base da coluna vertebral - Órgãos de eliminação, rins, bexiga.

Estes órgãos físicos são os resultados ou efeitos; os centros são sua causa física e eles são produzidos pela atividade dos centros etéricos.

As informações acima foram coletadas e estes detalhes foram dados devido à

importância do plexo solar nesta quarta ronda da quarta Hierarquia criadora (a Hierarquia das mônadas humanas ou espíritos), que e o quarto centro, quer se conte de cima para baixo ou de baixo para cima. Pode-se dar aqui mais um ponto técnico. No processo de transmutação o estudante deve-se lembrar que:

a.A energia na base da coluna deve ir para a cabeça.

b.A energia do centro sacro deve ir para a garganta.

c.A energia do plexo solar deve ir para o coração.

A energia esplênica diz respeito somente ao corpo físico. Vai para todos os centros.

30/31. Fixando-se a atenção sobre o centro da garganta ter-se-á a paralisação das sensações de fome e sede. Fixando-se a atenção sobre o tubo, ou nervo abaixo do centro da garganta, obtém-se o equilíbrio.

Deve ser recordado que todos os aforismos que tratam dos poderes psíquicos admitem uma interpretação superior e uma inferior. Em nenhum deles é isto mais aparente do que neste aforismo. Pela compreensão da natureza do centro da garganta e pela contínua meditação sobre ele, o iogue pode paralisar os ataques de fome e sede e assim ficar indefinidamente sem alimento, enquanto que, dirigindo a energia sobre a parte do grande nervo na garganta que fica logo abaixo do centro da garganta (no poço ou base da garganta), ele pode conseguir a imobilidade absoluta e rigidez da forma humana. De modo semelhante, pela concentração sobre o plexo solar, ele pode perceber, em plena consciência, cada parte de seu corpo físico. Mas estes dizem respeito aos siddhis inferiores, que não concernem ao estudante de Raja Ioga, que os encara como efeitos secundários do desenvolvimento da alma. Ele sabe que eles são o resultado de se ter seguido corretamente os oito meios da ioga, sendo, portanto, resultados inevitáveis;.automáticos. Ele conhece também o perigo para o organismo físico quando se da ênfase ao seu aspecto inferior ou físico.

A verdadeira significação dos aforismos anteriores que estão sendo considerados conjuntamente, nasce de uma compreensão do processo de transmutação e da transferência que é efetuada no plexo solar.

A energia do centro sacro que alimenta os órgãos genitais é, em seu devido tempo, transferida para o centro da garganta. O processo criativo é então continuado pelo pensamento, pelo som e pela Palavra falada. Fome e sede são dois aspectos do desejo; sendo a fome positiva, masculina e avassaladora; e a sede, feminina, negativa e receptiva. Estas duas palavras são apenas símbolos dos grandes impulsos que estão por traz do impulso sexual. Quando estes impulsos são dominados e controlados, então a energia do centro que jaz por traz dos órgãos em consideração pode ser levada para cima, até a garganta, e a fome e a sede são anuladas no sentido esotérico. Deve-se ter em mente que estas duas palavras são as analogias no plano físico, aos grandes pares de opostos que, o iogue tem que equilibrar, o que ele faz quando o plexo solar esta desempenhando sua função mais elevada.

No plano astral, ou plano de desejos, dentro do corpo astral do aspirante, este processo de balanceamento deve ser levado ate sua conclusão. Este é o grande campo de batalha, tão lindamente simbolizado para nós no corpo humano, com os seus três centros

superiores, seus pontos focais inferiores de energia e o grande centro médio o plexo solar, exemplificando o plano astral e seu trabalho. Torna-se aparente, então, por que estes dois aforismos são considerados como um, pois abrangem um trabalho completo.

Após ter conseguido um certo grau de equilíbrio, o aspirante aprende a aperfeiçoar o processo de equilíbrio e adquire o poder de permanecer firme e imóvel, mantendo um inalterável equilíbrio entre os pares de opostos. O nervo chamado “kurma-nadi", ou tubo da tartaruga", é a correspondência física do ponto que o aspirante alcançou. Ele permanece ereto e firme diante da entrada para o caminho; ele está no ponto de sua evolução no qual "pode escapar por cima" e atuar na cabeça.

A tartaruga tem sido, desde os tempos mais remotos, o símbolo do lento processo criativo e da longa estrada de evolução percorrida pelo espírito. Daí a adequação deste termo, ao ser aplicado ao que é considerado o mais inferior dos três centros principais, e o que representa o aspecto Criador da divindade, ou Brahma, de Deus, o Espírito Santo, em Sua função de dar energia à matéria ou corpo.

32. Os que atingiram a auto-mestria podem ser vistos e contatados focalizando-se a luz na cabeça. Este poder é desenvolvido pela meditação dirigida.

Esta interpretação é muito generalizada, mas dá o sentido exato dos termos empregados. No vigésimo quinto aforismo consideramos a natureza da luz na cabeça. Pode-se agora afirmar brevemente que, quando o aspirante está consciente da luz na cabeça e pode utilizá-la à vontade, dirigindo seu resplendor sobre tudo o que procura saber, chega a ocasião em que ele pode não só dirigi-la para fora, sobre o campo de conhecimento onde funciona nos três mundos, mas pode também dirigi-la para dentro e para cima, para os reinos onde os santos de Deus, a grande "Nuvem de Testemunhas", caminham. Ele pode então, por seu intermédio, tornar-se consciente do mundo dos Mestres, Adeptos e iniciados e assim contactá-los em estado de plena consciência vigil, registrando estes contactos com o equipamento de seu cérebro físico.

Daí a necessidade do homem se tornar consciente de sua própria luz, de ajustar sua lâmpada e de utilizar ao máximo sua luz. Pela utilização e pelo cuidado, o poder da luz espiritual cresce, aumenta e desenvolve uma função dupla.

O aspirante se transforma em uma luz ou lâmpada colocada num lugar escuro e ilumina o caminho para os outros. Só assim pode a luz interior ser transformada em uma chama. Este processo de iluminar os outros e de ser uma lâmpada deve sempre preceder à maravilhosa experiência na qual o místico dirige sua lâmpada e sua luz sobre outros reinos e "acha o caminho de acesso" aos mundos onde os Mestres trabalham e andam.

É necessário dar mais ênfase a este ponto pois há uma inclinação muito forte entre os estudantes, de procurar os Mestres ou algum Guru ou Instrutor que lhes "dê" a luz. Eles só podem ser encontrados por aqueles que acenderam sua própria luz, ajustaram sua própria lâmpada e assim se proporcionaram os meios para penetrar em Seus mundos. O lado mais técnico deste assunto foi bem coberto por W.Q. Judge em suas palavras:

"Existem aqui duas inferências que não possuem nada que lhes corresponda no pensamento moderno. Uma é que há uma luz na cabeça·e a outra é que há seres divinos que podem ser vistos por aqueles que se concentrarem sobre "a luz na cabeça". Afirma-se

que um certo nervo, ou corrente psíquica, chamada Brahmarandhra-nadi, passa pelo cérebro perto do alto da cabeça. Nele se concentra mais do princípio luminoso em natureza, do que em qualquer outro local do corpo e é chamado jyotis - luz na cabeça. E, como todo o resultado deve ser obtido pelo emprego dos meios apropriados, pode-se conseguir ver os seres divinos pela concentração sobre aquela parte do corpo mais intimamente ligada a eles. Este ponto - o término do Brahmarandhra-nadi - e também o lugar onde se faz a conexão entre o homem e as forças solares."

É a luz que faz com que "as faces brilhem" e é responsável pelo halo em volta da cabeça de todos os santos e Mestres e que é vista pelos clarividentes em torno de todos os aspirantes e discípulos avançados.

Dvivedi também transmite o mesmo ensinamento nas seguintes palavras:

"A luz na cabeça é explicada como sendo o fluxo convergente da luz de sattva que é vista no Brahmarandhra, que se supõe ser, ora próximo à artéria coronária, ora, à glândula pineal ou sobre o bulbo. Exatamente como a luz de uma lâmpada acesa entre as quatro paredes de uma casa apresenta uma aparência luminosa pelo buraco da fechadura, também a luz de sattva mostra-se no alto da cabeça. Esta luz é muito familiar a todos os que tem um conhecimento ainda que ligeiro das práticas de Ioga e é vista mesmo pela concentração sobre o espaço entre as sobrancelhas. Pela Sanyama (meditação) sobre esta luz, a classe de seres chamados siddias - popularmente conhecida nos Circulas teosóficos como Mahatmas ou adeptos elevados, capazes de caminhar pelo espaço sem serem vistos, são imediatamente visualizados, apesar dos obstáculos de espaço e tempo."

33. Todas as coisas podem ser conhecidas na vívida luz da intuição.

Há três aspectos de conhecimentos associados à luz na cabeça: Primeiro há o conhecimento que o homem comum pode possuir, que talvez seja melhor expresso pela palavra "teórico". Capacita o homem a conhecer certas hipóteses, possibilidades e explicações. Dá-lhe uma compreensão dos modos, meios e métodos e habilita-o a dar o primeiro passo na direção do correto modo de se certificar das coisas e da realização. Isto é verdadeiro para o conhecimento de que trata Patânjali. Agindo sobre este conhecimento e seguindo os requisitos para a investigação ou desenvolvimento que se pretende, o aspirante se torna consciente da luz na cabeça.

Em segundo lugar vem o conhecimento discriminativo, que é o próximo a ser empregado pelo aspirante. Depois de ter contatado a luz ele a utiliza e o resultado é que os pares de opostos se tornam aparentes, a dualidade é conhecida e surge a questão da escolha. A luz de Deus é lançada sobre cada lado do caminho do fio da navalha que o aspirante se esforça por trilhar e a princípio este "nobre caminho do meio" não é tão aparente como o que está de cada lado. Pela adição da despaixão ou do desapego ao conhecimento discriminativo, os empecilhos são vencidos, o véu que encobre a luz se torna cada vez mais fino, até se contatar a terceira luz, ou a mais alta.

Em terceiro lugar, vem o conhecimento iluminativo ao qual um dos termos que se aplica é "luz da intuição". Resulta de se percorrer o caminho e da ultrapassagem dos pares de opostos e é o precursor da iluminação completa e da luz plena do dia. Ganganatha Jha em seu breve comentário toca em todos estes três. Diz ele:

"A inteligência é a emancipadora - a precursora do conhecimento discriminativo, tal como a alvorada o é do nascer do sol. Com o aparecimento da percepção intuitiva o iogue passa a conhecer todas as coisas" .

Estes rasgos de intuição são a princípio vívidos clarões de iluminação, irrompendo na consciência da mente e desaparecendo quase instantaneamente. Mas eles vêm com frequência cada vez maior, à medida que se cultiva o hábito da meditação e que se persiste por períodos cada vez mais longos à medida que a estabilidade da mente é alcançada. Gradualmente vai a luz brilhando num jato contínuo, até que o aspirante caminha na luz plena do dia. Quando a intuição começa a funcionar, o aspirante tem que aprender a empregá-la, lançando a luz que nele está, sobre todas as coisas "obscuras, sutis e remotas", aumentando sua eficiência. O que ele vê e contata, empregando sua luz espiritual, tem então que ser registrado, compreendido e adaptado para a utilização, pelo homem no plano físico, por meio do cérebro. É aqui que a mente racional desempenha sua parte, interpretando, formulando e transmitindo ao cérebro o que o homem espiritual verdadeiro, em seu próprio plano, conhece, vê e compreende. Assim este conhecimento se torna disponível na consciência plenamente desperta, ao encarnado Filho de Deus, o homem no plano físico.

Um outro lado disto, igualmente verdadeiro e necessário, é retratado para nós por Charles Johnston na pág. 123 de sua edição. Diz ele:

"Este divino poder da intuição é o poder que está acima e por traz da chamada mente racional; a mente racional formula a pergunta e a coloca frente à intuição, que dá uma resposta real, muitas vezes imediatamente distorcida pela mente racional, embora incorporando sempre um grão de verdade. É por este processo, através do qual a mente racional leva as questões à intuição para a solução, que se alcançam as verdades científicas, os rasgos de gênio e descobertas. Mas este poder mais elevado não tem que, necessariamente funcionar subordinado à chamada mente racional: ele pode agir diretamente, como a iluminação total, a visão e a faculdade divina."

34. A compreensão da consciência da mente vem da meditação dirigida sobre o centro do coração.

Os filhos dos homes distinguem-se do reino animal pela possessão da inteligência, da mente racional, racionadora. Daí serem os seres humanos frequentemente chamados na Sabedoria Eterna, a Doutrina Secreta do mundo, de "filhos da mente". É isto que lhes dá seu senso de individualidade e identidade, é isto que os faz egos.

No centro do cérebro, situado na glândula pineal, está o lar da alma, como nos é dito, um posto avançado da vida de Deus, uma centelha de puro fogo espiritual. Este é o ponto mais baixo que a pura vida espiritual, direto da Mônada, nosso Pai nos Céus, contata ou alcança. É a terminação do sutratma, ou fio que une e liga os vários invólucros e que passa da mônada em seu próprio elevado plano, através do corpo da alma nos níveis mais elevados do plano mental, até em baixo, o veículo físico. Esta vida de Deus é tríplice e combina a energia do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e é portanto, responsável pelo pleno funcionamento de todas as partes da natureza do homem em todos os planos e por todos os estados de consciência. Um cordão deste tríplice fio, ou caminho, o primeiro: é o que dá

a vida, o espírito e a energia. Um outro, o segundo, e responsável pelo aspecto consciência ou inteligência, pelo poder do espírito em responder ao contato e envolver a resposta. O terceiro diz respeito à vida da matéria ou ao aspecto corpo.

O primeiro aspecto, através da mônada, alcança a glândula pineal, o ponto onde reside o espírito do homem. O segundo ou aspecto consciência, através do ego, estabelece um ponto de contato com o centro do coração, enquanto que o terceiro aspecto, ou a terceira parte do sutratma, une-se ao centro na base da coluna vertebral, que é a principal fonte da personalidade ou da atividade corporal.

Portanto, pela concentração sobre a luz na cabeça obtém-se conhecimento sobre os mundos espirituais e sobre os espíritos puros, que trabalham e andam neles, pois Atma ou o espírito brilha ali. De modo semelhante, pela meditação concentrada sobre o coração, obtém-se conhecimento sobre o segundo aspecto, do princípio inteligente consciente que faz do homem um filho de Deus

Pelo desenvolvimento da cabeça e pela utilização do centro da cabeça, leva-se a vontade a uma atividade operante. É a característica do espírito, e demonstra propósito e controle. De maneira semelhante, pelo desabrochar e utilização do centro do coração põe-se em uso o aspecto amor-sabedoria e vê-se o amor de Deus atuando na Vida e no trabalho do homem. Pois a mente de Deus é amor, e o amor de Deus é inteligência e estes dois aspectos de uma grande qualidade são postos em jogo para a realização de Sua vontade e de Seu propósito. Cristo foi o principal exemplo disto para o Ocidente, assim como Krishna foi para a Índia e isto tem que ser refletido e manifestado também em cada homem.

35. A experiência (sobre os pares de opostos) provém da incapacidade da alma em distinguir entre o eu pessoal e purusha (ou espírito). As formas objetivas existem para a utilização (e experiência) do homem espiritual. Pela meditação sobre isto nasce a percepção intuitiva da natureza espiritual (purusha).

Novamente temos uma interpretação bastante livre do texto original, mas que dá, não obstante, a correta interpretação.

Vimos nos aforismos precedentes que o estreito caminho a ser percorrido entre os pares de opostos (pela prática da discriminação e da despaixão) é o caminho do equilíbrio, do balanceamento, o nobre caminho do meio. Este aforismo é como se fosse um comentário sobre este estágio da experiência da alma e indica as seguintes lições:

Primeiro, que o motivo pelo qual somos confrontados pelos pares de opostos e porque frequentemente escolhemos a linha de ação ou atitude mental que nos dá prazer ou dor, é por não distinguirmos entre as naturezas inferior e superior, entre o eu pessoal (funcionando como uma unidade física, emocional e mental) e o espírito divino que se encontra em cada um de nós. Nós nos identificamos com o aspecto forma e não com o espírito. Nós nos consideramos como o não-eu por longos eons de tempo e esquecemos nossa filiação, nossa unidade com o Pai e o fato de que somos, realmente, o eu que habita o interior.

Segundo, que o propósito da forma é simplesmente permitir que o eu estabeleça com mundos que de outra forma lhe seriam inacessíveis, o desenvolvimento pleno da consciência em todas as partes do reino do Pai, e assim se demonstrar como um filho de

Deus, plenamente consciente. Através da forma se adquire experiência, desperta-se a consciência, desenvolvem-se faculdades e poderes.

Terceiro, à medida que se aprende este fato intelectualmente e se medita sobre ele internamente, desenvolve-se a consciência da identidade com a natureza espiritual e de que se é distinto da forma. A pessoa sabe em verdade, que é, não a forma, mas sim, o habitante interno, não o ser material, mas o espiritual, não os aspectos diferenciados, mas sim somente o Uno, e assim leva adiante o grande processo da libertação. O homem se torna no que realmente é e consegue isto pela meditação sobre a alma inteligente, o aspecto do meio, o princípio Crístico que une o Pai (espírito) e a Mãe (matéria).

Assim, vê-se novamente a grande triplicidade:

1. O Pai, ou espírito, o que se manifesta, o que cria, o que habita.

2. O Filho, que revela, medita e une o mais elevado aspecto ao inferior.

3. O Espírito Santo, encobrindo a Mãe, substância material inteligente, dando origem às formas pelas quais se ganha experiência e desenvolvimento.

O que experimenta, o que encarna e conquista a expressão divina por meio da forma é a alma, o eu, o consciente homem espiritual, o Cristo interno. Quando, através destas experiências, obtém a maturidade, revela o Pai ou espírito e assim cumpre as palavras do Cristo, quando disse (respondendo à pergunta de Filipe, "Senhor, mostra-nos o Pai"), "Aquele que me viu, viu o Pai" (João, XIV).

36. Como resultado destas experiências e meditações, desenvolvem-se a audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato superiores, produzindo o conhecimento intuitivo.

Pela meditação, o aspirante se torna consciente das correspondência aos cinco sentidos, tais como encontradas nos reinos sutis e, despertando-as e utilizando-as conscientemente, ele se torna capaz de funcionar tão livremente nos planos internos como faz no plano físico. Ele pode então servir inteligentemente naqueles reinos e cooperar com o grande esquema evolutivo.

Os sentidos podem ser definidos como os órgãos através dos quais o homem toma conhecimento de seu ambiente. Estes cinco sentidos existem nos animais, mas neles não existe a faculdade do pensamento que os correlata. Os sentidos se demonstram como uma faculdade grupal, análoga ao instinto racial no reino humano.

Cada um dos cinco sentidos tem uma conexão definida com um ou outro dos sete planos de manifestação e tem também uma correspondência em todos os planos.

Plano	Sentido
1.Físico	Audição
2.Astral	Tato ou sensação
3.Mental	Visão
4.Búdico	Paladar
5.Átmico	Olfato

Um outro quadro retirado de "Um Tratado sobre o Fogo Cósmico" tornará mais claros

os cinco diferentes aspectos dos cinco sentidos nos cinco planos, e se o estudante desejar maiores informações poderá recorrer às págs. 186/202 (edição inglesa) do citado Tratado.

EVOLUÇÃO SENSORIAL MICROCÓSMICA

Plano	Sentido	Subplano	
Físico	1.Audição	5º	Gasoso
	2.Tato, sensação	4º	Primeiro Etérico
	3.Visão	3º	Super-etérico
	4.Paladar	2º	Sub-atômico
	5.Olfato	1º	Atômico
Astral	1.Clariaudiência	5º	
	2.Psicometria	4º	
	3.Clarividência	3º	
	4.Imaginação	2º	
	5.Idealismo emocional	1º	
Mental	1.Clariaudiência superior	7º	com forma
	2.Psicometria planetária	6º	
	3.Clarividência superior	5º	
	4.Discriminação	4º	
	5.Discernimento espiritual	3º	sem forma
	Resposta à vibração grupal	2º	
	Telepatia espiritual	1º	
Búdico	1.Compreensão	7º	
	2.Cura	6º	
	3.Visão divina	5º	
	4.Intuição	4º	
	5.Idealismo	3º	
Átmico	1.Beatitude	7º	
	2.Serviço ativo	6º	
	3.Realização	5º	
	4.Perfeição	4º	
	5.Conhecimento total	3º	

Nas tabelas seguintes os números um, dois, três, quatro e cinco, em cada sentido, referem-se aos planos de manifestação dados nas primeiras tabelas anteriores.

a.O Primeiro Sentido Audição

1.Audição física

2.Clauriaudiência
3.Clariaudiência superior
4.Compreensão (de quatro sons)
5.Beatitude

b. O Segundo Sentido — Tato ou sensação
1. Tato físico
2.Psicometria
3.Psicometria planetária
4.Cura
5.Serviço ativo

c. O Terceiro Sentido — Visão
1.Visão física
2.Clarividência
3.Clarividência superior
4.Visão divina
5.Realização

d.O Quarto Sentido — Paladar
1.Paladar físico
2.Imaginação
3.Discriminação
4.Intuição
5.Perfeição

e.O Quinto Sentido — Olfato
1.Olfato físico
2.Idealismo emocional
3.Discriminação espiritual
4.Idealismo
5.Conhecimento total

37. Estes poderes são obstáculos à mais alta realização espiritual, mas servem como poderes mágicos nos mundos objetivos.

Neste livro-texto de desenvolvimento espiritual, um fato constantemente ressalta e este fato é que os poderes psíquicos, superiores e inferiores, são empecilhos para o mais alto estado espiritual e devem ser deixados para traz, pelo homem que pode funcionar liberto totalmente dos três mundos. Esta é uma difícil lição a ser apreendida pelo aspirante. Ele está pronto a pensar que uma tendência para a clarividência ou para a clariaudiência é indicativa de progresso e um sinal de que sua prática de meditação está começando a fazer efeito. No entanto, isto poderia provar exatamente o oposto e inevitavelmente será este o caso, se o aspirante for atraído ou se apegar a qualquer uma destas formas de faculdades

psíquicas. Um antigo escritor hindu diz, em relação a estes poderes.

"Uma mente cuja substância mental é emergente dá grande valor a estas perfeições, exatamente como um homem nascido na pobreza considera mesmo uma migalha de riqueza como uma grande riqueza. Mas um iogue, cuja substância mental é concentrada, deve evitar estas perfeições, mesmo quando levadas até próximo a ele. Aquele que aspira à meta final da vida, ao apaziguamento absoluto da tríplice angústia, como poderá ele ter alguma atração por estas perfeições que vão contra a conquista daquele objetivo."

Dvivedi diz:

"Os poderes ocultos até agora descritos e a serem descritos daqui por diante... se constituem em obstáculos, pois se tornam a casa da distração da mente pelas várias sensações que provocam. Mas não são inteiramente sem utilidade, na medida em que forem grandes poderes para o bem, ao ser suspenso o samadhi."

É válido para o aspirante saber o que são estes poderes, como controlá-los em vez de ser controlado por eles, e como empregá-los no serviço a seus irmãos e à Hierarquia, mas devem ser encarados como instrumentos e relegados ao lado forma. Deve-se compreender que eles são as qualidades ou capacidades dos invólucro ou do aspecto forma, pois de outro modo assumirão importância indevida, absorverão demasiada atenção e se constituirão em empecilhos à progressão do desabrochar da alma.

38. Pela libertação das causas da escravidão através de seu enfraquecimento e por uma compreensão do modo de transferência (retirada ou admissão), a substância mental (ou chitta) pode entrar em outro corpo.

Toda esta ciência da Raja Ioga se baseia numa compreensão da natureza, propósito e funcionamento da mente. A lei básica desta ciência pode ser resumida nas palavras "a energia segue o pensamento" e a sequência de atividade pode ser apresentada como se segue:

O pensador, em seu próprio plano, formula um pensamento corporificando algum propósito ou desejo. A mente vibra em resposta a esta ideia e produz simultaneamente uma reação correspondente no corpo de desejos, kâmico ou emocional. O corpo de energia, o involução etérico, vibra em sincronia, e assim o cérebro responde e alimenta o sistema nervoso através do corpo físico denso, de modo a que o impulso do pensador se traduza em atividade no plano físico.

Há uma íntima relação entre a mente e o sistema nervoso de modo que temos uma interessante triplicidade:

1.A mente,
2.O cérebro,
3.O sistema nervoso,

e esta triplicidade deve ser cuidadosamente lembrada pelo estudante de Raja Ioga no estágio inicial de seu trabalho. Posteriormente, uma segunda triplicidade atrairá sua atenção:

1. O pensador,
2.A mente,
3.O cérebro,

mas isto será durante o lado demonstrativo de seu trabalho.

É através de uma compreensão do método pelo qual os nervos são tonificados que o pensador pode galvanizar seu instrumento em atividade durante a encarnação e, de modo semelhante, produzir transe, samadhi ou morte. O mesmo conhecimento básico habilita um adepto a levantar um corpo morto, como o Cristo fez na Palestina, ou ocupar o veiculo de um discípulo para fins de serviço, como o corpo do discípulo Jesus foi ocupado pelo Cristo. Este conhecimento e sua utilização, dizem-nos, estão sujeitos à grande lei do carma, de causa e efeito, e nem mesmo o Próprio Cristo pode deixá-la de lado, a não ser que exista um "adequado" enfraquecimento da causa que produz a vinculação.

39. Pela subjugação da vida para o alto (udana) tem-se a libertação da água, do caminho espinhoso e do atoleiro, e se obtém o poder da ascensão.

Permeando todo o corpo está a totalidade da força nervosa, que o hindu chama de prana. Ela é controlada pela mente, através do cérebro; é a vitalidade que põe em atividade os órgãos sensoriais e produz a vida externa do homem; seu meio de distribuição é o sistema nervoso, através de determinados centros de distribuição chamados plexos ou lótus. Os gânglios nervosos, conhecidos pela medicina ortodoxa, são os reflexos ou sombras dos plexos mais vitais. O estudante não estará muito errado se considerar a totalidade de prana no corpo humano como constituindo o corpo etérico ou vital. Este corpo etérico é inteiramente formado por correntes de energia e é o substrato da substância viva que está por traz da forma física densa.

Um dos termos aplicados a esta energia é "ares vitais". O prana é quíntuplo em sua manifestação, correspondendo assim aos cinco estados mentais, ao quinto princípio e às cinco modificações do princípio pensante. No sistema solar o Prana se traduz como os cinco grandes estados de energia a que chamamos planos, o meio da consciência; são eles:

1. O plano átmico ou espiritual,
2. O plano búdico ou intuicional,
3. O plano mental,
4. O plano kâmico, emocional ou astral,
5. O plano físico.

As cinco diferenciações do prana no corpo humano são:

1. **Prana**, estendendo-se do nariz ao coração e tendo uma relação especial com a boca e a voz, o coração e os pulmões.

2. **Samana**, estendendo-se do coração ao plexo solar; diz respeito ao alimento e à alimentação do corpo por meio da comida e da bebida e tem uma relação especial com o estômago.

3. **Apana**, controla desde o plexo solar até a sola dos pés; diz respeito aos órgãos de eliminação, de rejeição e do nascimento, tendo assim uma especial relação com os órgãos genitais e de eliminação.

4. **Upana**, encontra-se entre o nariz e o alto da cabeça; tem uma relação especial com o cérebro, o nariz e os olhos e, quando corretamente controlado, produz a coordenação dos ares vitais e sua correta manipulação.

5. **Vyana** é o termo aplicado à totalidade da energia prânica do ser, uniformemente

distribuída por todo o corpo. Seus instrumentos são os milhares de nadis, ou nervos encontrados no corpo, e tem uma conexão definida e peculiar com os canais sanguíneos veias e artérias.

Neste aforismo nos é dito que pelo domínio do quarto destes ares vitais, pode-se obter certos e definidos resultados e será interessante verificar quais são eles. Este domínio só se torna possível à medida que se compreende e domina o sistema de Raja Ioga, pois envolve a capacidade de se funcionar na cabeça e de se controlar a natureza inteira a partir do ponto no interior do cérebro. Quando um homem se torna polarizado nesse ponto, então a força nervosa ou energia encontrada no alto da cabeça se torna ativa e por seu correto controle e domínio se torna possível obter a correta direção dos pranas do corpo e o homem alcança a libertação; e, através dela consegue-se o não-contacto com os três mundos. A linguagem empregada é necessariamente simbólica e não se deve perder seu sentido pela materialização de seu real significado. A levitação, o poder de andar sobre a água e a capacitação para opor-se à atração gravitacional da terra são os seus menores importantes significados.

1. **A libertação da água** é um modo simbólico de dizer que a natureza astral foi subjugada e que as grandes águas da ilusão não mais podem manter prisioneira a alma emancipada. As energias do plexo solar não são mais as dominantes.

2. **A libertação do caminho espinhoso** refere-se ao caminho físico e não há, em lugar algum, referência mais bela que a do Cristo em Sua parábola dos Semeadores, onde algumas das sementes caíram entre espinhos. Dá-se a explicação de que os espinhos são as preocupações e problemas da vida na terra que conseguem estrangular a vida espiritual e encobrir o homem verdadeiro por tanto tempo. O caminho espinhoso deve levar ao caminho do norte e este, por sua vez, ao Caminho da Iniciação. Em um dos antigos livros nos Arquivos da Loja, encontram-se as seguintes palavras:

"Que o que procura a verdade escape do afogamento e suba as margens do rio. Que ele se volte para a estrela polar e permaneça em solo firme, com sua face voltada para a luz. Que a estrela então guie"

3. **A libertação do atoleiro** refere-se à natureza mixta de kama-manas, desejo e mente inferior, que provoca o problema único da humanidade. É também uma maneira simbólica de se referir à grande ilusão que aprisiona o peregrino durante tanto tempo. Quando o aspirante pode caminhar na luz, tendo encontrado a luz (Shekinah) dentro de si mesmo, no Santo dos Santos, dissipa-se então, a ilusão. É de valia para o estudante traçar a analogia entre as três partes do Templo de Salomão e as do "Templo do Espírito Santo", o arcabouço humano.

> A corte externa corresponde às energias e aos respectivos órgãos encontrados abaixo do diafragma. O Santo lugar são os centros e órgãos da parte superior do corpo, da garganta ao diafragma. O Santo dos Santos é a cabeça onde está o trono de Deus, a Cadeira do Perdão e a glória que tudo cobre.

Quando estes três aspectos da libertação tiverem sido alcançados e o homem não mais for dominado pela água, pelo atoleiro ou pela vida no plano físico, ele conquistará o "poder de ascensão" e poderá ascender aos céus à sua vontade. O Cristo ou o homem espiritual pode permanecer no cimo da montanha da ascensão, tendo ultrapassado as quatro crises ou pontos de controle desde o nascimento até a crucificação. Assim a "udana"

ou vida para o alto se torna o fator de controle e a vida para baixo não mais domina.

40. Pela subjugação de samana, a centelha se transforma em chama.

Este aforismo é um dos mais belos no livro e deve-se assinalar aqui a tradução de Charles Johnston: "Pelo domínio da vida que retém, surge o resplendor". Uma outra interpretação poderia ser: "pelo controle de samana, AUM (a Palavra de Glória) se manifesta". Do coração vêm os assuntos da vida; e a energia vital chamada samana controla o coração e o sopro da vida, através dos pulmões. Quando o corpo está purificado e suas energias corretamente dirigidas, e quando se conquista o ritmo, vê-se então a vida esplendorosa.

Isto não é uma simples metáfora, pelo contrário, acontecerá literalmente, pois quando as correntes da vida são dirigidas pela alma entronizada, pelos nervos e pelos canais sanguíneos, então somente os mais puros átomos serão construídos no corpo e o resultado será um jorro de luz por todo o homem. Não será apenas a cabeça que irradiará luz de modo a que o clarividente possa ver um halo ou um círculo de cores brilhantes, mas todo o corpo também será irradiado pelos vibrantes centros de força elétrica, distribuídos pelo corpo.

41. Por meio da meditação dirigida sobre a relação entre akasha e o som, desenvolve-se um órgão para a audição espiritual.

Para compreender este aforismo é essencial que certas relações sejam compreendidas - relações entre a matéria, os sentidos e aquele que experimenta.

Os cristãos acreditam que "todas as coisas foram feitas pela palavra de Deus". O crente oriental sustenta que o som foi o fator que deu origem ao processo criativo e ambos ensinam que esta palavra ou som é descritiva da segunda Pessoa da divina Trindade.

Este som ou palavra lançou a matéria do sistema solar numa peculiar atividade e foi precedida pelo sopro do Pai que iniciou o movimento original ou vibração.

Primeiro, então, o sopro (pneuma ou espírito) impingindo sobre a substância primordial e estabelecendo uma pulsação, uma vibração, um ritmo. A seguir a palavra, ou som, fazendo com que a substância que vibra e pulsa tome forma ou formato, realizando assim a encarnação da segunda Pessoa da Trindade cósmica, o Filho de Deus, o Macrocosmo.

Este processo resultou nos sete planos de manifestação, nas esferas onde são possíveis os sete estados de consciência. Todos eles são caracterizados por certas qualidades e se diferenciam entre si por específicas capacidades vibratórias e são denominados por certos termos.

A tabela que segue será útil se o estudante tiver em mente que a primeira triplicidade de planos é a de manifestação divina e que a triplicidade inferior é um reflexo daquele processo divino e constitui os três planos de nossa experiência normal. Estas duas triplicidades de Deus e do homem são ligadas pelo plano do meio de união ou unificação, onde Deus e o homem são tornados um. Este é o plano Crístico na fraseologia cristã, o plano búdico na terminologia oriental.

OS PLANOS DIVINOS

Plano I	Logoico ou divino	O Mar de Fogo	Deus o Pai	Vontade
Plano II	Monádico	O Akasha	Deus, o Filho	Amor-Sabedoria
Plano III	Espiritual ou átmico	O Éter	Deus o Espírito Santo	Inteligência Ativa

PLANO DE UNIÃO OU UNIFICAÇÃO

Plano IV	Cristo ou Búdico	Ar	União	Harmonia Unificação

PLANOS DE ESFORÇO HUMANO

Plano V	Mental	Fogo	Reflexo do Mar de Fogo	Vontade Humana
Plano VI	Emocional ou Astral	Luz Astral	Reflexo do Akasha	Amor humanos e desejo
Plano VII	Éter		Reflexo do Éter	Atividade humana

Em todos estes planos a consciência se manifesta e os sentidos, exotéricos e esotéricos, produzem contatos.

Plano	I	Fogo	O Sopro		
	II	Akasha	O som	Audição	Ouvido
	III	Éter	Resposta vibratória	Tato	A Pele
	IV	Ar	Visão	Vista	O olho
	V	Fogo	Discriminação	Paladar	A língua
	VI	Luz Astral	Desejo	Olfato	O Nariz
	VII	Os correspondentes físicos de todos estes.			

Um outro método de se expressar isto é o seguinte:

VIII	Plano físico	Olfato	Éter
VI	Astral	Paladar	Luz astral
V	Mental.	Visão	Fogo

IV	Búdico	Tato	Ar
III	Átmico	Audição	Éter
II	Monádico	Mente	Ákasha
I	Logóico	Síntese.	

Verificar-se-á, contudo, que uma das tabelas dá o ponto de vista microcósmico, enquanto que a outra dá o macrocósmico, e como o aspirante é quem procura atuar "livre no macrocosmo" e transcender suas limitações microcósmicas, é com a primeira categoria que nos ocuparemos.

Ao se considerar este aforismo e seu esclarecimento pela compreensão da natureza dos planos, seus símbolos e substância, torna-se aparente que o homem que compreende a natureza da palavra e do segundo aspecto, chega à conscientização da audição.

Isto poderia ser compreendido misticamente pelo aspirante, ao se conscientizar de que, quando as vozes dos desejos (vozes astrais ou resposta vibratória ao segundo aspecto do reflexo, os três planos inferiores) são substituídas pela Voz do Silêncio ou do Cristo Interno, conhece-se então a palavra ou o som e se estabelece contato com o segundo aspecto da divindade.

1. Akasha	A palavra	O Som	O segundo aspecto em manifestação
2.Luz Astral		As vozes do desejo	O reflexo do segundo aspecto

Há muitos sons a serem ouvidos em todos os planos, mas a maior diversidade é encontrada no plano físico. O aspirante tem que desenvolver o poder de distinguir entre:

1.As vozes da terra	Físico	
2.As vozes dos desejos	Astra	
3.A fala ou os pensamentos formulados pela mente	Mental	
4.A quieta e pequena voz do Cristo interno	Búdico	
5.Os sons dos Deuses	As palavras criativas	Átmico
6.A palavra ou o som	O AUM	Monádico
7.O sopro		Logóico

e nestas distinções estão simbolicamente indicados os problemas da correta audição nos vários planos e nos diferentes estados de consciência. Apenas o verdadeiro místico e aspirante compreenderá a natureza destas distinções.

Assim como todas as substâncias de nosso sistema solar manifestado são diferenciações do akasha, a primeira diferenciação da matéria primordial, também todas estas distinções de som são diferenciações do som uno; são todas divinas em tempo e espaço. Mas todas têm que ser corretamente ouvidas e levam, todas elas, finalmente a AUM, a Palavra de Glória, a Palavra Macrocósmica, de cuja totalidade participam.

Ao estudante de Raja Ioga, contudo, há três vozes principais, ou sons, que interessam temporariamente:

1.A fala da Terra, de modo a empregá-la corretamente,

2.A Voz do Silêncio, de modo a escutá-la. Esta é a voz de seu próprio Deus interno, o Cristo,

3. O AUM, a Palavra do Pai, expressa através do Filho, que, quando percebida, porá o estudante em contato com a Palavra de Deus, encarnado em toda a natureza.

Quando a linguagem é corretamente usada e os sons da terra podem ser igualmente silenciados, pode-se então ouvir a Voz do Silêncio. Pode-se notar aqui que a clariaudiência é uma percepção da voz da grande ilusão e dá ao homem o poder de ouvir no plano astral. Isto, em seu correto lugar e quando controlado de cima pelo conhecimento, abre o ouvido a certos aspectos da expressão divina nos três mundos. Não é a divina audição mencionada neste aforismo. Charles Johnston, em seus comentários sobre este aforismo, trata muito bem do assunto como segue:

"A transferência de uma palavra pela telepatia é a primeira e mais simples forma da "audição divina" do homem espiritual, à medida que este poder aumenta e quando, pela meditação perfeitamente concentrada, o homem espiritual obtém uma mestria sobre ele, ele é capaz de ouvir e de claramente distinguir o falar dos grandes Companheiros, que o aconselham e o confortam em seu caminho. Eles podem dirigir-se a ele, quer em pensamento sem palavra, quer em perfeitamente definidas palavras e sentenças."

42.Pela meditação dirigida sobre a relação entre o corpo e Akasha, ganha-se a ascensão para fora da matéria (os três mundos) e o poder de viajar pelo espaço.

Akasha está em toda a parte. Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. Tudo nada mais é que uma única substância, e no corpo humano são encontradas as correspondências às várias diferenciações.

Quando um homem conhece a si próprio e tem consciência da relação existente entre as energias que trabalham através dos sete centros e dos sete estados da matéria e da consciência, está então liberado e livre e pode contatar à vontade todos estes estados, sem limitações de tempo. Há uma relação entre cada um dos sete estados da matéria e um ou outro dos centros; através de cada um dos centros está a porta para um certo plano das esferas planetárias. Quando o discípulo incorpora à sua vida, em correta consciência, os vários meios da ioga tratados nos livros anteriores, podem ser-lhe confiados certos conhecimentos e chaves, certas palavras e fórmulas que, pela meditação concentrada, lhe darão a liberdade dos céus e o direito de entrar por certos portões no Reino de Deus.

43. Quando aquilo que vela a Luz é removido, segue-se um estado de ser chamado desencarnado (ou desincorporado), liberto da modificação do princípio pensante. Este é o estado de iluminação.

Novamente temos, em vez de uma tradução literal, uma tradução livre e nela foi preservado o verdadeiro sentido dos termos arcaicos em vez da correção acadêmica. A razão disto será aparente se dermos algumas das traduções bem conhecidas. Elas são traduções corretas mas demonstram a ambiguidade que é inevitável quando se faz uma tradução literal dos termos sânscritos.

"Uma flutuação desajustada, dirigida para o exterior, é o grande Desencarnado; como

resultante disto há uma redução da cobertura do brilho". Woods.

"A modificação externa (do órgão interno)... sem pensamento é (chamada) a grande incorpórea (modificação); daí (resulta) a destruição do obscurecimento da iluminação (do intelecto)". Tatya.

Vivekananda expressa este aforismo nas seguintes palavras:

"Praticando sanyama nas reais modificações da mente, que são externas, chamadas a grande desincorporação, desaparece o encobrimento da lua."

As grandes dificuldades sob as quais trabalham todos os tradutores é claramente visível neste texto e daí a interpretação livre desta passagem.

Há dois pensamentos que se procura expressar neste aforismo. Um deles se refere ao véu ou cobertura que impede a iluminação da mente, e o outro, ao estado de conscientização que é conquistado quando o homem se libertou deste véu. O que encobre a luz (o "alqueire" a que se referiu o Cristo no Novo Testamento) são os corpos ou invólucro flutuantes e em constante mudança. Quando eles são transmutados e transcendidos, a luz de Deus (o segundo aspecto divino) pode jorrar sobre o homem inferior e ele se conhece como é. A iluminação enche-o e ele se conhece como algo diferente das formas através das quais atua. Não mais está centrado e polarizado em suas formas, mas realmente está numa condição de desencarnação. Sua consciência é a de um homem não encarnado. São Paulo, como foi assinalado por diversos pensadores, teve um vislumbre deste estado de ser. Ele se referiu a isto nestas palavras:

"Eu conheci um homem em Cristo há cerca de quatorze anos, (se no corpo ou fora dele, eu não o posso dizer, Deus o sabe); ele alcançou o terceiro céu. E eu conheci tal homem... como ele foi elevado ao paraíso e como escutou palavras sobre as quais não se pode falar e que de acordo com a lei, o homem não as pode pronunciar". (I Cor. XII)

Este "terceiro céu" pode ser interpretado de dois modos: primeiro, como representando o plano mental que é o verdadeiro lar do homem espiritual, o pensador, ou um estado mais específico, a ser entendido como o que se encontra no terceiro, ou o mais elevado, dos três níveis abstratos do plano mental.

44. A meditação dirigida sobre as cinco formas que cada elemento toma, produz a mestria sobre cada elemento. Estas cinco formas são: a natureza grosseira, a forma elementar, a qualidade, a difusibilidade e o propósito básico.

Deve ser lembrado que este aforismo tem uma dupla referência, ao macrocosmo e ao microcosmo. Pode referir-se aos cinco planos da evolução monádica, ou às cinco formas que cada elemento toma, em cada plano, tendo-se em mente que este é o caso em relação à apreensão mental e às modificações do princípio pensante pois o homem é a estrela de cinco pontas e portanto só pode (como homem), alcançar uma iluminação quíntupla. Existem contudo, duas formas superiores e dois outros modos de percepção, isto é, a intuicional e a conscientização espiritual. Este aforismo, no entanto nada tem a ver com elas. O centro da cabeça é, em si próprio, dual, e é composto pelo centro entre as sobrancelhas e pelo mais elevado chakra, o lótus de mil pétalas.

O estudo e a compreensão deste aforismo equiparão completamente o ocultista branco para todas as formas de trabalho mágico. Os estudantes devem lembrar-se de que

isto não se refere aos elementos como os conhecemos, mas sim, à substância elementar da qual as formas grosseiras são feitas. De acordo com a Sabedoria Eterna, há cinco graus de substâncias que possuem certas qualidades. Estes cinco graus de substância formam os cinco planos da evolução monádica; formam as cinco esferas vibratórias onde se encontram o homem e o super-homem. Cada um destes cinco planos tem uma qualidade principal, da qual os cinco sentidos físicos são a correspondência.

Plano	Natureza	Sentido	Centro
Terra	Físico	Olfato	Base da coluna
Astral	Emocional	Paladar	Plexo solar
Manásico	Mental	Visão	Cabeça
Búdico	Intuicional	Tato	Coração
Átmico	Espiritual	Som	Garganta

Como indicado no Tratado sobre o Fogo Cósmico, estes sentidos e suas correspondências dependem do ponto de evolução do homem, exatamente como o disse H.P. Blavatsky em relação à enumeração dos princípios.

O aforismo acima, portanto, pode ser aplicado à mestria de cada plano, assim como à mestria dos elementos que compõem este plano. Refere-se à mestria e à utilização de todos os invólucro mais sutis através dos quais um homem contata um plano ou uma particular faixa vibratória.

Ganganatha Jha, em seu fundamentado comentário diz: "as qualidades específicas: o som e as outras pertencentes à terra, juntamente com as propriedades da forma e o restante são denominadas "grosseiras". Esta é a primeira forma dos elementos. A segunda forma e sua respectiva característica genérica: Formato para a terra, viscosidade para a água, calor para o fogo, velocidade para o ar e onipresença para o akasha. As formas específicas para estas genéricas são o som e o restante." Ele dá uma tradução do aforismo 44 análoga a todas as outras, exceto a de Johnston, que é a seguinte:

"A mestria sobre os elementos, desde sanyama com referência ao não refinamento, caráter, sutileza, concomitância e utilidade."

1.Não refinamento, natureza grosseira.

O som e outros sentidos, a medida que se manifestam no plano físico. Devemos ter em mente que este plano é a soma grosseira de todos os outros. O espírito é matéria em seu ponto mais baixo.

2. Caráter, forma elementar.

A natureza das características específicas dos elementos.

3. Sutileza, ou qualidade.

A substância atômica básica de qualquer elemento. Aquilo que produz seus efeitos fenomênicos. É o que está por traz de toda a percepção sensorial e de todos os cinco sentidos. Uma outra palavra para esta forma "sutil" é tanmatra.

4. Concomitância ou difusibilidade.

Esta é a natureza completamente difusível de todo elemento; sua inerência. É a totalidade das três gunas, tamas rajas e sattva. Cada elemento, de acordo com sua posição

no esquema manifestado é caracterizado pela inércia, atividade ou ritmo. É inerente à substância. Apenas difere o ritmo vibratório. Há a correspondência a cada elemento, em cada plano.

5. Utilidade, ou propósito básico.

Esta é a correta utilização de cada elemento no grande trabalho da evolução. Literalmente, é o poder oculto em cada átomo de substância que o impulsiona (através de todos os reinos da natureza) a se autoexpressar e que o capacita a realizar seu trabalho no tempo e no espaço e a prosseguir até a frutificação final.

Quando, pela meditação concentrada sobre as cinco formas distintivas de todos os elementos, o conhecedor chega ao conhecimento de todas as suas qualidades, características e natureza, ele pode então cooperar inteligentemente no plano e se tornar um mago branco. Para a maioria, por enquanto, só nos é possível chegar a três das formas e este assunto é abordado no livro Luz no Caminho, nas seguintes palavras: "Pergunte à terra, ao ar e à água, que segredos guardam para você. O desenvolvimento de seu sentido interno capacitá-lo-á a fazer isto."

45. Através desta mestria obtêm-se a precisão e os outros siddhis (ou poderes), assim como a perfeição corporal e a libertação de todos os empecilhos.

No final de cada um destes três livros sobre Raja Ioga, há um aforismo resumindo os resultados e dando uma visão do que é possível ao aspirante inteligente e fiel. São eles os seguintes:

"E assim sua realização se estende do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, e do annu (o átomo ou partícula) ao átma (ou espírito) seu conhecimento é aperfeiçoado": (Livro I - Aforismo 40).

"Como resultado destes meios segue-se a completa subjugação dos órgãos sensoriais". (Livro II, Aforismo 55).

"Através desta mestria obtêm-se a precisão e os outros siddhis (ou poderes), assim como a perfeição corporal e a libertação de todos os empecilhos." (Livro II, Aforismo 45).

Vê-se daí que primeiro se obtém a visão e a conscientização interna de Deus; a seguir, a completa subjugação da natureza inferior e o controle dos sentidos e de seus órgãos, de modo a que a conscientização se torne um fato na experiência no plano físico, e vem então a manifestação desse controle pela demonstração de certos poderes.

Todo o livro quatro trata da grande consumação que nasce dos três resultados anteriormente mencionados, e que produzem:

1.A cessação de toda a tristeza e trabalho (aforismo 30)

2.A obtenção do conhecimento infinito (aforismo 31)

3.A entrada na eternidade (aforismo 33)

4.A volta da consciência ao seu centro (aforismo 34)

Em relação ao aforismo agora em consideração, os oito siddhis ou poderes psíquicos são frequentemente chamados as oito perfeições que, com os dois outros, formam os dez da perfeição no que diz respeito ao homem inferior. Estes poderes são:

1. **Exatidão... anima**. Este é o poder que o iogue possui e que lhe permite tornar-se tão pequeno como um átomo, de identificar-se com a menor parte do universo, sabendo

ser o ego naquele átomo uno com ele próprio. Isto é devido ao fato de que a anima mundi, ou a alma do mundo, se espalha universalmente por todos os aspectos da vida divina.

2. **Magnitude... mahina**. Este é o poder de expandir a consciência e assim penetrar tanto no todo maior como na parte menor.

3. **Gravidade... garima**. Diz respeito ao peso e à massa e trata da lei de gravidade, que é um aspecto da Lei de Atração.

4. **Leveza... laghima**. Este é o poder que subjaz ao fenômeno da levitação. É a capacidade do adepto em anular a força atrativa do planeta e deixar a terra. É o oposto ao terceiro siddhi.

5. **A conquista do objetivo... prapti**. É a capacidade do iogue de alcançar sua meta, de estender sua conscientização a qualquer localidade e de alcançar qualquer lugar que deseje. É evidente que isto tem aplicação em todos os planos nos três mundos, como o têm todos os siddhis.

6. **Vontade irresistível... prakamya**. Isto é algumas vezes descrito como soberania e é a força motora irresistível encontrada em todos os adeptos, que leva seus planos à frutificação, à obtenção de seus desejos e à completação de seus impulsos. Esta qualidade é a característica que distingue o mago negro do mago branco. Demonstra-se necessariamente com a maior força no plano dos três mundos que reflete o aspecto vontade da divindade, o plano mental. Todos os elementos obedecem a esta força de vontade quando usada pelo iogue.

7. **Poder criativo... isatva**. Isto diz respeito ao poder do adepto em lidar com os elementos em suas cinco formas e a produzir com eles realidades objetivas, criando, assim, no plano físico.

8. **O poder de comandar... vasitva**. O mago, a medida que controla as forças elementares da natureza, emprega este poder que é a base da mântra ioga, a ioga do som ou da palavra criativa. O poder criativo, o sétimo siddhi, diz respeito aos elementos e a sua vitalização, de modo a que eles se tornem “causas efetivas”; este siddhi, o oitavo, concerne ao poder da Palavra em dirigir as forças construtivas da natureza a uma atividade coerente, de modo a produzir as formas.

Quando estes oito poderes esta o agindo, então o nono, a perfeição corporal, é obtido, pois o adepto pode construir um veículo adaptado às suas necessidades, pode fazer com ele o que quiser e, por seu intermédio, atingir ao seu objetivo. Finalmente, o décimo poder será visto em plena manifestação e forma alguma causará empecilhos ou obstáculos à frutificação da vontade do ioque. Ele está livre da forma e de suas qualidades.

46. A simetria da forma, a beleza da cor, a força e a forma compacta do diamante constituem a perfeição corporal.

Embora muitos comentaristas deem a este aforismo uma interpretação puramente física, há um conceito muito mais amplo envolvido. Temos retratado nele, em termos cuidadosamente escolhidos (dos quais o inglês nada mais é que uma interpretação, faltando-lhe expressão para transmitir perfeitamente a ideia) a condição do terceiro aspecto, ou forma, pelo qual o segundo aspecto, ou Crístico está-se manifestando. Este terceiro aspecto é, ele mesmo, tríplice, mas apesar disto, forma um todo coerente e daí a utilização dos

quatro termos para expressar este eu pessoal inferior. O ocultista nunca se preocupa com o veiculo físico denso. Ele considera o corpo etérico como a forma verdadeira e o denso simplesmente como matéria empregada para encher a forma. O corpo etérico é a verdadeira forma substancial, o arcabouço, o andaime ao qual o corpo denso necessariamente se ajusta. Esta forma deve ser simétrica, ou construída realmente de acordo com as dimensões e o projeto, e sua característica básica é a exatidão geométrica de suas muitas unidades. O corpo emocional, ou astral, como é bem conhecido, distingue-se por seu colorido e, de acordo com o estágio de desenvolvimento, as cores são belas, claras e translúcidas, ou feias, escuras e embaçadas. O corpo astral do adepto é algo de radiante beleza e nele não se encontram as cores referentes às vibrações baixas. Então, o mais elevado aspecto do eu pessoal, o corpo mental, vibrará de acordo com o espírito, que é vontade, poder ou força - qualquer destas palavras é suficiente. Força, beleza e forma, reflexos do poder, do amor e da atividade - estas são as características do corpo de manifestação de qualquer filho de Deus que tenha entrado em seu reino. Então, o quarto aspecto transmite a ideia de unidade, a coerência dos três, de modo a que eles ajam como um todo, e não separada e independentemente. O homem é então os Três em Um e Um em Três, como é seu Pai nos Céus, pois é "feito conforme a imagem de Deus."

Os tradutores empregam duas palavras para transmitir a ideia de uma força coesiva, compacta, isto é, o diamante, e o raio. O ser humano que recebeu a mais alta das iniciações planetárias é chamado "a alma de diamante" - o homem que pode perfeitamente transmitir a pura luz branca e assim refletir igualmente todas as cores do arco-íris, as sete cores da escala cromática. Sua personalidade é aqui designada pelo mesmo termo, pois se tornou um transmissor da luz ou resplendor interno.

O termo "raio" é igualmente expressivo, transmitindo a ideia, como o faz, da força elétrica. Tudo o que podemos saber de sua energia como demonstrada em sua força e atividade, daí ser o mais elevado aspecto da divindade, chamado fogo elétrico na Doutrina Secreta.

47. A mestria sobre os sentidos é obtida através da meditação concentrada sobre sua natureza, seus atributos peculiares, egoismo, difusibilidade e propósito útil.

O aforismo 44 cuidou amplamente da objetividade e da natureza das cinco formas que todo elemento assume. Este aforismo aborda o que é subjetivo e o equipamento sutil através do qual se estabelece contacto com as formas e se as transforma em propósito específico. Estamos tratando aqui com os indriyas, ou sentidos, que são normalmente divididos pelos filósofos hindus em dez, em vez de cinco. Eles dividem os cinco sentidos em dois grupos, os que chamamos de órgãos sensoriais, tais como o olho, o nariz, etc., e a faculdade que permite ao olho ver e ao nariz sentir o aroma.

Ao considerar os sentidos, o estudante os estuda, portanto, em cinco conexões e isto também em relação às suas correspondências nos planos astral e mental. As cinco visões são as seguintes:

1. **Sua natureza**. Ele estuda cada sentido em sua condição dupla, a de instrumento externo e a capacidade interna deste instrumento em responder a certos impactos vibratórios. Ele sabe, por exemplo, por que o órgão do sentido chamado olho vibra aos

impactos que produzem a condição da visão, mas não responde aos que causam odor ou cheiro. Ele discrimina, portanto, entre os sentidos, e aprende assim a traçar um impulso vibratório até a sua fonte, ao longo de uma das cinco possíveis linhas de abordagem, e o faz com inteligência e não simplesmente às cegas.

2. **Seus atributos peculiares**. Ele estuda então a qualidade dos sentidos, pondo a ênfase não tanto sobre o sentido especificamente envolvido (isto foi tratado anteriormente) mas sim sobre o atributo peculiar deste sentido e daquilo a que dá a chave no macrocosmo.

3. **Egoismo**. Refere-se à faculdade do "Eu" que tão predominantemente distingue o ser humano e assim coloca em jogo o sexto sentido, a mente, como o intérprete e o sintetizador dos outros cinco sentidos. É a capacidade do ser humano de dizer: "eu vejo", "eu sinto cheiro" - uma coisa que o animal não pode fazer.

4. **Difusibilidade**. Todos os sentidos são capazes de infinita extensão e cada sentido, quando conscientemente seguido e utilizado, pode conduzir o homem em três direções principais:

a.Para o centro de todas as coisas, de volta ao coração de Deus,

b.a uma íntima comunicação com seu semelhante, permitindo-lhe contatá-lo, quando assim desejado,

c.para o contato com todas as formas..

Para o homem comum existe apenas o que ele pode ouvir, tocar, ver, degustar e cheirar, apenas cinco maneiras em que ele pode adquirir conhecimento. Há somente cinco respostas possíveis para ele, à medida que contata vibrações de qualquer tipo e em nosso sistema solar nada mais há que energia vibratória, Deus em movimento ativo. Estes cinco métodos o põem em relação com os cinco elementos e quanto isto é compreendido, as infinitas possibilidades abertas ao aspirante começam a aparecer. Posteriormente, abre-se, ao homem avançado, uma maior faixa de vibrações, quando ele pode empregar a própria mente, não só como a unificadora de todos os cinco sentidos, mas também como um sexto sentido. Este é o objetivo de toda a prática da Raja Ioga. Através da mente, conhece-se o reino da alma, exatamente como através dos sentidos, estabelece-se contato com o mundo objetivo.

5.**Propósito útil**. Quando se compreende a relação entre os cinco sentidos e os cinco elementos e se estuda e domina a Lei de Vibração, o adepto pode transformar em propósitos úteis todos os poderes de sua natureza. Ele pode não só entrar em comunicação com todas as partes de nosso sistema planetário, como também pode utilizar discriminatória e sabiamente todas as partes de sua própria natureza que são aliadas à - ou correspondências da - natureza de Deus, como mostrado no macrocosmo.

48. Como resultado desta perfeição, sobrevêm uma rapidez de ação como a da mente, a percepção independente dos órgãos e o domínio sobre a substância raiz.

Estivemos considerando os diversos resultados do processo de meditação quando levado até a perfeição e estamos agora atingindo um clímax. O vidente alcançava consumação do processo de alinhamento. Seu tríplice eu pessoal foi purificado, ajustado e controlado. Cada um dos três corpos está vibrando em sintonia com a nota do ego ou do eu

superior, o qual, por sua vez, está no processo de sincronização com a Mônada, ou eu divino, o espírito em seu próprio plano. O grande "Filho da Mente", o pensador nos mais elevados níveis do plano mental, é agora o fator dominante, e o resultado deste domínio é tríplice, cada efeito manifestando-se em todos os planos, mas primariamente em um outro plano. Estes resultados são:

1. **Ação rápida como a da mente**. A expressão "rápido como o pensamento" é frequentemente empregada quando se deseja exprimir a maior velocidade possível. No iogue, estes atos no plano físico são tão sincronizados com seus processos de pensamento, suas decisões são tão instantâneas e suas finalidades tão rapidamente atingidas que sua vida no plano físico é caracterizada pela mais surpreendente atividade e pelos mais incríveis resultados. Pode-se dizer dela, em certo grau, o que se diz do Criador: "Deus meditou, visualizou, falou e os mundos foram feitos".

2. **Percepção independente dos órgãos**. O adepto não depende dos órgãos sensoriais para adquirir conhecimento, nem depende do sexto sentido, a mente.

A intuição foi nele desenvolvida em um instrumento utilizável e a apreensão direta de todo o conhecimento, independente da faculdade de raciocínio ou mente racionalizadora, é seu privilégio e seu direito. Não é mais necessário empregar a mente para apreender a realidade e nem mais é necessário empregar os sentidos como meio de contacto. Ele empregará todos os seis, mas de maneira diferente. A mente será utilizada como um transmissor para o cérebro dos desejos, planos e propósitos do Mestre único, o Cristo interno; os cinco sentidos serão transmissores de diferentes tipos de energia para os objetivos escolhidos e abre-se aqui um vasto campo de estudo para o investigador interessado. O olho é um dos mais potentes transmissores de energia e foi este conhecimento que, nos dias antigos, deu margem à crença no "mau olhado". Há muito a ser descoberto em relação à visão, pois este estudo inclui não só a visão física, como o desenvolvimento do terceiro olho, a clarividência, a visão espiritual perfeita, e assim por diante, até o inconcebível mistério abrangido nos termos “o Olho que Tudo Vê" e “o Olho de Shiva".

As mãos são fatores potentes em todo o trabalho mágico de cura e o emprego do sentido do tato é uma ciência esotérica. A sublimação do sentido da audição e sua utilização para escutar a Voz do Silêncio, ou a música das esferas, é um departamento de ensino ocultista dos mais profundos e aqueles adeptos que se especializaram na ciência da visão e na ciência do som são alguns dos mais eruditos e avançados na Hierarquia.

Os outros sentidos também são passíveis de profundos desenvolvimentos, mas estão peculiarmente escondidos nos mistérios da iniciação e nada mais é possível dizer-se aqui sobre eles. Os três sentidos, da audição, tato e visão, são as três características das três raças humanas e dos três planos em nossos três mundos.

1.Audição	Lemuriana	Plano Físico	Ouvido	Resposta do som
2.Tato	Atlante	Plano Astral	Pelo	Resposta ao tato
3.Visão	Ariana	Corpo Mental	Olho	Resposta à visão

Este terceiro sentido afeta primordialmente a nossa raça e dai a palavra do profeta "Quando não há visão, o povo perece". O desenvolvimento da visão e a conquista da percepção espiritual são o grande objetivo de nossa raça, e o objetivo de todo o trabalho da Raja Ioga. Isto pode ser chamado de "iluminação" pelo místico ou de "visão pura" pelo ocultista, mas são uma e a mesma coisa.

Os dois outros sentidos estão ainda "velados"; sua verdadeira significação será revelada na sexta ou sétima raça, que sucederão à nossa, e, sua verdadeira relação é com os planos búdicos ou intuicional e átmico ou espiritual.

3. **Domínio sobre a substância raiz**. Esta substância raiz é a pradhana e é chamada algumas vezes de raiz de tudo substância primordial e matéria raiz. Rama Prasad, em sua tradução e comentário, tem as seguintes palavras: "0 domínio sobre Pradhana significa o poder de controle sobre todas as modificações de Prakriti Estas três consecuções... são conseguidas pela conquista da aparência substantiva dos cinco instrumentos de sensação."

É interessante notar que a obtenção destas três consecuções demonstram:

a) A falta de habilitação da matéria e da forma para conservar o iogue confinado.

b) A impossibilidade da substância em impedir que o iogue conheça qualquer aspecto da manifestação que ele deseje conhecer.

c) A inutilidade da matéria em tentar resistir à vontade do iogue.

Estes três fatores explicam como o adepto pode criar à vontade e sua libertação de todas as limitações da matéria forma a base de toda a magia branca.

Pode-se notar aqui, em conclusão, que esta capacidade é em si mesma, relativa, pois o adepto está livre de limitações nos três mundos dos empreendimentos humanos. O Mestre tem liberdade perfeita de ação nos três planos e, além disso, no reino búdico enquanto que o Cristo e aqueles com iniciação idêntica têm liberdade nos cinco mundos da evolução humana.

49. O homem que pode discriminar entre a alma e o espírito conquista a supremacia sobre todas as condições e se torna oniciente.

A condição do homem que pode fazer isto foi bem descrita no comentário de Charles Johnston sobre este aforismo e a beleza de seu pensamento será vista pelo estudo de suas palavras, que se seguem:

"O homem espiritual está envolvido na teia das emoções; desejo, medo, ambição; e bloqueado pelas formas mentais da separatividade e materialismo. Quando estas malhas se desfazem, quando estes obstáculos são completamente vencidos, então o homem espiritual se adianta em seu próprio e vasto mundo, forte, poderoso e sábio. Ele emprega poderes divinos, com escopo e energia divinos trabalhando conjuntamente com Companheiros divinos. A alguém assim, diz-se: "Tu és agora um discípulo capaz de ficar de pé, capaz de ouvir, capaz de ver, capaz de falar, tu conquistaste o desejo e obtiveste o autoconhecimento, tu viste tua alma em seu florescer e reconheceste e escutaste a voz do silêncio."

A maravilhosa síntese do ensinamento é mais aparente neste aforismo que em qualquer outro, pois o ponto alcançado aqui é de uma ordem mais elevada do que o referido no aforismo 45, Livro II, e fica em posição intermediária entre a condição ali citada

e a mencionada no Livro IV, Aforismos 30 e 34.

No Livro I, Aforismo 4, encontramos o homem verdadeiro envolto nas malhas da natureza psíquica e a luz nele velada e oculta. Aprendendo a discriminar entre o eu verdadeiro e o eu pessoal inferior, ele se desenreda, a luz que está nele é vista e ele é libertado. Tendo conquistado a libertação, desenvolvido os poderes da alma e atingido a mestria, abre-se perante ele uma experiência e realização ainda maior e mais vasta. Ele pode começar a expandir sua consciência do planetário para o solar, e a consciência grupal pode ser desenvolvida até a consciência de Deus. O primeiro passo para isto é indicado no aforismo que estamos agora considerando, mas é indicado e abordado com maior detalhe no final do livro. As regras para esta expansão não são dadas, pois dizem respeito ao desenvolvimento de um Mestre, e ao desenvolvimento do Cristo naquele estado de ser mais elevado que lhe é possível, mas o quarto livro toca apenas nos estágios preparatórios e sugere outras possibilidades. Toca-se aqui no primeiro requisito básico, a discriminação, entre a alma, o Cristo interno, e o aspecto do espírito ou do Pai. A atividade inteligente foi demonstrada, baseada no desenvolvimento da natureza amor. Agora pode-se, com segurança, desenvolver o aspecto espírito ou vontade e entregar o poder nas mãos do Cristo.

Três termos são adequados para lançar luz sobre este processo de desenvolvimento.

A primeira grande realização que o aspirante tem que conquistar e a da onipresença; ele tem que conscientizar sua unidade com tudo e a unidade de sua alma com todas as outras almas. Ele tem.que encontrar Deus em seu próprio coração e em toda forma de vida. A seguir, como iniciado, ele chega à onisciência ou ao conhecimento total, e as Câmaras de Aprendizado e de Sabedoria lhe revelam seus segredos. Ele se torna um Cristo, um conhecedor de todas as coisas, conhecendo o que está no coração do Pai e nos corações dos homens. Finalmente, ele poderá conquistar a onipotência ou o poder total, quando as chaves do Céu serão entregues ao Filho do Homem e todo o poder será seu.

50. Por uma atitude desapaixonada em relação a esta consecução e em relação a todos os poderes da alma, aquele que está livre das sementes da escravidão atinge a condição de unidade isolada.

A unidade isolada aqui mencionada é a da completa separação de todos os aspectos da forma e da conquista da Unidade espiritual. É uma atitude de distanciamento da consciência material e uma Vida na consciência espiritual. É a harmonia com o espírito e a desarmonia com a matéria. Envolve a identificação com o Pai nos Céus e uma verdadeira compreensão da palavra do Mestre de Todos os Mestres, "Eu e Meu Pai somos Um."

Foi estabelecido um correto sentido de valores e os poderes que foram desenvolvidos e as percepções que foram obtidas são encarados como tendo em si as "sementes de escravidão" e portanto o verdadeiro iogue não se preocupa consigo mesmo. Pela vontade e no serviço ele perceberá o que é necessário; pela vontade e no serviço ele empregará os poderes ocultos, mas ele mesmo permanecera desapegado e livre de todas as limitações cármicas.

51. Deve haver completa rejeição de todas as atrações de todas as formas de ser,

mesmo a celestial, pois a ocorrência de contatos malévolos permanece possível.

A tradução de Rama Prasad é muito esclarecedora e deve ser citada. É a seguinte:

"Quando as deidades que estão presidindo convidam, não deve haver apego e nenhum sorriso de satisfação, pois o contato com o indesejável e novamente possível."

A interpretação de Dvivedi dá ainda um outro ângulo:

"Não deve haver prazer ou orgulho pelos convites feitos pelas potências dos diversos lugares, pois há a possibilidade de repetição do mal."

O iogue ou discípulo atingiu o seu objetivo. Ele se libertou (pelo desapego e pela discriminação) das rédeas da forma e permanece solto e livre. Mas deve-se manter precavido pois "Aquele que pensa que está de pé, que tome cuidado, pois pode cair". A vida da forma sempre atrai, e as atrações da grande ilusão estão sempre presentes. A alma emancipada deve dirigir seus olhos para longe do convite das "deidades que estão presidindo" (as vidas que nos três mundos formam a totalidade da vida do plano) e fixá-los nos aspectos mais espirituais que constituem a vida do próprio Deus.

Verifica-se que até mesmo o próprio reino da alma e a "Voz dos Deuses", como é chamado, têm latentes as sementes do apego; assim, voltando as costas para tudo que ganhou e deixando para traz todo pensamento das perfeições alcançadas e dos poderes desenvolvidos, o Filho de Deus, o Cristo em manifestação, novamente se esforça para atingir uma meta ainda mais elevada. Em cada estágio do caminho, escuta-se o aviso: "Esquece as coisas que ficaram para traz, continua para a frente." Phil. IV), e cada nova iniciação apenas assinala o início de um novo ciclo de esforços.

Os comentadores sobre este aforismo indicam que há quatro classes de chelas ou discípulos. São elas:

1. Aqueles nos quais a luz está começando a alumiar. São chamados de "observadores da prática" e são aqueles que estão acabando de entrar no Caminho. São os probacionários, os aspirantes.

2. Aqueles em quem a intuição está despertando e que demonstram um correspondente desenvolvimento do poder psíquico. Este é um estágio muito perigoso, pois estes discípulos podem ser seduzidos pelas possibilidades de poder que lhes são abertas pela posse da faculdade psíquica. Podem ser iludidos e considerarem que este poder psíquico é uma indicação de crescimento espiritual e de desenvolvimento. Este não é o caso.

3. Os discípulos que sobrepujam todas as atrações sensoriais e que não podem ser iludidos pelo aspecto-forma nos três mundos. Eles conquistaram os sentidos e são vitoriosos sobre a natureza da forma.

4. Os que ultrapassaram todos os anteriores e que permanecem firmes na verdadeira consciência espiritual. Estes são os iluminados, que progrediram através dos sete estágios de iluminação. Ver Livro II, Aforismo 27.

Se o estudante estudar agora o Livro III, Aforismo 26 e o comentário sobre o mesmo, obterá uma ideia sobre a natureza destes mundos da forma e das entidades que os presidem, cujas vozes procuram atrair o aspirante para fora do caminho, para o reino da ilusão. Ele verá também que será interessante contrastar e comparar as quatro primeiras classes de espírito ali enumerados com estes quatro tipos de discípulos. Nos três mundos

tudo é um reflexo do que é encontrado nos reinos celestes e muito se poderá lucrar pela compreensão do grande aforismo Hermético: "Como em cima assim é em baixo." Este reflexo é o que constitui o mal; o aspecto inverso da realidade forma a grande ilusão e com esta os filhos de Deus nada têm a ver. É mal no que lhes diz respeito, mas em nenhum outro sentido. As formas de vida nestes mundos e as vidas que as animam são boas e corretas em si mesmo e estão percorrendo seu próprio caminho evolutivo, mas seu objetivo imediato e seu estado de consciência não é sincronizado com o do discípulo em evolução e portanto não deve haver intercâmbio com eles.

52. O conhecimento intuitivo é desenvolvido através do emprego da faculdade discriminativa quando há concentração dirigida sobre os momentos e sua contínua sucessão.

Foi dito que uma compreensão perfeita sobre a Lei dos Ciclos levará o homem a uma iniciação de alto grau. Esta Lei da Periodicidade subjaz a todos os processos da natureza e seu estudo levaria o homem para fora do mundo dos efeitos objetivos, para o mundo das causas subjetivas. Foi dito também que o próprio tempo é simplesmente a sucessão de estados de consciência e isto é verdadeiro para um átomo, para um homem e para um Deus. É esta verdade que está por traz de todos os grandes sistemas da ciência mental e da Ciência Cristã no ocidente, e de muitas das filosofias orientais. Este aforismo dá a chave para a relação entre matéria e mente, ou entre a substância e a alma que modela, e pode-se verificar isto quando se considera as palavras de um comentarista hindu. Diz ele:

> "Assim. como um átomo é uma substância em que o diminuto alcança seu limite, também o momento é uma divisão de tempo que atingiu seu limite mínimo. Ou o momento é aquela porção de tempo que o átomo leva para deixar a posição que ocupa no espaço e ocupar a próxima. A sucessão de momentos é a não-cessação do brilho resultante."

Quando podemos conscientizar que um átomo e um momento são uma e a mesma coisa, e que por traz disto está o Realizador ou o Conhecedor de ambos, temos a chave para todos os estados da própria consciência e para a natureza da energia. Teremos também alcançado uma verdadeira compreensão do Eterno Agora e um correto entendimento da significação do passado, do presente e do futuro. Isto, dizemos, pode ser obtido pela meditação dirigida sobre o tempo e suas unidades.

Pode ser apropriado aqui indicar que as várias espécies de concentração tratadas neste terceiro livro não são aplicáveis ou apropriadas a todos os tipos de aspirantes. Verifica-se que há sete tipos principais de homens, com características e natureza diferentes e com qualidades definidas que os predispõem a certos aspectos definidos do Caminho de Regresso. Certos tipos, com inclinação matemática e com uma tendência para a geometria divina e para conceitos de tempo de espaço, seguirão com sabedoria o método para desenvolver o conhecimento intuitivo tratado neste aforismo; outros acharão este caminho muito difícil e sabiamente procurarão outras formas de meditação concentrada.

53. Deste conhecimento intuitivo nasce a capacidade de distinguir (entre todos os seres) e de identificar seu gênero, qualidades e posição no espaço.

Pode-se facilitar um pouco a compreensão deste aforismo se dermos uma interpretação livre.

"Pelo desenvolvimento da intuição obter-se-á um conhecimento exato das fontes da vida manifestada, de suas características ou qualidades e de sua posição no todo."

Em todos estes Aforismos de Ioga foi evidenciado que as triplicidades divinas encontradas em todas as partes e que toda forma animando uma vida (e não há outra coisa em manifestação) deve ser conhecida como:

1. **Vida**. A vida de Deus emana de sua fonte em sete raios, emanações ou "sopros", e cada forma no mundo objetivo é a expressão de uma vida, tal como insuflada em uma ou outra destas correntes. O desenvolvimento da intuição capacita o vidente a conhecer a natureza do átomo de vida. Isto é inferido da palavra "gênero". O ocultista moderno pode preferir a palavra "raio" e o cristão, "pnêuma" ou espírito, mas o pensamento é o mesmo.

2. **Consciência** ou alma. Todas estas formas viventes de vida divina são conscientes, embora todos os estados de consciência não sejam os mesmos e vão desde a vida do átomo de substância, tão limitado e circunscrito como possa ser, até a de um Logos solar. O estado da resposta consciente de todas as formas a seu meio-ambiente, exotérico e não visto, produz as diversas características, além da distinção produzida pelo:

a. Raio,
b. Plano de manifestação,
c. Ritmo vibratório,
d. Ponto de desenvolvimento,

e estas características formam a qualidade mencionada neste aforismo. Este é o aspecto subjetivo, em contraposição ao objetivo e ao essencial.

3. **Forma ou corpo**. Este é o aspecto exotérico, o que emerge do subjetivo como resultado da demanda espiritual. A posição no espaço é a parte do corpo do Homem Celestial em que qualquer átomo ou forma tem sua localização. Deve ser lembrado agora que, de acordo com o estudante ocultista "o espaço é uma entidade" (Doutrina Secreta I. 583), e esta entidade é uma e a mesma que o Cristo cósmico, o "corpo do Cristo" mencionado por São Paulo em I.Cor. XII.

Neste aforismo, portanto, torna-se claro que o iogue libertado que desenvolveu a intuição pode conhecer todas as coisas sobre todas as formas de vida, e isto implica um conhecimento de:

1.Gênero	2.Qualidade	3.Posição no espaço
Raio	Caráter	Lugar no corpo do Homem e Celestial
Espírito	Alma	Corpo
Aspecto vida	Consciência	Forma
Essência	Natureza subjetiva	Forma objetiva

A este conhecedor podemos aplicar as palavras de um instrutor cujos trabalhos se encontram nos arquivos da Loja:

> "Para ele, que está diante da Centelha, a chama e a fumaça são igualmente visíveis.

Para ele, a sombra vela o reflexo e ainda assim a luz é vista.

Para ele, o tangível apenas demonstra o intangível e ambos revelam o espírito, enquanto que a forma, a cor e o número dizem alto a palavra de Deus."

54. Este conhecimento intuitivo, que é o grande libertador, é onipresente e onisciente e inclui o passado, o presente e o futuro no Eterno Agora.

A única parte deste aforismo que não é clara mesmo para o leitor superficial é o significado das palavras Eterno Agora, e não se pode compreendê-las até que a consciência da alma seja desenvolvida. Dizer que o tempo é uma sucessão de estados de consciência e que o presente se perde instantaneamente no passado e que se mistura com o futuro à medida que é experimentado, de pouco adianta ao estudante comum. Dizer que há um tempo em que a vista é perdida na visão, quando a totalidade das antecipações da vida é conscientizada num momento de realização e que isto persiste para sempre, e indicar um estado de consciência em que não há sequencia de eventos e nem sucessão de conscientizações é falar em uma linguagem de mistério. Não obstante, isto assim é e será. Quando o aspirante houver alcançado a sua meta ele saberá a verdadeira significação de sua imortalidade e a verdadeira natureza de sua libertação.

Para ele, espaço e tempo se transformam em termos sem sentido. Verifica-se que a única Realidade verdadeira é a grande força central da vida, que permanece imutável e inamovível no centro das formas temporais, evanescentes e mutáveis.

"Eu Sou", diz a unidade humana e encara-se como o ego e se identifica com a forma mutável. Tempo e espaço são para ele as verdadeiras realidades. "Eu sou Aquele", diz o aspirante e procura conhecer-se como realmente é, uma palavra vivente, parte de uma frase cósmica. Para ele o espaço não mais existe; ele sabe que é onipresente. "Eu Sou Aquele Eu Sou", diz a alma libertada, o homem liberto, o Cristo. Nem tempo, nem espaço existem para ele e a onipresença e a onisciência são suas qualidades distintivas.

Em seu comentário sobre este aforismo, Charles Johnston cita S. Columba e diz:

"Há alguns, embora muito poucos, a quem a graça divina concedeu isto: que eles possam ver, e muito distintamente, em um único e mesmo momento, como se estivessem embaixo de um mesmo raio de sol, até mesmo toda a circunferência de todo o mundo com seus oceanos e céu, estando a parte mais interna de suas mentes maravilhosamente aumentada."

Pode ser útil também citar aqui o breve comentário de Dvivedi, pois é bem colocado, e o estado de consciência a que se chega é concisamente resumido:

"No aforismo XXXIII desta seção já descrevemos a natureza do taroka-jnana - o conhecimento que liberta dos lados do mundo. O conhecimento discriminativo aqui descrito traz como resultado taraka, o conhecimento que é a finalidade e o objetivo da ioga. Diz respeito a todos os objetos do pradhana (espírito-matéria - A.B.), aos bhutas (elementos, formas - A.B.) como também a todas as condições destes objetos. Ainda mais, produz conhecimento de todas as coisas simultaneamente, e é completamente independente das regras comuns de conhecimento. Da í ser o conhecimento mais elevado que um iogue pode desejar e é um índice seguro de Kaivalya (estado de unidade absoluta - A.B.) a ser descrito no aforismo que se segue, como dele resultante.

55. Quando as formas objetivas e a alma alcançam uma condição de igual pureza, a Unidade é conquistada e se alcança a libertação.

Aquilo que vela a luz da alma foi purificado, e assim a luz de Deus jorra. Aquilo que provou ser um empecilho e um obstáculo à completa expressão da divindade em manifestação foi tratado de tal modo que agora serve como uma expressão adequada e um meio de serviço. A alma pode agora agir livre e inteligentemente nos três mundos porque foi alcançada a completa unidade entre o homem superior e o inferior.

A alma e seus veículos formam uma unidade e são um; foi alcançado o completo alinhamento dos corpos e o Filho de Deus pode agir livremente na terra. Foi assim alcançado o grande objetivo e seguindo os oito meios da ioga a alma pode-se manifestar através do tríplice homem inferior, e formar por sua vez um meio de expressão para o espírito. A matéria foi levada a um estado no qual sua vibração pode ser sincronizada com a da alma e o resultado é que - pela primeira vez - o espírito pode fazer sentida sua presença, pois "a matéria é o veículo de expressão da alma neste plano de experiência e a alma é o veículo para a manifestação do espírito numa volta mais elevada da espiral. Estes três são uma trindade sintetizada pela vida que permeia todos eles". Para o homem que conseguiu isto não mais há renascimento. Ele está livre e libertado e pode afirmar em plena realização consciente a significação das palavras:

"Minha vida (a vida física inferior) está oculta com Cristo (a vida da alma) em Deus (o espírito). Col. III.3.).

LIVRO IV
ILUMINAÇÃO

a)Consciência e forma
b)União ou Unificação
Tópico: Unidade isolada

OS AFORISMOS DE IOGA DE PATÂNJALI

1. Os siddhis (ou poderes) superiores e inferiores são alcançados pela encarnação, ou por drogas, palavras de poder, desejo intenso ou pela meditação.

2. A transferência da consciência de um veículo inferior para um superior é parte do grande processo evolutivo e criativo.

3. As práticas e os métodos não são a verdadeira causa da transferência da consciência, mas servem para remover os obstáculos, da mesma maneira como o fazendeiro prepara o seu solo para semear.

4. A consciência "Eu Sou" é responsável pela criação de órgãos através dos quais se goza o sentimento de individualidade.

5.A consciência é una; contudo, produz as variadas formas dos muitos.

6.Entre as formas que a consciência assume, apenas a que é resultante da meditação está livre do carma latente.

7. As atividades da alma libertada estão livres dos pares de opostos. As das outras pessoas são de três tipos.

8. Destes três tipos de carma emergem as formas que são necessárias à frutificação dos efeitos.

9. Há identidade de relação entre a memória e a causa produtora do eleito, mesmo quando separadas por espécies, tempo e local.

10. Sendo eterno o desejo de viver, estas formas criadas pela mente não têm começo.

11. Tais formas, sendo criadas e mantidas unidas pelo desejo, a causa básica, a personalidade, o resultado - a vitalidade mental ou a vontade de viver, e o suporte da vida ou objeto que se expressam, quando estes deixam de atrair, então as formas igualmente cessam de existir.

12. O passado e o presente existem na realidade. A forma assumida no conceito de tempo do presente é o resultado das características desenvolvidas e guarda latentes em si as sementes da qualidade futura.

13. As características, quer latentes, quer potentes, participam da natureza das três gunas (as três qualidades da matéria).

14. A manifestação da forma objetiva é devida à unidirecionalidade da causa produtora do efeito (a unificação das modificações da chitta, ou substância mental).

15. Estas duas, consciência e forma, são distintas e separadas; embora as formas possam ser semelhantes, a consciência pode atuar em diferentes níveis do ser.

16. As múltiplas modificações da mente única produzem as diversas formas que, para existirem, dependem dos muitos impulsos dessas mentes.

17. Estas formas são conhecidas ou não, de acordo com as qualidades latentes na consciência percebedora.

18. O Senhor da mente, o percebedor, está sempre consciente da substância mental constantemente ativa, a causa produtora do efeito.

19.Por poder ser vista ou percebida, é óbvio que a mente não é a fonte de iluminação.

20.Tampouco pode conhecer dois objetos simultaneamente, a si própria e àquilo que lhe é exterior.

21. Se o conhecimento da mente (chitta) por uma mente mais remota for postulado, deve-se inferir a existência de um número infinito de conhecedores e a sequencia das reações da memória tenderia para uma confusão infinita.

22. Quando a inteligência espiritual que fica só e livre dos objetos se reflete na substância mental, tem-se então a consciência do Eu.

23. Então a substância mental, refletindo tanto o conhecedor como o que pode ser conhecido, se torna onisciente.

24. Também a substância mental, refletindo como o faz, uma infinidade de impressões da mente, torna-se um instrumento do Eu e age como um agente unificador.

25. O estado de unidade isolada (recolhido à verdadeira natureza do Eu) é a recompensa do homem que pode discriminar entre a substância mental e o Eu, ou o homem espiritual.

26. A mente tende então para a discriminação e crescente iluminação quanto à verdadeira natureza do Eu único.

27. Pela força do hábito, contudo, a mente refletirá outras impressões mentais e perceberá objetos de percepção sensorial.

28. Estes reflexos têm a natureza de empecilhos e o método de se os sobrepujar é o mesmo.

29. O homem que desenvolve o desapego mesmo em sua aspiração à iluminação e à unidade isolada, se torna finalmente consciente, pela prática da discriminação, da nuvem de conhecimento espiritual que o encobre.

30.Quando se atinge este estágio, então os empecilhos e o carma são sobrepujados.

31.Quando, pela remoção dos empecilhos e pela purificação dos invólucro, a totalidade do conhecimento se torna disponível, nada mais resta ao homem para fazer.

32. As modificações da substância mental (ou qualidades da matéria) através da natureza inerente das três gunas atingem a um final, pois serviram ao seu propósito.

33. O tempo, que é a sequencia das modificações da mente, também termina, dando lugar ao Eterno Agora.

34. O estado de unidade isolada se torna possível quando as três qualidades da matéria (as três gunas ou potências da natureza) não mais exercem nenhum controle sobre o Eu. A consciência espiritual pura se recolhe ao Uno.

1. Os siddhis (ou poderes) superiores e inferiores são alcançados pela encarnação, ou por drogas, palavras de poder, desejo intenso ou pela meditação.

Chegamos agora ao quarto livro, no qual os poderes e os resultados obtidos pela prática da Raja Ioga são levados adiante até a realização grupal e se vê que eles produzem a consciência universal e não apenas a autoconsciência. Parece ser parte da sabedoria protestar aqui contra o emprego das palavras "consciência cósmica" por não serem verdadeiras e darem uma ideia falsa, pois mesmo o mais elevado adepto (prestem bastante atenção a este termo) só é agraciado com a consciência solar e não tem contacto com o que está fora de nosso sistema solar. Os Logos planetários (os sete Espíritos ante o Tronco), e os Senhores do Carma (as "quatro rodas" de Ezequiel) têm uma conscientização que ultrapassa nosso sistema solar. Existências menores podem pressenti-la como uma probabilidade mas ainda não é parte de sua experiência.

Os poderes obtidos se enquadram em dois grupos principais chamados:

a.Poderes psíquicos inferiores, os siddhis inferiores,

b.Poderes espirituais, ou siddhis superiores.

Os poderes inferiores são resultantes de estar a consciência da alma animal humana em relação com a anima mundi ou a alma do mundo, o lado subjetivo de todas as formas nos três mundos, de todos os corpos nos quatro reinos da natureza. Os poderes superiores são o resultado do desenvolvimento da consciência grupal, do segundo aspecto da divindade. Eles não somente incluem os poderes inferiores, mas também o homem em relação com aquelas existências e formas de vida que são encontradas nos reinos espirituais, ou, como diria o ocultista, naqueles dois planos que estão além dos três mundos, e que abrangem toda a escala da evolução, humana e supra-humana.

A meta do verdadeiro aspirante é o desabrochar destes poderes superiores que podem ser cobertos pelos termos conhecimento direto, percepção intuitiva, percepção espiritual, visão pura, a obtenção da sabedoria. Eles são diferentes dos poderes inferiores, pois os abolem. Estes últimos são descritos com precisão no Livro III, Aforismo 37:

"Estes poderes são obstáculos à mais alta realização espiritual, mas servem como poderes mágicos nos mundos objetivos", .

Estes poderes superiores são inclusivos e distinguem-se por sua precisão e infalibilidade quando empregados corretamente. Seu funcionamento é tão instantâneo como um lampejo da luz. Os poderes inferiores são falíveis, o elemento tempo está presente em seu sentido sequencial e eles são limitados em seu funcionamento. Eles formam parte da grande ilusão e constituem uma limitação para o verdadeiro aspirante.

No aforismo que estamos considerando são dados cinco meios pelos quais se desenvolvem os poderes psíquicos e é interessante notar que temos nestas palavras um exemplo do fato de que os Aforismos da Ioga podem ainda ser o manual de ensinamento e de estudo de aspirantes mesmo tão avançados como os Mestres de Sabedoria. Estes cinco métodos podem ser aplicados nos cinco planos da evolução humana, que incluem os dois planos mais elevados onde operam os iniciados nos Mistérios.

1.Encarnação O método do plano físico.

2.Drogas	A libertação da consciência astral.
3.Palavras de Poder	Criação pela palavra, ou método do plano mental.
4. Desejo intenso	A sublimação da aspiração ou o método do plano búdico, a esfera do amor espiritual.
5. Meditação	O método do plano átmico, a esfera da vontade espiritual.

Pode-se notar, nesta enumeração, que assim como o intenso desejo de tipo espiritual é uma sublimação do desejo astral ou emocional, a meditação, tal como praticada pelos iniciados é a sublimação de todos os processos mentais. Assim, os dois últimos dados como resultando no desabrochar dos siddhis são os únicos praticados pelos iniciados, sendo a síntese e a sublimação das realizações alcançadas nos planos astral e mental.

Pode-se assim observar que (para o que procura a verdade) a encarnação, o desejo intenso e a meditação são os três métodos permitidos, e os únicos que devem ser praticados; drogas, palavras de poder e encantações mântricas são as ferramentas dos magos negros e dizem respeito aos poderes inferiores.

Pode-se aqui indagar se não é verdade que as palavras de poder e o emprego de incenso são parte das cerimônias de iniciação e, portanto, empregadas pelos iniciados e aspirantes. Certamente que sim, mas não no mesmo sentido aqui referido, ou seja, com a finalidade de desenvolver poderes psíquicos. Os Mestres e seus discípulos empregam palavras de poder para lidarem com existências não humanas, para invocar o auxílio dos anjos e para manipular as forças construtivas da natureza, e empregam ervas e incensos para purificar as condições reinantes, eliminar as entidades indesejáveis e tornar assim possível aos que estão mais elevados na escala da evolução, fazerem sua presença sentida. Isto é, contudo, muito diferente de sua utilização para se obter poderes psíquicos.

É interessante notar aqui que a primeira causa que provoca o desenvolvimento dos poderes da alma, quer superiores ou inferiores, é a grande roda dos renascimentos. Isto deve sempre ser levado em consideração. Nem todos estão ainda no estágio em que lhes seja possível desenvolver os poderes da alma. Em muitos, o aspecto alma está ainda adormecido porque ainda não passaram por toda a experiência e desenvolvimento da natureza inferior.

Os quarenta anos de peregrinação pelas regiões selvagens carregando o Tabernáculo e a conquista de Canã tiveram que preceder o governo dos reis e a construção do Templo de Salomão. Deve-se passar por diversas vidas antes que o corpo, ou o aspecto Materno, seja tão aperfeiçoado que o Cristo Menino possa se formar dentro do veículo preparado. Deve também ser lembrado que a possessão dos poderes psíquicos inferiores é, em muitos casos, um sintoma de um baixo estágio evolutivo e da íntima associação de seu possuidor com a natureza animal. Isto tem que ser ultrapassado antes que os poderes superiores possam chegar à floração.

É desnecessário dizer que o uso do álcool e de drogas pode libertar e liberta a consciência astral, como também o faz a prática da magia sexual, mas isto é puro e simples astralismo, com o qual o verdadeiro estudante de Raja Ioga nada tem a ver. É parte do

desenvolvimento no Caminho da esquerda. A obtenção dos poderes da alma pelo desejo intenso (ou aspiração fervorosa) e pela meditação foi tratada nos outros livros e não é necessário ampliá-la aqui.

2. A transferência da consciência de um veículo inferior para um superior é parte do grande processo evolutivo e criativo.

Esta é uma tradução muito livre mas transmite uma clara interpretação da verdade a ser apreendida. A evolução da consciência e o efeito desta evolução sobre os veículos em que a entidade consciente funciona, são a soma total dos processos da natureza e, do ponto de vista da unidade humana inteligente, três palavras abrangem o processo e o resultado. Estas três palavras são: transferência, transmutação e transformação.

Uma das leis básicas do desenvolvimento oculto e do desabrochar espiritual é dada nas palavras: "Como um homem pensa, assim ele é", e a elas pode-se associar o truísmo oriental:"A energia segue o pensamento", como explicação. À medida que o homem muda seus desejos, ele muda a si próprio; à medida que transfere sua consciência de um objetivo para outro, também ele se altera e isto é verdadeiro em todos os reinos e estados, superior e inferior.

O efeito da transferência de nosso estado de pensamento consciente, de um objetivo baixo para um mais elevado, produz um fluxo de energia de uma qualidade vibratória equivalente ao objetivo mais elevado. Isto produz uma mudança ou mutação nos invólucro da entidade pensante e eles são transmutados e levados a uma condição em que são adequados ao pensamento ou desejo do homem. Levados à sua conclusão produz-se a transformação, e as palavras de São Paulo se tornam claras: "Sê tu então transformado pela renovação de tua mente."

Mude sua linha de pensamento e você mudará sua natureza.

Deseje o que é verdadeiro e correto, puro e sagrado, e sua consciência destas coisas criará, a partir do veiculo velho, um novo veículo ou um novo homem, um "instrumento destinado ao uso".

Esta transferência, transmutação e transformação final são devidas a um dos dois métodos:

1. Um método lento, o das repetidas vidas, experiências e encarnações físicas até que finalmente a força motriz do processo evolutivo leve o homem, estágio por estágio, a subir a grande escada da evolução.

2 Um processo mais rápido, no qual através de um sistema como o delineado por Patânjali e ensinado por todos os guardiões dos mistérios da religião, o homem se controla decididamente seguindo as regras e leis estabelecidas, e por seu próprio esforço, consegue atingir um estado de desenvolvimento espiritual. Pode-se mencionar aqui que estes processos levam o homem a iniciação chamada Transfiguração.

3. As práticas e os métodos não são a verdadeira causa da transferência da consciência, mas servem para remover os obstáculos, da mesma maneira como o fazendeiro prepara o seu solo para semear.

Este é um dos aforismos mais simples e claros e requer poucos comentários.

As práticas mencionadas referem-se primariamente:

1. Aos meios para remover os obstáculos .(ver Livro I Aforismos 29 e 39). Já nos foi dito que isto e conseguido por:

a)Contínua aplicação a um princípio

b)Compreensão para com todos os seres

c)Regulação do prana ou alento Vital

d)Firmeza da mente

e)Meditação sobre a luz.

f)Purificação da natureza inferior

g)Compreensão do estado de sonho

h)O caminho da devoção.

2. Ao modo de eliminação das obstruções (ver Livro II, Aforismos 2 a 33). Estas obstruções são eliminadas.

a)por uma atitude mental de oposição,

b)pela Meditação,

c)pelo cultivo do pensamento correto.

Eles dizem respeito mais especificamente à preparação da vida para o verdadeiro adestramento na prática da ioga, e quando praticada levam toda a natureza inferior a uma condição tal que os modo; mais drásticos produzem rápidos resultados.

Os métodos aqui mencionados são os oito meios a ioga, ou união enumerados como se segue: os mandamentos, as regras, a postura ou atitude, o correto controle da força Vital, a abstração, a atenção, a meditação e a contemplação (ver Livro II, aforismos 29 a 54, e Livro III, aforismos 1 a 12).

Pode-se notar, portanto, que poderíamos nos referir às práticas mais específicas para o estágio de vida do aspirante, no qual ele está no Caminho probatório, o caminho de purificação, enquanto que os métodos se referem aos estágios finais daquele caminho e ao caminho do discipulado. Quando as práticas e os métodos são seguidos, isto provoca certas mudanças nas formas ocupadas pelo homem real ou espiritual, mas não são a principal causa da transferência de sua consciência para o aspecto alma, para longe do aspecto corpo. Esta grande mudança é o resultado de certas causas, estranhas a natureza do corpo, tais como a origem divina do homem o fato do Cristo ou a consciência da alma ser encontrado latente dentro destas formas, e o impulso do processo evolutivo que leva a vida de Deus em todas as formas sempre para diante, a uma expressão mais plena. Deve ser lembrado que à medida que a Vida una em que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, se desloca em busca de maiores conquistas, assim também as células e átomos de Seu corpo são, de modo análogo, influenciadas, estimuladas e desenvolvidas.

4. A consciência "Eu Sou" é responsável pela criação de órgãos através dos quais se goza o sentimento de individualidade.

Temos aqui a chave da própria manifestação e o motivo de todas as aparências. Na medida em que a consciência de qualquer entidade (solar, planetária ou humana) se orientar para o exterior, no sentido dos objetos do desejo, para uma existência no plano

das sensações, para uma experiência individual e para uma vida de percepção sensorial e de prazer, na mesma medida serão criados os veículos ou órgãos pelos quais possa o desejo ser gratificado, a existência material apreciada e os objetos percebidos. Esta é a grande ilusão pela qual a consciência fica fascinada, e enquanto este fascínio exercer qualquer poder, a Lei do Renascimento trará novamente à manifestação no plano da materialidade esta consciência orientada para o exterior. É a vontade de ser e o desejo pela existência. que trazem à luz tanto o Cristo cósmico, atuando no plano material através do sistema solar, como o Cristo individual atuando através da forma humana.

Nos estados iniciais, a consciência "Eu sou" cria formas de matéria inadequadas à completa expressão dos poderes divinos. A medida que a evolução prossegue, estas formas se tornam cada vez mais adequadas, até que sejam criados os "órgãos" que possibilitem ao homem espiritual gozar do sentido da individualidade. Quando se atinge este estado, sobrevém a grande conscientização da ilusão. A consciência desperta para o fato de que, na percepção sensorial, na percepção da forma e na tendência para o afastamento do íntimo, não há verdadeira alegria ou prazer, e então inicia um novo esforço que é caracterizado por uma gradual retirada da tendência à exteriorização e por uma abstração do espírito de fora da forma.

5. A consciência é una; contudo, produz as variadas formas dos muitos.

Patânjali estabelece aqui uma fórmula básica que serve para explicar não só o propósito e a razão da própria manifestação, como também cobre numa única e curta frase o estado de ser de Deus, do homem e do átomo. Por traz de todas as formas é encontrada a Vida una; dentro de cada átomo (solar, planetário, humano e elemental) é encontrada a existência no plano sensorial uno; por traz da natureza objetiva, a soma total de todas as formas em todos os reinos da natureza, é encontrada a realidade subjetiva que é essencialmente um todo unificado ou unidade, produzindo as muitas diversificações.

A homogeneidade é a causa da heterogenidade, a unidade produz a diversidade, o Uno é o responsável pelos muitos. O estudante pode apreciar isto mais inteligentemente se seguir a regra de ouro que revela o mistério da criação e se estudar a si próprio. O microcosmo revela a natureza do macrocosmo.

Verificará que ele, o homem real ou espiritual, o pensador, ou a vida una em seu minúsculo sistema, é responsável pela criação de seus corpos mental, emocional e físico, seus três aspectos inferiores, a "sombra" da Trindade, exatamente como seu espírito, alma e corpo são reflexos dos três aspectos divinos, Pai, Filho e Espírito Santo. Ele verá que é responsável pela formação de todos os órgãos em seu corpo, e por todas as células de que são eles compostos e à medida que estuda seu problema mais intimamente, tornar-se-á consciente de que sua consciência e vida se interpermeiam, sendo responsável portanto por incontáveis minúsculas e infinitesimais vidas; que ele é a causa de sua agregação em órgãos e formas, e a razão porque estas formas são mantidas. Gradualmente desperta nele uma verdadeira compreensão do significado das palavras "feito à imagem de Deus". Sua "consciência é uma e apesar disto produziu as variadas formas dos muitos" dentro de seu pequeno cosmos, e o que é verdade para ele também o é para seu grande protótipo, o Homem Celeste, o Logos planetário, e é novamente verdadeiro do protótipo de seu

protótipo, o Grande Homem dos Céus, o Logos solar, Deus em manifestação por meio do sistema solar.

6. Entre as formas que a consciência assume apenas a que é resultante da meditação está livre do carma latente.

As formas são resultantes do desejo. O correto tipo de meditação é apenas um processo mental e nele não entra o desejo. As formas são resultantes de uma tendência ou impulso para o exterior. A meditação é o resultado de uma tendência para o interior da capacidade de se abstrair a consciência da forma e de centralizá-la no interior de si próprio.

A forma é um efeito produzido pelo amor ou natureza desejo de ser consciente; a meditação produz efeitos e diz respeito à vontade ou aspecto vida do homem espiritual.

O desejo produz efeitos, e aos órgãos da consciência no plano das sensações vem então inevitavelmente a lei de causa e efeito, do Carma, que rege a relação forma-consciência. O processo de meditação, quando compreendido e efetuado corretamente, requer a retirada da consciência do homem espiritual de todas as formas nos três mundos, e sua abstração de todas as tendências e percepções sensoriais. Ele está assim, no momento de meditação pura, livre do aspecto do carma que trata da produção de efeitos. Ele está temporariamente tão absorto que seu pensamento, perfeitamente concentrado, sem relação alguma com qualquer coisa nos três mundos, não provoca a emissão de vibrações externas, não se relaciona a qualquer forma e não afeta qualquer substância. Quando esta meditação concentrada se torna um hábito e é a atitude normal de sua vida diária, o homem então fica livre da lei do carma Ele se torna consciente dos efeitos que ainda devem ser eliminados e aprende a evitar a criação de novos efeitos, não iniciando ação algum: que “crie órgãos” nos três mundos. Ele reside no plano da mente, permanece em meditação, cria por um ato da vontade e não pelo desejo descontrolado, e é uma "alma livre", um mestre e um homem libertado.

7.As atividades da alma libertada estão livres dos pares de opostos. As das outras pessoas são de três tipos.

Este aforismo expressa o ensinamento em relação à lei do carma de um modo tão caracteristicamente oriental que confunde bastante o estudante ocidental. Uma análise do significado destas palavras e um estudo do comentário do grande instrutor Vyasa podem ajudar a esclarecer o significado. Deve-se também ter em mente que, no quarto livro, estamos tratando dos exaltados estados da consciência que são alcançados pelos que seguiram os oito meios da ioga e que experimentaram os efeitos da meditação, detalhados no Livro III. O iogue é agora um homem livre, liberto das condições da forma e focalizado em sua consciência, fora dos limites dos três mundos do esforço humano. Ele atingiu o reino do pensamento puro e pode manter sua consciência livre e sem desejo. Assim, embora formule ideias e pensamentos, ele pode efetuar poderosas meditações e controlar "as modificações do princípio pensante", sem criar condições que possam arrastá-lo de volta ao vortex do plano inferior da existência. Ele está liberto do carma, não dá origem a coisa alguma e nenhum efeito poderá prendê-lo novamente à roda dos renascimentos.

Em seu comentário Vyasa indica que o carma (ou ação) é de quatro tipos, que assim expressa para nós:

1. O tipo de atividade que é má, traiçoeira e depravada. Esta é chamada negra. Este tipo de ação é produto da mais profunda ignorância, da mais densa materialidade ou de deliberada escolha. Quando for resultante da ignorância, o desenvolvimento do conhecimento provocará gradualmente um estado de consciência no qual não mais se conhece este tipo de carma. Quando o que chamamos de ação errada é proveniente da materialidade densa, o desenvolvimento gradual da consciência espiritual transforma a escuridão em luz e o carma é novamente anulado. Quando, no entanto, for resultante de escolha deliberada, ou da preferência pela ação errônea, apesar do conhecimento e em desafio à voz da natureza espiritual, este tipo de carma levará ao que o ocultista oriental chama de "avitchi" ou oitava esfera, um termo sinônimo ao que a ideia cristã chama de alma perdida. Estes casos no entanto são raríssimos e se relacionam com o caminho da esquerda e com a prática de magia negra. Embora esta condição implique o corte do mais elevado princípio (o do espírito puro, de suas duas expressões, a alma e o corpo, ou dos seis princípios inferiores), ainda assim, a vida, em si própria, permanece, e, após a destruição da alma em avitchi, ser-lhe-á oferecido um novo ciclo de ser.

2. O tipo de atividade que não é nem toda boa e nem toda má, que é chamada preta-e-branca. Diz respeito à atividade cármica do homem comum, que é governado pelos pares de opostos, e cuja experiência de vida é caracterizada por uma oscilação para a frente e para traz, entre o que é bondoso, inofensivo e resultante do amor, e o que é duro, maléfico e resultante do ódio. Diz Vyasa:

> "O preto-e-branco é provocado por meios externos, pois neste caso ou o veículo de ações cresce, ou causando sofrimento. ou agindo bondosamente para com outros."

Torna-se aparente então que o crescimento da unidade humana e suas qualificações dependem de sua atitude para com os demais e do efeito que tem sobre eles. Assim traz-se de volta à consciência grupal e se gera ou elimina carma. Assim, também, é a oscilação do pêndulo entre estes pares de opostos gradualmente ajustada até o ponto de equilíbrio ser alcançado, e o homem age corretamente, não porque o bem ou o maio atraiam, cada um por seu lado, mas porque a lei do amor, ou da alma, dirige do alto.

3. O tipo de atividade chamada branca. Este é o tipo de pensamento vivo e de trabalho, praticados pelo aspirante e pelo discípulo. Caracteriza o estágio do Caminho anterior à libertação. Vyasa o explica assim:

> "O branco é daqueles que se valem dos meios para melhorar do estudo e da meditação. Isto depende apenas da mente. Não depende dos meios externos, e não é conseguido, portanto, causando-se prejuízos a outros."

É evidente então, que estes três tipos de carma se referem diretamente:

a)Ao plano da materialidade . . . . . o plano físico

b)Ao plano dos pares de opostos. . . . . o plano astral

c)Ao plano do pensamento dirigido . . . . . .o plano mental

Aqueles cujo carma é branco são os que, tendo feito progresso no equilíbrio dos pares de opostos, estão agora empenhados no processo de sua emancipação consciente e inteligente dos três mundos. Fazem isto através de:

a) Estudo, ou desenvolvimento mental, através de uma apreciação da lei de evolução,

de uma compreensão da natureza da consciência e de sua relação, de um lado com a matéria, de outro, com o espírito.

b) Meditação, ou controle da mente e a criação, assim, do mecanismo que dá à alma o controle dos veículos inferiores e torna possível a revelação do reino da alma.

c) Não-agressão. Nenhuma palavra, pensamento ou ação que provoque dano a qualquer forma através da qual a vida de Deus se esteja expressando.

d) O último tipo de carma é descrito como - nem branco, nem preto. Não se gera carma de espécie alguma; não se produzem efeitos através de processos iniciados pelo iogue, que possam prendê-lo ao lado forma de manifestação. Agindo como ele o faz, do ponto de vista do desapego, nada desejando para si, seu carma é nulo e seus atos não produzem efeito algum sobre ele próprio.

8.Destes três tipos de carma emergem as formas que são necessárias à frutificação dos efeitos.

Quando cada vida vem à manifestação física, nela estão latentes os germes e sementes que devem frutificar e são estas sementes latentes que são a causa eficiente do aparecimento da forma. Estas sementes foram semeadas em algum tempo e devem frutificar. Elas são as causas ou skandas que produzem os corpos em que os efeitos devem vir a se anular. São os desejos, impulsos e obrigações que mantêm o homem na grande roda que, girando continuamente leva-o à existência no plano físico, para ali levar a frutificação tantas destas sementes quantas, de acordo com a lei, ele possa suportar ou controlar, numa vida. Estes são os germes subjetivos que produzem a forma em que frutificarão, amadurecerão e se completarão. Se as sementes cármicas forem negras o homem será grosseiramente egoísta, materialista e inclinado para o caminho da esquerda, se forem negras-brancas, levá-le-ão a uma forma adequada ao pagamento de suas obrigações, de suas dívidas, deveres e interesses e à realização de seus desejos; se forem brancas tenderão a construir um corpo que será o último a ser destruído, o corpo causal,o templo de Salomão, o karana sarira do ocultista. Esse corpo, na libertação final, é destruído e nada separa então, o homem. de seu Pai no Céu, e nada o mantém ligado ao plano material inferior.

9. Há identidade de relação entre a memória e a causa produtora do efeito, mesmo quando separadas por espécies, tempo e local.

Uma interpretação deste aforismo poderia servir para explicá-lo, e pode ser expressa assim: "Não importando qual tenha sido a raça, em que continente, passado ou presente, tenha-se passado uma vida, e não importando também quão distante tenha sido essa vida ou quantos milênios tenham decorrido, o ego ou alma retém as memórias. No tempo devido, sob condições corretas, cada causa então iniciada teve inevitavelmente se traduzir em efeitos e estes efeitos aparecerão, para se anularem em alguma vida. Nada o pode evitar e nada o pode impedir. Charles Johnston o expressa em seu comentário com as seguintes palavras:

"De maneira semelhante, o mesmo poder seletivo reinante, que é um raio do Eu

Superior, reúne análogas imagens mentais, de diferentes nascimentos, tempos e lugares, que podem ser agrupadas no decorrer de uma única vida ou de um único acontecimento. Através deste agrupamento são causadas condições corporais visíveis ou circunstancias externas provocadas e, através destas condições, a alma aprende e é adestrada.

Do mesmo modo como as imagens mentais dinâmicas do desejo amadurecem em condições corporais e circunstâncias assim também os bem mais dinâmicos poderes de aspiração, em que a alma tende para o Eterno, frutificam em um mundo melhor, construindo a vestimenta do homem espiritual."

10. Sendo eterno o desejo de viver, estas formas criadas pela mente não têm começo.

Um outro termo que poderia ser empregado em conexão com as palavras "desejo de viver" é a "vontade de experimentar". Inerente às vidas autoconscientes em formação, de nosso sistema (as existências super-humanas e humanas), é o desejo de ser, este anseio de tornar-se o impulso para estabelecer contato com o desconhecido e o distante. Não nos é possível compreender a explicação desse impulso, sendo ele cósmico e dependente do ponto de evolução em que esta a Grande Vida em que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser e em cujo corpo todas as formas nada mais são que uma célula ou um átomo. Tudo o que o homem pode fazer é construir o mecanismo que tornará possível esta compreensão, e desenvolver os poderes que lhe permitirão contatar e assim estar em relacionamento com o que está tanto dentro como fora dele. Quando isto se tornar possível ele desperta para a conscientização de que aqueles desejos que o dirigiam e o impeliam a ação, aqueles anseios que o forçavam a atividades várias são algo, não só pessoal e real, mas também parte da atividade do todo do qual ele é uma pequena partícula. Ele descobre que a corrente de imagens mentais impelidas pelo desejo que ocupam sua atenção e formam a força-motriz de sua vida são formulados por ele mesmo, mas são também parte de uma corrente de imagens da mente cósmica, nascendo da Mente Universal, como resultado da atividade do Pensador cósmico que funciona como a Vida de nosso sistema solar.

Assim a verdade e ensinamento que foram formulados nos três livros anteriores são elevados do reino do pessoal e do individual e se tornam mais amplos, extensos e mais gerais. Para a unidade humana as imagens mentais, o resultado das ações provocadas pelo desejo e pelo pensamento, são, pois, sem começo conhecido. Elas o envolvem por todos os lados, o fluxo de sua atividade se abate sobre ele continuamente e arranca dele a resposta que dá testemunho ao desejo que existe dentro dele.

Para ele, portanto, devem vir duas novas atividades; primeiro a de transmutar e transcender estes desejos e anseios pela percepção sensorial que se encontra em seu interior e, segundo, a tarefa de proteger-se e isolar-se da atração e da influência dos fluxos maiores de imagens mentais que existem eternamente. Só assim pode ele conseguir a "condição de Unidade Isolada" descrita no Livro III, Aforismo 50.

11. Tais formas, sendo criadas e mantidas unidas pelo desejo, a causa básica, a personalidade, o resultado efetivo, a vitalidade mental ou a vontade de viver, e o suporte

da vida ou objeto que se expressam, quando estas deixam de atrair, então as formas igualmente cessam de existir.

Este aforismo expressa uma Lei da Natureza e é tão claro que muito pouca explicação é necessária. Seria conveniente, no entanto, analisarmos ligeiramente o ensinamento que aqui foi dado.

Aprendemos que quatro fatores contribuem para a existência das imagens-mentais, ou das formas que vêm à existência como resultantes da natureza desejo.

1. A causa básica . . . . . desejo
2. O efeito ou resultado . . . . . personalidade
3. A vontade de viver . . . . . vitalidade mental
4. A vida para o exterior . . . . . o objeto

Quando a causa, o desejo, produziu seu efeito, a personalidade ou aspecto forma do homem, então enquanto a vontade de viver existir, persistirá a forma. Ela é mantida em manifestação através da vitalidade mental. Isto foi demonstrado diversas vezes nos anais da medicina, pois foi provado que enquanto persiste a determinação de viver, tal será a provável duração da vida no plano físico, mas no momento em que esta determinação não mais existir, ou no momento em que o interesse do habitante do corpo não mais estiver centrado sobre a manifestação da personalidade, sobrevêm a morte e a desintegração desta imagem mental, o corpo.

É interessante notar a significação oculta transmitida nas palavras "o suporte da vida que tende para o exterior, ou objeto", pois consubstancia o ensinamento ocultista de que a corrente da vida desde da causa originária e encontra seu objeto, ou manifestação final, no corpo etérico ou vital, que é a verdadeira substância de cada forma e que constitui o suporte ou apoio do veículo físico denso.

Estes quatro fatores podem muito bem ser divididos em dois grupos ou pares de opostos, a causa e o efeito, a vontade de ser e a verdadeira forma ou objeto.

Durante um longo período no processo evolutivo o objeto ou a existência-forma é o único interesse do morador interno e a vida para o exterior se torna o único centro de atração.

Mas, à medida que a roda gira e que se vive experiência após experiência, a natureza-desejo alcança a saciedade e fica satisfeita e, pouco a pouco, a formação de imagens mentais e a produção de seus efeitos alcança o fim. Consequentemente, então, a forma deixa de ser, a manifestação objetiva não mais é procurada e tem-se a libertação de maya ou da ilusão.

12. O passado e o presente existem na realidade. A forma assumida no conceito de tempo do presente é o resultado das características desenvolvidas e guarda latentes em si as sementes da qualidade futura.

Neste aforismo são formulados os três aspectos do Eterno Agora e vê-se que o que somos hoje é o produto do passado, e que o que seremos no futuro depende das sementes, quer latentes ou ocultas, quer semeadas na vida presente. O que foi semeado no passado existe e nada pode paralisar estas sementes ou impedir que venham a frutificar. Elas devem

dar fruto na vida presente ou ficar ocultas até que condições de solo mais favoráveis ou mais adequadas façam com que germinem, desabrochem, cresçam e floresçam na luz clara do dia. Não há nada escondido ou oculto que não venha a ser revelado nem segredo algum que não venha a ser conhecido. A semeadura de sementes frescas e o início de atividades que tenham que dar fruto numa data posterior é, no entanto, um assunto diferente e mais completamente sob o controle do homem. Pela prática do desapego e da despaixão e pelo extremo controle da natureza-desejo, torna-se possível ao homem reorientar-se de modo que sua atenção não mais seja atraída para o exterior pelo fluxo de imagens-mentais, mas seja retirada e fique dirigida exclusivamente sobre a realidade.

Isto é tentado, em primeiro lugar, pelo controle do veículo de pensamento, a mente, e pela conquista das modificações do princípio pensante, e a seguir pelo trabalho e emprego deste mecanismo nas direções corretas e pela conquista de conhecimento do reino da alma em vez do conhecimento do reino da matéria. Assim novamente se obtém a libertação.

13. As características, quer latentes quer potentes, participam da natureza das três gunas (as três qualidades da matéria).

As características são na realidade as qualidades, capacidades e faculdades que o homem está manifestando ou pode manifestar (nas condições apropriadas). São elas, como vimos, o resultado ou os efeitos de toda a sua experiência passada, levada através de todo o seu ciclo de vidas, até o presente. O produto dos contatos, desabrochamentos e desenvolvimentos que o governaram desde o mais remoto aparecimento de sua individualidade até o atual ciclo de vida, produzem o que ele é e tem, no presente. Deve-se ter em mente que todos estes fatores, que foram agrupados sob o título geral de "características", dizem respeito à forma e à sua resposta à vida espiritual interna.

Elas são produzidas tão rapidamente quanto o Morador Espiritual Interno possa impor sua impressão sobre a substância destas formas, curvá-las à sua vontade, controlá-las e subjugá-las. A forma tem certas atividades vibratórias próprias, inerentes à sua própria natureza. Pela identificação com a forma e por sua utilização, o Morador Interno desenvolve um duplo conjunto de características. Um conjunto se demonstra na forma do eu inferior e diz respeito à adaptabilidade da forma à influência interna e aos arredores externos. O outro diz respeito a tendências, impulsos e desejos que tendem a afetar permanentemente o corpo do Eu Superior, ou Causal. Daí estas características dizerem respeito, em ambos os casos, ao ritmo ou às gunas da matéria.

Pode-se dizer que o que somos é o produto do passado e se demonstra como as características da forma da personalidade. O que seremos na próxima encarnação é decidido pela habilidade do homem verdadeiro em influenciar o eu pessoal, curvando-o às finalidades superiores e elevando o seu ritmo vibratório. O homem é uma coisa, quando encarnado; e outra, quando desencarnado, pois é então o produto do passado, mais a conquista da vida presente, e essa conquista sob o grande impulso evolutivo, inevitavelmente o tem levado à frente, para uma condição harmoniosa, rítmica ou sátvica, afastando-o da condição tamásica da inércia, da imobilidade. Isto é alcançado através da imposição das características de atividade, a guna do meio, e a que controla predominantemente a atividade para o exterior e dirige o homem para a experiência

sensorial.

14. A manifestação da forma objetiva é devida à unidirecionalidade da causa que produz o efeito (a unificação das modificações da chitta, ou substância mental).

O impulso para a involução ou para tomar forma é tão dominante e o resultado do pensamento egóico tão unidirecionado que isto torna inevitável a manifestação objetiva. A chitta, ou substância mental, (no grande processo da apropriação da forma) é tão completamente unificada e o desejo de experimentar através de contatos no plano físico, tão dominante, que as diversas modificações da mente são todas voltadas para o mesmo objetivo.

Quando a condição é invertida e o homem no plano físico efetua sua própria libertação, pelo mesmo método são também conseguidas a unificação e a unidirecionalidade. O velho comentário torna isto claro em algumas de suas linhas, encontradas em relação ao simbolismo da estrela de cinco pontas. São elas:

"O mergulho é para baixo na matéria. O ponto desce, move-se rapidamente pela esfera aquosa e atravessa a que está inerte, imóvel, escura, silenciosa e remota. O ponto de fogo e pedra se une e alcança-se a harmonia e a união no caminho descendente.

O voo é para cima, para o espírito. O ponto ascende, elevando os dois que estão atrás, alcançando os três e os quatro na direção do que esta por trás do véu. A água não extingue o ponto de fogo; assim o fogo encontra-se com o fogo e se fundem. Alcança-se a harmonia e a união no arco ascendente. E assim se moverá o sol para o norte."

15. Estas duas, consciência e forma, são distintas e separadas; embora as formas possam ser semelhantes, a consciência pode atuar em diferentes níveis do ser.

Este aforismo não deve ser considerado em separado do seguinte, o qual estabelece o fato de ser a Mente Una, ou Vida Una, a potente causa de todas as diferenciadas vidas e mentes menores. Isto deve estar sempre presente. Este aforismo envolve então três pensamentos principais.

Primeiro, que há duas linhas principais e evolução, a que concerne a matéria e a forma, e a que concerne a alma, o aspecto consciência, o pensador em manifestação. O caminho de progresso é diferente para cada um destes e cada um segue seu rumo. Como foi verificado, durante um longo período de tempo a alma se identifica com o aspecto forma e se esforça por seguir o "Caminho da Morte", pois isto é o que o caminho escuro realmente é para o pensador. Posteriormente, por meio de extremo esforço, esta identificação cessa; a alma se torna consciente de si mesma e de seu próprio caminho, ou dharma, e segue então o caminho da luz e da *'lida.* Deve-se ter sempre em mente, contudo, que para os dois aspectos seu próprio caminho é o caminho da direita e que os impulsos que jazem escondidos no veículo físico ou no corpo astral, não são errados em si mesmo. Eles se tornaram errados sob certos ângulos quando distorcidos de seu uso correto, e foi esta compreensão que levou o discfpulo no Livro de Job a gritar e a dizer "Eu perverti o que estava certo". Estas duas linhas de desenvolvimento são separadas e distintas, e cada

aspirante tem que aprender isto.

Quando isto é compreendido ele procura auxiliar a evolução de suas formas de duas maneiras; primeiro, recusando-se a se identificar com elas e, em segundo lugar, estimulando-as.

Com o auxílio da força espiritual, ele verificará também o ponto evolutivo em que seus irmãos se encontram e não mais os criticará pelo que para ele poderá ser uma ação errônea, mas que para eles é a atividade natural da forma durante o ciclo em que a forma e a alma se identificam e são consideradas o mesmo.

A segunda linha principal de pensamento deste Aforismo 15 é mais difícil de expressar. Dá cor e veracidade à afirmação de muitos pensadores, de que as coisas existem e têm forma e atividade apenas enquanto a mente do pensador as formula. Em outras palavras, que através das modificações de nosso princípio pensante, construímos nosso próprio mundo e criamos nosso próprio meio ambiente. A inferência é, então, de que (dada a substância básica, espírito-matéria) nós a tecemos em formas pelos nossos próprios impulsos de pensamento. Outros percebem o que vemos porque algumas das modificações de suas mentes são análogas às nossas e suas ações e impulsos são semelhantes sob alguns aspectos. Apesar disto, não há duas pessoas que vejam um objeto exatamente da mesma maneira. "Coisas" ou formas da matéria de fato existem; elas estão criadas, ou estão em processo de criação e por elas alguma mente, ou mentes, são responsáveis. Torna-se então uma questão de quem é responsável pelas formas de pensamento que nos rodeiam. O comentário de Dvivedi e sua tradução se inclinam mais para esta segunda linha de pensamento do que a interpretação do Tibetano, e é conveniente estudá-la, pois pela maneira com que diversas mentes encaram um problema, sua magnitude pode ser melhor apreciada, conclusões tolas ou apressadas são evitadas e torna-se possível a aproximação à verdade. O ponto de vista sintético está mais próximo da verdade universal do que o especializado. Diz ele:

"Embora as coisas possam ser semelhantes, a causa das mentes e das coisas é distinta em virtude da diferença das mentes".

As considerações precedentes estabelecem, de um modo indireto, a existência de coisas como objetos exteriores à mente. Os Vijnanavadi-Budas que afirmam que as coisas nada mais são que reflexos de nosso princípio pensante, objetariam a este ponto de vista. Esta objeção não resistiria a um exame, pois a existência de coisas à parte do princípio pensante é certa. Embora haja, realmente, semelhança completa entre objetos da mesma classe, ainda assim a maneira como estes objetos afetam a mente e a maneira pela qual a mente é por eles afetada, são completamente distintas. Existem, portanto, objetos à parte do princípio pensante. Embora possam ser semelhantes, os objetos não são apresentados a diferentes mentes sob a mesma luz, o que mostra que estão à parte da mente. Novamente, muitas vezes ouvimos mais de uma pessoa dizer que viu um objeto do mesmo modo como foi visto por outra. Isto provaria que embora o objeto fosse um, os observadores seriam diversos. Este fato prova a diferença entre o objeto e a mente. Novamente, aquele que vê e a coisa vista, isto é, a mente e o objeto ou o instrumento do conhecimento e o objeto do conhecimento não podem ser uma e a mesma coisa, pois então todo o conhecimento distintivo seria impossível, o que é, no entanto, absurdo. Procurar solucionar esta dificuldade dizendo que a eterna vasana da forma dos objetos externos é a causa de todo o

nosso conhecimento diverso é inútil, pois o que já desgastou a si próprio não se pode tornar a causa. Daí afirmar-se que a existência objetiva é independente do sujeito. Nem se deve imaginar como uma substância (Prakriti, por exemplo,) poderia provocar neste caso todas as numerosas e diversas diferenças em nossa experiência, pois as três gunas e suas várias combinações em diferentes graus são bastante para justificar tudo isto. No caso dos iogues devidamente iluminados é correto que, tendo o conhecimento provocado neles o supremo Vairagya, eles não mais se preocupam com as gunas, que também assumem um estado de equilíbrio e não produzem efeito."

A terceira linha de pensamento trata mais especificamente do aspecto realização, ou da condição de consciência do pensador interno, e é assim de imediato valor prático para o estudante de Raja Ioga. Envolve certas questões que podem ser assim expressas:

1.Em que nível do ser ou de conscientização (pois este pensamento é idêntico para o estudante do ocultismo) estarei atuando?

2.Eu me identifico com a forma ou com a alma?

3.Que caminho estou seguindo, o superior da alma ou o inferior, da matéria?

4.Será que estou num período de transição, em que a minha capacidade de conscientização está sendo transferida da consciência inferior para superior?

5.Embora em meu corpo, será ele apenas um instrumento meu e estarei eu desperto em um outro plano de consciência?

Estas perguntas, e outras semelhantes, são de profundo valor para o aspirante, se feitas sinceramente e respondidas com honestidade, como o devem ser na presença de Deus e do Mestre.

16. As diversas modificações da mente única produzem as diversas formas que, para existirem, dependem dos muitos impulsos destas mentes.

Com estas palavras, o conceito integral é trazido do reino do particular para o reino dos universais. Somos postos face a face com os impulsos cósmicos e solares e a pequenez e pouca Importância de nossos problemas individuais se torna aparente. Toda forma em manifestação é o resultado do pensamento de Deus; todo veículo objetivo através do qual os impulsos de vida do universo fluem é produzido e mantido em manifestação objetiva através do contínuo fluxo de correntes de pensamento emanando de um estupendo pensador cósmico. Seus misteriosos caminhos, Seu plano secreto oculto, o grande propósito para o qual Ele está trabalhando neste sistema solar, ainda não está evidente para o homem. Contudo, à medida que a capacidade do homem em pensar em termos mais amplos, que seu poder de visualizar o passado como um todo e dê unificar qual conhecimento ele tem da vida de Deus à proporção que esta se demonstra através dos reinos da natureza, e à medida que sua compreensão da natureza da consciência aumente, a vontade de Deus (baseada na atividade amorosa) tornar-se-á aparente.

A chave para o por quê e o como, jaz na compreensão, pelo homem, de suas próprias atividades mentais. Uma apreciação do grande pensamento-forma de Deus, de um sistema solar e de sua sustentação, crescerá à medida que o homem vá compreendendo suas próprias formas de pensamento e o modo como constrói e cria seu próprio ambiente e colore sua própria vida. Ele constrói seus próprios mundos pelo poder de seus processos

mentais e pelas modificações do fragmento do princípio pensante universal de que se apropriou para seu próprio uso.

O Logos Solar, Deus, seja isto lembrado, é a soma total de todos os estados de consciência ou percepção. O homem - a humanidade como um todo, ou uma unidade individual - é parte deste total. As diversas mentes, desde a mente do átomo (reconhecida pela ciência) até a mente do próprio Deus, através de todos os graus de pensadores e estágios de percepção, são responsáveis por todas as formas encontradas em nosso sistema. À medida que trabalhamos do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, do microcosmo para o macrocosmo, torna-se aparente uma gradual expansão do estado de consciência e um contínuo aumento de condição da percepção. Nesta escala de desenvolvimento três tipos principais de formas, como resultado da mente, são encontrados:

1.A forma do átomo, o verdadeiro microcosmo.

1.A forma do homem, o macrocosmo para todos os reinos sub-humanos.

1.A forma de Deus, um sistema solar, o macrocosmo para o homem e todos os estágios supra humanos.

Todas estas formas, juntamente com todas as formas intermediárias, dependem de alguma vida, dotada de capacidade de pensar e, através do impulso do pensamento, da capacidade de modificar e influenciar a substância sensorial, e de elaborar formas com elas.

17. Estas formas são conhecidas ou não, de acordo com as qualidades latentes na consciência percebedora.

Isto foi traduzido com muita aptidão por Charles Johnston nas seguintes palavras:

"Um objeto é percebido ou é não percebido, conforme a mente esteja, ou não, matizada com a cor do objeto".

Nós vemos o que somos; tornamo-nos conscientes disto por meio de outras formas que são desenvolvidas em nós. Deixamos de ver certos aspectos de vida porque, em nós mesmos, estes aspectos ainda não estão desenvolvidos mas sim latentes. Para ilustrar: deixamos de ver o divino em nossos irmãos porque o divino em nós ainda não está contatado e é desconhecido; o aspecto forma e suas limitações estão desenvolvidos em nós e a alma está tão escondida que só tomamos consciência da forma de nosso irmão, e deixamos de ver sua alma. No momento em que estabelecemos contacto com nossa própria alma e vivemos sob sua luz, vemos a alma de nosso irmão, percebemos sua luz e nossa atitude para com ele muda completamente. Eis aí a chave para nossas limitações. Eis aí a promessa de nosso sucesso. A faculdade latente, quando desenvolvida, revelar-nos-á um novo mundo. Os ocultos poderes da alma, quando levados à plena expressão, nos tornarão conscientes de um novo mundo e revelar-nos-ão um esquema de vida e um reino até então negado por nós, porque não os víamos. Daí a necessidade de cada investigador dos mistérios da existência trazer seu equipamento completo para a sua busca e daí, portanto, a necessidade de ser efetuado o processo de desenvolvimento da alma e de serem desenvolvidas suas faculdades potenciais, se se quiser compreender a verdade em toda a sua plenitude.

18. O senhor da mente, o percebedor, está sempre consciente da substância mental constantemente ativa, a causa produtora do efeito.

Temos neste aforismo uma afirmação que é a chave para um trabalho efetivo e seguro de meditação. Quem medita é a alma, o ego, e seu trabalho é uma atividade positiva e não um estudo ou condição negativa. Muito do trabalho realizado sob o nome de meditação é perigoso e inútil, porque quem procura o controle é o homem no plano físico, e seu esforço é concentrado na obtenção do aquietamento do cérebro. Ele procura aquietar as células cerebrais e torná-las negativas, quiecentes e receptivas. A verdadeira meditação, contudo, diz respeito à alma e à mente; a receptividade do cérebro é uma reação automática à condição superior. Na Raja Ioga, portanto, o contato com o homem verdadeiro, o ego, e o poder de "aquietar as modificações do princípio pensante" devem preceder toda a atividade cerebral e a capacidade de resposta do cérebro. O Senhor da mente está sempre desperto, sempre consciente da tendência da mente em responder a correntes de força, produzidas pelo pensamento ou pelo desejo; ele observa, portanto, cada emoção de força precedente dele e controla todo pensamento e impulso de modo que somente se originem nele as correntes de energia e aqueles impulsos que estejam de acordo com o propósito constantemente observado e que respeitem o plano grupal.

Jamais deve ser esquecido que todos os egos trabalham em formação grupal e sob o direito controle daqueles Pensadores que encarnam o divino pensamento logóico. O trabalho que cada aspirante procura realizar, portanto, é alinhar a consciência cerebral com o pensamento que o alcança através de sua própria consciência da alma e, como resultado disto, o plano divino é gradualmente levado à manifestação no plano físico.

À medida que cada filho de Deus leve a matéria mental ativa pela qual é responsável, a uma condição em que responda ao pensamento divino, então o plano das idades será levado a uma conclusão. Homem algum deverá desesperar-se face à sua aparente incompetência ou pequenez, pois a cada um de nós é confiada uma parte do plano e devemos cumpri-la; sem a nossa cooperação ter-se-á atrasos e confusões. Algumas vezes há muita perturbação quando uma pequena parte de um grande mecanismo não funciona corretamente. Muitas ajustagens são frequentemente necessárias antes que a máquina possa realizar seu trabalho com êxito e no reino da cooperação humana pode ocorrer uma situação análoga.

A substância mental constantemente ativa pode responder à vibração inferior, que emana do tríplice homem inferior, e aos impulsos mais elevados, oriundos da alma como intermediária entre o espírito e a matéria. A alma está sempre consciente desta condição; o homem no plano físico é cego a ela ou está apenas despertando para esta dupla possibilidade. O trabalho daquele que aspira à união é submeter a substância mental, gradualmente, e cada vez mais, ao controle do impulso superior, retirando-a da vibração inferior, até que sua resposta ao superior se transforme em uma condição estável e que a atividade vibratória do homem inferior diminua e acabe.

19. Por poder ser vista ou percebida, é óbvio que a mente não é a fonte de iluminação.

Este aforismo e os dois que seguem nos dão uma abordagem tipicamente oriental a um problema muito difícil, e este método de raciocínio não é fácil de ser aprendido pelas mentes ocidentais. Nas seis escolas da filosofia hindu, todo este problema da fonte de criação e da natureza da mente é analisado e discutido e tão completamente analisado que praticamente todas as nossas modernas escolas podem ser encaradas como ramificações ou como sequência lógica das diversas posições hindus. A chave para a diversidade de opinião sobre estes dois pontos pode talvez ser encontrada nos seis tipos em que todos os seres humanos se enquadram, pois o sétimo nada mais é que a síntese inclusiva de todos eles, e não exclusiva.

Nos aforismos de Ioga, a mente é relegada simplesmente à posição de um instrumento, de um intermediário: de uma placa sensitiva, registrando seja o que jorra sobre ela vindo de cima, seja o que a afeta vindo de baixo. Não tem uma personalidade própria; não tem vida ou luz própria, exceto a que é inerente a toda substância e que é portanto encontrada nos átomos que constituem a substância mental. Estes últimos, pertencendo à mesma linha evolutiva que o restante da natureza inferior, engrossam a maré das forças materiais que procuram manter a alma prisioneira e constituem a grande ilusão.

A mente, portanto, pode ser conhecida em duas direções: em primeiro lugar pode ser conhecida, reconhecida e vista pelo pensador a alma em seu próprio plano e, em segundo lugar, pode ser vista e conhecida como um veículo do homem no plano físico. Por um longo período o homem se tornou aquilo com que se identificou à exclusão do verdadeiro homem espiritual, que pode ser conhecido contatado e obedecido uma vez que a mente seja relegada ao seu devido lugar, como um instrumento de conhecimento.

Uma analogia no plano físico poderá ser útil. A visão é um de nossos sentidos principais pelo qual adquirimos conhecimento, um meio pelo qual vemos. Contudo, não cometemos o erro de encarar o olho como a fonte de luz e que produz a revelação. Nós o conhecemos como um instrumento que responde a certas vibrações luminosas por meio das quais determinada informação relativa ao plano físico é enviada ao nosso cérebro, a grande placa receptora sobre o plano físico. Para a alma, a mente também opera como um olho ou como uma janela através da qual se recebe informação, mas não é em si mesma a fonte de luz ou de iluminação.

É interessante notar aqui que à medida que o cérebro e a mente ficaram coordenados (como aconteceu em primeiro lugar nos dias lemurianos) o sentido da visão foi simultaneamente desenvolvido. À medida que a evolução prossegue, tem lugar uma coordenação superior e a alma e a mente se tornam sintonizadas. Então,

o órgão da visão sutil (o terceiro olho) começa a funcionar e, em vez de cérebro, mente e dois olhos, tem-se uma outra triplicidade, a da alma, mente e o terceiro olho. O cérebro, portanto, não é a fonte de iluminação, mas toma consciência da luz da alma e do que ela revela no reino da alma. O terceiro olho se desenvolve simultaneamente e introduz seu possuidor nos segredos dos reinos sutis nos três mundos, de modo que o cérebro recebe iluminação, informação e conhecimento de duas direções; da alma, através da mente, e dos planos sutis, através do terceiro olho. Deve ser lembrado aqui que o terceiro olho revela primordialmente a luz a ser encontrada no coração de toda a forma de

manifestação divina.

20. Tampouco pode conhecer dois objetos simultaneamente, a sí própria e àquilo que lhe é exterior.

Nenhum dos envoltórios através dos quais a alma atua tem autoconhecimento; são apenas os canais através dos quais se obtém conhecimento e experiência da vida. A mente não conhece a si mesma, pois isto implicaria sua autoconsciência, e não tendo, portanto, consciência individual, não pode dizer: "este sou eu, eu próprio, e isto é exterior a mim, sendo consequentemente o não-eu". É apenas um outro sentido pelo qual se obtém informação e que revela mais um campo de conhecimento. Não passa de um instrumento, como foi dito anteriormente, capaz de uma dupla função, registrando contatos de uma das duas direções e transmitindo este conhecimento: ou da alma ao cérebro, ou do homem inferior à alma. Deve-se meditar sobre isto e todo o esforço deve ser empreendido para levar este instrumento a uma condição tal que possa ser usado nas melhores condições. Isto é o que os três últimos meios da ioga procuram realizar. Como já se tratou deste ponto anteriormente não é necessário que nos alonguemos.

21. Se o conhecimento da mente (chitta) por uma mente mais remota for postulado, deve-se inferir a existência de um número infinito de conhecedores e a sequencia das reações da memória tenderia para uma confusão infinita.

Uma das explicações das funções da mente é afirmar sua capacidade de destacar-se de si própria e ver-se como uma coisa à parte. Deste modo se torna uma confusão de partes separadas, afastadas umas das outras e levando (se a ideia for desenvolvida até sua conclusão lógica) a uma condição caótica. Tudo isto nasceu da recusa dos pensadores ortodoxos em admitir, ao longo de linhas filosóficas e mentais, a possibilidade de haver uma entidade, destacada e à parte da mente, que procure apenas usá-la como um meio de adquirir conhecimento. O problema surgiu em grande parte do fato deste pensador não poder ser conhecido antes da mente estar desenvolvida; ele pode ser pressentido e sentido pelo místico e pelo devoto, mas o conhecimento dele (conforme o sentido usual do termo) não poderá ser alcançado enquanto não se tiver desenvolvido o instrumento do conhecimento, a mente. É aqui onde entra o conhecimento oriental para esclarecer o trabalho tão maravilhosamente realizado pelos cientistas mentais e cristãos. Eles deram ênfase à mente, individual e universal, e a nossa dívida para com eles é grande. A natureza da mente, sua finalidade, controle, seus problemas e processos são assuntos comuns de discussão hoje em dia, enquanto que há cerca de cem anos isto não acontecia. Mas, com tudo, nisso ainda há muita confusão como resultado de nossa moderna tendência de endeusar a mente, de encará-la como o fator de real importância. A ciência oriental vem em nosso auxílio e diz-nos que por trás da mente está o pensador; por trás da percepção, o percebedor será encontrado e, por trás do objeto observado, está quem observa. Esta entidade percebedora, pensadora e observadora, é o imortal e imorredouro ego, a alma em contemplação.

22. Quando a inteligência espiritual que fica só e livre dos objetos se reflete na substância mental, tem-se então a consciência do eu.

Esta inteligência espiritual, que é o verdadeiro homem, o Filho de Deus, eternamente nos Céus, é conhecida por muitos e variados nomes, de acordo com a escola de pensamento. A seguinte lista de sinônimos é útil para o estudante, pois dá-lhe uma visão mais ampla e uma compreensão mais inclusiva, revelando-lhe o fato de que os Filhos de Deus, revelados ou não, são encontrados em todos os lugares:

A Inteligência espiritual	O Regente interno	A Palavra feita Carne
A Alma	O segundo aspecto	O AUM
A Entidade autoconsciente	A segunda Pessoa	O Pensador
O Cristo	Deus em encarnação	O Observador, o Percebedor
O Eu	O Filho da Mente	O construtor da Forma
O Eu superior	O divino Manasaputra	Força
O Filho de Deus	O Agnishvattva	O Habitante do corpo

Estes e muitos outros termos serão encontrados espalhados pelas escrituras e literatura mundiais. Em nenhum livro, porém, a natureza da alma, quer macrocósmica (o Cristo cósmico) quer microcósmica (O Cristo individual) é tão maravilhosamente retratada como no Bhagavad Gitâ, e os três livros: O Bhagavad Gitâ, o Novo Testamento e os Aforismos de Ioga contêm um completo retrato da alma e de seu desenvolvimento.

23. Então a substância mental, refletindo tanto o conhecedor como o que pode ser conhecido, se torna onisciente.

Este aforismo tem o caráter de um resumo e dá ênfase ao fato de que a mente, sendo aquietada e tornada quiescente pela prática da concentração e da meditação, se torna o refletor do que "está em cima e do que está em baixo". É a transmissora do conhecimento do eu para o cérebro físico do homem em encarnação, e também o transmissor de tudo o que o eu sabe e percebe. O campo do conhecimento é visto e conhecido. Também se percebe o conhecedor e a "percepção de todos os objetos" se torna possível. Torna-se então literalmente verdade que para o iogue nada permanece oculto ou desconhecido. A informação sobre todos os assuntos se lhe torna possível, pois ele tem um instrumento que pode usar para se certificar daquilo que a alma conhece sobre o Reino de Deus, o reino da verdade espiritual. Ele também pode entrar em comunicação com a alma e transmitir-lhe o que o homem em encarnação física conhece. Assim o conhecedor, o campo do conhecimento e o próprio conhecimento são reunidos e o meio por que se consegue esta união é a mente.

Este é um grande estágio sobre o caminho de retorno e embora no tempo devido a intuição se superponha à mente e a percepção espiritual direta tome o lugar da percepção mental, este estágio é um estágio avançado e importante e abre a porta à iluminação direta. Nada agora impedira o influxo de força espiritual e de sabedoria para o cérebro, pois o tríplice homem inferior foi purificado e dominado, e os corpos físico, emocional e mental

formam simplesmente um canal para a luz divina e constituem o veículo através do qual a vida e o amor de Deus se podem manifestar.

24. Também a substância mental, refletindo, como o faz, uma infinidade de impressões da mente, torna-se um instrumento do eu e age como um agente unificador.

Nada mais resta ao homem espiritual para fazer, em relação com este eu inferior purificado, a não ser aprender a usar este seu instrumento, a mente e, através dela, dirigir, controlar e utilizar os outros dois corpos. Através dos oito meios da ioga, seu instrumento foi descoberto, desenvolvido e subjugado e deve agora ser colocado em serviço ativo e empregado de três maneiras:

1. Como um veículo para a vida da alma.
2. No serviço da Hierarquia.
3. Em cooperação com o plano de evolução.

No aforismo 41, do Livro I, encontramos as seguintes palavras: "Para aqueles cujas Vrittis (modificações da substância da mente) estão inteiramente controladas, segue-se um estado de identidade com - e uma semelhança a - aquilo que é realizado. O conhecedor, o conhecimento e o campo de conhecimento se tornam um, do mesmo modo como o cristal toma as cores do que nele é refletido". Isto nos dá um retrato do que acontece ao homem que dominou seu instrumento. Ele registra em seu cérebro, através da mente, aquilo que é real e verdadeiro; ele se torna consciente da natureza do ideal e aplica todo o poder que possui no trabalho de trazer aquele ideal à manifestação objetiva; ele vê a visão do reino de Deus como será nos últimos dias, e tudo o que ele é e tem, ele dá para que a visão possa ser vista por todos; ele conhece o plano, pois este lhe é revelado no "lugar secreto sobre o Monte de Deus", e coopera com ele inteligentemente no plano físico; ele escuta a Voz do Silêncio e obedece às suas injunções, trabalhando continuamente na tarefa de vida espiritual num mundo consagrado às coisas materiais.

Tudo isto é possível ao homem que aquietou a versátil natureza psíquica e dominou a real ciência da Raja Ioga.

Na literatura velada dos adeptos as seguintes sentenças sumarizam o estado do homem que realizou, que é mestre e não servo, conquistador e não escravo:

> "O quíntuplo entrou na paz, contudo, caminha em nossa esfera. Aquilo que é denso e escuro brilha agora com pura luz, o resplendor se projeta dos sete lótus sagrados. Ele ilumina o mundo, e irradia o mais baixo lugar com fogo divino.
>
> Aquilo que até agora era irriquieto, selvagem como o oceano, túrgido como um mar tempestuoso, jaz quieto e parado. As águas da vida inferior estão límpidas e em condições de serem oferecidas aos sedentos que, tateando, gritam de sede.
>
> Aquilo que matou e manteve velado o Real por muitos e longos eons está agora morto, e com sua morte cessa a vida em separado. O Uno é visto. A Voz é ouvida. O Real é conhecido, a Visão vislumbrada. O fogo de Deus se projeta para cima em uma chama.
>
> O local mais escuro recebe a luz. A madrugada aparece na terra. A aurora, do alto, lança seus brilhantes raios sobre o próprio inferno e tudo é luz e vida".

Uma escolha é colocada então ante o iogue liberto. Ele se defronta com um problema

espiritual e sua natureza nos foi transmitida no seguinte fragmento de um antigo catecismo esotérico:

"O que vês tu, ó liberto? Muitos que sofrem, Mestre, que choram e imploram auxílio.

E o que farás tu, ó homem de paz? Voltarei ao lugar de onde vim.

E de onde vieste, divino Peregrino? Das maiores profundidades da escuridão, e daí para cima, para a luz.

E aonde vais tu, ó Viajante no caminho para o alto?

De volta à escuridão das profundezas, para longe da luz do dia.

E porque este passo, ó Filho de Deus? Para reunir os que tropeçam na escuridão e iluminar seus passos no caminho.

E quando termina o teu serviço, ó Salvador de homens?

Eu não sei, a não ser que enquanto houver um que sofra, eu ficarei para trás e servirei.

25. O estado de unidade isolada (recolhido à verdadeira natureza do eu) é a recompensa do homem que pode discriminar entre a substância mental e o eu, ou o homem espiritual.

Este estado de unidade isolada deve ser encarado mais como o resultado da conquista de um particular estado da mente, do que como uma reação separatista.

Todo o trabalho de meditação, todos os momentos de reflexão, todos os exercícios de afirmação, todas as horas de recordação da verdadeira natureza são os meios empregados para destacar a mente das reações e tendências inferiores, e formar o hábito de uma constante conscientização da verdadeira natureza divina do homem. Quando se consegue esta conscientização, não há mais necessidade destes exercícios e o homem recebe sua herança. O isolamento mencionado é o desapego do eu, do campo de conhecimento, a recusa do eu em procurar experiências sensoriais externas e sua firme permanência no estado de ser espiritual.

O homem se torna consciente de si mesmo como o conhecedor e não mais está primordialmente interessado no campo de conhecimento, como nos primeiros estágios de seu *desenvolvimento;* e nem mais está envolvido com o conhecimento propriamente dito, como estava durante o estágio de desenvolvimento mental, quer como um homem avançado ou como um discípulo. Ele pode discriminar entre todos os três e daí em diante não mais se identifica com o campo de conhecimento, com a vida nos três mundos através de seus três veículos, nem com os cinco sentidos e mais a mente, nem com o conhecimento obtido ou com a experiência ganha. Ele conhece o eu; ele se identifica com o verdadeiro conhecedor, e assim vê as coisas como elas são, dissociando-se inteiramente do mundo da percepção sensorial.

Ele faz isto, no entanto, enquanto atua como um ser humano na Terra. Ele participa da experiência terrena; ele se envolve nas atividades humanas; ele caminha entre os homens, comendo e dormindo, trabalhando e vivendo. Entretanto, durante todo o tempo ele "está no mundo, mas não é do mundo", e pode-se dizer dele o que se disse do Cristo, "que, sendo em forma de Deus, não considerava um furto ser igual a Deus; mas anulou-se a si

mesmo tomando a forma de servo, e foi feito à semelhança dos homens:

E, achado na forma de homem, humilhou-se, sendo obediente até a morte, e a morte de cruz, Fil. **II** 6 a 8.

Ele está em sintonia com a alma de tudo, mas isolado, separado de tudo o que diz respeito à forma ou à natureza material. Os três aforismos seguintes devem ser considerados como um, dando, como o fazem, um retrato do crescimento gradual da natureza espiritual no homem que chegou ao estado de desapego discriminativo, e que, pela completa despaixão, conhece o significado da unidade isolada.

26/27 e 28. A mente tende então para a discriminação e crescente iluminação quanto à verdadeira natureza do eu único. Pela força do hábito, contudo, a mente refletirá outras impressões mentais e perceberá objetos de percepção sensorial. Estes reflexos têm a natureza de empecilhos e o método de se as sobrepujar é o mesmo.

Tendo sido estabelecidos o ritmo e as corretas tendências, torna-se então apenas uma questão de contínua perseverança, bom senso e resistência. A menos que se exerça a maior vigilância, os antigos hábitos da mente voltarão a se impor com grande facilidade e mesmo até a iniciação final o aspirante deve "vigiar e orar".

As regras que governam a vitória, as práticas que trarão o sucesso, são as mesmas tanto para o experimentado combatente avançado e iniciado como para o mais humilde neófito. No Livro II são dados com grande cuidado os métodos pelos quais os empecilhos e obstáculos podem ser sobrepujados e anulados e do momento em que se pisa o caminho probatório até o grande momento em que se experimentou a última grande iniciação e em que o homem liberto surge na luz total do dia, estes métodos e modos de vida disciplinada devem ser seguidos sem desvios. Isto envolve paciência, capacidade de prosseguir após fracassos e de perseverar quando o sucesso parece estar muito longe. Isto era bem sabido pelo grande iniciado Paulo, e foi a razão de sua advertência aos discípulos que procurava ajudar. "Permanecei assim... e tendo feito tudo, prossegui". James nos transmite o mesmo pensamento quando diz: "Cuidado, nós os consideramos felizes, os que resistem".

É o prosseguir quando se alcançou o ponto de exaustão, o dar mais um passo quando a força para isto parece não existir, o manter-se firme quando parece haver apenas derrota adiante, e a determinação de suportar o que quer que possa aparecer quando a resistência foi levada ao limite extremo, que dá a marca dos discípulos de qualquer grau. Para eles vai o chamado de clarim de Paulo:

> Estai, pois, firmes, tendo cingidos os nossos lombos com a verdade e vestido a couraça de justiça;
>
> E calçado os pés na preparação do evangelho da paz;
>
> Tomando sobre tudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.
>
> Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus". Ef.V114 a 17.

O comando de Krishna e Arjuna também soa igualmente claro:

> "Em relação a teu dever, não ouses recusar. Pois nada é melhor para um guerreiro do que a batalha correta.

E uma batalha como esta veio a ti por si mesma, uma verdadeira porta do céu será aberta; felizes os guerreiros... que encontram uma luta como esta...

Levanta-te, portanto, determinado a combater. Tornando iguais a boa e a má sorte, o ganho e a perda, a vitória e a derrota, equipa-te para o combate" (Gita 11,31,32,37 e 38).

29. O homem que desenvolve o desapego mesmo em sua aspiração à iluminação e à unidade isolada, se torna finalmente consciente, pela prática da discriminação, da nuvem de conhecimento espiritual que o encobre.

É difícil ao neófito ser impessoal quando o seu próprio desenvolvimento espiritual está em jogo. Não obstante, a própria seriedade de sua aspiração pode ser um empecilho, e uma das primeiras coisas que ele tem que aprender é prosseguir no caminho, de acordo com as regras, segundo os exercícios, empregando os meios e cumprindo firmemente a lei, ocupando-se ao mesmo tempo não consigo mesmo, e sim, com a visão e com o serviço. É tão fácil ser vítima do desejo elevado e se ocupar tanto com as reações e emoções do homem inferior que aspira, que rapidamente se é novamente envolvido com os trabalhos da versátil natureza psíquica.

O desapego a todas as formas de percepção sensorial, tanto a superior como a inferior, tem que ser desenvolvido.

Muitas pessoas, ao se transferirem do caminho do sentimento e da abordagem com o coração devoto (a linha mística) para o caminho do controle intelectual - a abordagem através da cabeça, o método ocultista - se queixam de que os antigos momentos de alegria e bem-aventurança experimentados na meditação, não mais são sentidos. O sistema que agora seguem parece árido, seco e insatisfatório. A alegria e a bem-aventurança são, contudo, manifestações da natureza emocional e de modo algum afetam a realidade. É imaterial, do ponto de vista da alma, que seu reflexo, o homem em encarnação, esteja feliz ou não, alegre ou triste, satisfeito ou com problemas. Uma coisa apenas importa, a obtenção do contato com a alma, o chegar à união com o Uno. Esta união pode-se traduzir na consciência no plano físico como um sentimento de paz e alegria; ela deve-se traduzir como uma capacidade aumentada de servir à raça e de servi-la mais eficientemente. Os sentimentos do discípulo são de pouca importância; sua compreensão e utilidade como um canal para a força espiritual são importantes. Deve ser lembrado, que, quando no caminho, nem as nossas virtudes nem os nossos vícios contam (exceto na medida em que escapamos dos pares de opostos). Isto é a única coisa que conta e que nos impele para diante no caminho que "brilha mais e mais até que o dia esteja conosco".

Quando um homem puder afastar seus olhos de tudo o que diga respeito ao físico, emocional e mental, e levantá-los dirigindo-os para longe de si, ele terá consciência da nuvem de conhecimento espiritual que o encobre, ou do "arco-íris" de coisas que se pode conhecer", como também foi traduzido.

Demos aqui, esotérica e simbolicamente, a indicação do que jaz adiante do iniciado (já avançado), um progresso ainda maior, e outro véu a ser penetrado. Ele realizou uma grande sintonização e unificou alma e corpo. Ele está (em relação aos três mundos) no estágio chamado de unidade isolada. Mas uma outra união se torna possível, a da alma com

o espírito. O Mestre deve tornar-se o Cristo e para realizar isto deve alcançar o arco-íris do conhecimento espiritual, utilizá-lo e atravessá-lo. O que jaz no outro lado deste véu, que esconde o Pai, não é necessário considerarmos. Em nosso Novo Testamento, quando o Pai se comunicou com o Cristo, a voz partiu de dentro de uma nuvem. (ver Mateus XVII).

30. Quando se atinge este estágio, então os empecilhos e o carma são sobrepujados.

Os dois versos que acabamos de estudar levaram o aspirante do estágio de adepto ao do Cristo.

Tudo o que servia de obstáculo, que velava ou impedia a completa expressão da vida divina, foi sobrepujado; todas as barreiras foram derrubadas, todos os obstáculos, removidos. A roda do renascimento serviu à sua finalidade e a unidade espiritual que entrou na forma, levando consigo poderes em potencial e possibilidades latentes, desenvolveu-os até a sua plena capacidade e fez desabrochar completamente a flor da alma. A lei da causa e efeito, como age nos três mundos, não mais controla a alma libertada; seu carma individual chegou ao fim, e embora ele ainda possa estar sujeito ao carma grupal (planetário ou solar) ele próprio nada mais tem a pagar nem dá início a qualquer coisa que possa servir para aprisioná-lo pelas cadeias do desejo, aos três mundos. O seu estado é sumarizado para nós no aforismo seguinte.

31. Quando, pela remoção dos empecilhos e pela purificação dos invólucro, a totalidade do conhecimento se torna disponível, nada mais resta ao homem para fazer.

O trabalho dual foi realizado. Os empecilhos que são o resultado da ignorância, da cegueira, do ambiente e da atividade foram vencidos; a falta de refinamento dos envoltórios foi corrigida e, por causa disto e pelo seguimento dos meios da ioga, a totalidade do conhecimento está disponível. O iogue está agora consciente de sua onipresença essencial ou de que sua alma é uma com todas as almas e parte, portanto, da essencial unidade, da vida que tudo permeia, do imutável princípio sem fronteiras que é a causa de toda manifestação. Ele também é oniciente, pois a totalidade do conhecimento é sua e todas as avenidas do conhecimento lhe estão abertas. Ele está livre do campo do conhecimento e, apesar disto, pode operar nele; ele pode utilizar o instrumento do conhecimento e certificar-se de tudo o que procura conhecer, mas centralizado na consciência do conhecedor. Nem o espaço nem o tempo podem prendê-lo, nem pode a forma material aprisioná-lo, e vem para ele a grande consumação que nos é dada por Patânjali nos seus aforismos finais:

Aforismo 32. As modificações da substância mental (ou qualidades da matéria) através da natureza inerente das três gunas atingem a um final, pois serviram ao seu propósito.

Aforismo 33. O tempo, que é a sequencia das modificações da mente, também termina, dando lugar ao eterno agora.

Aforismo 34. O estado de unidade isolada se torna possível quando as três qualidades da matéria (as três gunas ou potências da natureza) não mais exercem nenhum controle sobre o eu. A consciência espiritual pura se recolhe ao uno.